

MEMÓRIAS DE
UM FIDALGO DE CHAVES
UM OLHAR PORTUGUÊS
SOBRE A ITÁLIA DO RENASCIMENTO

HISTÓRIA RELIGIOSA – FONTES E SUBSÍDIOS

Volumes publicados

1. Isabel Morujão – *Contributo para uma Bibliografia Cronológica da Literatura Monástica Feminina Portuguesa dos Séculos XVII e XVIII (Impressos)*
Lisboa, 1995 – ISBN: 978-972-8361-09-9
3. Pe. Luís de Azevedo Mafra – *Lisboa no Tempo do Cardeal Cerejeira: Um Testemunho*
Lisboa, 1997 – ISBN: 978-972-8361-11-2
4. Coord. Maria de Lurdes Rosa e Paulo F. Oliveira Fontes – *Arquivística e Arquivos Religiosos: Contributos para uma Reflexão*
Lisboa, 2000 – ISBN: 978-972-8361-15-0
5. Ana Maria S. A. Rodrigues; João Carlos Taveira Ribeiro; Maria Antonieta Moreira da Costa; Maria Justiniana Pinheiro Maciel – *Os Capitulares Bracarenses (1245-1374): Notícias Biográficas*
Lisboa, 2005 – ISBN: 978-972-8361-22-8
6. Coord. Maria do Rosário Barbosa Morujão – *Testamenti Ecclesiae Portugaliae (1071-1325)*
Lisboa, 2010 – ISBN: 978-972-8361-31-0
7. Coord. João Miguel Almeida – *Da Monarquia à República: Cartas Portuguesas de Romolo Murri*
Lisboa, 2010 – ISBN: 978-972-8361-33-4
8. Carlos A. Moreira Azevedo – *Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal (1256-1834): Edição da Coleção de Memórias de Fr. Domingos Vieira, Oesa*
Lisboa, 2011 – ISBN: 978-972-8361-37-2
9. Coord. João Miguel Almeida e Rita Mendonça Leite – *António Lino Neto: Perfil de uma Intervenção Pública: Antologia de Textos (1894-1940)*
Lisboa, 2011 – ISBN: 978-972-8361-41-9
10. Ed. Stéphane Boissellier – *La Construction Administrative d'un Royaume Registres de Bénéfices Ecclésiastiques Portugais (XIII-XIV^e Siècles)*
Lisboa, 2012 – ISBN: 978-972-8361-47-1
11. Margarida Sérvulo Correia – *O Caso de Barbacena: um Pároco de Aldeia entre a Monarquia e a República*
Lisboa, 2013 – ISBN: 978-972-8361-50-1
12. Ed. Carlos A. Moreira Azevedo – *Bibliografia para a História da Igreja em Portugal (1961-2000)*
Lisboa, 2013 – ISBN: 978-972-8361-56-3
13. Org. Ana Vicente – *Catolicismo em Portugal: Crónicas de Susan Lowndes, correspondente britânica (1948-1992)*
Lisboa, 2016 – ISBN: 978-972-8361-67-9
14. Ed. Paulo Catarino Lopes – *Memórias de um Fidalgo de Chaves: Um olhar português sobre a Itália do Renascimento*
Lisboa, 2017 – ISBN: 978-972-8361-78-5

MEMÓRIAS DE
UM FIDALGO DE CHAVES
UM OLHAR PORTUGUÊS
SOBRE A ITÁLIA DO RENASCIMENTO

Edição
PAULO CATARINO LOPES

Título

Memórias de um Fidalgo de Chaves: Um olhar português sobre a Itália do Renascimento

Edição literária

Paulo Catarino Lopes

Edição:

Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR)
Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa
secretariado.cehr@ft.lisboa.ucp.pt | www.cehr.ft.lisboa.ucp.pt

Capa e arranjo gráfico

Sersilito

Paginação, impressão e acabamento

Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

ISBN 978-972-8361-78-5

Depósito legal 424890/17

Tiragem 300 exemplares

Edição apoiada porThe logo for FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) consists of the letters 'FCT' in a large, bold, sans-serif font.

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/HIS/00647/2013.

Índice

Apresentação	7
Prefácio	9
Agradecimentos	17
Introdução	23
Critérios de transcrição	45
Títulos dos capítulos	49
Transcrição do texto manuscrito	57
Fontes e bibliografia	199

Apresentação

Numa trajetória que procura uma leitura mais alargada e transdisciplinar do campo religioso, o Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP) avança com a edição de um dos textos modernos mais originais e elucidativos das realidades cortesãs e de cortesia cristã na órbita do Renascimento na Roma papal.

Viajar com intuito de marcar o observado e dar conta do conteúdo aos que viajam, apontar diferenças de hábitos de protocolo de dia-a-dia, tentar entender e contornar ou integrar as esferas de diferentes poderes que se cruzavam em Roma com a presença de representantes de outras Coroas, os Cardeais ou o Papa, são as grandes linhas da trama arquitetada por esse “criado” e “fidalgo de Chaves”. Um texto fortemente autoral mas anónimo, como que prometendo a individualidade do relator, o afirmar do seu poder de construir e de sustentar descrições.

A riqueza ultrapassa a descrição, mais ou menos precisa. Os conflitos de poder presentes nas clivagens eclesiológicas e na moralidade religiosa em atitude geopolítica principesca e linhagística, os interesses de gentes dos saberes livrescos e dos diferentes e regulamentados direitos, ou daqueles do círculo teológico-eclesial, refletem uma cidade política e de referência política, um mundo em mudanças e em procura de convívios e de atitude e de valores perante clássicos e as suas possíveis leituras e em atenção expectante perante a “novidade” da diferença, do exótico, do não europeu.

Por tudo isto percebe-se como a presente edição qualifica e se integra, com evidência e em boa hora, na coleção *História Religiosa – Fontes e Subsídios* que o CEHR vem publicando.

António Camões Gouveia

(Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa;
CHAM- FCSH/UNL; UAç; Vogal da Direção do CEHR-UCP)

Lisboa, 28 de Março de 2017.

Prefácio

A importante fonte documental quinhentista que agora é publicada¹ não constitui um documento desconhecido dos investigadores da história e da cultura portuguesas do século XVI. De forma intermitente ela foi merecendo nas últimas décadas breves referências a estudiosos que puderam percorrer os seus fólios, suscitou a publicação de artigos por parte de Eugenio Asensio² e de Aníbal Pinto de Castro³ que sublinharam a sua importância histórico-cultural no quadro das relações entre Portugal e a Itália no Renascimento, havendo mesmo quem, como Luís de Matos, tenha manifestado intenção de publicar o texto na íntegra⁴. Em 2003, o manuscrito foi finalmente objecto de publicação em Itália, numa edição que obteve escassa difusão e notoriedade⁵.

Não é de admirar que os poucos que leram ou tiveram oportunidade de consultar o anónimo *Tratado...*, profundos conhecedores das culturas portuguesa e europeia do século de Quinhentos, se tenham apercebido da importância, a vários títulos, desta longa narrativa que nos conduz, através de um olhar português, até à Roma do Renascimento no início do século XVI. Claro que o texto vale por si, através de uma trama narrativa em que se entrelaçam os mais díspares episódios e acontecimentos políticos, militares e do quotidiano romano que o autor descreve, narra e aprecia tantas vezes com visual minúcia. Infelizmente, até hoje, e apesar de muitas buscas em bibliotecas e arquivos

¹ E que esteve na base de uma dissertação de doutoramento em História, defendida com êxito em Dezembro de 2012 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

² “Memórias de um fidalgo de Chaves (1510-1517). Descripción de la Roma de Julio II y León X” in *Memórias da Academia das Ciências*, Classe de Letras, t. III, Lisboa, Academia das Ciências, 1970, pp. 7-28.

³ “Uma voz do diálogo luso-italiano na época de Quinhentos, a do ‘fidalgos de Chaves’” in *Mare Liberum*, 2, Lisboa, CNCDP, 1991, pp. 7-16.

⁴ *A corte literária dos duques de Bragança no Renascimento*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1956, p. 30, nota 26.

⁵ Guia Boni, *Un Portoghese nella Roma del Cinquecento. Un viaggio tra riforma e ortodossia*, Roma, Bagatto Libri, 2003. Agradeço à Prof^a Sylvie Deswarte a informação sobre esta publicação.

em Portugal e Itália, não foi possível estabelecer a identidade de quem, ao serviço de D. Jaime, 4º duque de Bragança, coligiu e escreveu, após o seu regresso a Portugal em 1517, este testemunho português sobre a Roma do Renascimento.

Sabemos tão-só, por informação do próprio, que era fidalgo; e que partiu da cidade de Chaves, no final da Primavera de 1510, enviado pelo duque D. Jaime tendo permanecido sete anos em Itália. Viajava ele, pois, ao serviço do duque de Bragança, presumimos que na condição de seu agente não para coligir informações sobre uma circunstância ou momento de particular interesse para o duque, mas para se instalar em Roma ao seu serviço, como veio efectivamente a acontecer.

Esta estadia romana do Fidalgo ao longo de sete anos acontecia numa época de afirmação – e de “afinação” – dos mecanismos diplomáticos como instrumento de acção política, que se manifestavam quer através do aparecimento das embaixadas permanentes junto das capitais e das cortes, quer da difusão em larga escala de um instrumento antigo – o uso das cartas cifradas. Também em Portugal estas práticas iam ganhando forma, embora mais tardiamente. O primeiro embaixador da coroa portuguesa em Roma foi o doutor João Faria, que o monarca mandou regressar ao reino em 1514; e a mais antiga carta cifrada da chancelaria régia portuguesa foi enviada a 11 de Novembro de 1516 a D. Manuel pelo segundo embaixador permanente em Roma, o refinado e controverso D. Miguel da Silva a quem Castiglione dedicou *Il Libro del Cortegiano* (1528), e com quem o Fidalgo certamente se cruzou, embora não lhe faça qualquer referência no seu texto. Este mundo da diplomacia quase no sentido em que a entendemos hoje, ancorada num conjunto formal e público de cerimoniais, etiqueta e representação, cruzava-se (também como hoje...), com a actividade diplomática de bastidores e com o mundo mais secreto dos agentes, mercenários e espiões que enxameavam, em relação directa com a importância das cortes, as grandes cidades europeias.

Destaque absoluto tinha, como não podia deixar de ser, Roma, a capital da Cristandade, para onde o duque de Bragança enviava o Fidalgo. Uma Roma que, depois de ter sido o centro do império e do mundo durante 400 anos, registara um período de declínio para se reerguer, gloriosa, sobretudo a partir do século XV, como centro político, intelectual, espiritual e artístico⁶. Nessa época, como hoje, a obtenção de informação – política, religiosa e estratégica, possíveis alianças, encomendas de cariz cultural e artístico – era matéria crucial não só para a Coroa, mas também para as grandes casas aristocráticas. Sabemos que a Casa de Bragança quer no tempo de D. Jaime († 1532), quer do seu sucessor, o duque D. Teodósio (†1563), manteve vivas essas fontes de informação, através de solicitadores, enviados ou embaixadores, estabelecendo uma verdadeira “rede” de contactos. Para além das muito intensas relações ibéricas, o principal foco de circulação de notícias, agentes e rumores era, como no caso da Coroa, Roma e a cúria pontifícia, centro nevrálgico da Cristandade

⁶ Jean Delumeau, *La seconde gloire de Rome XVe-XVIIe siècle*, Paris, Perrin, 2013.

e depois do mundo católico. Em tempos de D. Teodósio, era embaixador do duque em Roma D. Afonso († 1575), comendador-mor da Ordem de Cristo, primo e cunhado do duque, pois era irmão da primeira mulher de D. Teodósio, D. Isabel; mas não era o único ao serviço de D. Teodósio na capital da Cristandade.

Vários episódios no reinado de D. João III tendo como protagonistas, inclusive, membros da família real, evidenciam como a “Cidade Eterna” exercia, sob o ponto de vista político, religioso e cultural, um fascínio imenso e era, verdadeiramente, o maior centro de poder⁷. Destaquemos a figura do cardeal-infante D. Afonso (†1540)⁸, irmão do rei, que pretendeu, sem sucesso, partir para Roma, por dois motivos centrais: primeiro, porque acalentou o projecto de conseguir para si a legação permanente da Santa Sé em Portugal, para o que enviou a Roma o seu agente italiano Pierantonio Casulano; depois, mais tarde, porque pretendeu partir para Roma, na sua condição de cardeal, para participar no concílio ecuménico marcado para 1538, desejo a que D. João III sempre se opôs. Não era segredo que D. Afonso queria viver em Roma, como comentava o nuncio ao secretário do papa, dando conta das conversas mantidas com o cardeal-infante a propósito do seu firme desejo de “*venire alla corte [di Roma]*”⁹.

O próprio papa Paulo III escrevia ao monarca, a 21 de Dezembro de 1538, intercedendo por D. Afonso e pedindo ao rei a sua autorização para que o cardeal-infante pudesse assistir ao projectado Concílio¹⁰. Outra figura que queremos destacar é a de D. Miguel da Silva, que durante dez anos (1515-25) servira a coroa portuguesa como embaixador em Roma, adquirindo uma sólida cultura “romana” que depois procurou transpor para o reino¹¹. Depois do seu regresso ao reino em 1525, o seu permanente interesse pelos assuntos romanos articulava-se com uma situação de crescente desconforto na corte portuguesa, em particular perante a família real e o monarca. D. Miguel da Silva aspirava a regressar em definitivo à Roma de Clemente VII, o que acabou por fazer, fugindo de Portugal em gravíssimo litígio com D. João III, no Verão de 1540, para não mais voltar ao reino. Morreu em Roma, em 1556¹². E em Roma, através dos seus agentes, procurou mais tarde o duque D. Teodósio cimentar

⁷ Ana Isabel Buescu, “D. Miguel da Silva e a Coroa portuguesa: diplomacia e conflito” in *D. Miguel da Silva – A Obra ao Tempo*, coord. Rui Macário, Viseu, Museu de Grão Vasco/Projecto Património, 2015, pp. 15-49.

⁸ José Pedro Paiva, “Um príncipe na diocese de Évora: o governo episcopal do cardeal infante D. Afonso” in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 7, 2007, pp. 127-174. http://www.uc.pt/chsc/rhsc/rhsc_7.

⁹ *La Correspondance des Premiers Nonces Permanents au Portugal (1532-1553)*, ed. Charles-Martial De Witte II, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1980, doc. 65, carta de Capodiferro a Ambrogio Ricalcato, de 18 de Janeiro de 1538.

¹⁰ ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, mc. 63, doc. 82.

¹¹ Rafael Moreira, “D. Miguel da Silva e as origens da arquitectura do Renascimento em Portugal” in *O Mundo da Arte. Revista de Arte, Arqueologia e Etnografia*, II série, I, Lisboa, 1988, pp. 5-23.

¹² Sylvie Deswarte, *Il ‘Perfetto Cortegiano’*. *D. Miguel da Silva*, Roma, Bulzoni, 1989; Ana Isabel Buescu, “D. João III e D. Miguel da Silva, bispo de Viseu: novas razões para um ódio velho” in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 10, T. I, 2010, pp. 141-168. http://www.uc.pt/chsc/rhsc/rhsc_10.

uma autonomia na sua relação com a cúria, na expectativa do estabelecimento de um vínculo matrimonial com a poderosa casa Farnese, através do seu casamento com Vittoria (†1602), irmã do cardeal Farnese¹³, por sua iniciativa mas aparentemente com o acordo de D. João III, aliança que acabou por não se concretizar.

Roma era precisamente o lugar para onde D. Jaime enviou o anónimo Fidalgo, de cuja estadia resultou o longo, embora incompleto, manuscrito sobre a grande cidade na época do Renascimento e das *Guerras de Itália* (1494-1559). Testemunho “caleidoscópico” e multiforme, traz até nós uma época de turbulências políticas, de batalhas e de guerras, de provisórios acordos e de cismas, dos bastidores do poder, nomeadamente na cúria pontifícia, onde pela sua condição o Fidalgo teve entrada privilegiada e gozou da protecção de Alfonso Petrucci, cardeal de Siena.

Mas também os quotidianos, a arquitectura, as igrejas, os espaços, as mulheres romanas, as festas sagradas e profanas, o pulsar da “Cidade Eterna” ocupam a pena do Fidalgo. De tudo isto dá conta no seu longo e minucioso testemunho escrito à intenção do culto D. Jaime que fora educado, a partir dos quatro anos de idade, na corte dos Reis Católicos por humanistas como os italianos Lucio Marineo e Pietro Mártir de Anghiera, depois da fatalidade que se abatera sobre a casa de Bragança no reinado de D. João II (1481-1495). Apesar de, como vimos, não lhe sabermos o nome, esta relação de serviço do Fidalgo com o duque D. Jaime revela-se fundamental para podermos entender e situar o horizonte e os contornos deste documento.

Mas o período em que o Fidalgo permaneceu em Roma foi também o de uma conjuntura de irradiação europeia do poder e do prestígio da realeza manuelina, de que a entrada triunfal de Tristão da Cunha em Roma, em faustosa embaixada enviada pelo monarca ao Papa Leão X, em 1514, foi o mais eloquente testemunho, narrado com extrema minúcia pelo Fidalgo, que assistiu *in loco* a essa manifestação de poder e de propaganda do rei de Portugal. Quanto a este episódio específico, cujas fontes estavam referenciadas e estudadas, tem agora de se acrescentar esta descrição até hoje desconhecida.

Numa época em que a tipografia, essa invenção de “inspiração divina” como escrevia François Rabelais, era ainda então um instrumento excepcional entre nós, as descrições e narrativas escritas de acontecimentos observados *in loco* tinham, pela palavra, de transmitir também imagens, tanto quanto possível definidas, nítidas, com atenção ao pormenor e ao detalhe. Precisamente, o texto do Fidalgo de Chaves tem como característica maior, não sendo um cronista, o facto de ser sempre poderosamente visual, o que é independente, sublinhe-se, da presença ou não de virtudes literárias. O mesmo sucede com tantos e tantos textos de cronistas como Garcia de Resende, Gaspar Correia, Rui de Pina, Damião de Góis, João de Barros ou Fernão Lopes de Castanheda que, apesar das diferenças de objecto e de estilo, atingem muitas vezes um grau de “presentificação” e de visualização dos acontecimentos, sempre apreciado

¹³ Ambos filhos de Pier Luigi Farnese e Gerolama Orsini, e portanto netos do papa Paulo III.

por quem então lia ou ouvia ler, como era ainda tão habitual no século de Quinhentos, mesmo entre as elites cultas.

Como bem assinala Paulo Catarino Lopes, o Fidalgo de Chaves não é de facto um cronista, em certo sentido afortunadamente para nós. Na verdade, o seu texto não está, como tantas vezes sucede em crónicas encomendadas, sujeito quer a determinados cânones de género quer a outros constrangimentos e limites. Por isso, quem o lê, sabendo nós embora que qualquer produção escrita leva a marca do autor, das suas circunstâncias pessoais e sociais e do tempo em que viveu, o *Tratado* do Fidalgo surpreende tantas vezes pela liberdade da escrita, pela frescura da prosa, pelo ineditismo do ponto de vista, pelo extremo pormenor de bastidores públicos e privados, pela descrição de factos e realidades que porventura de outra forma não teriam passado a escrito.

De uma outra forma é ainda importante a publicação integral deste documento. Num momento de viragem na história portuguesa com o processo de expansão marítima, em que a cultura impressa passava progressivamente a privilegiar aspectos das viagens, das conquistas e dos confrontos de além-mar, como assinalou Luís Filipe Barreto¹⁴, e como vemos suceder mesmo nas crónicas régias, a recuperação de um documento com as características do *Tratado* que agora se publica, virado para o “coração” da Europa, é um facto de grande relevância histórico-cultural.

Claro que se viajava de Portugal para a Europa – agentes, mercadores, embaixadores, clérigos – apesar da lentidão, dificuldade e perigos das vias e meios de comunicação por terra ou mar. Claro que dessas viagens, percursos e itinerários possuímos, para o século XVI, cartas, relatórios e missivas mais circunstanciadas de embaixadores, relatos de clérigos sobre múltiplas incidências de viagens¹⁵, que nos trazem imagens e representações, traços de mentalidade, acontecimentos, contrastes nos modos de vida e costumes, noções mais difusas ou mais nítidas de identidade mas também de alteridade; e ainda testemunhos de extraordinária importância, como as múltiplas imagens europeias do mais cosmopolita humanista português de Quinhentos, Damião de Góis, ou a *Corografia* de Gaspar Barreiros, publicada em 1561¹⁶. Na génese desta obra de Barreiros, sobrinho de João de Barros, que empreendeu uma viagem de agradecimento ao papa Paulo III pela atribuição do barrete cardinalício ao infante D. Henrique em 1545, permanecendo em Roma até 1548, está, em parte, o pedido do grande historiador para que carresse elementos e informações destinados à composição da sua *Geografia*¹⁷.

¹⁴ Luís Filipe Barreto, “A história da diáspora representa cerca de 60% da historiografia portuguesa de Quinhentos”, “Da cultura da Expansão Portuguesa no Mundo” in *Outro Mundo Novo Vimos*, Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, CNCDP, 2001, p. 247.

¹⁵ Maria Helena da Cruz Coelho e Maria José Azevedo Santos (ed.), *De Coimbra a Roma. Uma Viagem em meados de Quinhentos*, Coimbra, Coimbra Editora, 1990.

¹⁶ *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho, que fez Gaspar Barreiros o ano de MDXXXVI, começando na cidade de Badajoz em Castella, te á de Milam em Itália*, Coimbra, João Álvares, 1561.

¹⁷ Que se sabe ter sido em grande parte escrita, mas que se perdeu.

Mas não deixa de ser verdade que, em termos de testemunhos escritos, sobretudo se comparados com toda uma literatura, manuscrita e impressa, relacionada com a Expansão que ganhava cada vez maior importância, a Europa ficava, paradoxalmente, um pouco na sombra. Outros testemunhos poderão porventura fazer esquecer, como o testemunho do Fidalgo, sabendo nós que o interesse pela Europa e as suas dinâmicas político-militares e culturais era central para a coroa portuguesa – e também, numa outra escala, para a própria Casa de Bragança. Mas também a curiosidade, para além da centralidade de Roma, Milão, Paris ou Veneza, por zonas mais periféricas ou ignotas e que agora se iam desvelando, era evidente. Para darmos um exemplo, no ano de 1500 o rei D. Manuel pediu ao médico Martim Lopes, que viajara pela Europa até às suas zonas mais periféricas, como a Lapónia, durante cerca de 9 anos, para coligir um livro “*em que trate das terras por onde andou, as nações e lugares diversos, seu trato e modo de viver*”¹⁸. Não sabemos se Martim Lopes chegou a fazê-lo, mas a solicitação e a intenção de D. Manuel são reveladoras. E em comum com o Fidalgo de Chaves, o facto de se tratar de um livro escrito (ou a escrever) *a posteriori*, com base em apontamentos que ambos os viajantes foram coligindo e acumulando.

E, voltando à Casa de Bragança, a grande livraria dos duques ao tempo de D. Teodósio, cujo núcleo inicial remontava a D. Jaime, exprimia esse interesse por uma Europa que também se descobria e que se queria conhecer. A crónica em língua latina presente na livraria ducal ajuda a compreender como no século XVI o horizonte geográfico e cultural se ia alargando, e incorporando regiões que haviam permanecido, durante séculos, numa relativa obscuridade civilizacional. Esta é uma componente muito expressiva da livraria do duque de Bragança. É significativo recordar que o humanista Enneas Silvio Piccolomini († 1464), papa Pio II em 1458, classificava na sua *Cosmographia* a Polónia, Boémia, Hungria e Balcãs como situando-se fora da Europa, como se fizessem parte, com a Escandinávia, de uma *terra incognita*. Abundam, com efeito, na livraria dos duques de Bragança no século XVI, para além de muitas crónicas em linguagem relativas aos reinos ibéricos, crónicas latinas da Dinamarca, da Escandinávia, da Polónia, da Hungria, da Albânia e até uma descrição contemporânea da Grécia, com representações (convencionais) de várias cidades, mas também crónicas de Inglaterra, Alemanha, Borgonha, França, além de várias cidades italianas. Um conjunto, sem dúvida, muito amplo e, diríamos, coerente em termos de aquisição de informação histórico-geográfica sistemática sobre grande parte do continente europeu¹⁹.

¹⁸ ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, mç. 3, doc. 6. José Pedro Machado, «A carta do Dr. Martim Lopes (1500)» in *Revista de Portugal*, 1965, pp. 19-36; Avelino Jesus da Costa, «O primeiro cientista português que percorreu e estudou a Europa: Doutor Martim Lopes, no séc. XV», *Diário do Minho*, Braga, 1991, pp. 783-787.

¹⁹ Ana Isabel Buescu, *A livraria renascentista de D. Teodósio I, duque de Bragança*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2016, pp. 120-145.

Regressando a D. Jaime e ao seu anónimo agente, é pois com muita satisfação que escrevo estas palavras que antecedem a publicação deste manuscrito, transcrito e anotado por Paulo Catarino Lopes. Por toda a riqueza e manancial de informação, diversidade de perspectivas e ineditismo, o *Tratado* do anónimo Fidalgo português constitui uma valiosíssima fonte para o conhecimento de muitos aspectos da realidade política, militar, religiosa, cultural, artística e quotidiana da Roma dos inícios do século XVI, que não poderá, doravante, ser ignorada por quem estuda o século de Quinhentos. A presente edição torna, pois, esta preciosa fonte disponível quer para historiadores, quer para aqueles que, de uma forma ou outra, se interessam pela história e pela cultura do Renascimento.

Ana Isabel Buescu
FCSH-UNL/CHAM-UAç

Lisboa, Dezembro de 2016

Agradecimentos

A presente transcrição é devedora do contributo de várias pessoas e instituições. Desde logo, uma palavra de gratidão para o saudoso Professor Doutor Aníbal Pinto de Castro, que em boa hora e tão gentilmente nos facultou o acesso ao documento em questão. A ele ficamos gratos pela possibilidade de transcrever tão singular manuscrito.

Depois, naturalmente, a Professora Doutora Ana Isabel Buescu, que desde o início dos trabalhos salientou a necessidade imperativa de publicar a transcrição, sobretudo, pelo valor intrínseco e patrimonial do documento.

O nosso reconhecimento estende-se à Professora Doutora Maria Augusta Lima Cruz, cujas sugestões foram importantes para a melhoria do texto final.

Um agradecimento muito especial ao Pedro Pinto, nosso colega investigador e reconhecido paleógrafo. A sua revisão final da transcrição, bem como os conselhos e sugestões entretanto fornecidos, foram decisivos para o concretizar da presente edição.

Devemos ainda referir a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), cuja Bolsa de Pós-Doutoramento (SFRH/BPD/97963/2013) se revelou crucial para o desenvolvimento e conclusão do trabalho em causa, e o Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP), que financiou e apoiou esta publicação desde o primeiro contacto com a mesma.

*Paulo Catarino Lopes**

Costa da Caparica, Julho de 2016

* Investigador integrado do *Instituto de Estudos Medievais* (IEM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa) e do *Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar* (CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores); bolsheiro de Pós-Doutoramento pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BPD/97963/2013).

“L’historien n’est pas celui qui sait.
Il est celui qui cherche.”

Lucien Febvre (1878-1956)

Siglas e abreviaturas

Cap.	– capítulo
CEPCEP	– Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa
Cf.	– confronto
CNCDP	– Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
coord.	– coordenação
CSIC	– Consejo Superior de Investigaciones Cientificas
dir.	– director, direcção
ed.	– edição
fl.	– fôlio
INCM	– Imprensa Nacional-Casa da Moeda
INIC	– Instituto Nacional de Investigação Científica
ms.	– manuscrito
op. cit.	– <i>opere citato</i> (na obra citada)
p.	– página
pp.	– páginas
PUF	– Presses universitaires de France
r	– rosto ou anverso
s. d.	– <i>sine data</i> (sem data)
s. l.	– <i>sine loco</i> (sem lugar [de edição])
s. n.	– <i>sine nomine</i> (sem nome [de editor])
Sep.	– separata
SHMES	– Société des Historiens Médiévistes de l'Enseignement Supérieur Public
ss.	– seguintes
v	– verso
vol.	– volume
vols.	– volumes

Introdução

A 21 de Maio de 1510, um anónimo fidalgo parte de Chaves em direcção a Roma, para só regressar a Portugal em Setembro de 1517. Com base nessa demanda pela Península itálica redige, mais tarde¹, um extenso relato intitulado *Tratado que hum criado do duque de bragança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauees cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Indulgençias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue*.

Parte integrante da *Colección de Don Luis de Salazar y Castro* da Academia de História de Madrid, onde apresenta a classificação N-76 / Varios Portugueses (Signatura 9/I.081, hojas 136 a 227v), este extenso documento abrange os fólhos 136r-227v de uma miscelânea portuguesa, manuscrita e encadernada em pergaminho, que reúne 250 fólhos e compreende 39 peças. Trata-se, presumivelmente, da cópia manuscrita de um original perdido em língua portuguesa, de autor anónimo. Embora não se apresente datado, o longo manuscrito, constituído por 92 fólhos redigidos ao que tudo indica por um único copista, exhibe uma caligrafia que permite situá-lo em termos cronológicos na segunda parte do século XVI².

Ao longo do documento destacam-se a letra densa e cerrada a uma mesma mão, bem como uma mancha de texto que ocupa quase a totalidade de cada fólho. Infelizmente, o próprio autor refere terem-se perdido alguns dos seus apontamentos: “muitas outras Rezões vi E ouvia praticar que nam ousaria bem escrever. ca muitos dos

¹ As pistas fornecidas pelo autor quando combinadas com os dados que hoje dispomos, permitem concluir que a redacção do texto final não tenha acontecido antes de meados de Julho de 1521 e em momento posterior ao início de Dezembro do mesmo ano.

² É desta forma que se lhe refere o primeiro investigador que dele deu uma visão panorâmica, em artigo publicado em 1970. Cf. Eugenio Asensio, “Memórias de Um Fidalgo de Chaves (1510-1517), descripción de la Roma de Julio II y León X” in *Memórias da Academia das Ciências*, Classe Letras, tomo XIII, Lisboa, Academia das Ciências, 1970, pp. 7-28.

portacolos em que tinha escritas estas E outras muitas cousas perdi.”³ Provavelmente serão estas as lacunas que o copista escrupulosamente assinala com a advertência “aqui falta” nos capítulos em que se narra o acesso a Bolonha pelos franceses⁴ e os costumes das cortesãs romanas⁵.

O documento procede muito provavelmente de uma biblioteca nobiliária portuguesa não identificada. Em 1667 surge incluído no catálogo impresso do Marquês de Montealegre que o bibliófilo espanhol Antonio Rodríguez-Moñino deu a conhecer⁶. Aí, na página 63, a colectânea em que se insere surge catalogada da seguinte forma: “Varios tratados en prosa y verso con algunas Comedias y otros apuntamientos históricos escritos en lengua Portuguesa; no consta el Autor, en 4º. M. S.”

A maioria do conteúdo do relato versa sobre acontecimentos ocorridos em Itália num horizonte de tempo que podemos localizar entre 1510 e 1517, período durante o qual o anónimo autor aí habitou. As personagens evocadas enquadram-se, igualmente, neste arco temporal.

Tradicionalmente conhecido como *Memórias de um Fidalgo de Chaves*⁷, o texto só tem um destinatário: D. Jaime (1479-1532)⁸, 4º duque de Bragança, o senhor de quem o autor é criado: «E feita oração me fui aposentar A çidade onde estie sete anos E onze dias, trabalhando neste tempo de ver E de saber as cousas notauees que se em Roma E naquellas partes passaram pera dellas saber dar conta a vossa Jlustissima senhoria.»⁹

Tomando como ponto de partida a única cópia manuscrita conhecida – acima referenciada –, procedemos à transcrição (edição diplomática) e fixação integrais deste documento, por um lado, representativo de uma época e de um espaço nevrálgicos da história europeia, e, por outro, testemunho privilegiado de um “olhar português” sobre a Roma do Renascimento no despertar de Quinhentos.

³ *Memórias*, fl. 145v.

⁴ *Memórias*, fl. 144r.

⁵ *Memórias*, fl. 206r.

⁶ Cf. Antonio Rodríguez-Moñino, *La colección de manuscritos del Marqués de Montealegre (1677)*, Madrid, s.n., 1951, pp. 63 e 68, nº 258.

⁷ A partir deste ponto evocaremos a obra de forma abreviada: *Memórias*.

⁸ No dia 20 de Junho de 1483, em Évora, por ordem do rei D. João II de Portugal (1481-1495), foi executado o 3º duque de Bragança, D. Fernando II (1430-1483). Tal acto fundamentou-se na alegada prova de participação numa conjuração política contra a coroa portuguesa. Como consequência de todo este processo e por indústria de sua mãe, Isabel de Viseu (1459-1521), irmã do futuro rei D. Manuel I (1495-1521), os descendentes do malogrado duque viram-se exilados na vizinha Castela, onde beneficiariam da protecção dos Reis Católicos. Serão treze anos de exílio até à restauração da Casa de Bragança, em 1496, pelo novo monarca, D. Manuel I. A partir desta data arranca, de forma contínua e irreversível, a recuperação e engrandecimento dos Estados brigantinos. De tal forma que D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666), historiador da Casa, afirmará que a mesma «tão exaltada se via pelo Rei, que não direi se foi maior o cuidado com que D. João II a quis extinguir ou D. Manuel erguê-la.» [in D. Francisco Manuel de Melo, *D. Teodósio Duque de Bragança. D. Teodósio II Segundo o Códice 51-III-30 da Biblioteca da Ajuda*, Porto, Livraria Civilização, 1944, p. 120].

⁹ *Memórias*, fl. 139v.

No que diz respeito à classificação do género narrativo – e não género literário, pois as *Memórias* não possuem qualquer traço ou intenção ficcional –, o texto oriundo da pena do Fidalgo de Chaves levanta algumas dificuldades, resultantes quer da sua própria natureza quer da controvérsia sempre associada à exacta definição do conceito de género do texto *per se*. Ao mesmo tempo que apresentam grande fluidez informativa e eclectismo de temas e situações, as *Memórias* alimentam-se directamente do histórico e do factual. Isto faz com que o registo do texto se cruze com géneros tão diversos como o relato de viagens, a autobiografia, as memórias, a missiva (no sentido de carta de conteúdo político), a epístola de carácter pessoal, o diário, a crónica urbana ou de cidade (na medida em que experimenta a narração de cenas de rua e de movimentações colectivas), a relação e, por último, o relatório. Uma mistura de vários tipos de registos que, saliente-se, acontece sem sobressalto. Dito de outro modo, as *Memórias* devem a sua “crise” de géneros precisamente à vivacidade com que os mesmos se integram no seu seio e ao extremo dinamismo pluridiscursivo daí resultante. A haver um género será, portanto, misto e remetendo sempre para a categoria geral de história. O que, por sua vez, faz com que a intenção de verdade – expressa, por exemplo, no recurso à cópia de documentos oficiais – sirva de instrumento de certificação e legitimação da mensagem transmitida. Ou seja, o índice *verdade* é determinante no texto, na medida em que constitui o seu objecto último: dar a ver ao destinatário da narrativa, ainda que filtrado pelo juízo avaliador do autor, o que se passou durante os sete anos em que este permaneceu na capital da Cristandade.

Noutra vertente, o recurso à ironia, censura e até acusação, permite ao tipo de discurso utilizado ultrapassar a sua assumida função de informar acerca de acontecimentos dignos de registo e enveredar pela intimidade e cumplicidade com o destinatário do texto. O que reforça a ideia base de que a haver um género é compósito (cabendo à história identificar-se neste quadro como matricial): incorpora diversos temas e apresenta, em simultâneo, uma evidente interdisciplinaridade discursiva¹⁰.

O facto de o Fidalgo ter assistido em primeira mão aos acontecimentos e redigir o seu texto em anos não muito distanciados dos eventos que narra, associado à constatação de não estar sujeito à pressão oficial de uma missiva de carácter régio (ainda que “pressionado” pelo espectro dos interesses e das expectativas do único destinatário da sua narrativa¹¹), possuindo, ao invés, um estilo mais livre e espontâneo,

¹⁰ Cf. Cristina Almeida Ribeiro, Margarida Madureira (ed.), *O Género do Texto Medieval. Actas do Colóquio, Lisboa, 1996*, Lisboa, Cosmos, 1997; José Barros de Lima Nobre, *Breve estudo da evolução dos géneros literários*, Chaves, Papelaria Mesquita, 1905; Manuel dos Santos Alves, *O texto literário: linguística, poética, estilística, géneros literários, textos*, Lisboa, Livraria Francisco Franco, 1978; Teresa Amado, “Os géneros e o trabalho textual” in *O Género do Texto Medieval. Actas do 1.º Colóquio Organizado pela Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval (1996)*, Cristina Almeida Ribeiro e Margarida Madureira (coord.), Lisboa, Cosmos, 1997, pp. 9-28; Wolfgang Kayser, *O problema dos géneros literários*, Coimbra, Instituto Alemão da Universidade, 1944.

¹¹ Cf. Hans Robert Jauss, *Toward an Aesthetic of Reception*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1985, pp. 3-45. Segundo este autor, as perspectivas de recepção de um texto determinam, num período

faz com que o resultado final seja um testemunho pontuado com diversos pormenores antropológicos e etnográficos, os quais, por sua vez, além de dinamizarem o discurso e emprestarem um inequívoco colorido ao mesmo, humanizam o relato no seu todo¹².

O autor marca o seu texto com descrições e panoramas quase visuais, fotográficos mesmo. Privilegia não apenas o que vê, mas também as particulares emoções e atitudes inerentes. E, não raras vezes, com entusiasmo, expresso particularmente nos detalhes sobre o vivido e o observado. É em situações como estas, aliás, que a sua narrativa se afasta em absoluto da aridez tradicionalmente associada aos documentos oficiais¹³.

O período de viragem entre Quatrocentos e Quinhentos assistiu a um triplo processo de deslocação dos poderes. Em primeiro lugar, devido ao movimento de transcontinentalização da civilização europeia, cujos efeitos, circunstanciais no início, rapidamente passaram a influir no equilíbrio de poderes no seio do próprio continente europeu. Depois, verificou-se uma aceleração do processo de centralização do poder nas monarquias mais importantes da Cristandade. E, por último, o Turco impôs o seu poderio na “porta” oriental da Europa, de que a conquista de Constantinopla em 1453 foi uma decisiva etapa, numa dinâmica de crescimento imperial que condicionou fortemente a história do continente no século XVI.

Por outro lado, à data da partida do Fidalgo de Chaves para Roma, boa parte do território europeu estava longe de ter linhas de fronteira definidas. A Norte e a Leste, zonas periféricas, o processo de integração plena nas dinâmicas políticas, sociais e culturais do continente será longo. O Centro e o Sul itálico, por sua vez, constituíam uma realidade política completamente fragmentada. Só cerca de um século mais tarde as divisões políticas da Europa iriam conhecer uma maior clarificação. Mas, ao mesmo tempo, foi a partir deste período, o início do século XVI, que o *Velho Continente*, sempre em transformação e recomposição, começou a definir-se em termos de pensamento político: a procura do equilíbrio de poder entre potências – em particular as monarquias nacionais, à época em franca ascensão e afirmação – será o caminho a seguir, ao invés da unidade europeia tão almejada pelo sacro imperador, num impulso ideológico ainda, em parte, medievalizante¹⁴.

cronológico onde se inclui o dealbar da modernidade, a produção do próprio texto. A sua tese baseia-se no conceito central de *horizonte de expectativas*, que se define pelo conjunto de expectativas culturais, políticas, éticas e literárias manifestadas pelos leitores no preciso momento histórico em que o texto surge. Jauss defende que, para além da tradicionalmente aceite estética de produção e representação, existe outra ainda mais determinante, pois, situada a um nível profundo, está na base dessa própria produção: uma estética de recepção e influência. Esta estética tem por alicerces a precedente experiência do público leitor e, sobretudo, o seu horizonte de expectativas relativamente ao texto que está para vir. Este estado mental predispõe e influencia o autor durante o próprio processo de concepção do texto.

¹² Veja-se, como exemplo paradigmático, a descrição da embaixada portuguesa de obediência ao papa Leão X (1513-1521), em 1514 (*Memórias*, fl. 178r a fl. 179v).

¹³ Vejam-se, por exemplo, a descrição relativa ao Carnaval romano (*Memórias*, fl. 181v a fl. 184r) e o capítulo respeitante às mulheres romanas e respectivos trajes (*Memórias*, fl. 184r a fl. 185r).

¹⁴ Consulte-se para aprofundar este tópico fundamental Alberto Tenenti, *La formación del mundo moderno, Siglos XIV-XVII*, Barcelona, Editorial Crítica, 1985; André Corvisier, *História Universal – O Mundo*

A *Guerra dos Cem Anos* (1337-1453), apesar de travada entre a França e a Inglaterra, demonstrou que o sistema feudal era já anacrónico. Em particular, a França saiu do longo conflito com uma monarquia reforçada e animada por um espírito que anunciava o sentimento nacional, simbolizado pela figura de Joana d'Arc (1412-1431), dando inclusive início a um período de crescimento político, protagonizado numa primeira fase por Luís XI (1461-1483) e Carlos VIII (1483-1498) que definem em grande medida o espaço nacional francês¹⁵.

A realidade mostrava que doravante o processo, com avanços e recuos, da centralização régia era o futuro – quer sob o ponto de vista político, quer no que diz respeito aos dispositivos administrativo e simbólico do poder¹⁶. Daí que, simbolicamente, este conflito seja por vezes evocado como um dos vários marcos para assinalar o final da Idade Média e anunciar a Época Moderna. No final do século XV, a França surge, pois, como uma das maiores potências do Ocidente europeu, pronta, portanto, para internacionalizar as suas ambições político-militares como modo de afirmação e identidade dinástica por parte dos Valois.

Aquilo que era apenas uma distante possibilidade de consciência de tipo colectivo – porque espartilhada pela força do sistema feudal – transformou-se pelas bases e ressurgiu no final do conflito como um inequívoco sentimento de unidade da “nova” França. Tal cenário materializou-se, em termos físicos, na constituição de um território unificado – graças, sobretudo, ao contínuo recuo dos ingleses¹⁷ – e no erguer de algumas instituições de governo, como o estabelecimento de uma eficaz rede de cobrança de impostos, a qual permitiu criar um exército de tipo – mas ainda não plenamente –

Moderno, vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1977, pp. 27-114; Edward McNall Burns, *História da Civilização Ocidental*, vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981, pp. 91-195; Euan Cameron (coord.), *História da Europa Oxford – O século XVI*, Porto, Fio da Palavra Editores, 2009; Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Lisboa, Edições 70, 2004; João Ameal, *História da Europa (1495-1700) – De Vasco da Gama à Paz de Ryswick*, vol. III, Lisboa, Editorial Verbo, 1983, pp. 11-125; John Rigby Hale, *A Civilização Europeia no Renascimento*, Lisboa, Editorial Presença, 2000, pp. 23-142; Michel Morineau, *O Século XVI. 1492-1610*, Lisboa, D. Quixote, 1980; Robert Fossier, *Le Moyen Age – Le temps des crises: 1250-1520*, vol. III, Paris, Armand Colin, 1990; Ruggiero Romano y Alberto Tenenti, *Los fundamentos del mundo moderno. Edad Media tardía, Renacimiento, Reforma, Historia Universal Siglo XXI*, vol. XII, Madrid, Ediciones Castilla, 1971; V. H. H. Green, *Renascimento e Reforma*, Lisboa, Dom Quixote, 1991.

¹⁵ Após a Paz de Arras (1435) e, sobretudo, depois da ofensiva francesa de 1451-1452 e da derrota de Castillon, em 1453, os ingleses recuam no continente, acabando por aí conservar apenas a praça de Calais.

¹⁶ Em parte, tal posição teve na sua base um enfraquecimento da alta nobreza devido ao desgaste humano e até territorial provocado pela própria guerra, já que os feudos dos grandes nobres falecidos em combate e sem descendência passavam para as mãos da Coroa, e um avultado apoio da burguesia em ascensão, que se mostrou decisivo no processo de fortalecimento da monarquia.

¹⁷ O Delfinado fora integrado em 1349, Montpellier em 1382 e a Provença em 1481. Em 1532, Francisco I (1515-1547) incorpora definitivamente a Bretanha e, em 1559, Calais foi devolvida ao reino, tendo os três bispados de Metz, Toul e Verdun sido anexados. Por último, já fora do nosso quadro temporal de análise, em 1601, Henrique IV (1589-1610) obtém os ducados da Sabóia e de Bresse.

nacional, cruciais para o processo de consolidação da monarquia e de centralização do sistema de governo; e a nível ideológico pelo nascimento de uma, ainda que incipiente, identidade colectiva francesa.

Em suma, as fundações da consolidação francesa enquanto nova potência europeia foram assentes no final do século XV e no início da centúria de Quinhentos. Assim, quer no plano interno quer ao nível externo, o princípio político orientador foi sempre a criação duma monarquia forte de carácter nacional. Claro que uma França com tal pujança de forma alguma aceitaria a submissão ao império ou até mesmo ao papa, enquanto autoridade espiritual que continua a pretender imiscuir-se nas questões internas de governo dos estados seculares da Cristandade¹⁸.

A Inglaterra teve um percurso singular, mas que acabou por rumar no mesmo sentido com o advento da dinastia Tudor, em 1485: a crescente centralização régia (no sentido da proeminência reconhecida do rei em relação a outros poderes e do processo paulatino de maior controlo que consegue) e a eliminação de qualquer oposição frontal aos objectivos político-religiosos da coroa. Tudo isto foi facilitado pelo facto de existir desde a *Guerra dos Cem Anos* uma crescente consciência geral da figura institucional do Estado, para a qual contribuiu a própria Coroa, mas também o parlamento, a nobreza do reino, o clero e o próprio poder urbano. Quando, em 1534¹⁹, Henrique VIII (1509-1547) separou oficialmente a Igreja inglesa da romana e passou a encarar o papa apenas como o bispo de Roma a quem não devia nenhuma obediência, consolidou-se definitivamente o Estado inglês e o papel centralizador da monarquia então reinante²⁰.

Por sua vez, a edificação da Espanha enquanto monarquia nacional e conjunto de reinos unificados teve na sua base o enfraquecimento das liberdades locais e o recuo dos privilégios feudais em favor da Coroa cada vez mais sólida e forte, aliados à original confiança depositada no conselho régio, que desde cedo a Coroa procurou, com sucesso, libertar da dominação da alta nobreza.

Castela e Aragão ficaram unidos em 1479 pelo casamento, ocorrido dez anos antes, entre Isabel I de Castela (1474-1504)²¹ e Fernando II de Aragão (1479-1516)²²,

¹⁸ Cf. Paolo Prodi, *The Papal Prince. One Body and Two Souls: The Papal Monarchy in Early Modern Europe*, Cambridge, Press Syndicate of the University of Cambridge, 1987.

¹⁹ O *Acto de Supremacia*, de 1534, declarou que o rei era o único Chefe Supremo na Terra da Igreja da Inglaterra e o *Acto de Traição*, também de 1534, proclamava a recusa do Juramento de Supremacia alta traição punível por morte.

²⁰ Esta separação da Igreja católica, com a consequente secularização de bens da Igreja e posterior venda em hasta pública, torna Henrique VIII mais independente relativamente a consultas e pedidos de financiamento em Parlamento e assegura-lhe apoios. Afinal, a partir de agora, nenhuma força externa ao reino interferia na gerência do mesmo. Henrique VIII conseguiu desta maneira ir mais longe inclusive que Francisco I de França que tinha conseguido uma vitória sobre o papado com a *Concordata de Bolonha* (1516).

²¹ Rainha-consorte da Sicília a partir de 1469, de Aragão desde 1479 e de Nápoles em 1504.

²² Rei da Sicília desde 1468, de Castela entre 1474 e 1504, e de Nápoles desde 1504. Foi ainda regente da Coroa castelhana a partir de 1507.

enquanto o reino muçulmano de Granada foi incorporado pelos *Reis Católicos*²³ em 1492 e a Navarra anexada em 1512²⁴.

Decisiva contribuição para a vitória da autoridade régia espanhola foi a religião, enquanto elemento aglutinador dos diversificados e heterogêneos povos hispânicos²⁵. Os Reis Católicos fizeram uso do espírito de cruzada para tornar real a tão procurada unidade hispânica, que era primeiro que tudo uma unidade de cariz religioso. Por outro lado, tal como em França, desde cedo os monarcas tentaram controlar a Igreja dentro dos limites do território sobre o qual eram soberanos mediante o direito exclusivo de nomear os titulares dos cargos eclesiásticos mais importantes do reino, bem como assegurando que uma parte dos dízimos eclesiásticos derivasse para o Tesouro real. Neste ponto impõe-se uma referência ao caso português, cujo soberano D. Manuel I (1495-1521) protagonizou uma intervenção decisiva em Roma no sentido da afirmação da autonomia do poder régio no que dizia respeito à nomeação dos prelados portugueses²⁶.

Em Espanha foram também importantes, tal como nos casos francês e inglês, o alargamento do poder do rei às regiões, tradicionalmente sob o rígido controlo da nobreza, e a constituição de uma competente máquina administrativa e burocrática, que por sua vez permitisse edificar um tesouro forte graças à eficaz colecta de impostos, reflectindo-se tudo isto na criação de um poderoso exército que iria dominar os campos de batalha europeus nos próximos anos.

Unidade de fé e unidade dos povos, mediante uma prévia disciplinação e um assegurar rigoroso do estabelecimento da ordem como pilares da autoridade e da centralização de um governo régio que se ia consolidando.

Já Portugal, situado na periferia da Europa tornada centro com as Descobertas e os movimentos de expansão marítima, apresenta uma unidade política consolidada, apesar de todas as vicissitudes que marcaram a segunda dinastia real, bem como

²³ Título pelo qual o casal de monarcas ficou conhecido.

²⁴ Isto apesar de continuarem sempre a existir inúmeras diferenças internas e a unificação ser ainda frágil, sobretudo em relação a Castela e Aragão que, após 1469, conservaram grande parte das suas próprias instituições políticas (mantiveram-se as cortes, as leis, as administrações públicas e também a moeda); ou seja, podemos definir como reunidas as duas coroas graças a um pacto, o compromisso de Caspe (1412), entre os dois reinos, mantendo-se, aliás, Aragão com a sua tripla administração (Aragão, Valência e Catalunha) e uma relação de poderes e de afirmação notável dos seus *fueros* face à política dos *Reis Católicos* e dos seus sucessores.

²⁵ A unificação política da Espanha passou em grande medida por uma instituição nova, que os *Reis Católicos* puseram ao serviço do fortalecimento do poder monárquico: a Inquisição. Na verdade, esta veio a constituir um instrumento de poder ao serviço da Coroa verdadeiramente decisivo para forjar a unificação e criar uma monarquia forte, em especial porque cada vez mais foi ficando sob a alçada da Coroa. Cf. Francisco Bethencourt, “A Inquisição” in Carlos Moreira Azevedo (dir.), *História Religiosa de Portugal*, vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, p. 95-131; Idem, *História das Inquisições. Portugal, Espanha e Itália*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

²⁶ Cf. José Pedro Paiva, *Os Bispos de Portugal e do Império: 1495-1777*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2006.

uma estável definição territorial desde o final da Reconquista (1249) e o Tratado de Alcanices (1297).

Os reinados de D. João II (1481-1495)²⁷ e D. Manuel I fazem Portugal operar uma viragem significativa em direcção a um novo rumo, onde o reforço da autoridade régia a nível interno²⁸ e a abertura de Portugal ao mundo, ou seja, a predominância da política ultramarina, ao nível externo constituem a pedra-de-toque da governação régia.

Já o vasto território da Europa Central que corresponde ao Sacro Império Romano-Germânico revela-se um painel geográfico sem coesão política. De facto, não existe unidade mas sim divisão entre múltiplos principados, episcopados, condados, senhorios diversos e cidades autónomas. Um verdadeiro caleidoscópio político que tem por base um mosaico territorial fragmentado, onde, contudo, a dinastia de Habsburgo se afirma progressivamente, sobretudo através da acção do futuro imperador Carlos V (1500-1558)²⁹.

Com efeito, no centro da Europa, os Habsburgo tinham o seu verdadeiro poder não no título imperial, mais simbólico do que efectivo, mas nas imensas possessões territoriais que a sua Casa de forma perseverante foi construindo desde a centúria de Duzentos em torno dos ducados da Áustria e da Estíria.

Já eleito imperador (1519), Carlos V de Habsburgo viu-se numa situação paradoxal, na medida em que, católico devoto, tinha perfeita consciência de que o seu enorme império apenas poderia ser transformado em Estado soberano mediante a limitação do poder do papa, que insistia em imiscuir-se nos assuntos seculares das nações europeias.

²⁷ D. João II de Portugal sucedeu ao seu pai, D. Afonso V (1438-1481), após este abdicar em 1477, mas só ascendeu ao trono após a sua morte, em 1481.

²⁸ No entanto, não constitui sinónimo de monopólio por parte da Coroa sobre todos os aspectos de governação do reino. Ou seja, existe uma tentativa de centralização político-administrativa sim, mas sem que esta se torne um facto absoluto e plenamente concretizado. Ao invés, o poder real coexistia ainda com outros poderes, dotados de uma esfera de jurisdição própria e da qual não abdicavam – da Igreja aos municípios, passando pelos poderes senhoriais que não desapareceram inclusivamente nas convulsões do agitado reinado de D. João II (1481 e 1495). Seguimos aqui de perto Nuno Gonçalo Monteiro, *Elites e poder: entre o Antigo Regime e o Liberalismo*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2003; *Idem*, “Elites locais e mobilidade social em Portugal nos finais do Antigo Regime” in *Análise Social*, vol. XXXII (141), 1997 (2.º), pp. 335-368; *Idem*, “Poder senhorial, estatuto nobiliárquico e aristocracia” in *História de Portugal*, José Mattoso (dir.), vol. IV – *O Antigo Regime (1620-1807)*, António Manuel Hespanha (coord.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, pp. 333-379; António Manuel Hespanha, *História das Instituições. Épocas Medieval e Moderna*, Coimbra, Almedina, 1982; *Idem*, *Poder e Instituições na Europa no Antigo Regime*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

²⁹ Rei de Espanha, como Carlos I, de 1516 a 1556, data em que abdica a favor do seu filho, Filipe II; Sacro Imperador Romano-Germânico, como Carlos V, entre 1519 e 1555, data em que abdica a favor do irmão mais novo, Fernando I. Entre os muitos estudos evocativos da figura do imperador destacam-se os seguintes: Ernest Cebrià, *El imperio de Carlos V: las coronas y sus territorios*, Madrid, Península, 2002; Manuel Fernández Alvarez, *Carlos V*, Madrid, Publicaciones Españolas, 1974; Philippe Erlanger, *Carlos V*, Madrid, Ediciones Palabra, 2000; Pierre Chaunu, *La España de Carlos V*, 2 vols., Barcelona, Península, 1976; Prudencio de Sandoval, *Historia de la Vida y Hechos del Emperador Carlos V*, 3 vols., Carlos Seco Serrano (edición y estudio preliminar), Madrid, Ed. Atlas, 1955-1956.

Alguns anos mais tarde a sua situação ficará ainda mais complexa devido ao facto de ter de actuar em duas frentes: a romana e a protestante. Tal cenário resultou quer do radicalismo da oposição reformista, quer devido à própria oposição interna que lhe foi movida pelos príncipes do império ávidos de autonomia em relação às tentativas imperiais de centralização do poder.

Ao invés da Espanha e da França, onde as combinações territoriais tendem para a unidade sob a autoridade régia, a Itália experimenta um ambiente político que, tal como o próprio território, caracteriza-se por um completo espartilhar. Daí que no seu seio se tenham experimentado as capacidades de funcionamento das mais diversas formas de Estado, desde principados a repúblicas, passando por regimes e monarquias senhoriais ou despóticas de modelo europeu. O que não surgia no horizonte era uma centelha que fosse de um estado politicamente unido, forte e com vislumbres de longevidade.

Como sustentáculo deste caos geopolítico destaca-se uma economia florescente, baseada sobretudo no comércio e na indústria, e um inigualável brilhantismo cultural e artístico, resultante precisamente dessa fragmentação territorial e política que tinha como consequência última a multiplicação dos centros artísticos. Cada senhor queria apresentar-se como culturalmente mais poderoso do que o seu vizinho e potencial adversário. Daí que o mecenato florescesse como em nenhum outro espaço europeu. Ponto central da política europeia, a Itália era desta forma também o seu coração em termos de vida cultural e de progresso civilizacional.

A Itália encontrava-se, pois, dividida numa imensidão de pequenos Estados, donde sobressaíam pelo seu maior poder cinco, a saber, o ducado de Milão, as Repúblicas de Florença e de Veneza, os Estados da Igreja e o reino de Nápoles. Nenhum deles era suficientemente forte para dominar os outros, mas tinham-no como objectivo. Um país assim dividido, mas tão excepcionalmente rico, convidava à invasão. Milão a Norte e Nápoles a Sul eram o mote, na medida em que estavam bem no centro das ambições dinásticas da Espanha e da França, as potências europeias à época em ascensão. Nicolau Maquiavel (1469-1527) seguiu de perto a realidade italiana para fundamentar o seu pensamento político. No entanto, o apelo que lança no derradeiro capítulo da sua obra *O Príncipe*³⁰ não podia estar mais longe da realidade. A unidade italiana era uma utopia no início do século XVI.

Conscientes desse facto e dele aproveitando-se, as potências estrangeiras exploraram a conflitualidade interna italiana e acabaram por transformar o solo itálico no grande campo de batalha do século XVI, aí se jogando o destino da Europa ocidental³¹. A península sofreu neste período a passagem e a devastadora presença de sucessivos

³⁰ Escrita em 1513 e publicada, postumamente, em 1532.

³¹ Cf. Christine Shaw, *Italy and the European powers: the impact of war, 1500-1530*, Boston, Brill, 2006; Frederick Lewis Taylor, *The art of war in Italy, 1494-1529*, Cambridge, Cambridge University Press, 1921; Oscar Browning, *The age of the Condottieri – A short history of mediaeval Italy from 1409-1530*, London, Methuen & Co., 1895.

exércitos estrangeiros. Um ponto alto desta realidade dá-se quando assiste, impotente, ao saque de Roma de 1527 pelas forças mercenárias a soldo de Carlos V³².

Em 1517, ano em que o Fidalgo de Chaves deixa Itália para regressar a Portugal, o monge agostinho Martinho Lutero (1483-1546) afixou as *95 Teses contra as Indulgências* na porta da igreja do castelo de Wittenberg, dando de forma simbólica início à Reforma religiosa na Europa e a um dos momentos mais traumatizantes da história da Cristandade: o que marca o fim da unidade da fé, ou seja, um dos principais fundamentos da comunidade dos católicos; algo que nem momentos como o *Cativeiro de Avinhão* (1308-1377) e o subsequente *Grande Cisma do Ocidente* (1378-1417) tinham conseguido.

Mas, falar da Europa e da Cristandade no início do século XVI é forçosamente falar da expansão do turcos otomanos, que ameaçavam de forma cada vez mais premente os territórios cristãos, inclusive a Itália, em cuja região de Otranto fizeram, em 1480, desembarcar uma força armada. Trata-se de dois percursos indissociáveis, na medida que em se articularam e condicionaram mutuamente de forma estreita³³.

Edificado na centúria de Trezentos, o império otomano estendia-se a três continentes: Europa, África e Ásia. Consolidado lentamente com sucessivas conquistas territoriais, o espaço Turco foi crescendo ao mesmo ritmo das suas vitórias militares.

De alguma forma menosprezada pela Cristandade ocidental, como comprova a falta de ajuda mesmo após ter sido aprovada no próprio concílio de Basileia³⁴ (1431-1445), a queda de Constantinopla (1453) veio a revelar-se decisiva para a permeabilidade do mundo balcânico e do sudeste europeu. Com efeito, após a perda da *Segunda Roma*, não mais foi possível sustentar o avanço Turco para o interior da Europa. A “porta” tinha sido aberta e só em Viena (1529), já bem dentro do solo cristão, e em Lepanto (1571) tal avanço seria travado – ainda assim apenas momentaneamente, pois o Turco insistirá na ofensiva até bem mais tarde³⁵.

Para bem dos cristãos o facto de o sultão governar sobre tão vasto território e o seu exército ter de combater em fronteiras tão distantes umas das outras, de alguma forma permitiu que o avanço sobre a península itálica nunca chegasse a acontecer da mesma forma que se passara com Bizâncio. Depois, a *Sereníssima*, pela sua extrema

³² Cf. André Chastel, *The Sack of Rome: 1527*, Princeton, Princeton University Press, 1983; Maria Ludovica Lenzi, *Il sacco di Roma del 1527*, Firenze, La Nuova Italia, 1978.

³³ Para aprofundar a problemática do império otomano consulte-se Daniel Goffman, *The Ottoman Empire and Early Modern Europe*, New York, Cambridge University Press, 2002; Dimitri Kitsikis, *O Império Otomano*, Porto, Rés Editora, 1996; Donald Quataert, *O Império Otomano. Das origens ao século XX*, Lisboa, Edições 70, 2008; Halil Inalcik, *The Ottoman Empire: The Classical Age 1300-1600*, New Rochell (NY), Aristide D. Caratzas, 1989; Jean-Michel Salmann, *Géopolitique du XVIe siècle: 1498-1618*, Paris, Seuil, 2003, pp. 211-285; Stephen Turnbull, *The Ottoman Empire 1326-1699*, New York, Routledge, 2003.

³⁴ Também conhecido como concílio de Basileia-Ferrara-Florença.

³⁵ O cerco de Viena, em 1529, é tão violento e dramático, que o próprio Martinho Lutero apela à cruzada contra o infiel. O simbolismo desta batalha é fundamental, pois representa o fim da invencibilidade turca no imaginário colectivo cristão da época.

proximidade geográfica, estava consciente da ameaça turca e suspendia sempre que podia esse avanço, fosse pelo acordo diplomático, pela via militar ou ainda por intermédio dos pactos comerciais.

O poderio otomano, no mar e em terra, era inequívoco. Uma a uma, as oposições cristãs europeias, na sua maioria de fé ortodoxa, vão caindo nas mãos do sultão, cujo império entretanto consolidava-se mediante um acto de pura representação do poder: após a conquista da praça ordena a simbólica transferência da sua capital para Constantinopla. Até o próprio facto de o último imperador bizantino ter morrido a combater nas muralhas da fustigada cidade simbolizava o fim de uma era para os três continentes então conhecidos.

A base militar que os cristãos perderam foi a mesma que, doravante, permitia ao Turco avançar para o interior da Europa até final do século XV: o Peloponeso cai em 1458, a Bósnia e parte da Herzegovina em 1462, a Albânia em 1478. Em suma, à chegada do século XVI, o Turco era a potência hegemónica no sudeste europeu e, com particular relevância geoestratégica, no Mediterrâneo Oriental. Não é de estranhar, pois, que ao longo desta centúria o grande opositor dos Habsburgo seja o império otomano.

Em síntese, o início de Quinhentos apresenta-se como um tempo de mudança célere e profunda em duas frentes essenciais: a política e a religiosa. Na primeira trata-se, por um lado, da ascensão e consolidação dos Estados territoriais nacionais na figura de uma monarquia forte e tendencialmente centralizadora como a Espanha, a França e a Inglaterra; e, por outro lado, da confirmação de um bloco geopolítico alternativo composto pela Itália e o Sacro Império, territórios politicamente fragmentados, sem qualquer identidade política – ainda que no caso do império, verdadeira herança medieval, a figura mais simbólica do que verdadeiramente institucional do imperador veicule alguma identidade –, mas todavia dotados de uma plena unidade cultural e civilizacional. Na segunda frente, o cristão europeu prepara-se para enfrentar a ruptura irreversível da Cristandade, algo sem paralelo no seu já longo e atribulado percurso.

Da Europa que predomina do ponto de vista político e civilizacional, ou seja, a Ocidental, sobressaem duas potências que expressam na sua ascensão como nações unificadas, embora em alguns aspectos ainda de forma precária, e cada vez mais centralizadas, a desagregação do mundo feudal: a França e a Espanha.

Por parte destes dois grandes protagonistas elevar-se-á uma acesa busca pela hegemonia que marcará grande parte do século XVI. Será a rica e esplendorosa Itália o grande palco de tal disputa, cuja materialização última são as *Guerras de Itália*, que se desenrolam entre 1494 e 1559³⁶. Se numa primeira fase, com dificuldade evidente, a

³⁶ Para um maior aprofundamento do tema consulte-se a seguinte bibliografia: Adela Estévez Fernández, *Los españoles en Italia*, Sevilla, Escuela Gráfica Salesiana, 1964; Christine Shaw, *Italy and the European powers: the impact of war, 1500-1530*, Boston, Brill, 2006; Idem, “The papal court as a centre of diplomacy: from the peace of Lodi to the Council of Trent” in *La Papauté à la Renaissance*, Florence Alazard and Frank La Branca (ed.), Paris, Honoré Champion Éditeur, 2007, pp. 621-638; Ferdinand Gregorovius, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, Roma, Newton Compton

França consegue destacar-se, após a eleição imperial de Carlos V, em 1519, a Espanha tomará em definitivo a dianteira da contenda. No entanto, o que ressalta de todo este longo processo é a evidente prioridade da busca do equilíbrio de poder. Esta será a pedra-de-toque no futuro político da Europa.

Quando, «a xxbj. dias andados dagousto da sobredita era de 1510»³⁷, o Fidalgo de Chaves entra em Roma de imediato se apercebe que está perante uma cidade única, quer em termos políticos, quer a nível espiritual³⁸. Uma cidade tão complexa, populosa, diversificada, internacional e cosmopolita, que nenhuma outra capital se lhe podia comparar, nem Lisboa ou Sevilha, à época verdadeiros centros urbanos de carácter internacional devido ao trato que pelos seus portos passava³⁹.

Roma é, sem dúvida, o centro da atenção do viajante flaviense. O que o impressiona e é alvo do seu interesse é o que se passa na multifacetada capital da Cristandade.

Percebemos, pela descrição que efectua dos acontecimentos, que é na *Cidade Eterna* que se decidem as grandes disputas europeias, ainda que tenham lugar nos mais

Italiana, 1972; Gianvittorio Signorotto, Maria Antonietta Visceglia (a cura di), *La corte di Roma tra Cinque e Seicento teatro della politica europea*, Roma, Bulzoni, 1998; Henry Kamen, *Empire: How Spain Became a World Power, 1492–1763*, New York, Harper Collins, 2003; Jean-Michel Salmann, *Géopolitique du XVIe siècle. 1498-1618*, op. cit.; Michael Mallett and Christine Shaw, *The Italian Wars, 1494-1559: War, State and Society in Early Modern Europe*, Harlow, Pearson, 2012.

³⁷ *Memórias*, fl. 139v.

³⁸ Das festas à política e à arquitectura, passando pela nuclear faceta religiosa, a bibliografia sobre Roma na aurora do século XVI é vasta. No entanto, salientamos os seguintes textos: Alfredo Proia, *Roma nel Rinascimento*, Roma, Tipografia Agostiniana, 1933; Antonio Pinelli, *Roma del Rinascimento*, Roma, GLF Editori Laterza, 2007; Charles L. Stinger, *The Renaissance in Rome*, Bloomington, Indiana University Press, 1998; Egmont Lee (a cura di), *La popolazione di Roma nel Rinascimento*, Roma, Università La Sapienza, 2006; Elizabeth S. Cohen, Thomas V. Cohen, *Daily life in Renaissance Italy*, Westport, Greenwood Press, 2001; Fabrizio Cruciani, *Teatro nel Rinascimento: Roma 1450-1550*, Roma, Bulzoni, 1983; Francis Morgan Nichols, “Preface” in *Mirabilia Urbis Romae – The Marvels of Rome or a Picture of the Golden City*, London, Ellis and Elvey, 1889, pp. v-xxvi; G. A. Cesareo, *Pasquino e Pasquinate nella Roma di Leone X*, Roma, Casa Ed. Leonardo de Vinci, 1938; Jacques Heers, *La Roma dei papi ai tempi dei Borgia e dei Medici, 1420-1520*, Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 2001; Jean Delumeau, *Rome au XVIe Siècle*, Paris, Hachete, 1975; Maria Antonietta Visceglia, *La città rituale: Roma e le sue cerimonie in età moderna*, Roma, Viella, 2002; Maria Cristina Biagi, *Il carnevale romano*, Roma, Ass. alla Cultura, 1988; Paolo Portoghesi, *Roma del Rinascimento*, 2 vols., Milano, Electa, 1971; Peter Partner, *Renaissance Rome 1500-1559: A Portrait of a Society*, Los Angeles, University of California Press, 1979; Pierre Rodocanachi, *Cortigiane e buffoni di Roma: studio dei costumi romani del 16. Secolo*, Bologna, Li Causi, 1983; Pietro Paschini, *Roma nel Rinascimento*, Bologna, Cappelli, 1940; Rosanna Pettinelli, *Tra antico e moderno: Roma nel primo Rinascimento*, Roma, Bulzoni, 1991; Sergio Gensini, *Roma capitale (1447-1527)*, Roma, Pacini, 1994.

³⁹ Cf. Bibiano Torres Ramírez, José Hernández Palomo (ed.), *Andalucía y América en el siglo XVI. Actas de las II Jornadas de Andalucía y América, Santa María de la Rábida marzo de 1982*, 2 vols., Sevilla, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1983; Enrique Otte Sander, *Sevilla, siglo XVI: materiales para su historia económica*, Sevilla, Centro de Estudios Andaluces, 2008; Francisco Núñez Roldán, Madrid, *La vida cotidiana en la Sevilla del Siglo de Oro*, Sevilla, Silex Ediciones, 2004; Renata de Araújo, *Lisboa a Cidade e o Espectáculo na Época dos Descobrimentos*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990.

distantes pontos de Itália, em particular a nível bélico⁴⁰. Seguindo a mundividência política e geoestratégica do autor, o destino da Europa passa necessariamente por Roma. É isso que transmite de forma clara a D. Jaime de Bragança.

É por via do religioso e da espiritualidade que o simbolismo arquétipo da *mirabili urbe* marca mais profundamente o autor: no seu solo sagrado assentam as maiores igrejas do mundo e no ponto onde morreu o fundador da Igreja faz o papa Júlio II (1503-1513)⁴¹ erguer «a JgreJa de sam Pero, que acabandosse seraa a moor edefiçio de JgreJa do mundo»⁴².

Daí que, ao chegar à capital da Cristandade, declare pleno de fervor religioso que a sua primeira acção é dirigir-se a «nossa senhora do populo a que me tinha prometido. E feita oração me fui apousentar A çidade»⁴³.

Com esta referência explícita à componente religiosa no preciso momento em que entra na *Cidade Eterna*, o autor torna de imediato intrínseco à descrição da mesma o tópico central da sua condição de liderança espiritual e de topónimo central no imaginário colectivo da comunidade dos fiéis. Mais do que Jerusalém, pois esta estava na posse dos infiéis, ao passo que Roma era possível visitar apesar de todas as dificuldades que tal deslocação implicava.

Roma era tangível, palpável. Já Jerusalém ou até mesmo Constantinopla, que caíra havia pouco mais de meio século na mão do Turco tornando-se simbolicamente a sua capital, inscreviam-se no universo do apenas imaginado.

No plano simbólico, na medida em que é edificada sobre o alicerce da crença, ela é uma *bona opera*⁴⁴. Por isso constitui um modelo para os *peregrini* na terra e a glorificação última da Igreja e por extensão de todo o crente.

Como o autor refere, trata-se de uma cidade mártir, pois foi violentada e saqueada pelo infiel⁴⁵. O facto de ter recuperado de tão martirizado passado garante-lhe um profundo simbolismo espacial, bem como um papel central na estruturação da memória colectiva cristã. Residem aqui, afinal, boa parte dos fundamentos da sua dimensão de espelho da vontade global (de ascensão) da Cristandade e, conseqüentemente, da sua glorificação espiritual.

Os monumentos cristãos da *mirabili urbe* deixam no autor uma impressão marcante, como comprova a descrição que faz da Igreja de S. Pedro e do processo

⁴⁰ Vejam-se, a título de exemplo, os fólhos relativos às batalhas de Ravena (*Memórias*, fl. 154v a fl. 158r) e de Marignan (*Memórias*, fl. 209r a fl. 211r).

⁴¹ Nascido Giuliano della Rovere, este frade franciscano sobrinho do papa Sisto IV (1471-1484) foi nomeado cardeal em 1471, pouco depois de o seu tio ascender ao pontificado. Ficou conhecido como “o Papa guerreiro” ou “o Papa terrível”.

⁴² *Memórias*, fl. 169r.

⁴³ *Memórias*, fl. 139v.

⁴⁴ Sobressai aqui o peso de toda uma herança medieval do imaginário cristão.

⁴⁵ *Memórias*, fl. 174r e fl. 174v.

que envolve a construção do novo templo em detrimento do antigo⁴⁶ – o que *per se* constitui um precioso testemunho directo da própria dinâmica arquitectónica e artística da Roma de Quinhentos⁴⁷.

Lendo as várias passagens concernentes ao património sacro romano contidas nas *Memórias*⁴⁸, o duque de Bragança poderia, de facto, visualizar muitos dos símbolos e maravilhas de pedra da capital da Cristandade.

Neste ponto, pela extensão, critério e grau de pormenor, é de referir a singularidade do momento textual relativo à descrição das estações quaresmais⁴⁹. Neste genuíno “livro dentro do livro”, para cuja elaboração o autor confessa ter feito recurso de fontes documentais, são assinaladas as relíquias veneradas nas igrejas evocadas, bem como as indulgências de que podem beneficiar aqueles que as visitam.

Não raras vezes, o Fidalgo refere as figuras históricas e, sobretudo, hagiográficas envolvidas no processo de formação de tais templos, acabando mesmo por narrar as lendas que estão na base do seu prestígio religioso e da espiritualidade de que são sinónimo. São João de Latrão e São Pedro são os casos paradigmáticos e cimeiros, mas diversos outros existem – em relação ao primeiro, chega mesmo a incluir uma cópia da célebre e controversa *Doação de Constantino*⁵⁰.

O autor não deixa também de indicar, na maioria dos casos, a região de Roma onde as ditas igrejas se encontram (por exemplo, em que monte ou campo, e se estão ou não fora de muros).

No conjunto das *Memórias*, a descrição das estações quaresmais apresenta, pois, uma importância superlativa. Além de revelar a profunda espiritualidade do autor, coloca o testemunho que ergue na galeria dos documentos de encruzilhada: se por um lado o texto apresenta uma matriz ainda medieval ao descrever as estações, as relíquias e as indulgências envolvidas; por outro lado, sugere tal itinerário com um certo carácter de obrigatoriedade para todos aqueles que visitam Roma devido ao valor histórico dos edifícios em questão – ou seja, não são apenas os peregrinos os destinatários de tal percurso, mas sim todos os visitantes da cidade.

⁴⁶ Veja-se a extensa passagem relativa a este templo no quadro da descrição das estações quaresmais de Roma (*Memórias*, fl. 189v a fl. 193r).

⁴⁷ Cf. Sylvie Deswarte-Rosa, “Uno sguardo venuto da lontano: tra Roma Antica e Roma Cristiana” in *Roma e l’Antico nell’arte e nella cultura del Cinquecento*, Marcello Fagiolo (dir.), Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, 1985, pp. 489-508.

⁴⁸ Que aqui assumem um carácter quase corográfico.

⁴⁹ «Das Igrejas onde estão as estações que são da coesma. E per todo o ano. E dos perdões E Reliquias dellas.» in *Memórias*, fl. 185r a fl. 200r.

⁵⁰ *Memórias*, fl. 187r a fl. 188r. De autor desconhecido, a *Doação de Constantino* (*Constitutum Donatio Constantini* ou *Constitutum domini Constantini imperatoris*) consiste num documento falsificado apresentado em meados do século VIII como se de um genuíno édito imperial romano se tratasse. Segundo tal documento, o imperador romano Constantino (306-337) teria doado ao papa Silvestre I (314-335), ou seja, à Igreja, bens patrimoniais do império, assim como a autoridade sobre as diversas comunidades cristãs do Oriente.

A forma de apresentação das estações coloca-nos efectivamente perante um guia de peregrinação. Contudo, se tivermos em conta o todo da obra e o próprio contexto em que tal itinerário surge na narrativa, ficamos perante um guia que convida à descoberta e ao encontro com um património desconhecido que desperta a curiosidade dos sentidos e do intelecto. Tudo isto reforçado pelos diversos apontamentos artísticos que realiza, que remetem não apenas para o religioso mas também para o universo cultural e civilizacional.

Quando evoca as relíquias dos templos, o Fidalgo efectua muitas vezes um puro exercício de crítica de arte, pois discrimina e adjectiva as peças e os ornamentos que encontra e nos quais de alguma forma estão inclusas as ditas relíquias. Um bom exemplo surge na igreja de «são pero (em vaticano)»⁵¹, aquando da evocação da 11ª estação quaresmal.

Ainda no quadro desta referência, sobressai o apontamento acerca da construção da nova igreja por iniciativa do papa Júlio II e da destruição do templo antigo⁵². Passagem tanto mais valiosa quanto o facto de esta construção estar no centro das futuras críticas luteranas a Roma. Por outro lado, não abundam as descrições em primeira mão feitas por portugueses que tenham assistido pessoalmente aos primeiros momentos da monumental obra e ao processo de construção do maior templo cristão católico do mundo até à actualidade⁵³.

Por tudo isto, reside na extensa passagem relativa à descrição das estações quaresmais boa parte da feição pedagógica das *Memórias*, particularmente reveladora, aliás, do humanismo cristão do autor.

Ainda ao nível do espiritual, é de realçar nas *Memórias* a presença da importante questão do apelo à reforma da Igreja antes de Lutero. Com efeito, tendo por pano de fundo as confrontações entre cardeais e pontífice nos papados de Júlio II e Leão X (1513-1521)⁵⁴, o autor opera uma singular evocação desta problemática nuclear da história da Igreja católica.

O primeiro cenário relaciona-se com os príncipes da Igreja que enfrentaram Júlio II e conduziram à realização do concílio cismático de Pisa-Milão (1511-1512)⁵⁵.

⁵¹ *Memórias*, fl. 189v a fl. 193r.

⁵² Cf. Christoph Frommel, *Architettura alla corte papale nel Rinascimento*, Milano, Electa, 2003.

⁵³ *Memórias*, fl. 190v a fl. 191r.

⁵⁴ Segundo filho de Lourenço, o *Magnífico* (1449-1492), Giovanni di Lorenzo de Médici, futuro papa Leão X, foi nomeado cardeal com apenas 16 anos.

⁵⁵ O início do século XVI traz novos ventos de contestação conciliar, materializados logo em Novembro de 1503 com a elevação ao pontificado de Júlio II. Aquando da sua eleição, este papa prometeu sob juramento convocar um concílio ecuménico. Contudo, nove anos decorridos do seu pontificado, o dito concílio nunca foi convocado. Tal situação foi aproveitada politicamente por Luís XII de França (1498-1515) que deu o seu apoio e cobertura a um conjunto de cardeais desagradados com a falta de cumprimento e de iniciativa de Júlio II – os quais serão excomungados e classificados de cardeais cismáticos, do que dá conta o Fidalgo no seu relato. Este grupo de cardeais, com o patrocínio do rei francês então em conflito aberto com o papado, convoca em 16 de Maio de 1511 o concílio (cismático) de Pisa, a ter início em Setembro desse mesmo ano, mas que na realidade só começa no mês seguinte.

Esta “ruptura” revelou que existiam no Sacro Colégio cardeais capazes de reivindicar o melhor para a Igreja enquanto farol espiritual da Cristandade⁵⁶. Já o segundo caso diz respeito à célebre conspiração dos cardeais contra Leão X, em 1517⁵⁷.

Apesar de envolverem razões de ordem secular, como a supremacia régia ou a promoção pessoal de determinadas figuras cardinalícias, o facto é que estes dois momentos revelaram, por um lado, que o conciliarismo ainda não estava totalmente derrotado e que a ideia do papa constituir o chefe supremo e inquestionado da Igreja ainda não era uma máxima completamente assente, e, por outro, que a preocupação espiritual e religiosa ainda pairava sobre alguns sectores do Colégio de cardeais⁵⁸: «Das cousas em que se os cardeaes fundarom pera convocar concílio contra o papa. (...) E suprir a negligência do papa que permitira ao Juramento que dentro de dous anos conuocaria concílio. E nam o fez. (...) pollo nam querer fazer lhes foi liçito procurando a Reformação da JgreJa»⁵⁹

É também por isto que, de alguma forma, a presença de Erasmo e outros humanistas cristãos paira sobre as *Memórias*. Afinal, toda a obra erasmiana é inspirada por um único ideal: a reivindicação da autêntica espiritualidade, do retorno a Cristo

Durante as suas sessões procedeu-se à suspensão de Júlio II no trono pontifício e tentou-se recuperar o espírito conciliarista que tinha caracterizado o século anterior e que havia animado os concílios de Constança e Basileia. Júlio II reage violentamente à convocatória e classifica este concílio de conspirativo, declarando-o nulo. Em resposta, convoca logo a seguir um novo concílio, o de Latrão V, que constituirá um dos maiores acontecimentos do seu pontificado. Para tal convocação conciliar por parte do pontífice muito contribuiu o apoio político internacional de que beneficiou, em particular de Fernando II de Aragão. Em 1512, já sem o fulgor inicial, o concílio de Pisa transfere-se para Milão, onde irá progressivamente enfraquecer e declinar até à sua completa dissolução ainda no mesmo ano. Considerar a oposição dos cardeais cismáticos a Júlio II como uma mera manobra política protagonizada pelo rei francês que, desta forma, faz dos cardeais em questão simples marionetas no tabuleiro do seu jogo político, é tão simples quanto redutor. Com efeito, os cardeais cismáticos opuseram-se a Júlio II em plena consciência, ou seja, por que de facto tinham razões muito válidas para tal: era urgente reformar a Igreja, mas tal processo só poderia ser efectivamente firmado e posto em prática através de um concílio, o qual o papa havia prometido convocar aquando da sua eleição. A realidade é que nunca o fez. Por outras palavras, o papa falhou no seu juramento e, nessa medida, estava em falta não apenas para com o Sacro Colégio mas sobretudo para com toda a comunidade dos fiéis. Cf. Julian Klaczko, *Rome and the Renaissance: The Pontificate of Julius II (1503-1511)*, Whitefish, Kessinger Publishing, 2007.

⁵⁶ *Memórias*, fl. 144v a fl. 149r; fl. 156r; fl. 159v a fl. 160v; fl. 165v e fl. 166r; fl. 173r e fl. 173v.

⁵⁷ *Memórias*, fl. 219v a fl. 226v. Para aprofundar esta temática veja-se Alessandro Ferrajoli, *Il ruolo della Corte di Leone X, 1514-1516*, Vincenzo De Caprio (a cura di), Roma, Bulzoni, 1984; Idem, *La congiura dei cardinali contro Leone X*, Roma, Società Storia Patria Roma, 1919; Battista Picotti, “La congiura del Cardinali contro Leone X” in *Rivista Storica Italiana*, 1923, pp. 249-267; Fabrizio Winspeare, *La congiura dei Cardinali contro Leone X*, Firenze, Editore Olschki, 1957.

⁵⁸ Cf. Aldo Landi, *Concilio e Papato nel Rinascimento (1449-1516): un problema irrisolto*, Torino, Claudiana, 1997; Ennio Innocenti, *Storia del potere temporale dei papi*, Napoli, Grafite, 2001; James Henderson Burns, Thomas M. Izbicki (ed.), *Conciliarism and papalism*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997; Nelson Hubert Minnich, “Julius II and Leo X as Presidents of the Fifth Lateran Council (1512-1517)” in *La Papauté à la Renaissance*, op. cit., pp. 153-166.

⁵⁹ *Memórias*, fl. 144v.

e ao espírito e à letra dos Evangelhos e a consequente renovação religiosa da Europa através do *humanismo cristão*, que o autor claramente partilha⁶⁰.

A visão da Roma profana, da cidade cosmopolita, ícone cultural do Renascimento, emociona igualmente o autor. Os costumes romanos surpreendem-no e, num segundo momento, fascinam-no. De tal forma que não hesita em afirmar que por isso é Roma cabeça das cidades do mundo, pois o que em outras partes é considerado estranho e desonesto tem-se ali por honra, louvor e nobreza⁶¹.

Em momento algum, o Fidalgo esconde a forma sincera como se rende à energia e ao movimento da *Cidade Eterna*⁶². Para ele, Roma remete sempre para o conceito totalizador e totalizante de *Caput Mundi*, pois nela tudo é universal, grande e grandioso: «sam João de latrão que hee cabeça de totalas JgreJas do mundo»⁶³; «Rua de bancos que hee a mais Rica Rua que pode aver no mundo»⁶⁴; «E querendo o papa Jullio fazer esta JgreJa [S. Pedro] a mais sumptuosa E grande de totalas do mundo»⁶⁵; «o papa alexandre sexto fez (...) a Rua alexandrina que aguora hee das mais fermosas Ruas que pode aver no mundo»⁶⁶.

A *mirabili urbe* é o centro simbólico de onde tudo emana e o ponto físico para onde tudo conflui. As suas «torres E paços dos cardeaes E grandes senhores»⁶⁷ impressionam tanto pela riqueza, como pela vivacidade que as impregna. Paços, palácios, jardins e fontes são, assim, sempre de louvar⁶⁸.

Ao retratarem como a Roma da Idade Média se transforma aos poucos na Roma renascentista, ou seja, uma monumental cidade que apesar de continuar a ser a cabeça do mundo religioso cristão assume já, em simultâneo, uma outra faceta mais temporal e profana, intimamente ligada à ascensão da arte, da cultura, das festividades de carácter

⁶⁰ É, aliás, neste ponto que Erasmo se afasta de Maquiavel, pois defende que a vida cristã para ser renovada teria também de ser alterada ao nível das práticas na política. Ou seja, o Estado devia subordinar-se à ética cristã, sendo o príncipe bom apenas quando faz do Evangelho a única fonte de inspiração da sua política. Tendo estes princípios por orientação suprema, Erasmo rejeitava de forma peremptória qualquer atitude que significasse privação da liberdade humana. Cf. A. G. Dickens, Whitney R. D. Jones, *Erasmo el Reformador*, Madrid, Acento, 2002; Jean-Claude Margolin, *Érasme précepteur de l'Europe*, Paris, Julliard, 2005; José Sebastião da Silva Dias, *Correntes de sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*, 2 vols. Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos, 1960; José Vitorino de Pina Martins, *Humanismo e erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1973; Marcel Bataillon, *Erasme et la Cour de Portugal*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1927; Idem, *Erasmo y el Erasmismo*, Barcelona, Editorial Crítica, 1983; Idem, *Erasmo y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*, México, Fondo de Cultura Económica, 1996.

⁶¹ *Memórias*, fl. 183v.

⁶² *Memórias*, fl. 182v, fl. 204v e fl. 205r.

⁶³ *Memórias*, fl. 159v.

⁶⁴ *Memórias*, fl. 179r.

⁶⁵ *Memórias*, fl. 190v.

⁶⁶ *Memórias*, fl. 191v.

⁶⁷ *Memórias*, fl. 173v.

⁶⁸ *Memórias*, fl. 176v.

popular e também das conspirações políticas que minavam as grandes capitais e cortes europeias, as *Memórias* são bem o espelho de uma época.

Por outro lado, ao narrar diversas embaixadas que chegam a Roma, o Fidalgo estende também a sua visão da cidade à dimensão civilizacional e cultural, projectando a urbe em dois sentidos de carácter antropológico: por um lado, enquanto elemento de unidade e diálogo entre as culturas europeias de base religiosa cristã⁶⁹; e, noutra vertente, enquanto local onde é possível contactar com o *Outro* essencialmente diferente, porque longínquo e exótico – o *Outro* nunca visto. Ambos os sentidos transformam Roma num diferencial horizonte de cultura.

Se o Atlântico é a grande via para o encontro com povos dos espaços ignotos recém-descobertos, a capital da Cristandade – na qualidade de ordenadora do continente que encabeça enquanto sua grande sede religiosa – é a via que possibilita o contacto com outros povos, europeus e não europeus. No seu seio, a Europa pode instruir-se sobre si própria.

Neste sentido, o Fidalgo veicula uma imagem de Roma como espaço por excelência para a viagem de conhecimento – como, aliás, a própria Itália a nível artístico e cultural –, ou seja, a “viagem iniciática” cuja concretização desvenda os enigmas do mundo⁷⁰. Nesta medida, ir a Roma significa muito mais do que a mera deslocação objectiva a um espaço diferente. Na essência, trata-se de uma peregrinação a um lugar civilizacional nuclear, pois é o contacto que ele permite com o diferente – do mesmo continente ou de outro – que consolida a definição da própria identidade enquanto cristão⁷¹. Fenómeno reforçado pelo facto de, no início do século XVI, o mecenato dos papas ter feito de Roma o principal núcleo da arte renascentista – apesar de a guerra ser quase um estado permanente e de o território italiano ser continuamente percorrido por exércitos estrangeiros, os estaleiros de construção de Roma, com Júlio II e, sobretudo,

⁶⁹ E não só, como é o caso dos maronitas: *Memórias*, fl. 181r e fl. 181v.

⁷⁰ Acerca da questão da viagem iniciática veja-se Aires A. Nascimento (ed.), *Navegação de S. Brandão nas fontes portuguesas medievais*, Lisboa, Edições Colibri, 1998; Idem “*Viator e peregrinus: correlação e complementaridade*” in *Ler Contra o Tempo. Condições dos textos na cultura portuguesa (recolha de estudos em Hora de Vésperas)*, vol. II, CEC / FLUL, Lisboa, 2012, pp. 1017-1048; Dolores Corbella, “El viaje de San Brandán: una aventura de iniciación” in *Filología Románica*, 8, Madrid, Editorial Complutense, 1991, pp. 133-147; Eugenia Popeanga, “El viaje iniciático. Las peregrinaciones, itinerarios, guías y relatos” in *Filología Románica*, Anejo I, Madrid, Ed. Universidad Complutense, 1991; Jean Delumeau, *Uma História do Paraíso – O Jardim das Delícias*, Lisboa, Terramar, 1994; Jean Richard, *Les récits de voyages et de pèlerinages*, Turnhout, Brepols, 1981; José Ángel García de Cortázar, “El hombre medieval como ‘Homo Viator’: peregrinos y viajeros” in *Actas de la IV Semana de Estudios Medievales, Nájera, de 2 a 6 de agosto de 1993*, Logroño, IER, 1994, pp. 11-30; José Mattoso, *Poderes Invisíveis. O imaginário medieval*, Lisboa, Temas e Debates, 2012; Mário Martins, “Viagens ao Paraíso terrenal” in *Brotéria*, 5, 1949, pp. 529-544; Idem, *Peregrinações e Livros de Milagres da Nossa Idade Média*, Lisboa, Brotéria, 1957; Mohammad Ali Amir-Moezzi (ed.), *Le Voyage initiatique en terre d’Islam*, Louvain, Peeters, 1996; Paul Zumthor, *La Medida Del Mundo – Representación del espacio en la Edad Media*, Madrid, Cátedra, 1994.

⁷¹ Cf. Luís Filipe Barreto, “Introdução à Chorografia de Gaspar Barreiros” in *Clio*, nº 5, Lisboa, 1986, pp. 55-67.

Leão X, prosseguem de forma ininterrupta a sua actividade conduzindo a *Cidade Eterna* a uma renovação profunda da sua face urbana⁷². Neste sentido, a cidade materializa a transformação rápida e transitória que distingue o início do século XVI, revelando-se o fiel espelho de uma época.

Roma domina no início do século XVI, mostrando ao mundo a sua vocação natural de capital renascentista e da Cristandade. É esta a ideia que o autor transmite no seu relato: uma cidade que é fruto da imbricação entre a cidade verdadeira e a cidade imaginada/sonhada – por um lado, pelos visitantes e peregrinos, e, por outro, pelos que a mostram, ou seja, os detentores de poder (os papas) e os artistas que a redesenham como Rafael Sanzio (1483-1520), Donato Bramante (1444-1514) e Miguel Ângelo (1475-1564). Podemos identificar aqui, mais uma vez, a feição pedagógica das *Memórias* e, conseqüentemente, a sua marca humanista.

Pela voz do Fidalgo percebemos como Roma atrai toda a gente, pois de alguma forma todos querem beneficiar com aquilo que ela potencialmente pode oferecer, sejam privilégios especiais, benefícios vários ou o perdão pelos pecados cometidos. Por outro lado, nas suas praças e ruas buliçosas todos, italianos e estrangeiros, podem encontrar motivos de entretenimento – dos cardeais aos barões, passando pelo povo miúdo. O seu ritmo diário é vibrante, com as ruas cheias de gentes diversas para ver passar os cortejos seculares e religiosos. Do vestuário e das ricas jóias usadas pelos fidalgos e grandes prelados aos palácios sumptuosos dos cardeais, tudo nesta cidade é um espectáculo único.

Paisagens romanas, físicas e humanas, entre o sagrado e o profano, eis o coração das *Memórias*. Por isso é possível encontrar em tão abrangente documento referências que vão da diplomacia ao património arquitectónico, passando pelas diversas vivências quotidianas, nomeadamente as festas⁷³, a caça⁷⁴, a violência civil⁷⁵, o vestuário⁷⁶ e a alimentação⁷⁷, mas também a morte e os ritos funerários⁷⁸.

Tudo num testemunho escrito que tem como princípio orientador a observação empírica e que, por isso mesmo, dá plena noção do movimentado e fervilhante cosmopolitismo do dia-a-dia da capital da Cristandade⁷⁹.

O Fidalgo de Chaves trilha os caminhos de Roma pelo espiritual, mas também pela cultura e pela civilização, ou seja, pela aquisição de saber expressa, por exemplo, no encontro e diálogo quer com o cristão não europeu, quer com o cristão oriundo de outras partes da Europa. Nesta medida, a sua viagem a Roma constitui-se como

⁷² Cf. Christoph Frommel, *Architettura alla corte papale nel Rinascimento*, op. cit..

⁷³ De entre várias passagens relativas às celebrações festivas em Roma destacamos as seguintes: *Memórias*, fl. 168r; fl. 172v a fl. 173v; fl. 177r e fl. 177v; fl. 181v a fl. 184r.

⁷⁴ *Memórias*, fl. 208r e fl. 208v.

⁷⁵ *Memórias*, fl. 157r e fl. 157v.

⁷⁶ *Memórias*, fl. 164r e fl. 164v; fl. 183v a fl. 185r.

⁷⁷ *Memórias*, fl. 184r.

⁷⁸ *Memórias*, fl. 203r e fl. 203v.

⁷⁹ *Memórias*, fl. 181v a fl. 185r.

desejo de contacto com diferentes espaços humanos e físicos, afinal uma das principais características da civilização renascentista.

Fundamenta-se, pois, nesta tríplice *peregrinação* (cultural, civilizacional e espiritual) grande parte do seu cosmopolitismo e da sua própria identidade cristã e humanista. Um genuíno processo de *ascese* pessoal, donde ressalta não a mera sociabilidade superficial, mas, ao invés, a comunhão espiritual e temporal, sacra e profana, que desde o momento da sua chegada estabelece com a sociedade heterogénea que contacta.

Em Itália e especificamente em Roma ele vive, experimenta e aprende. É fecunda neste espaço europeu a sua aprendizagem das coisas da vida, da política à cultura, passando pelos costumes e pela religião. E neste sentido torna-se inequívoca a feição pedagógica da sua viagem à sede do mundo cristão.

Se a cobiça dos homens o inquieta e alarma, a celebração da vida que experiencia em Roma encoraja-lhe a alma e estimula-o à busca do conhecimento empírico das coisas e dos homens. Tudo isto tendo sempre por base uma atitude de sincera afirmação cristã.

Mas a Roma que o Fidalgo descreve não é apenas a sede espiritual da Cristandade. É também um espaço urbano que se quer assumir como o grande eixo político da Europa, pelo menos no sentido de que todas as nações cristãs de alguma forma têm de por lá passar – e mostrar – para fazer valer as suas pretensões internacionais. Será esse, porventura, o sentido inscrito nas palavras do embaixador do imperador ao evocar «todo o pouo vniversal de Roma»⁸⁰.

A embaixada portuguesa de 1514 é o melhor exemplo deste estado de coisas: ao mesmo tempo que revela a capacidade de representação da casa reinante lusa, anuncia a capitalidade diplomática romana.

Apesar de terem falhado os projectos medievais de domínio universal por parte do papa e do imperador, a verdade é que o primeiro ainda tem um peso importante, sobretudo em termos de reconhecimento internacional e de resolução de conflitos e disputas entre nações (veja-se Portugal e Espanha em relação, por exemplo, à questão das ilhas de Maluco).

Por isso, embora seja inquestionável o enfraquecimento da chama da *Christianitas*, continua a vingar alto o referencial romano para o universo político internacional europeu: as casas reinantes da Europa cristã vão mostrar-se e procurar confirmação para o seu poder em Roma⁸¹. Têm de fazê-lo, pois é neste palco fundador, perante o herdeiro da cátedra de S. Pedro, que encontram a legitimação última (a de carácter internacional) do seu governo e autoridade⁸².

A par da imagem de capital da Cristandade, eis, pois, que as *Memórias* veiculam igualmente a visão da cidade dos Césares como um poderoso centro de poder que chega

⁸⁰ *Memórias*, fl. 180r.

⁸¹ E é aí também que vão *observar* os concorrentes, adversários e potenciais aliados.

⁸² *Memórias*, fl. 200v.

ao mundo renascentista a conceber-se e anunciar-se com uma dimensão de dominância, sendo, portanto, também por essa que via que desempenha no Ocidente coevo um papel preponderante no imaginário colectivo.

Depois, não se pode esquecer que Roma é, desde logo, a capital dos Estados Pontifícios, assumindo-se nessa medida como representação do poder temporal – é a cidade como centro nevrálgico de uma politização (e logo de uma burocratização) do espaço, um elemento fundamental da política secular. É o que o autor revela ao assinalar a construção pelo papa Júlio II de «huns grandissimos paços pera se apousetarem nelles todolos ofiçiaes da curia Romana»⁸³.

Ao mesmo tempo que se assumiam como o coração e o eixo político da Cristandade, Roma e em especial a cúria pontificia afirmavam-se cada vez mais como centro privilegiado de informação universal⁸⁴. Todas as notícias de carácter político e geoestratégico importantes passavam pela *Cidade Eterna*, pelo que era vital e urgente às monarquias europeias aí manterem uma presença constante, por forma a estarem o mais bem informados possível acerca dos desenvolvimentos governativos e das grandes decisões políticas tomadas no *Velho Continente* que passavam, invariavelmente, pelo conhecimento do papado⁸⁵.

Neste sentido, não estranha que a Coroa portuguesa acompanhe a tendência geral europeia de optar por representações diplomáticas permanentes em Roma com acções informativas paralelas, de que o estabelecimento de redes de agentes e contactos constitui provavelmente o melhor exemplo⁸⁶.

Sempre enquanto hipótese pertinente, a jornada italiana do Fidalgo de Chaves afigura-se um bom exemplo deste fenómeno, neste caso sob a orientação do chefe de uma das maiores Casas aristocráticas da Península Ibérica: D. Jaime, 4º duque de Bragança. Com efeito, os soberanos e os grandes senhores europeus promoviam, para além das missões dos embaixadores oficiais e em permanência, o recurso a missões

⁸³ *Memórias*, fl. 169r.

⁸⁴ Cf. Maria Augusta Lima Cruz, *Contribuição Para o Estudo dos Correios Entre Portugal e Roma no Século XVI*, Sep. *Arquivos do Centro Cultural Português*, 1, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian (Centro Cultural Português), 1969; Maria do Rosário de Sampaio Temudo Barata, *Os Diplomatas Portugueses em Roma no Século XVI e as Informações Acerca do Turco e da Índia*, Sep. *Portugaliae Historica*, 1, 2ª Série, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1991.

⁸⁵ Como salienta Yves Renouard, «Roma era o centro postal internacional mais activo de Itália e, sem dúvida, da Europa: as novas políticas militares, comerciais, espirituais aí convergiam e daí partiam por todas as vias. A *Cidade Eterna* era o centro mais bem informado das novas de toda a Cristandade, e aquele donde elas eram difundidas em todas as direcções.» Citado em Maria Augusta Lima Cruz e António Manuel Lázaro, “A Linguagem Criptográfica na Correspondência Diplomática Portuguesa de D. Miguel da Silva e de Pero Correia: Origens e Significado” in *D. João III e o Império – Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Seu Nascimento, Lisboa, 2004*, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (dir.), Lisboa, Centro de História de Além-Mar e CEPCEP, 2004, p. 602.

⁸⁶ Para um maior aprofundamento desta temática vide Pedro Almeida Cardim, “A Diplomacia Portuguesa no Tempo de D. João III: Entre o Império e a Reputação” in *D. João III e o Império...*, op. cit., pp. 627-660.

paralelas que visavam a obtenção no terreno de informações válidas a nível dos bastidores da política.

O contexto internacional no despertar quinhentista obrigava Portugal a ter os olhos postos em Roma. Afinal, o que aí se decidia em termos políticos, militares e económicos, acabava por se repercutir naquilo que era o centro de interesses da política externa portuguesa. Nessa medida, à semelhança da Coroa, era vital que a mais alta nobreza lusa protagonizasse uma permanente intervenção diplomática oficial e não oficial em Roma⁸⁷.

Podemos, pois, concluir que as *Memórias* acompanham de perto o *furor politicus* que atravessa a Europa no início do século XVI – claramente devedor da emergência das monarquias nacionais e da ascensão das principais Casas dinásticas europeias.

Neste quadro, Roma, que é também a sede da Cristandade, distingue-se pela espiritualidade, pela política, pela cultura e pelo cosmopolitismo. Na essência, a *Cidade Eterna* assume a sua centralidade no jogo da política internacional, tornando-se pólo de confluência de toda uma imensa rede de mobilidades político-diplomáticas que abarca a grande maioria da Europa. E Portugal, esse periférico e pequeno reino que as viagens marítimas e a chegada à Índia, em 1498, trouxeram para uma posição de destaque, ganha protagonismo neste intenso palco internacional. Disso dá conta, de forma evocativa, o testemunho do anónimo Fidalgo de Chaves.

⁸⁷ Cf. Eduardo Brasão, *Relações diplomáticas de Portugal com a Santa Sé*, 3 vols., Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1973.

Critérios de transcrição

O processo de transcrição e fixação integrais do texto manuscrito do *Tratado* arquitectado pelo Fidalgo de Chaves constitui um passo imprescindível ao seu estudo. Nessa medida, o documento daqui resultante institui-se certamente como um instrumento de trabalho incontornável para futuras investigações subordinadas ao exame, entre outros temas, das relações entre Portugal e a Itália nos alvares do século XVI.

Na transcrição – feita a partir do manuscrito que contém a única cópia que se conhece de um original perdido (Real Academia de la Historia, Madrid, Colección de Don Luis de Salazar y Castro, Códice nº 76 / Varios portugueses, fólhos 136-227v) – conservámos a ortografia original, procedendo apenas a uma modificação mínima de acordo com as normas apresentadas a seguir¹.

O objectivo foi, em síntese, mediante uma edição diplomática, no sentido que lhe atribuíram Avelino de Jesus da Costa² e Oliveira Marques³, respeitar o máximo possível o texto do manuscrito, sem que este deixe no entanto de ser acessível e inteligível. Por outras palavras, adoptou-se um critério que procura facilitar a leitura e compreensão da fonte, resolvendo-lhe as abreviaturas e outras dificuldades, mas respeitando rigorosamente o texto. As eventuais alterações acontecem apenas em caso de extrema necessidade, sendo sempre acompanhadas de aviso prévio e respectivo esclarecimento.

¹ No essencial, as normas em questão seguem o critério apresentado em A. H. de Oliveira Marques, João José Alves Dias, Teresa F. Rodrigues, *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Editorial Estampa, 1987.

² Cf. Pe. Avelino de Jesus da Costa, *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, 3ª edição, Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.

³ Cf. A. H. de Oliveira Marques, “Prefácio” in *Crónica do Conde D. Duarte de Menezes*, Larry King (edição diplomática), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1978, pp. 17-19.

Critérios de transcrição

1. Transcrição do documento em linha contínua, separando os fólhos originais por duplos traços oblíquos // e anotando, à margem, o correspondente número do fólho que se inicia (fl.).
Apenas uma vez surgem duas colunas de texto num mesmo fólho (fl. 207v). Neste caso específico separam-se as colunas por um traço oblíquo /, anotando, à margem, o começo da segunda coluna (B).
2. Respeito integral pela ortografia do texto original⁴, mantendo exactamente:
 - a. maiúsculas e minúsculas;
 - b. letras repetidas;
 - c. pontuação original⁵.
3. Respeitam-se os parágrafos do texto original.
4. Desdobram-se as abreviaturas, sem assinalar o seu desenvolvimento. Como assinala Oliveira Marques, o «desenvolvimento das abreviaturas resulta (...) de que a transcrição deve ajudar a uma compreensão maior do texto original e não a obscurecê-lo ainda mais. As abreviaturas, perfeitamente claras para o escriba e o leitor da época, não o são já para o leitor de hoje (...). Desenvolvê-las é, por consequência, tornar inteligível todo um texto.»⁶ Já o não indicar das letras abreviadas no original visa conseguir uma melhor apresentação gráfica e uma maior facilidade de leitura.
5. Mantêm-se os numerais nas suas formas de origem.
6. Transcrevem-se as palavras com as oscilações gráficas que o texto apresenta. No caso em que uma mesma palavra apresenta oscilação gráfica e forma abreviada, esta é desenvolvida segundo a maior frequência com que aparecer a forma completa.

⁴ «Esta norma deve constituir a essência de toda a transcrição. Respeitando a ortografia e a pontuação, dá-se ao leitor de hoje o quadro exacto dos modos de escrever do homem do passado, com suas incongruências, imprecisões, flutuações de critério, etc., permitindo até avaliar do seu nível de aprendizagem ortográfica e cultural. Toda e qualquer modificação que se faça na ortografia e na pontuação de origem só pode redundar no obscurecimento desse mesmo passado que se quer analisar, a favor de um duvidoso benefício para o leitor moderno. (...) Atente-se, por exemplo, (...) no erro de substituir a letra *u* pela letra *v*, sempre que aquela tem valor consoante, introduzindo assim, em textos do passado, uma letra inexistente no respectivo abecedário.» in *Álbum de Paleografia*, op. cit., p. IX.

⁵ «Quanto à pontuação original, a actualização no uso de pontos, vírgulas e outros sinais pode igualmente alterar modos de pensamento e de expressão, modificando, com escasso proveito, toda uma sintaxe que o historiador das mentalidades venha a considerar chave para a compreensão da época. Havendo eventualmente confusão entre os elementos da pontuação original e elementos gráficos de hoje que não constituem pontuação (caso de traços mais ou menos oblíquos), é lícito substituir os primeiros por outros sinais, desde que do facto seja claramente advertido o leitor.» *Ibidem*.

⁶ *Ibidem*, pp. IX-X.

7. Respeitam-se as formas gráficas ou gramaticais eventualmente incorrectas.
8. Coloca-se entre parênteses rectos [] tudo o que derive da nossa interpreta o ou seja por nós acrescentado ao texto original com vista a uma melhor compreensão do mesmo.
9. Anotam-se as palavras ou letras duvidosas com um ponto de interroga o entre parênteses rectos [?].
10. Escreve-se, entre parênteses rectos, a palavra [*sic*] a seguir aos erros do próprio texto original.
11. O documento apresenta duas lacunas que o copista escrupulosamente assinala. Ambas são referenciadas respeitando a forma utilizada por aquele: «Aqui falta.»

Títulos dos capítulos¹

Títulos	Pág.
De çezilia E da JgreJa de monRical E de napole.	59
De capua de puçol e do sitio do guarelhano.	63
Das cousas em que se os cardeaes fundarom pera convocar conçilio contra o papa.	72
Como o cardeal sam seuerino foi a Bolonha por leguado E leuantou o antredito que o papa pos.	74
Como o papa mandou nunçios aos Reis cristãos E priuou os cardeaes çismaticos.	75
Da doença do papa. E do que se em Roma fazia. E da morte do cardeal Regina.	75
Como o papa foi são E da ligua que fez.	77
Reposta del Rei de castella a qual Representou dom valeriano de villa que era bispo douedo, em presença del Rei E de sua corte.	80
Como foi o carguo de capitão da JgreJa dado ao duque de termenes E de sua morte.	80
Cof[mo] pedro nauarro tomou a bastida, E o duque foi sobre ella, E a derribou atee os çimentos.	81
Como o viso Rei chegou a Bolonha E ho que faziam os da çidade.	81
Como o viso Rei chegou a Bolonha E assentou seu aRayal.	82
Como o cardeal de sena veo a Roma E da morte do magnifico pandolfo seu pai. E da Riqueza daguoscim quise.	85

¹ Ortografia original. Referenciam-se os títulos dos capítulos em que as *Memórias* foram divididas pelo autor, seguidos das páginas do presente livro em que se inicia a transcrição de cada um dos capítulos.

Títulos	Pág.
Como dom João de castelo branco embaixador de portugual moReo em Roma E foi por procurador del Rei o doutor João de faria.	88
Como o papa mandou por leguado ao cardeal mediçis a bolonha.	88
Da batalha de Rauena.	89
Como monsenhor de fois E outros capitães françeses que moRerom na batalha foram leuados a bolonha E os da parte do papa que foram presos.	92
Como a noua chegou a Roma E do que o papa fazia.	92
De como pero marguano matou o brarachelo de Roma E se foi pera el Rei de frança.	93
Como se aJuntaram os espanhoes que escaparam da batalha.	94
Como o leguado foi solto ao passar do Rio poo leuandoo pera frança.	95
Como se começou o concilio.	96
Dos letrados que o papa tomou em sua aJuda contra os cardeaes çismaticos.	97
Como Roma hee doentia E os cardeaes se vão como passa o dia de são pedro E sam Paulo a luguares sadios, ter o que fica do verão.	98
Como o bispo petruche se foi pera o cardeal de mediçis.	98
Como os françeses se foram seguindo sua vitoria E como se sahiram de toda a Jtalia.	99
Como alfonso duque de ferrara veo a Roma, E do que lhe aconteceu.	100
Como mil lanças françesas tornaram a entrar em italia E foram desbaratados.	101
Como o viso Rei fez a mais gente que pode, E foi contra bolonha com entençaõ de a tomar.	101
Como o leguado E o viso Rei se ajuntaram E meterom a sacco ha villa de prado.	101
Como foram çercar florença E a çidade se deu.	102
Da vinda do cardeal de striguonia vngaro a Roma.	103
Como foi metido o duque de milão em posse de seu estado.	104
Da batalha que o viso Rei ouue com venezeanos E das outras cousas que lhe aconteceram Jndo pera napoles.	104
Como el Rei de frança procuraua paz E o papa lhe pedia os cardeaes, E nam se concertaram. E como moReo o cardeal cosença.	105
Como no sobredito ano de [mil] b ^c E doze o tibre creço fora de mesura.	106

Títulos	Pág.
Como se descobriram as grandes crueldades que dous cruees homens faziam em Roma.	107
Como o papa adoeço E passados çincoenta dias deu a alma a deus. E do que neste meo tempo se fazia em Roma.	108
De suas condições E costumes.	109
Como o cardeal mediçis veio a Roma, E das maneiras que teue pera ser papa.	111
Da maneira do conclauí E como os cardeaes sam ençerrados.	112
Como mediçis foi papa E se chamou lião deçimo.	113
Como o papa fez quatro cardeaes. E das cousas que se diziam E faziam per Roma.	114
Como o papa liam foi coroado. E foi tomar posse a são João de latram.	115
Como os cardeaes çismaticos forão Restituídos aos capelos.	116
Da festa que o papa fez polla tomada dazamor.	116
Reposta do papa lião deçimo a el Rei de portugual sobre a tomada da çidade de azamor.	118
Como os florentins procuraram de furtar sena. E a causa porque.	120
Dos agrauos E desfauores que o papa fazia ao cardeal de sena.	121
Como o manifico Julião foi feito cidadão de Roma.	123
Da embaixada E dos presentes. E da obediência que el Rei de portugual mandou ao papa.	123
Carta que o senhor de carpe embaixador do emperador maximiliano em Roma escreueo sobre a dita embaixada ao dito emperador.	125
Da maneira da embaixada dos maronitas.	128
Do tempo que tristão da cunha esteue em Roma E das Reaes masqueras que se fizeram pollo entrudo. E da festa do campo naguam. E do monte trastacho. E dos paleos que se corem.	128
Como o papa diz missa A quarta feira de çinza. E os cardeaes vão Juntos A primeira estação. E das molheres Romanas E seus traJos.	131
Das JgreJas onde estão as estações que são da coresma. E per todo o ano. E dos perdões E Reliquias dellas.	133
Capitulo do tempo que tristão da cunha esteue em Roma. E dos convites E honrras que lhe foram feitas.	153

Títulos	Pág.
Como o nunçio que el Rei pedio ao papa pera dar execução a suas bulas, se partio pera portugual, E de sua tornada.	154
Como el Rei luis de frança moReo.	155
Como o papa se foi a florença.	155
Como os perlados E clerizia de portugual, mandaram seus procuradores a Roma sobre as terças das JgreJas E moesteiros que o papa conçedera a el Rei pera comendadores.	155
Da embaixada E obediência que el Rei de polonia mandou ao papa.	157
Como o cardeal destriguonia se partio pera vngria, E como os vnguaros se aleuantaram contra seu Rey.	157
Da morte de madona milia esposa do senhor de pombrino.	158
Como casou o manifico Juliam, com a Jrmãa do duque de saboya.	158
Como gurgensis tornou a Roma em abito de cardeal.	159
Dos que deram a obediência ao papa.	159
Das Riquezas que as cortezãas de Roma alcançam E de suas artes E maneiras pera as aver.	159
Como depois de morto o manifico Julião, fez o papa capitão da JgreJa o manifico lourenço seu sobrinho.	164
Como a marquezia de mantua veo a Roma E das festas E honrras que lhe foram feitas.	165
Como o manifico Lourenço foi contra o duque dorbino, E lhe tomou ho ducado.	166
Como veo noua a Roma que el Rei de frança vinha sobre milão, E da prisão do prospero coluna, E doutros muitos nobres Romanos.	167
Como el Rei de frança passou os alpes, E da cruel batalha que ouve com o duque de milão E com os soiços. E como el Rei foi vencedor. E o duque preso, E mandado a frança.	168
Como se deu a segunda batalha na qual o duque E os soiços foram vençidos.	169
Como bertolameu daluiano morreo.	170
Da causa porque o duque E soiços nam foram aJudados dos exerçitos do papa E del Rey de castella.	170
Como o papa se vio em bolonha com el Rei de frança E dos manifestos menosprezos que fez ao cardeal de sena E a seu Jrmão.	171

Títulos	Pág.
Como o papa se tornou a florença onde lhe foi dada noua da morte del Rei de castela E se foi a Roma E mandou o bispo petruche a sena com muita Jente darmas.	172
Como o manifico burgues se sahio de sena, E o bispo entrou na çidade E se apoderou della.	173
Como o manifico burgues se veo a Roma, E se foi pera napole.	174
Como o emperador maximiliano veo a Jtalia pera Recobrar milão, E se tornou sem fazer nada.	175
Como o cardeal de sena se foi de Roma com temor do papa, E se foi ver a napole seu Jrmão E ho viso Rei, E do que se antre elles passou.	175
De como se armou hum grande aRoido antre os Romanos E os criados do cardeal santa cruz.	177
Como os Romanos acordauão de poer A espada os espanhoes de Roma.	178
fala que o duque de tracto fez aos Romanos.	179
Como o manifico Lourenço se foi A segunda guerra dorbino, E do que lhe aconteceu.	180
Como se o papa sentia affligido por suas cousas nom serem prosperas.	182
Como o papa fez hir o cardeal de sena a Roma. E como se tornou a sahir com temor de ser preso.	182
Das Reuoltas dos orsinos E coluneses, E da morte de bernardo mocar, E de pedro marguano.	183
Das maneiras que o papa tinha pera aver dinheiro pera a guerra.	184
Como os Romanos se encerraram com o pão, E mediçis mandou vir trigo de çezilia que bastou Roma.	184
Como tiraram de casa do cardeal de sena hum mercador que hi estaua acolhido por omezios.	185
Da prisão de marco antonio mestre de casa do cardeal de sena, E do doutor miçer sçipião E de miçer paulo seu secretario E de Lourenço soares seu soliçitador, E de João bautista grão çulurgião.	185
Como o cardeal de sena veo a segunda vez a Roma.	186
Como o cardeal saule E o cardeal de sena foram presos E leuados aos castelo de santoangelo.	186

Títulos	Pág.
Como foi preso E morto o capitão pouco entesta, E as fazendas dos cardeaes presos tomadas.	189
Como o cardeal são Jorge foi preso E leuado ao castelo.	190
Como o papa mandou proçeder contra os cardeaes. E como foram condenados E priuados das dinidades, E de quanto tinhão.	191
Como o papa criou Juntos xxxj cardeaes E do que se dizia E fazia per Roma.	191
Como foram Justiçados marco antonio, E João bautista.	192
Como o cardeal de sena foi ençerrado onde nunca mais foi visto. E de como ao seu mestre de casa foi defeso que lhe nam leuassem mais de comer.	193
Como o papa pedia L ^{ta} mil cruzados pollo cardeal saule, E de sua morte.	193
Do grande Resguate do cardeal são Jorge, E de sua morte.	193
Como deram os barretes E capellos aos cardeaes nouos.	194
Do que se dizia per Roma açerqua da priuação E destroição dos tres cardeaes.	195
Do que o papa fazia neste tempo. E do que aconteceu nos paços de monte Jordam.	196
Como françisco maria seguindo sua ventura foi assentar seu exerçito nos confins de sena E forença. E da maneira que o papa teue pera se os espanhoes apartar delle.	197

Transcrição do texto manuscrito

Tratado que hum criado do duque de bragança¹ escreueo pera sua senhoria dalgumas notaues cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgençias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete ãnos que hi esteue.

Parti de chaues de minha casa a xxj dias andados de mayo, na era de mil b.º E dez anos. fui a valledolid onde pus ho dinheirro que leuaua em banco, E avidas minhas çedolas pera os Respondentes de Roma me detiue seis dias esperando companhia pera araguão onde el Rei dom fernando² estaua fazendo cortes na çidade de monção. estando Aa Janella da pousada vi entrar hum homem de caualo mui bem vestido A maneira de soldado, em corpo, em outra estalaJem E trazia nas ancas do caualo huma balisa de vestidos E hum moço a pee. pareçendome homem que hia pera longe fui falar com elle, disseme que hia pera a corte. conçertamos nossa partida E Jndo huma Jornada de valledolid achamos hum escudeiro do assistente do conçelho que hia a el Rei sobre o bispado de cordoua. E com quanto o negoçio

¹ D. Jaime I (1479-1532), 4º duque de Bragança e vértice da segunda maior Casa aristocrática do reino de Portugal. Dissolvida e com todos os seus bens confiscados pela Coroa aquando do processo que opôs D. João II ao então 3º duque, D. Fernando, justicado em 1483 por aquele após acusação de lesa-majestade e traição, a Casa de Bragança conhece em D. Jaime o grande protagonista do seu reerguer das cinzas. Com efeito, a grande preocupação do culto e de perfil humanista duque brigantino será a consolidação e crescimento do poder da sua Casa, que vê o início do século XVI, no quadro mais largo da ascensão de D. Manuel ao trono português, como um momento fundamental para a sua reemergência. O poder perdido tinha agora de ser recuperado, consolidado e a seu tempo aumentado. Tudo isto passava pela forma como o 4º duque conduziria os destinos da Casa. O protagonismo de D. Jaime e por extensão da Casa brigantina expressa-se, por exemplo, no facto essencial de ter sido nomeado herdeiro da coroa portuguesa por duas vezes. A primeira, em 1498, quando D. Manuel, ainda sem filhos, se ausentou para Castela para ser jurado sucessor daquele reino. Trata-se de uma distinção que tinha por base o facto de D. Jaime ser o primeiro parente do rei e, portanto, o mais próximo à sucessão do reino. A segunda ocasião durante o curto intervalo de tempo registado entre a morte de D. Miguel da Paz (1498-1500), em Julho de 1500, e o nascimento do príncipe D. João (1502-1557), em Junho de 1502.

² Fernando II de Aragão (1452-1516) ou Fernando, o *Católico*. Foi rei consorte de Castela entre 1474 e 1504 e, após ficar viúvo, regente da coroa castelhana entre 1507 e 1516, dada a incapacidade da filha, Joana I de Castela, a *Louca* (1479-1555), após a morte do marido, Filipe I, o *Belo* (1478-1506). Foi rei da Sicília (1468-1516) e de Nápoles (1504-1516). Teve uma participação muito activa nos desenvolvimentos políticos em Itália, em particular em relação ao papado.

era de Jmportança, a pressa nam era tanta que nos fizesse tomar a madrugada mais cedo, nem a pousada mais tarde. eram ambos pessoas honrradas. o primeiro era gualleguo E fora capitão em companhia de pero navarro³. o outro era castelhano. E cheguados a çaragoça apartarane de mjm E foranse pera monção. eu estieue em çaragoça oito dias esperando companhia E olhando todalas cousas notauees da çidade E fui ver ho mouro que fazia os craviorguãos⁴ por ser o que neste tempo teue nestes estormentos maior primor que outro algum. em çaragoça achei companhia pera Roma, hum dos companheiros era filho de João fernandez o graçioso alfaiate do Jlustriissimo senhor duque vosso pai⁵ que sancta gloria aJa E hum mercador senez, E outros beneficiados que hião pera Roma. E assi Juntos sahidos dalgumas afrontas de ladroens fomos visitar a casa de nossa senhora de monserrate onde esteuemos hum dia E meo, E os companheiros vimos as hermidas da serra, E eu por hir mal desposto nam sobi ao monte. E nam vi outra semelhante abastança // de casa pera os doentes e Romeiros. chegamos a barçelona E por que as calmas eram Ja mui grandes E eu hia maldesposto detreminei de esperar nauio pera passar a Roma. E os companheiros se forom per terra E despois os achei a todos doentes em Roma pollo trabalho do longuo caminho. muita Jente honrrada se ajuntou em barçelona pera passar a çerdenha, çezilia, napoles E a Roma. eu estieue esperando embarcação xxiiij dias. naquelles dias por ser eu portuguez muitos fidalguos da çidade me fizerom honrra E guasalhado. E alguns delles hindo seruir a el Rei de napoles⁶ lhe deron enformação de mjm, pollo qual chegando eu a napoles me mandou chamar. em dia de são João quando a Jente estaua nas JgreJas

³ Almirante, engenheiro militar e general de infantaria, artilharia e sapadores, Pedro Navarro (1460-1528) foi uma das figuras mais emblemáticas das *Guerras de Itália* (1494-1559) e da entrada da arte e da técnica marciais numa nova era, que corresponde ao protagonismo das novas armas, em particular da artilharia; ao (r)estabelecimento da infantaria como principal unidade orgânica de combate, anteriormente secundarizada e subjugada em termos de proeminência face à cavalaria pesada; ao novo modelo de fortificações que surge então em Itália; ao importante e original papel atribuído à cavalaria ligeira ou estradiota; e, enfim, ao irreversível estabelecimento de uma nova forma de praticar a guerra, cujos valores e princípios apontam numa direcção diversa do estabelecido pelo modelo anterior, marcadamente medieval. Pedro Navarro, que ficou célebre pelo seu desempenho militar nas *Guerras de Itália* e no Norte de África, lutou inicialmente pelo lado espanhol (até 1512), mas a partir de 1515 passou ao serviço de França devido a Fernando, o *Católico* ter-se recusado a pagar o resgate após a sua prisão pelos franceses, precisamente em 1512, na batalha de Ravena, e também, mais tarde, na sequência de Carlos I ter-se negado a integrá-lo ao seu serviço. Sob o comando de Gonzalo Fernández de Córdoba y Aguilar, *El Gran Capitán*, a quem admirava muito, lutou nas primeiras campanhas de Itália, tendo a seu cargo todo o referente à engenharia dos conflitos. Liderou com sucesso, igualmente por designação do comandante supremo dos exércitos hispânicos, o ataque às difíceis fortificações napolitanas de Castelo Novo e Castelo do Ovo (no golfo de Nápoles) em 1503, que permitiu aos espanhóis apoderarem-se de Nápoles em Maio do mesmo ano. Na sequência, em Dezembro seguinte, assumiu o comando da infantaria espanhola na vitoriosa campanha do Garellano. Grande parte da fama de Pedro Navarro deve-se, sobretudo, à sua excelência ao nível da utilização da artilharia, do manuseamento de minas terrestres e, enfim, da edificação de fortificações capazes de suster ataques com os mais modernos armamentos.

⁴ Um instrumento musical que incorpora mecanismos de cordas (de um cravo) a um órgão.

⁵ D. Fernando II (1430-1483), 3.º duque de Bragança e pai de D. Jaime. Foi decapitado em Évora por ordem do rei D. João II.

⁶ Trata-se de Ramón Folc de Cardona-Anglesola (1467-1522), vice-rei da Sicília (1507-1509) e de Nápoles (1510-1522). Foi comandante dos exércitos da *Liga Santa*.

ouvindo missa, hum lião da çidade matou quem lhe daua de comer E sahido da prisão deitou-se em hum curral que tinha as paredes mui baixas pollo qual foi aviso por todas as Igrejas E moesteiros da çidade que çerrassem as portas por que nam fizesse dano em alguma. mas por que estaua farto do homem se deitou ao sol, onde o mataram atirandolle com setas derua. era lião mui grande em demasia [...] na [sic]⁷ fim de Junho embarcamos numma fermosa nao de biscainhos E passamos polla ilha de malhorca sem nella deçer por que estaua tocada de peste. E com bom tempo fomos tomar porto na çidade de calhar da Ilha de çerdenha onde estiuemos seis dias. ali vi os asnos tamanhos como porcos com seus barris dagua sobir escadas E leuala A cozinha. os carneiros mui pequenos E de seis cornos – postos por tal ordem que pareçem chapeos. E grande abastança de touçinhos de porcos monteses E de tassalhos de seruos mas nam são do guosto dos de nossa terra [...] vinhão a noos com guayolas de perdiguões E todo muito barato. o pão hee branco como a neue. tem tanta abastança de queiJos que caReguão dali muitas naos pera leuante mas não são assi singulares como os de vila boym. as calmas erão tam grandes que se nam podi homem valer. E dizião os moradores que no sertão eram muito mayores, E que os luguares afastados do mar sam mui fermosos no verão. //

ff. 137r

De çezilia E da JgreJa de
monRical E de napole.

Partidos de çerdenha, chegamos a çezilia com boom tempo E tomamos em palermo grande E antigua çidade. passou nesta nao hum grande senhor çeziliano que se chamaua giraldo de bonanha E disseme que conheçia dominico cauarella E que era dos cauarelas de çiracussa homens de nobre geração. este senhor me convidou em palermo pera me dar a comer camarões E pera me amostrar sua molher E lhe dizer se erão as portuguesas tam fermozas. era homem Ja velho E casara avia pouco com aquella molher de que era mui namorado. nos dias que ali estiuemos me fez muita merçe E honrra. esta senhora E suas molheres em sua casa andauam em guarguanta amostrando os cabelos E os peitos. E per fora trazem mantilhas per çima das cabeças deitadas ataa meo nariz E preguadas E atadas na çinta da parte de detras de sorte que nam cheguão ao chão [...] E todas cõmummente andão assi, de maneira que podem hir polla Rua sem serem conheçidas dos maridos, E entrarem E sahirem donde lhe bem estiuer. dom Jgnequo de mendonça era naquelle tempo viso Rei em çezilia⁸. estiuem em palermo xxij dias esperando passagem pera napoles. neste tempo procurei de ver todos os edifiçios E cousas nobres da çidade [...] depois de ver a see moesteiros, JgreJas E paços, E muitos nobres edifiçios, fui ver ha JgreJa de monReal, que esta a legua E mea de palermo sobre o mar por hum vale açima de muitas vinhas pomares de fruitas mui singulares, E grandes canaveaes daçuquar, E grandes E mui claras fontes das quaes trazem agua aos chafarizes das praças de palermo. esta JgreJa de monReal hee de tres naues E hee do tamanho da see de bragua. tem no meo do cruzeiro çinborio ou tribuna mui alta. tem ho coro no chão Junto do cruzeiro defronte da capela moor. do meo das paredes pera çima hee pintada de obra moisaica de storeas do testamento velho E nouo de figuras assi

⁷ Leia-se *no*.

⁸ Hugo de Moncada (1476-1528), vice-rei da Sicília (1509-1517) e de Nápoles (1527-1528).

fl. 137v bem lauradas como as da barca de sam pedro de Roma. E o que fica das paredes pera baixo hee forrado de tauoas ou pranchas de perfido serradas de muitas cores E de alabastro tam polidas E Resplandeçentes como espelhos. os pi[l]ares das naues sam columnas de // Jaspes E perfidos mui altos E grossos assi polidos como Resplandeçentes como as tauoas das paredes. o coro hee de marmor ou alabastro. E as cadeiras guarneçidas de moisaico. E o pulpito do mesmo teor. sam encaixadas nas cadeiras E no pulpito per mui sutil arte tauoas de perfidos mui Resplandeçentes. o chão da JgreJa Jssso mesmo mosaico grosso de mui perfeitos lauores. o chão do coro tem lauores de muito custo prinçipalmente hum lião que estaa na entrada do coro que hee tam sutil que de pinçel se nam pode fazer de maior perfeição de grande diuersidade de cores de pedras tam moidas E bem Juntas humas com as outras que polla sotileza dellas parece cousa Jmpossiuel fazerse de pedras assi natural figura. andauão ahi offiçiaes que laurauão moisaico em algumas partes que cahira o antiguo E parecia o daguora a Respeito do outro Remendo de pano grosso em fino peluto. nam me parece que os offiçiaes daguora cheguão aos antigos, por que o cardeal de santa cruz mandou fazer de moisaico em Roma a capella de santa helena que hee em sancta cruz em Jherusalem. E posto que as figuras são de muito bom debuxo, o moisaico nam vai assi assentado como o antiguo ca não hee assi Jgual, nem Resplandeçente. tem esta JgreJa em si dentro tanta perfeição E abundância de moisaico que em italia nam haa outra semelhante. E da parte de fora hee tam mal tratada como qualquer pobre JgreJa. hee titolo de arçebispado o arçebispo de çaraguoça filho del Rei dom fernando de castela. estam hi frades de são bento obseruantes. estaa assentada sobre o mar. estão nella tres sepulturas de perfido da feição da que estaa diante de sancta maria Redonda em Roma, mas são mais polidas E claras. E em huma dellas dizem que forom sepultados os antretinhos del Rei são luis de frança⁹ quando moReo tendo çerquo sobre cartaguo. hee a çidade de palermo grande. as casas são de balções A maneira antiga. as Ruas mal limpas E mal ordenadas tem mui bõa see E moesteiros E JgreJas de grandes edifiçios. hee em grande maneira abastada de todo genero de aves // de bom preço. da abastança do pão abasta ser çezilia. vinham ali vinhos paula que sam Roxetes como os nossos E de bom guosto. os que nam são brancos são mui cubertos E de maa digestão como os daraguão. haa em palermo muitos mercadores de vniuersa[e]s partes que nella tem trato por que esta çidade E miçina dizem que são agora as prinçipaes de todo aquelle Reino. eu tomei a medida daquelle tam marauilhos tempo, do alto, comprido E ancho. E perdi a em Roma. haa na çidade huma fortaleza que se chama castel vecho. neste castelo estaa huma capela da mesma maneira da JgreJa de monReal assi feita de moisaico com colunas E tauoas dos mesmos perfidos E marmores da perfeição da JgreJa. na see haa outras duas sepulturas da feição E perfeição das de monReal. os paços do viso Rei são Junto do mar. A entrada da primeira sala estão dous carneiros de bronço ou metal mui grandes tam naturaes que são da perfeição do caualo de são João de latrão em Roma. ali Junto do mar estaua a artelharia que o gram capitão¹⁰ tomou aos françeses

fl. 138r

⁹ Luís IX de França ou São Luís de França (1214-1270). Durante o seu reinado (1226-1270), a França viveu um excepcional período de esplendor político, económico, militar e cultural, de tal forma que ficou conhecido como “o século de ouro de São Luís”. Participou na *Sétima* e *Oitava* Cruzadas, tendo falecido no decurso desta última, o que influenciou largamente a sua posterior canonização.

¹⁰ Gonzalo Fernández de Córdoba y Aguilar (1453-1515), conhecido pela sua excelência na guerra como *El Gran Capitán*. Grande parte dos êxitos militares de Fernando II de Aragão no Norte de África e

na batalha do guarelhano¹¹. quando chegamos a palermo avia poucos dias que pedro nav[a] rro partira de trapana com grande armada sobre tripol de berberia¹². E nam tardou muito que chegou noua que dia de santiagu que entonçes fora, ha tomara aos mouros. E nam com tampouca perda dos christãos como se então dizia. E por estas nouas o viso Rei mandou fazer grandes festas E luminarias na çidade E nas outras da Ilha. em aguosto me parti em huma caRaca de catelães pera napoles. estieue em napoles oito dias. o viso Rei por ter a enformação de mjm dalguns fidalguos de barçelona me mandou chamar E me perguntou por todos los fidalguos E musicos que el Rei¹³ leuou a çaraguoça quando foi a ser Jurado por príncepe de castela. lembrome que me perguntou por dom João de souza E por João Rodriguez maramor E se zombauão aJnda E perguntoume por fontes, por vasco fois, por carracão E por outros. Jsto era pella sesta. mandou vir ali todos seus cantores E tangedores os quaes me nom satisfizerom tanto como os // cravicordios¹⁴ que erão mui singulares os quaes fazem na mesma çidade. E os mestres desta lia tem nestes cravicordios muita ventaJem aos de espanha assi çingelos como a duas cordas E fundanse em os fazer pequenos por que são mais Jguae nas vozes. com quanto a çidade estaua com a guarnição da Jente da guerra

fl. 138v

em Itália devem-se à sua prestação guerreira. Comandante castelhano ao serviço dos *Reis Católicos*, este nobre andaluz foi decisivo no estabelecimento da hegemonia espanhola em Itália e na Europa, nos começos da época Moderna.

¹¹ A batalha do Garellano (28 e 29 de Dezembro de 1503), ou Garigliano, consistiu no confronto armado entre forças francesas e espanholas no âmbito da *Segunda Guerra de Nápoles*, com vitória destas últimas. A batalha teve lugar entre as margens dos rios Garellano e Gaeta e surge no contexto da expansão aragonesa protagonizada por Fernando II de Aragão a partir de 1492 rumo à península itálica e ao Norte de África. Naquela, no sentido de se opor ao objectivo francês de anexar o reino das Duas Sicílias (entidade geopolítica que engloba o reino da Sicília e o reino de Nápoles, ou reino da Sicília Peninsular), o soberano organizou, em 1495, a *Liga Santa*, no que constituiu a sua primeira grande vitória diplomática internacional. Seis anos mais tarde Fernando consegue conquistar Nápoles e expulsar a dinastia reinante dos Anjou, reunindo os dois reinos sob a autoridade da coroa aragonesa.

¹² Trata-se da batalha de Tripoli, em 1510, que consistiu numa expedição militar liderada por Pedro Navarro contra *Tripoli*, na actual Tunísia. Esta vitória do célebre engenheiro militar decorre da missão que lhe foi atribuída pelo rei Fernando, o *Católico*, em 1508, com o objectivo de conquistar redutos no Norte de África cruciais para a segura navegação do Mediterrâneo, dada a intensa actividade do corso e pirataria berberes. Após conquistar Orán e a rica cidade de Bugia, consolidando o domínio hispânico na região, Pedro Navarro partiu da pequena ilha siciliana de Favignana à frente de uma poderosa frota com o único propósito de conquistar Tripoli. A batalha teve lugar no dia 25 de Julho de 1510.

¹³ D. Manuel I (1469-1521), rei de Portugal entre 1495 e a data da sua morte. Governante empreendedor e muito dinâmico, D. Manuel foi, sob diversos aspectos, um emblemático príncipe do Renascimento. Protagonizou um projecto político próprio implementado de forma sistemática no reino desde a sua elevação ao trono – ao nível interno através de uma política centralizadora e reformista, e no quadro externo mediante uma política ultramarina e de hegemonia marítima, mas ao mesmo tempo muito atenta à conjuntura europeia e em particular à então vivida na Península Ibérica. Centralizador e reformador, foi o primeiro monarca a ter súbditos a actuar em seu nome por quatro continentes.

¹⁴ Um instrumento musical europeu de teclado de cordas muito conhecido e apreciado nos finais do século XV e inícios do século XVI.

E ambas as Rainhas mãe E filha, E o cardeal borja¹⁵ sobrinho do papa alexandre¹⁶ que era fugido de Roma com temor do papa Julio¹⁷. E com outros príncipes E barões de Roma. parece-me cidade de pouca gente, contodo foi a que melhor me pareceo daquellas partes tirando Roma. napoles hee fermosa cidade E assentada como libõa. tem assi aquelle vale E as duas costas dambalas bandas. castel nouo hee afortalezado E paços dos Reis. estaa assentado tam Junto do mar que daquella parte bate o mar nelle. contra a terra tem cauas mui fundas que se enchem daguoa E hee feita de pedra moida darguamassa. a porta principal hee de figuras de marmore mui naturaes. as portas são de bronzo tam grossas que quando o tomou o gram capitão aos franceses, entrando todos de Rondão poserom os franceses foguo a artelharia que estaa no pateo E hum pelouro de ferro moor que huma pella de vento deu em huma das portas que aconteçeo çarem naquelle Impeto da entrada do castelo. E nam a pode passar E meteosse na porta de tal sorte que se nam pode tirar E estaa

¹⁵ Trata-se muito provavelmente de Francisco Bórgia (1441-1511), o sétimo dos dez cardeais-sobrinhos criados pelo papa Alexandre VI. Os restantes foram Juan Bórgia Lanzol de Romani, o *Menor* (1470-1500); Juan Bórgia Lanzol de Romani, o *Maior* (1446-1503); Pedro Luis Bórgia Lanzol de Romani, o *Menor* (1472-1511); César Bórgia (1475-1507); Giuliano Cesarini, *iunior* (1466-1510); Amanieu d'Albret (c.1478-1520); Juan de Vera (1453-1507); Juan Castellar y de Borja (1441-1505) e Francisco Galcerán de Lloris y de Borja (1470-1506). Originária da Idade Média, mas que atingiu o seu ponto alto durante os séculos XVI e XVII, esta categoria de nomeação refere-se a um cardeal eleito por um papa que é seu familiar (não tem, portanto, necessariamente de ser seu tio).

¹⁶ Trata-se do papa Alexandre VI (1431-1503, eleito papa em 1492). Desde o pontificado do seu tio, Calisto III (1378-1458, Afonso de Bórgia, eleito papa em 1455), Rodrigo Bórgia foi sucessivamente elevado a cargos importantes, a saber, bispo, cardeal e vice-chanceler da Igreja. Por outro lado, tornou-se um notável diplomata, servindo a cúria romana durante cinco pontificados, os quais permitiram-lhe ganhar avultada experiência administrativa, influência política, riqueza e poder, em particular enquanto vice-chanceler da Igreja. De origem espanhola, Alexandre VI tudo fez no sentido de construir um Estado "Bórgia" na Itália Central, cujo príncipe seria o seu filho César. O próprio Maquiavel assinala que o papa Alexandre VI conseguiu aquilo que, apesar dos numerosos esforços militares, diversos pontífices anteriores a ele não conseguiram: o respeito e sincero temor pelos exércitos papais. Antes de Rodrigo Bórgia ter ascendido ao pontificado e, sobretudo, antes de ter tido como capitão-geral das forças papais o seu filho, o duque Valentino, ou seja, alguém verdadeiramente capaz em termos de comando militar e alguém em quem podia realmente confiar para a prossecução dos seus ambiciosos projectos expansionistas (até por que era um dos grandes beneficiários dos mesmos), as forças papais não eram realmente levadas a sério pelos adversários da cúria, sobretudo os estrangeiros. O pontificado de Alexandre VI foi um dos mais controversos da História do papado, não apenas devido à simonia e corrupção, mas sobretudo ao nepotismo para com os seus filhos, em particular César Bórgia, para quem tentou estabelecer um verdadeiro reinado associado à Igreja na Itália Central.

¹⁷ Júlio II (1443-1513), nascido Giuliano della Rovere, foi papa de 1503 até à data da sua morte. Frade franciscano e sobrinho do papa Sisto IV (1414-1484), foi nomeado cardeal em 1471, pouco depois de o seu tio ascender ao pontificado. Júlio II apresenta-se, pelo seu comportamento político e militar, como um genuíno príncipe secular renascentista, sobretudo quando a Itália é o pano de fundo da acção. O facto de ser conhecido como *Il Papa Guerriero* ou *Il Papa Terribile*, precisamente por este tipo de iniciativas terem marcado o seu pontificado (bem mais do que a sua acção enquanto condutor espiritual da Igreja de Roma), torna ainda mais justificada a sua integração nesta categoria. Com o grande objectivo de tornar os Estados Pontifícios a primeira potência italiana, combateu sobretudo os Franceses. Foi igualmente um mecenas faustoso e o protector de figuras do Renascimento como Miguel Ângelo e Bramante. Iniciou o quinto concílio de Latrão e associou para sempre o seu nome à construção da Roma renascentista através do levantamento da actual Basílica de S. Pedro, em Roma.

ali por memoria. o pateo hee grande E antre outros apousentamentos tem huma sala daboboda de ladrilho grandissima. o caaes estaa Junto do castelo nouo. hee mui ancho. entra tanto pollo mar que as naos se acolhem dentro na volta que faz. E estão seguras das tempestades. haa na çidade paços notauees E JgreJas. nas quaes vi algumas figuras de vultos antigos mui naturaes em demasia. a abastança da çidade hee mui grande. haa multidão de guordos capões, gualinhas, codornizes, Rollas E outras maneiras de aves que haa viuas E mortas nas praças E tauernas. aos que nam somos acostumados ver Jsto nam he cousa de crer. dizem que haa tantas codornizes naquelle Reino que em huma çerta parte haa hum bispo que nam tem outra Renda senão a parte que lhe cabe das cordornizes que se ali tomão // quando passão de africa pera Jtalia. E que são tantas que coalhão ho mar. E os caçadores tem Redes armadas Junto daguoa em esto que seJão guordas. tem a carne sem sabor como são todalas outras carnes de Jtalia que nam tem o guosto das de portugal [...] de napoles de guaeta se basteçe Roma de frutas que sam muitas em demasia assi laranJas E limões como maçãs, peras, Romãs, pesseguos. os vinhos são greguos manJagra E dos que disse de palila. todas estas cousas são baratas E de bom preço.

fl. 139r

De capua de puçol e do sitio
do guarelhano.

Faziam neste tempo mui grandes calmas em todas aquelas partes E contudo por que achei companhia me parti pera Roma E nam quis levar o caminho da gruta de puçol. a qual gruta passa por baixo de huma serra E dura de comprido mais de huma milha. hee tão ancha que podem hir E vir duas carretas sem tocar huma na outra. dizem que luçio luculo a fez. este caminho hee A parte esquerda contra o mar vindo de napoles pera Roma. mas nos tomamos ho da mão direita por ver capua de que tanto falam os liuros E via tam destrohida como vi Roma que cada huma parece que nunca ali ouve memoria de çidade. naquelles luguares que sohião ser pouoados. E tambem por ver o guarelhano onde foi a batalha do gram capitão com os franceses, o qual hee ao pee de huma aspera serra sobre a qual estaa linterno onde çipião morreo desterrado. o Rio hee fundo E estreito. E vi os luguares de huma parte E da outra onde os aRayaes estauão assentados E a torre dos gualeguos que era bem fraca pera sustentar por estar da parte dos franceses. E o lugar onde a ponte foi deitada por onde os espanhoes passaram por força contra os franceses. E via as estalagens que forão cheas de grandes Rimas domens mortos. E o porto Junto da serra onde o gram capitão foi passar E a força de seu exercito. E hum lugar deserto de aradas, soamente aquellas pobres estalagens [...] o Rio se passa per barca E entra loguo no mar. se ali ouvesse maree tudo alaguaria. mas medio terreno non creçe nem minguaoua cousa que se muito enxergue. gata se vee daquelle caminho. aquelle mar de gata // hee mui abastado de pescados. E dali se mantem Roma. cheguei a Roma a xxbj. dias andados dagoosto da sobredita era de 1510. E entrei polla porta latina que vai pera a via de napoles. Aa parte de dentro hee o lugar onde são João evangelista foi metido na tina do azeite e ali estaa feita huma charola de quatro columnas com hum altar. E da tina em que são João foi metido tomou aquelle nome porta latina segundo maos estoreadores. mãs nam hee assi, por que antiguamente tinha aquelle nome dos Reis latinos que erão daquelle banda. daquelle parte ata o pouoado se atraueessa o deserto onde sohia ser a pouoação da grande

fl. 139v

Roma. o qual eu passei a oras de grandissima calma E me fui deçer a nossa senhora do populo a que me tinha prometido. E feita oração me fui apousentar A çidade onde estiue sete anos E onze dias, trabalhando neste tempo de ver E de saber as cousas notauées que se em Roma E naquellas partes passaram pera dellas saber dar conta a vossa Ilustrissima senhoria. avia dez dias que o papa Jullio segundo deste nome era partido pera bolonha com entençaõ de tomar o estado ao duque de ferrara¹⁸ genrro do papa alexandre dizendo que era da JgreJa [...] E por que compre saber donde ou por que se esta guerra ordio, hee neçessario contar da guerra primeiro da qual me eu enformei por pessoas que foram presentes. sendo occupadas per tiranos parte das terras da JgreJa, scilicet, perosa per João paulo valham¹⁹. bolonha per miçer João de vinteuolla²⁰ que a senhoreaua, a vaqueta como Rei. partiosse o papa Jullio com a corte sem exerçito de Roma por que tinha contratado com os françeses que se tomassem bolonha em termo de çertos dias pera o papa, que lha daua a saco mano. tanto que o papa partio de Roma leuando a via de loreto que hee na marca dancona, abalarom os françeses que estauão em lombardia caminho de bolonha. o que fez aos tiranos que João paulo velham veo çertas milhas de perosa Reçeber ho papa E lhe entregou as chaues da çidade de perosa E dous filhos em aRefens. o papa entrou fl. 140r // na çidade E tornoulha a entregar E dahi por diante se seruiu do dito João paulo na guerra de capitão de Jente darmas o qual foi sempre bom E leal seruidor atee morte. seguindo o papa seu caminho foi ter a sancta maria de loreto. E a este tempo Ja os françeses

¹⁸ Alfonso I d'Este (1476-1534), duque de Ferrara, senhor de Rovigo e duque de Módena e de Reggio, de 1505 a 1520 e depois, de 1527 a 1534. Alfonso torna-se alvo das ambições expansionistas do papa Júlio II ao recusar-se a aderir à paz acordada entre o Papado e Veneza, numa reviravolta política contra a França paradigmática das *Guerras de Itália* e da forma de actuação quer dos governantes itálicos, quer dos governantes estrangeiros que tinham interesses políticos e geo-estratégicos nesta península. Ainda adolescente, Alfonso I d'Este teve um primeiro casamento (1491) com Anna di Galeazzo Maria Sforza, filha de Galeazzo I Sforza, duque de Milão, que faleceu onze anos mais tarde. Em 1505, após a morte do pai Ercole I d'Este (1431-1505), Alfonso tomou seu lugar para logo no ano seguinte reprimir a conjura dos irmãos Ferrante e Giulio d'Este, naquela que é uma contenda paradigmática do cenário político italiano da viragem do século XV para o século XVI. Ainda no mesmo ano, Alfonso I volta a contrair matrimónio, desta feita com Lucrecia Borgia (1480-1519), filha do papa Alexandre VI.

¹⁹ Gian Paolo Baglioni (c. 1470-1520). Este famoso *condottiero* italiano foi tirano de Perugia (*Perosa*), uma cidade da região de Umbria, pertencente aos Estados Pontifícios. No final do século XV e inícios do século XVI a cidade foi disputada de forma extremamente violenta pelas famílias Oddi e Baglioni, terminando a contenda na vitória desta última. Apesar de não terem legitimação legal para a detenção do poder e governo da cidade – pois esta pertencia formalmente aos Estados Papais –, os Baglioni liderados por Gian Paolo desafiaram todas as restantes autoridades e governaram a mesma de forma praticamente independente. Célebre pela sua crueldade, o tirano de Perugia submeteu-se, em 1506, à autoridade do papa Júlio II, determinado a tomar pela força as rédeas do poder nesta cidade e em Bolonha. Durante as *Guerras da Liga de Cambrai* (1508-1516), Gian Paolo Baglioni lutará sempre ao lado do papa contra as tropas francesas, como o Fidalgo refere. Mais tarde, em 1520, o papa Leão X, que considera Gian Paolo cruel e extremamente ambicioso, convence-o a ir a Roma e manda-o executar por decapitação.

²⁰ Giovanni II Bentigoglio (1443-1508), um típico *signori* italiano da viragem dos século XV para o século XVI, que governou o senhorio de Bolonha como tirano entre 1463 e 1506, ano em que foi expulso pelo papa Júlio II aliado com os franceses. Tal como Gian Paolo Baglioni em Perugia, Giovanni II Bentigoglio governava Bolonha como chefe incontestado, o que fez despertar a ira de Júlio II, na medida em que também esta cidade faz parte da região papal de Umbria.

tinham posto cerco sobre bolonha que se defendia mui Rijamente. sem aver na çidade medo de serem entrados pellos françeses non lhes vindo outro socorro os quaes elles tinham por çerto com a vinda do papa. tendo Jsto miçer João de vintevolha fez huma largua arengua aos da çidade na qual concordio per derradeiro que posto que elle tinha por çerto que as vontades dos bolonheses erã conformes pera o aJudar a defender. E que na çidade avia tanta E boa Jente que se defenderia do papa e dos françeses. porem que pois Jsto nam podia ser sem dano de muitos que elle escolhia por melhor esta contenda se partir antes com seu dano que dos çidadões de bolonha. E que portanto elle se queria partir da çidade dizendolhes que tanto que elle fosse fora se entregassem ao papa [...] estas abastanças fez elle com esperança de tornar a seu estado tanto que o papa se fosse pera Roma. mas nam lhe aconteçeo assi. ordenado per elle o sobredito na mesma noite se sahio da çidade con toda sua fazenda molher E filhos E se foi a milão. no dia seguinte partirom per mandado da çidade tres çidadões prinçipaes con cartas de crença E con as chaues da çidade pera o papa E acharamno aJnda em loreto E deronlhe sua embaixada dizendo que miçer João de vintevolha era Ja fora E por que a çidade tinha deliberado de se entregar a sua santidade lhe mandauão as chaues. o papa lho aguardeçeo muito E disse que elle nam podia açeitar as chaues nem a entrega da çidade atee ser passado o termo que derom aos françeses pera a tomarem por que tinha contratado con elles que tomandoa dentro em çerto termo lha daua a saco. E que se ora elle a tomasse durando o termo nam compria con os françeses E seria neçessario paguarlhes o soldo. E que elle averia grande prazer de se elles poderem defender atee se passar o termo [...] // os embaixadores lhe afirmaram que se defenderiam E que sua santidade podia hir suas Jornadas contadas E chegar a bolonha sahido o termo que era dado aos françeses. por que en tanto sem achaque dos françeses podia Reçeber a çidade em seu seruiço. E tornados os embaixadores, o papa fez o que avi[a]m conçertado. em quanto Jsto assi passava E o termo durou os françeses teuerom sempre seu campo sobre a çidade, scilicet, de huma soo banda por que a çidade hee mui grande pera ser toda çercada que nam bastava a Jssos muitos exercitos E ha combatiam mui ameude atee que no derradeiro dia do termo em que esperauão poer todas suas vltimas forças pera a entrar os da çidade tomaram hum sutil conselho pera os vencer. estava o aRaial assentado Junto com hum Rio que entrava na çidade que se chama Rem, o qual entra per humas portas do muro que tem humas grossas grades de ferro. E polla porta nam pode entrar mais aguoa na çidade que a que cabe pollo canal do Rio. E alem das grades tem da parte de dentro humas portas dalçapõe de dentro de ferro as quaes portas no derradeiro dia do termo A tarde vindo o Rio creçido as deixaram os da çidade cahir E tapando a entrada do Rio Represou tanto atras que esprayou E se soltou pollo aRayal dos françeses que estava mais baixo de maneira que lhe alaguou a artelharia E os desordenou de tal sorte que os da çidade que estauão aperçebidos sahiram a eles E tomaram os prinçipaes E leuaronnos A çidade onde os agusalharam honrradamente, nam como catiuos mas como ospedes E amiguos. ao outro dia em que Ja o termo era sahido, abriram as portas da çidade aos que queriam entrar da Jente conheçida E honrrada E mandaromnos apousentar como amiguos [...] dahi a tres ou quatro dias chegou o papa, E foi mui bem Reçebido E festeJado. E satisfeitos os françeses se foram. muitos nobres da çidade que eram da parte dos vintevolhas fugirom desque o papa foy // entrado com medo delle. miçer João vintevolha tendo perdida a esperança de sua tornada por que o papa era homem

fl. 140v

fl. 141r

mao de amansar se finou de noJo em milam. E o papa antre outras Justiças que mandou fazer, mandou deRibar os paços de miçer João que erão os melhores de toda lombardia em grandeza e fermosura. quando sua mulher madona branca soube a noua da destrohição de seus paços pasmou E çeRadas as mãos E os dentes esteue assi ata que espirou [...] deixou quatro filhos, scilicet, o mais velho se chamaua miçer anibal o protonotairo, E miçer alexandro E miçer hermes²¹ [...] dizem que tinha de filhos E filhas bastardos xxij. vendo o papa assentadas suas cousas se foi pera Roma E deixou por leguado em bolonha o cardeal sam vidal²² que era homem cruel E mui temido o qual antre as cousas que fez mandou hum dia chamar doze cidadãos dos prinçipaes aos paços do papa onde elle pousaua E mandou a todos cortar as cabeças E assi mortos os mandou tirar A praça E deitar em esteiras onde estiueron grande parte do dia por que se temia delles por serem da parte dos vintevolhas. outro dia avendo hum homem aRoido com outro por que ho ferio se acolheo a hum mosteiro de frades obseruantes de são françisco. E Jndo o meirinho pera ho prender na JgreJa a qual laa nem em Roma nam val a ninguem hum frade sobio os sinos E Repicou hum A maneira de aRoido, pollo qual o leguado con temor do ajuntamento da çidade quis punir aquella sandiçe E mandou que viessem perante elle dous frades daquelle moesteiro E darlhe conta como se aquillo fizera. E elles por mais grauidade mandaram ho guardião acompanhado doutros frades E tanto que chegaron onde o cardeal estaua forom tomados E leuados A praça E em presença de todo o pouo derom a cada hum tres tratos de polee tam cruees que morreo disso o guardião E outros dous. tanto que o papa foi em Roma começou de trauar ligua contra os venezeanos²³ E conçertouisse com el Rei dom Fernando de castella E com o emperador maximiniano²⁴ E com el Rei luis de França²⁵ E com o

²¹ Ermes Bentivoglio (1475-1513) e Annibale II Bentivoglio (1469-1540), ambos filhos de Giovanni II Bentivoglio. O segundo conseguirá governar Bolonha mas apenas por um ano, entre 1511 e 1512, sendo destituído após a saída dos franceses do senhorio e graças a uma conspiração protagonizada por outras importantes famílias locais inimigas dos Bentivoglio, como os Ghisilieri e os Canetoli.

²² Antonio Maria Ciochi del Monte (c.1461-1533). Ascendeu ao cardinalato em 1511. Foi encarregue pelo papa Leão X de conduzir os complexos processos legais contra os principais cardeais envolvidos na conspiração de 1517: Alfonso Petrucci e Bandinello Sauli, apontados como líderes da conjura; e também o cardeal Raffaele Riario, acusado de estar implicado na trama, ainda que em menor grau relativamente àqueles. O seu desempenho foi tão meticuloso na identificação das provas contra os dois preladados que no final do processo não restaram dúvidas quanto à sua culpa.

²³ A *Liga de Cambrai* surge na sequência do *Tratado de Cambrai* (1508) e consistiu numa poderosa coligação militar contra a expansionista República de Veneza, protagonizada pelos Estados Pontifícios pela mão de Júlio II, Luís XII de França, o sacro imperador Maximiliano I, Fernando II de Aragão e ainda a Inglaterra, a Hungria, Sabóia, Ferrara, Mântua e Florença. A liga acaba por se dissolver em 1510, devido à mudança de posição do papado, doravante contra a França e aliado de Veneza.

²⁴ Maximiliano I de Habsburgo (1459-1519), sacro Imperador Romano-Germânico de 1493 até à data da sua morte. Filho do imperador Frederico III (1415-1493) e da imperatriz D. Leonor de Portugal (1434-1467) tornou-se o mais poderoso dos príncipes alemães desde Frederico II.

²⁵ Luís XII (1462-1515) de França, denominado *o Pai do Povo*, foi rei entre 1498 e 1 de Janeiro de 1515. A despeito da sua popularidade, especialmente adquirida pela introdução de reformas no sistema judicial e na redução de impostos, teve um reinado caracterizado por muitas guerras, especialmente em Itália. Em 1504, derrotado pelas tropas aragonesas de Gonzalo Fernández de Córdoba y Aguilar (*El Gran Capitán*), na *Segunda Guerra de Nápoles* (1501-1504), Luís XII de França abandona as suas ambições no Sul de Itália para Fernando, o *Católico*, rei de Aragão e Castela. Este processo culmina com a assinatura do Tratado de Lyon, em 1504, que dá início ao período de dominação espanhola no

duque hercule [sic]²⁶ de ferrara. por que assi ao papa como a todos estes tinham os venezanos to // madas E occupadas muitas çidades E terras. chegado o tempo de ajuntarem em Jtalia todolos exerçitos deles veo o emperador em pessoa E todos ho seguirão. nesta guerra cobrou el Rei de frança, crema, craemona, brexa E berguamo que são populosas çidades, alem doutras vilas E castelos. el Rei dom fernando cobrou outros luguares que lhe tinham tomados do Reino de napole. o papa cobrou Rauena E ariniue E furle E facuça E brigiguela E Reixa, E outros luguares. o emperador tanto que os seus capitães chegaram a Jtalia diante delle sem contradição alguma entraron padua [e] viçença por que assi o tinham ordenado os venezanos pollo que tinham cuidado de fazer ao diante. o duque de ferrara obedecia aos venezanos, E em sinal de sobJeição tinha a çidade de ferrara hum lanço do muro contra Veneza sem ameas E ao duque nam lhe tangião trombetas. E nesta guerra se liurou de sobJeição E cobrou liurementemente seu estado. E depois que çessou a guerra armarom os venezanos doze gualees E vierom pollo Rio do poo acima. o qual Rio hee hum dos grandes do mundo E entra no mar de veneza E vai ter por Junto dos muros de ferrara. E ao tempo que os venezanos armarom tinha o duque dous mil espanhoes consiguio. E parte deles em hum castelo feito de terra a par do Rio pera defender a vinda aos venezanos com a artelharia. hindo as gualees contra ferrara sahiron os espanhoes a elles E desbarataromnos E tomaromlhe çertas gualees E as outras fugiron²⁷. E das tomadas fez o duque a hum Joanote portugues capitão. cuidando o emperador que tinha padua segura os venezanos que em al[i] tinham o cuidado fizeram que os paduanos se aleuantarom E deitarom os do emperador fora E liararom delles a çidade E tendo por çerto que o emperador hiria loguo sobre elles despeJarom a çidade de molheres moços E velhos E meterom dentro corenta mil almas, scilicet, homens de soldo com muita artelharia E mantimentos. E o emperador // veo sobre a çidade²⁸ com o mais fermoso exerçito que

fl. 141v

fl. 142r

reino de Nápoles. A Norte, apesar de vencerem em Ravena (1512), os franceses são expulsos de Itália, sobretudo graças à intervenção da infantaria suíça contratada por Júlio II. E, em 1513, quando retornam a Itália os franceses são novamente desbaratados pelos suíços na batalha de Novara. Canto do cisne das ambições de Luís XII em Itália e em particular sobre Milão, esta fatídica “reentrada” francesa em Itália como que selou a vitória final da *Liga Santa* (referimo-nos ao objectivo específico de expulsar os franceses de Itália, pois a *Liga Santa* em si apesar de se revelar bastante eficaz no início acaba por se desvanecer devido às querelas entre os seus membros) e, sobretudo, da acção política e guerreira, ou seja, temporal e secular, do papa Júlio II – de forma póstuma, pois a batalha ocorre já sob o pontificado de Leão X.

²⁶ O autor confunde aqui o duque de Ferrara coevo, Alfonso I d’Este (1476-1534), que governou entre 1505 e 1534, com o duque anterior, mais precisamente o pai deste último, Ercole I d’Este (1431-1505), que conduziu os destinos do ducado entre 1471 e 1505, data da sua morte. O erro deve-se certamente a uma falha do copista ou uma simples desatenção do autor, pois todas as restantes menções ao duque de Ferrara Alfonso I d’Este efectuadas no *Tratado* surgem sempre correctas, quer em termos cronológicos quer em termos de rigor ao nível dos acontecimentos citados.

²⁷ Trata-se da batalha de Polesella, que teve lugar a 22 de Dezembro de 1509. Neste confronto armado, evocado por Ludovico Ariosto (1474-1533) no seu poema épico *Orlando Furioso* (Canto XL), uma frota da República de Veneza é destruída e capturada no rio do Pó devido à acção da imponente artilharia de Ferrara.

²⁸ Batalha de Pádua (15 a 30 de Setembro de 1509), que, na sequência da batalha de Agnadello, opõe o imperador a Veneza e Pádua. Os venezianos capturam a cidade e conseguem resistir ao avanço das forças imperiais, saindo por isso vencedores da contenda. A desorganização do vasto e heterogéneo

em nossos tempos se vio em Jtalia por que se affirmava serem mais de çem mil combatentes. E prantada a artelharia aRasalom hum grande lanço do muro. E a todas estas afrontas mostraram sempre os de dentro tam pouco temor que sempre tinham de dia as portas abertas. esteue o emperador sobre a çidade passante de hum mes. E nunca lhe deu combate de Jente avendo por conçiência perderse tanta como se esperava que moRese. escaramuças avia muitas em espeçial espanhoes E dos de dentro que sahião fora a fazer sortes. E huma vez chegarom A artelharia do emperador E lhe encrauarom duas peças sendo aquelle dia guarda della os alemães os quaes por poerem mais medo aos Jmiguos bradarom espanha Espanha. E com Jsto fugirom os da çidade E acodirom os espanhoes [...] sendo muitas vezes Requerido o emperador pellos espanhoes que desse combate E que nam queriam delle pagua do tempo que lhe era diuido. E hum portuguez chamado tinoco capitão de caualos ligeiros lhe fez a fala, dizendo que se entrassem a çidade que ficariam assaz Ricos, E se moRessem que nam aviam mester dinheyro. E lhe pediam ho primeiro combate. os alemães erão mui contrairos ao deseJo dos espanhoes por que pediam ho soldo que lhes era deuido antes de hirem ao combate. E como se falava em combate se amotinavam bradando gelte gelte que quer dizer dinheyro dinheyro. E com estas neçessidades o emperador se foi pera alemanha sem fazer cousa alguma. E deixou viçença que tinha pacifica aos venezeanos. durando esta ligua del Rei de frança deu em pessoa batalha aos venezeanos na estradota²⁹ [...] vinha por capitão da Jente de venezeanos bertolameu daluiano³⁰ E com elle hum Jentil homem venezeano³¹. era seu Regimento que nam dessem batalha sem primeiro em veneza se por em conselho. E vendo bartolomeu daluiano tempo desposto

exército imperial e, sobretudo, a incapacidade do imperador em pagar aos seus mercenários permitiu ao comandante veneziano, Niccolò di Pitigliano, preparar a defesa da cidade com o exército que restou da batalha de Agnadello e resistir com eficácia a duas semanas de cerco e de bombardeamento da artilharia imperial e francesa, mantendo apesar da derrota geral a posse da mesma para a *Sereníssima*.

²⁹ Trata-se da batalha de Agnadello, também conhecida como batalha de Vailà, ocorrida a 14 de Maio de 1509 e que teve como resultado uma decisiva vitória francesa. Este confronto, no qual participou o próprio rei Luís XII de França, foi determinante na medida em que ditou o colapso do braço armado da República de Veneza que assim se viu obrigada a ceder inúmeros territórios que tinha conquistado no seu movimento de expansão geográfica para o interior, tendo Luís XII ocupado todas as povoações até Bréscia sem encontrar resistência significativa. Resultou igualmente num enorme reforço, quer moral quer bélico, dos franceses. Constitui, por isso, um dos principais momentos bélicos das *Guerras da Liga de Cambrai* e um dos mais significativos confrontos das *Guerras de Itália* no seu todo. À frente das hostes venezianas destacam-se Bartolomeo d'Alviano e Niccolò di Pitigliano. O próprio Maquiavel refere o confronto n' *O Príncipe*, salientando que num dia apenas os venezianos perderam o que levaram oitocentos anos a construir.

³⁰ Bartolomeo d'Alviano (1455-1515) foi um famoso *condottiero* e capitão italiano que se distinguiu na defesa da República de Veneza contra o sacro imperador romano-germânico Maximiliano I. Às ordens de Fernando, o *Católico*, já havia desempenhado um papel determinante na vitória sobre o exército francês na batalha do Garigliano, também referida pelo Fidalgo, e que deu início ao domínio espanhol efectivo sobre o Sul de Itália. Foi feito prisioneiro pelos franceses na batalha de Agnadello. Mais tarde lutou ao serviço destes, sendo um dos grandes protagonistas da vitória francesa na batalha de Marignan (1515), ao atacar de forma decisiva os suíços com um corpo de apenas 300 cavaleiros. Esta sua investida mudou a sorte da batalha e ditou a vitória francesa.

³¹ *Condottiero* italiano, que ficou célebre enquanto capitão-geral dos venezianos nas *Guerras da Liga de Cambrai*, Niccolò di Pitigliano (1442-1510) era primo de Bartolomeo d'Alviano e pertencia a uma das principais famílias italianas, os Orsini.

deu no campo del Rei de frança e leuauao de vençida, mas o outro por nam sahir da ordenança nam lhe quis acodir tendo a maior parte da Jente consiguio. E bertolameu daluiano foi preso // E dizem que morreram naquella batalha dezoito mil homens. o outro que nam acodio guardou seu Regimento foi por Jssso sublimado E tido em muito dos venezeanos. acabadas estas cousas naçerom outras por onde se a dita liga desfez. E começousse a guerra segunda que foi no tempo que eu cheguei a Roma. E aguora direi a causa por que o papa se moueo contra o duque de ferrara. tinha o duque de ferrara humas salinas E o papa tinha outras em Ruxa [,] hum dos luguares que guanhou aos venezeanos [,] sobre estas salinas ouve desauença antre elles E vierom a tanto Rompimento que Ja o duque se nam fiaua no papa E se temia delle³². o papa o mandou chamar que viesse a Roma E o duque nam foi. E por que o ducado de ferrara hee da JgreJa, E o duque hee feudatario E obriguado appareçer E seruir em pessoa sendo chamado do papa, sua santidade ho mandou çitar em forma E lhe foi assinado termo que appareçesse em Roma per cartas fixadas na JgreJa mayor de bolonha E doutros luguares comarcões de ferrara. E pollo duque nam appareçer ao termo, o priouo por sentença em Roma do dito ducado E pera dar sua sentença a execução foi contra elle com grande poder de Jente. em quanto estas cousas durauam o duque se confederou com el Rei de frança o qual ho tomou em sua proteiçãõ. E vindo o papa pera bolonha os françeses fizeram a mesma viagem E chegarom a modona. vinha por capitãõ dos françeses João Jaques de tribuçio. E vinha por capitãõ da JgreJa João maria duque dorbino sobrinho do papa³³. no campo dos françeses vinhão os filhos de miçer João de vintevolha [,] ambos estes dous exercitos andarom muito tempo por aquella comarca sem se afrontarem. o papa estaua cos cardeaes E com toda a çidade se ajuntaram com sua Jente nesta noite E derom nos paços do papa cuidando que tinham hi o leguado E entrarom dentro E A porta de sua camara nom acharom outra Resistência senão seis espanhoes que por defender a porta foram // ali todos mortos. mas elles nam sabião que o cardeal era hido fazendo de suas pessoas marauilhas prinçipalmente hum que se chamaua moutouro. E entrados os Jmiguos na camara meterom todo a saco

³² Este conflito ocorrido em 1510 entre Júlio II e o ducado de Ferrara remonta à primeira guerra entre o papado e o mesmo ducado, precisamente designada *Guerra do Sal* (também ficou conhecida como *Guerra de Ferrara*), a qual teve início em 1482, envolvendo Ercole I d'Este, então duque de Ferrara (pai de Alfonso I d'Este, o protagonista da contenda com Júlio II narrada pelo Fidalgo de Chaves), e o papa Sisto IV (tio de Giuliano della Rovere, precisamente o futuro Júlio II), que à época se encontrava aliado aos venezianos. Ercole I d'Este, por sua vez, tinha como aliados Federico da Montefeltro, duque de Urbino (1422-1482), Ferdinando de Nápoles (1423-1494), também conhecido como *Don Ferrante*, e Ludovico Sforza, *il Moro* (1452-1508), de Milão, além de duas outras cidades igualmente ameaçadas por Veneza: Mântua e Bolonha. A guerra terminou com o *Tratado de Bagnolo*, assinado a 7 de Agosto de 1484, tendo o então duque de Ferrara conseguido evitar a anexação do ducado aos Estados Pontifícios.

³³ Francisco Maria I della Rovere (1490-1538), sobrinho do papa Júlio II. Foi duque de Urbino entre 1508 e 1516, ano em que, excomungado por Leão X, perde o poder para Lourenço II de Médici, sobrinho deste pontífice, que invade o ducado à frente de um exército composto essencialmente pelas forças papais. Destacado *condottiero* do Renascimento italiano, em 1509, tal como o seu pai antes dele e igualmente por nomeação do papa Júlio II, tornou-se capitão-geral da Igreja. Na sequência da morte do pontífice seu tio e da eleição de Leão X perde a posição privilegiada que detinha até então, nomeadamente o cargo de capitão-geral da Igreja e o ducado de Urbino, que passam ambos para Lourenço II de Médici. Apenas em 1521, com a morte do papa, Francisco Maria irá recuperar o ducado.

mano E dahi se foram A porta da çidade E quebraromnas com machados E artefícios E loguo mandarom Recado aos vintevolhas que viessem E com este Recado o campo dos françeses abalou sem achar outro Jmpedimento no caminho senam marco antonio coluna que guardaua a ponte do Rio com çincoenta lanças grossas aquella noute. E nam sabiam que o duque dorbino abalara o qual foi desbaratado E morta a mais da Jente que consiguo tinha.

Cheguarom os françeses A porta da çidade. E temendo que fosse trato dobrez nom quiserom os vintevolhas entrar E mandarom diante duzentos de caualo que fossem correndo pollas Ruas bradando frança frança. segua sega pera descobrir alguma traição se a ouvesse. E Jsto era na madrugada. E tornados aos vintevolhas dizendo que tudo estaua seguro, entrarom miçer anibal, E miçer hermes E andarom com grande guolpe de Jente polla çidade E sahião a elles as velhas aos beiJar por que quando elles entrarom era Ja dia craro. E dahi a espaço de duas oras entrou o exercito dos françeses com grandes estrondos E assenhorearonsse da çidade. o castelo se teue pello papa E ao terceiro dia começaram os françeses a entender nelle E mandaram dizer ao arçebispo que era delle castelão que o entreguasse. E o arçebispo em luguar de Reposta mandou enforçar sobre o muro em huma pica hum guato em sinal de querer guerra. E loguo os françeses começaram de leuar a artelharia E a prantarom E batearom o castelo dous dias. E por ser fortaleza moderna³⁴ posta em luguar chão feita per arte nom vista a artelharia lhe nom podia fazer dano. era esta fortaleza fundada em luguar chão. E as cauas tam altas que começando o muro no fundo dellas nom sobia mais alto que a terra E era mui alto. as cauas erão furadas de pedra E meadas daguoa. assentada a artelharia como dito hee, nom tomauam os pelouros senam mui pouco das ameaas. E a

fl. 143v artelharia do castelo que estaua antre as ameaas vaRia o campo. Avia // outra debaixo a que hião per cauas pera defensão da caua. neste castelo nam avia casa nem torre alta. não ouve combate de Jente E aJnda parecia que do castelo nam queriam fazer mal A çidade que podia Receber grande dano da artelharia. E teuese o arçebispo atee que mandou Recado ao papa como ho combatiam E que nam tinham Jente nem munição por que o cardeal pauia que antes hi era leguado sendo ordenado que no castelo ouvesse pera guarda delle trezentos homens. E em cada porta da çidade ouvesse çincoenta homens com seu condestabre por forrar o soldo dos do castelo lhes mandaua que servuissem nas portas. de maneira que quando se entrou a çidade ficou o castelo sem Jente de guarnição. Respondeolhe o papa que entreguasse o castelo A çidade E nam aos françeses. E assi foi feito. E tanto que o arçebispo partio pera o papa, o castelo foi Roubado E metido a sacco. E nesta ora foi deitado preguão da parte do Regimento que se nam abrissem tendas nenhumas atee que o castelo

³⁴ Novas armas ofensivas requerem novas estratégias defensivas e, sobretudo, novos modelos de fortificação. Dito de outro modo, na encruzilhada da Idade Média para a Modernidade verificou-se um claro movimento de acção-reacção na muito específica arte e técnica da fortificação militar. Com efeito, os novos tempos trazem, no que respeita às movimentações guerreiras de ataque, práticas e preocupações igualmente originais e que resultam na procura de uma resposta tão eficaz quanto célere em termos defensivos. Assim, ao modelo medieval do castelo com altas muralhas verticais dotadas de ameias, torres e merlões, impõe-se cada vez mais um novo modelo de fortificação, que visa sobretudo ser eficaz contra o poder de fogo dos canhões, cada vez mais potentes e fáceis de manusear por parte dos atacantes.

fosse posto por terra. E que todos fossem trabalhar nisso. E assi foi feito. E com grande trabalho E artefícios de fogo por ser edificação mui forte. E assi foi a Rasado que dia de sam Rafael que veo dahi a poucos dias os cavalos barbaros correrom ho paleo por cima delle. E esta forteleza mandara o papa fazer a suas proprias custas. E quando Respondeo ao arçebispo que ha entreguasse A çidade seu Jntento foi que de Ribandoa elles que a çidade lha tornasse fazer A sua custa como depois socçedeo.

Tornando ao cardeal pauia. tanto que elle fugio dos paços E se foi A forteleza E vio que a çidade era entrada se foi loguo a Rauena pera o papa. Jssso mesmo o duque dorbino vendo seu campo perdido se foi pera o papa. E dando cada hum conta de si, queria hum E outro fazer sua Rezao bõa. o duque acusaua ao cardeal que dera soldo aos Jmigos bolonhesses E os fizera capitães pera darem fauor aos françeses E entrada na çidade. Respondia o cardeal que elle fizera Jssso por bom Respeito cuidando que Juntos daquella maneira os fizesse sahir a campo E os deixasse laa çarrandolhe as portas da çidade pera avazar dos // Jmiguos. E culpaua ao duque que elle dera o passo aos françeses que viessem A çidade. ca se lho nom dera elles nom eram poderosos pera passar a ponte que tinham em meo. dando a entender ao papa que o duque se contratara com os françeses. E desta pratica E acusações ficaram hum do outro grandes Jmigos de maneira que Jndosse o duque, E o cardeal ficando com o papa com temor E Reçeo do duque, o papa mandou a miçer guido capitão da sua guarda da Jente de caualo que se fosse com o cardeal ata sua pousada. E o duque o estaua esperando no caminho. E posto que o cardeal hia acompanhado de muita Jente sahio a elle, E disse ao capitão da guarda – estaa quedo guido senam moReras. E hindosse ao cardeal meteo hum estoque nelle E foisse. E foi o cardeal assi mortalmente ferido leuado a sua pousada. durou poucas oras E dizendo sempre peccata mea meruerunt espirou. os vintivolhas tendo a çidade paçifica procurauam de se vinguar dos que erão da parte do papa. per seu mandado andaua hum seu capitão chamado grifom, com muitos alabardeiros consiguo entrando nas casas dos prinçipaes çidadãos. E aquelles que lhe fugião metialhes as casas a saco dizendo que erão traidores. E alguns que esperauam que elle nam leuaua per eximação de lhes fazer mal, dizia que os hia visitar da parte de miçer anibal E a outros mataua como fez a antriscoto que era prinçipal fidalguo de sua casa E da çidade. E a outros tres em hum dia. passados Jaa muitos dias E os françeses Ja despidos, sabendo os vintevolhas que o papa trabalhaua de lhes fazer guerra³⁵, dauanse a pressa a fazer artelharia. E faltandolhes o metal,

fl. 144r

³⁵ Trata-se da queda de Annibale II Bentivoglio à frente dos destinos de Bolonha e da consequente reconquista e incorporação definitiva nos Estados da Igreja desta cidade pelo papa Júlio II, em 1512. Em 1506, Júlio II estabeleceu um acordo com o rei de França, na sequência do qual emitiu no mesmo ano uma bula que depunha e excomungava Giovanni II de Bentivoglio, tirano de Bolonha, colocando a cidade sob interdito papal. Quando no mesmo ano o contingente francês marcha contra Bolonha, Giovanni foge com a sua família, acabando os Bentivoglio por exilar-se em Ferrara. Logo no ano seguinte regista-se uma tentativa falhada de reconquista do poder em Bolonha pelos filhos do malogrado Giovanni II Bentivoglio, que, em 1508, excomungado, termina os seus dias como prisioneiro de Luís XII de França em Milão. É em 1511 que se dá a segunda tentativa, desta feita vitoriosa, por parte dos filhos do tirano – Ermes Bentivoglio e Annibale II Bentivoglio, ambos *condottiere* – de reentrar na cidade. Paradoxalmente, pois foi sob prisão francesa que o seu pai falecera, Annibale II contou então com o apoio de Luís XII contra Júlio II, tendo governado a cidade por um breve período de um ano (1511-1512). Odiado por outras famílias rivais, como os Ghisilieri e os Canetoli, e sem o apoio das

ou mais verdadeiramente por nam poderem ver figura do papa, mandaram de Ribar huma grande estatua de metal da figura natural do papa³⁶ que estaua no outam da JgreJa de sam petronio que estaua na praça. E foi derribado deitando cousas.

Aqui falta.³⁷

fl. 144v mandoulhe que esperasse E deteuesse algum tanto em ver as cartas. E quando abrio o maço achou que era // breue do cardeal no qual lhe Jntimauam o consilio. o messeJero teue tal maneira em se sahir E poer em saluo como teuera em chegar ao papa. E com quanto Sua Santidade mandou que com grande diligência fosse buscado, nunca mais de tal homem poderom aver noticia. o papa azeitou o conçilio contanto que fosse em são João de latram em Roma. E nom menos astuçia teue hum cursor pera o Jntimar aos cardeaes da parte do papa, do que o sobredito fizera a Sua Santidade.

Das cousas em que se os cardeaes fundarom
pera convocar conçilio contra o papa³⁸.

tropas francesas que deixam a cidade e sob cujo protectorado governara, Annibale II Bentivoglio é deposto e expulso, em 1512. Foi o último membro da família Bentivoglio a exercer o poder em Bolonha, que permaneceu até finais do século XVIII estavelmente incorporada nos Estados Pontifícios.

³⁶ Trata-se do célebre “canhão juliano” de Alfonso I d’Este construído com o metal da colossal estátua em bronze de Júlio II concebida por Miguel Ângelo, por encomenda papal. A única estátua de bronze da autoria deste artista maior do Renascimento tinha 4 metros de altura e pesava 4,5 toneladas, constituindo uma das maiores obras em bronze desde a Antiguidade. Foi instalada em Bolonha em 1508. Depois de deitada por terra a estátua será oferecida a Alfonso I d’Este, o qual fundirá o bronze para fazer um canhão baptizado a *Giulia*, que será utilizado na batalha de Ravena.

³⁷ Texto truncado (primeira falha no relato). O documento apresenta duas lacunas que o copista escurupulosamente assinala. Ambas são referenciadas respeitando a forma utilizada por aquele.

³⁸ Trata-se do concílio cismático de Pisa-Milão (1511-1512). Tudo começa com o concílio não-ecuménico de Pisa (1409-1411) que tinha por objectivo acabar com o *Grande Cisma do Ocidente* (1378-1417) e a grave crise religiosa daí resultante. À época, dois pontífices, Gregório XII (1327-1415, eleito papa em 1406) e o *antipapa* Bento XIII (1328-1423, eleito em 1394 pelos cardeais de Avinhão para suceder ao primeiro *antipapa* do *Cisma do Ocidente*, Clemente VII [1342-1394, eleito pelos cardeais franceses em 1378]) reclamavam o seu direito à cadeira de S. Pedro. No concílio, os dois pontífices concordaram em desistir das suas reivindicações em favor de um novo papa. Todavia, ambos voltaram atrás e tendo sido depostos não deixaram, no entanto, de reclamar os seus direitos. O concílio elegeu então o *antipapa* Alexandre V (1340-1410), que governou a Igreja católica entre 1409 e a data da sua morte, ocorrida no ano seguinte. O cisma manteve-se por mais oito anos, terminando em 1417, quando ocorreu o concílio de Constança (1414-1418) no qual foi eleito novo papa Martinho V (1368-1431, proclamado pontífice em 1417). O concílio seguinte, de Basileia (1431-1445), encerra a crise conciliar – também conhecido como concílio de Basileia-Ferrara-Florença (dado que teve início em Basileia, em 1431, passando depois para Ferrara, em 1438, sendo finalmente transferido de forma definitiva para Florença, em 1439, devido à peste que grassava naquela cidade) foi celebrado numa época em que o conciliarismo era forte e a autoridade papal fraca. Do *Grande Cisma do Ocidente* e desta crise conciliar, que envolveu portanto os concílios de Pisa (1409-1411), de Constança (1414-1418) e de Basileia (1431-1445), a instituição que é o papado sai em melhor posição para o futuro. Se o Cisma fora em grande medida sanado pela prevalência das doutrinas conciliares, o fim desta grande ruptura na Cristandade trazia o papado, de novo, para primeiro plano. Com efeito, à data do término do concílio de Basileia é conclusiva a derrota do conciliarismo, demonstrada pelo facto de durante toda a segunda metade de Quatrocentos não ter sido

As cousas em que se fundarom os cardeaes pera convocar conçilio contra o papa são as seguintes algumas delas primeiramente que a congregação do geral conçilio pertence aos cardeaes quando o papa haade ser acusado E Julgado no dito conçilio. E nam hee necessaria autoridade do papa. E que posto que nesta congregação nam eram mais de cinco cardeaes, E com o papa erão outros muitos [,] estes poucos podiam chamar a conçilio sem os mais por que assi como na congregação do conçilio em que o papa hee parte pera aver de ser nelle acusado se nam Requere sua autoridade. assi se nam Requeria autoridade dos muitos cardeaes, conseguio E fazião sua vontade de maneira que aviam que pollo conçilio ser sobre o papa E todolos que ho seguiam. os que se aRedarom podiam convocar o dito conçilio E suplir a negligencia do papa que permitira ao Juramento que dentro de dous anos conuocaria conçilio. E nam o fez. ca vendosse outrosi que o papa pode ser acusado E Julgado em conçilio, se hee JncoRegiuel em crime de que a Religião cristam Recebe escandalo. E que o papa por aver prometido como dito hee convocar conçilio com Juramento ficaua obrigado a Jssso E nam se podia absolver sem Justa causa a qual pois a nom tinha pera nam cumprir sua promessa E Juramento, nom se podia absolver. E que em tal conçilio o papa podia ser Julgado nos casos em que pode ser // doutrem Julgado, que são quatro. escusandosse os cardeaes das Reprensões que lhe o papa daua em huma bula em que os culpaua que sem causa legitima apartandosse da cabeça se foram a pauia. dizendo os cardeaes que elles o fizerom com mui legitima E Justa Rezão, por que sendo o papa muitas vezes por elles Requerido E amoestado que comprisse o conçilio que Jurando

fl. 145r

convocado qualquer concílio ecuménico. No entanto, o início do século XVI vê recuperar a contestação conciliar, concretizada logo em Novembro de 1503, com a eleição papal de Júlio II. De facto, aquando da sua elevação ao pontificado, este prometeu sob juramento convocar um concílio ecuménico. Porém, nove anos decorridos do seu pontificado, o dito concílio nunca foi convocado. Esta circunstância foi aproveitada politicamente por Luís XII de França que deu o seu apoio e cobertura a um grupo de cardeais descontentes com a falta de cumprimento de Júlio II. Tais cardeais serão excomungados e classificados de cismáticos, do que dá conta de forma esclarecedora o Fidalgo de Chaves no seu texto. Este conjunto de cardeais, com a protecção do rei francês então em conflito aberto com o papado, convoca em 16 de Maio de 1511 o concílio (cismático) de Pisa, a ter início em Setembro desse mesmo ano, mas que na realidade só começa no mês seguinte. Durante as suas sessões procedeu-se à suspensão de Júlio II e tentou-se recuperar o espírito conciliarista que tinha marcado o século anterior e que havia animado os concílios de Constança e Basileia. Júlio II reage com agressividade à convocatória e classifica este concílio de conspirativo, declarando-o nulo. De imediato convoca um novo concílio, o de Latrão V, que constituirá um dos mais importantes acontecimentos do seu pontificado. Para tal convocação conciliar por parte do pontífice muito contribuiu o apoio político internacional de que beneficiou, em particular de Fernando II de Aragão. Em 1512, já sem o fulgor inicial, o concílio de Pisa transfere-se para Milão, onde irá progressivamente enfraquecer e declinar até à sua completa dissolução ainda no mesmo ano – daí ser denominado concílio cismático de Pisa-Milão (1511-1512). Levar em conta o antagonismo dos cardeais cismáticos face a Júlio II como um simples artil político encabeçado pelo rei francês é um exame simplista e de fraco alcance. Com efeito, os cardeais cismáticos opuseram-se a Júlio II em plena consciência, ou seja, por que de facto tinham razões consistentes e poderosas para tal: urgia reformar a Igreja, mas tal processo só poderia avançar mediante a convocação de um concílio, o qual o papa havia prometido intimar aquando da sua eleição. Só que tal nunca aconteceu. Dito de outra forma, o papa não cumpriu o seu juramento e, nessa medida, falhou não apenas para com o Sacro Colégio mas em especial para com toda a comunidade dos crentes. A Igreja vivia à época uma situação quase insustentável a nível espiritual, na medida em que toda a sua orientação pautava-se por decisões políticas de natureza secular e mundana, onde as acções militares tinham grande protagonismo.

prometera. pollo nam querer fazer lhes foi liçito procurando a Reformação da JgreJa a que erão obriguados hir sem liçença, por nam poderem pedir liçença sem poerem em grande periguo suas vidas E por terem por çerto que lha nam daria o papa o qual por esta causa hee, de se lhes hirem senam devia aver contra elles pois sabia que sendo elle cardeal por mais leues cousas fugira pera frança dos papas passados. E sendo chamado nunca quis obedecer As excomunhões. tambem se defendiam de os Reprender o papa na dita bula por trazerem exçerçito dizendolhe que posto que aos eclesiasticos nam convem o exerçicio das armas, pera sua defensão podem husar dellas como se lee de são paulo que pedio ao protector gente darmas pera sua guarda. Dizia Jso mesmo o papa em sua bula que elles metiam terceiros pera lhes elle perdoar, E que nisto confessavão sua culpa. a Jsto Respondiam os cardeaes que vindo elles espantados de suas ameaças dando graças a deus por se acharem em pauia saluos dellas que como era de crer que deseJasse tornar a seu poder. E que era verdade que algumas pessoas quiserom de si mesmos ser medianeiros pera concordia E posto que ho nom faziam per seu mandado ho nam contradizião por nam Jndinar mais o papa. Reprendiaos mais o papa chamandolhe falsarios por que affirmauam que os cardeaes erão com elles na congreguação daquelle conçilio. E que os outros ho neguauam. Jsto diziam os de pauia, que os cardeaes que erão co papa ho nam podiam neguar pois tinham este consentimento per suas cartas E assinados. E que o papa nam podia dar mais credito a cada hum por si dos que Jsto neguauam. E Jsto diziam os de pauia que elles erão muitos E lho affirmauam mormente nam tendo elles neçessidade // do consentimento dos cardeaes que com elle erão pois que sem elles podiam chamar a conçilio. E os outros tinhão neçessidade de neguar o consentimento por nam cahir em sua desgraça. a escusa que o papa daua na dita bula por nam conuocar conçilio no tempo que prometeo, erão as guerras que socçediam. E que elle sendo cardeal era o que mais solliçitaua conçilio. a esto Respondiam os cardeaes que ao tempo que elle prometeo E Jurou que dentro em dous anos conuocaria conçilio avia tantas E maiores guerras E esperança de nenhuma paz. assi que a guerra que dizia ho nam desculpaua, mormente sendo o conçilio mais neçessario pera escusar ha guerra. muitas outras Rezões vi E ouvia praticar que nam ousaria bem escrever. ca muitos dos portacolos em que tinha escritas estas E outras muitas cousas perdi. E em fim o papa querendosse escusar desta negligência conuocaua conçilio em Roma. E a esto Respondiam os cardeaes pisanos que pois no conçilio se avia de tratar do coRegimento do papa que elle nam avia de conuocar ho conçilio prinçipalmente em Roma que pera os que o aviam dacusar nam era lugar seguro.

Como o cardeal sam seuerino³⁹ foi a bolonha
por leuado E leuntou o antredito que o papa pos.

³⁹ Trata-se do cardeal Federico Sanseverino (c.1475-1516) que, após a morte de Gaston de Foix na batalha de Ravena (1512), chefou parte das forças francesas em Itália. Foi um dos cardeais cismáticos contra Júlio II.

Muito se affirmava em Roma que o cardeal santacruz⁴⁰ entrara em pauia electo papa, chamandosse andres primo. E de pauia mandou o cardeal sam seuerino a bolonha que estaua antredita como leguado seu ou do conçilio. como quer que seJa elle entrou na çidade com mais de quatro mil de caualo E foi Reçebido com paleo de brocado E hia deitandosse benção como o papa E seus legados fazem, E aleuantou as excomunhões E o antredito que o papa Jullio posera na çidade pollas cousas Ja ditas, Repicando sinos E dizendo missas. cheguado A porta da JgreJa maior com seus moços destrubaria tomarom ho paleo pera si como os do Santo papa tem por costume // [...] E dahi a poucos dias se foi pera pauia. fl. 146r
E dahi por diante nam se guardou mais antredito em quanto se os cardeaes nam foram fugidos E depois a frança.

Como o papa mandou nunçios aos Reis cristãos
E priuou os cardeaes çismaticos.

Tanto que o papa foi em Roma mandou a Lourenço de campeio auditor da Rota que aguora hee cardeal a alemanha ao emperador maximiliano. E caçador Jssso mesmo auditor da Rota a castela a el Rei dom fernando E a portugal a el Rei dom manoele E outros nunçios a Vngria E a outros Reis cristãos. E assi a el Rei de frança E aos cinco cardeaes notificandolhes o conçilio geral em Roma em são Johão de latram. sendo os ditos cardeaes chamados assinandolhes termo a que viessem dandolhes todas as honestas seguridades, vendo o papa suas desobediências proçeedo contra elles Em hum consistorio publicou E os priuou dos capelos de cardeaes E de todas suas Rendas, dignidades, benefiços E honrras. E os publicou por hereges çismaticos. E loguo proueo de nouo todos seus bispados E benefiços [...] principalmente dos benefiços que eram em espanha E em italia mui poucos se tornaram a cobrar. os que erão em frança erão seguros. santacruz perdeo o bispado de çiguonça que se deu ao senhor dom fadrique. eu fui presente a este Juizo o qual de todos foi auido por espantoso por serem assi priuados tantos cardeaes que de Rendas E casas erão dos prinçipaes antre todos os do colegio. os çidadãos de pauia sabendo que os cardeaes erão despostos E priuados os lançaram fora da çidade a mal seu grado os quaes se foram a milão onde foram Reçebidos de mandado del Rei de frança com grandes festas E proçissoens. E ali estiuerom prosseguindo em seu conçilio ata virem os soiços como adiante direi.

Da doença do papa. E do que se em Roma
fazia. E da morte do cardeal Regina. //

fl. 146v

Neste tempo o papa adoeço de tal maneira que ho tuerom por morto. alguns diziam que de noJo por que tinha duros contrairos E os negoçios nom soçediam como elle deseJaua. nestes Rebates de sua morte Roma era posta toda em armas nam avia Justiça nem quem

⁴⁰ Bernardino López de Carvajal (1455-1523), um cardeal espanhol. Ascendeu a cardeal em 1493 pela mão de Alexandre VI. A partir de 1495 assumiu o título de cardeal de *Santa Croce in Gerusalemme*. Foi um dos líderes do concílio cismático de Pisa (1511), em cuja organização participou activamente. Foi deposto e excomungado por Júlio II. Mais tarde, em 1513, juntamente com o cardeal Sanseverino, afasta-se dos colegas franceses e renuncia formalmente ao cisma. Ambos são restaurados no cargo por Leão X.

a fizesse. cada hum procuraua de por sua vida E fazenda em saluo. as armas erão a todos geraes. das vilas E castelos E coloneses E orsinos⁴¹ E doutros prinçipaes Romanos entraram em Roma mais de vinte mil homens que esperauam a çerta noua da morte do papa pera a começarem a Roubar. alguns çertificauam depois que as entenções destes Romanos era poer os espanhoes A espada. mas dura cousa lhe fora dacabar. a noua da grande doença do papa foi aos çismaticos E a muitas outras partes. o cardeal Regina ficara por leguado em bolonha. E tanto que lhe a noua foi dada partio de caualeiro pera Roma com entenção de socçeder no pontificado. E foilhe dada a noua no caminho que o papa estaua bom E foisse a hum lugar Junto do mar E por ser Ja homem velho E pesado E movido do trabalho do coRer deulhe tal Infirmidade que em breues dias morreo. E o papa ouve toda a sua prata E Joias que elle tinha mui Ricas. foi sentida sua morte por que era tido por homem virtuoso E pera muito.

⁴¹ O quotidiano político de Roma na aurora Quinhentista tem por pano de fundo a acérrima disputa entre as famílias Colonna e Orsini, as mais poderosas na capital da Cristandade. Conselheiros de príncipes e papas, os mais influentes membros destas famílias surgem em praticamente todos os grandes conflitos itálicos na viragem do século XV para o século XVI, assumindo mesmo grande protagonismo em vários deles, como são exemplo as guerras ocorridas durante os pontificados de Alexandre VI, Júlio II e Leão X e que envolvem a França, a Espanha, o Império e os Estados Pontifícios. O poder de ambas as facções era tal, que soberanos estrangeiros com interesses em Itália recorriam por diversas vezes ao seu conselho e apoio político-militar. A oposição entre estas grandes casas italianas reflecte em boa medida a contenda entre as duas principais potências emergentes na Europa tardo-medieval, e que tem lugar precisamente em solo itálico: a França e a Espanha (os Colonna eram tradicionais apoiantes do partido espanhol, ao passo que a Casa de Orsini alinhava pela França). Já na luta entre o papado e o império o antagonismo entre estas famílias era um dado irrefutável: os Orsini assumiram a causa dos gibelinos, apoiantes do papado, contra os gibelinos da família Colonna, que afirmavam a supremacia da instituição imperial. Por outro lado, a forma como ambas as famílias concorrem entre si é um fiel espelho da situação política da Itália na viragem do século XV para o século XVI: crime, conspiração, vingança, nepotismo, confronto armado, declarado ou não, tráfico de influências, corrupção e suborno. O resultado final é o colocar dos interesses pessoais acima dos interesses colectivos e da unidade política nacional, que, desta forma, no caso italiano, se torna cada vez mais uma miragem. O ascendente cultural destas famílias e das cortes italianas em geral marca precisamente, no sentido inverso, a falência política da península como um todo. Membros dos Orsini e dos Colonna conseguiram atingir os lugares mais altos nos planos político e militar. A título de exemplo refira-se que diversos foram os *condottieri* célebres saídos destas famílias, nomeadamente Prospero Colonna, que serviu nas *Guerras de Itália* sob o comando do *Gran Capitán*, tendo inclusive chegado a general das tropas imperiais de Carlos V, e o seu primo Fabrizio Colonna. Mas conseguiram-no também em termos religiosos. Neste último caso merece particular destaque a ascensão da família Orsini, que conta entre os seus membros mais notáveis os papas Celestino III (pontífice entre 1191 e 1198), Nicolau III (pontífice entre 1277 e 1280) e Bento XIII (pontífice entre 1724 e 1730). Casos como os da família Colonna e Orsini em Roma, os Baglioni em relação a Perugia, os Bentivoglio em Bolonha, a Casa d' Este em Ferrara, os Sforza em Milão ou os Petrucci em Siena, entre diversos outros, reflectem bem a forma complexa, dispersa e sinuosa como a política italiana evoluiu na viragem da Idade Média para a modernidade. Com efeito, não é possível pensar a Itália dos séculos XV e XVI sem evocar o papel desempenhado por estas famílias.

Como o papa foi são E da ligua⁴² que fez.

Tornando o papa a cobrar vida foi todo posto em paz E sendo convaleçido foi dizer missa a nossa senhora do populo onde se publicou ligua, scilicet, sua santidade com el Rei de castela, venezeanos, E seneses. foi feita esta ligua em presença do papa E dos cardeaes E dos perlados E dos senhores Romanos E dos embaixadores del Rei E das ditas senhorias que pera Jso tinham seus abastantes poderes.

Os nunçios erão Ja partidos. E por que a principal saude do papa era em el rei de castela, polla ligua que // tinham feita, procurei de aver o trelado do breue que lhe Sua Santidade mandou E assi a Reposta, que hee o seguinte. ff. 147r

Cristianissimo em cristo. filho nosso saude E apostolica benção. o anno passado como alfonso estense que era duque de ferrara se ouvesse ensoberueçido E alçado os cornos contra nos E contra a santa see apostolica cuJo feudatario E vassalo hee, E depois menosprezando nossas munições ho priuassemos consistorialmente do dito ducado nem por Jso deesse nenhum sinal de obediência, acordamos de hir a bolonha pera que daquella çidade mais cheguada trouxessemos ao dito alfonso a verdadeira e deuida obediência, ou liurassemos tam exçelente çidade nossa de sua tirania. pera o qual vossa catolica magestade avendo sido por noos Requerido mandou em nossa ajuda trezentas lanças grossas. tambem mandamos aos veneraues Jrmãos nossos cardeaes da sancta JgreJa de Roma que pera Recuperação de tam grande çidade fossem connosco E nos acompanhassem ou seguissem. o qual quasi todos obediente E prontamente fizeram. por que seguindonos pollas çidades da sancta JgreJa Romana entraron connosco em bolonha. a fora çinco cardeaes os quaes tendo mau pensamento em seus corações foram por outro caminho a florença. E como quer que foram por nossa parte assi por nunçios como por letras Requeridos que viessem a noos E estiuessem presentes Juntamente com os outros cardeaes As deliberações das cousas pertencentes A dignidade da sancta see apostolica, nam vieram, mas foram a grande pressa E furtiuamente (a maneira de dizer) a pauia E dahi a milão. E posto que sua entenção

⁴² Após a dissolução, em 1510, da *Liga de Cambrai* estabelece-se uma aliança entre a República de Veneza e os Estados Pontifícios (1510-1511). Na sequência, depois de um ano de combates, firma-se uma nova e mais ampla aliança político-militar denominada *Liga Santa* (1511-1512), que engloba o papa Júlio II, Fernando II de Aragão, o sacro imperador, a República de Veneza e o rei Henrique VIII de Inglaterra contra Luís XII de França. Criada por iniciativa do papado, esta liga visava reforçar os Estados Pontifícios e, sobretudo, afastar a presença francesa de Itália. A política expansionista dos franceses em Itália tornara-se um verdadeiro perigo para os Estados Pontifícios e para a própria Itália, ao mesmo tempo que ameaçava o equilíbrio europeu, algo que colocava em cheque as demais potências europeias. Eficaz no início, pois acaba por sair vitoriosa do primeiro ciclo de conflitos com os franceses, a liga acaba por se desmoronar a partir das suas próprias fundações, resultando em conflitos armados entre os seus membros. Assim, em 1512, a república de Veneza passa para o partido francês, culminando os eventos três anos mais tarde na batalha de Marignan (1515), que ditam o fim da liga e o reconhecimento (ainda que temporário) da supremacia de Luís XII de França na Itália setentrional. Todos estes movimentos de aliança e contra-aliança, bem como os confrontos armados associados, inscrevem-se nas chamadas *Guerras da Liga de Cambrai* (1508-1516), um conflito maior que, por sua vez, constitui parte integrante do quadro mais geral das *Guerras de Itália* (1494-1559).

fl. 147v E mau animo se poderon conhecer per muitos Jndiçios. contodo Jamaes forom por nos culpados. nem por escrito nem por palaura. por que nunca cuidamos que aviam de ser tam minguados de conselho que tiuessem pensamento de se apartar de sua cabeça nem Rasguar a vestidura do senhor Jndiuisible E sem custura, E trazer ha cisma tam dannosa na JgreJa de deus. que por // çerto aviam sido de noos benigna E honrradamente tratados E polla maior parte acreçentados. mas a todo se atreue a audaçia E çegua E abominauel cobiça. atreueronse com propria temeridade nam tendo pera Jsso nenhuma facultade conuocar conçilio geral. nem em luguar nem tempo conveniente E çitaram a noos pera elle. E neste chamamento husaram de desaverguonhada maneira, por quanto afirmaram ter poder de tres cardeaes os quaes derom pera Jsso nem poder nem consentimento. Inçitados segundo parece por el Rei luis de frança cristianissimo, o qual esqueçendosse do nome E do offiçio dos cristianissimos seus progenitores nos tirou a victoria do dito alfonso contra elle a nos por elle dada E Remoueu E apartou a bolonha exçelente çidade Jmmediate subJeita Aa santa Romana JgreJa da obediência E subJeição nossa E da sancta see apostolica, lançando de si toda piedade E Religião E a tem occupada com muita Jente darmas E a defende sob cor E titulo de proteiçãõ segundo elles diziam E dizem E ameaça tambem de çercar E destrohír outras çidades da JgreJa se nam fazemos com elle paz que elle quiser. engeitando todolos outros Reis E príncepes da cristandade por çerto nos somos aparelhados de abraçar a paz E sempre lha ofereçemos esqueçendo totalas JnJurias E danos Reçebidos com toda aquella paz que convenha A dignidade da see apostolica. E que nom nos aparte da amizade dos outros príncepes da cristandade E que ponha fim A destroiçãõ E guerras de Italia⁴³. E que nom tarde E dilate ha expediçãõ dos maluados turcos E outros JmJguos

⁴³ Esta referência reporta, em sentido lato, às chamadas *Guerras de Itália* (1494-1559), que consistiram num conjunto de confrontos armados, bem como de alianças e contra-alianças, que abarcaram o final do século XV e a primeira metade do século XVI. No seu seio erguem-se as principais potências da Europa Moderna, acabando por caber à Espanha o papel de grande vencedor da contenda e de protagonista incontestado do poder europeu e mundial (muito devido às tentativas falhadas por parte da França para se impor em Itália). As *Guerras de Itália* constituem, afinal, a primeira grande constatação de que a Europa entrou na viragem do século XV para o século XVI numa nova era, quer na forma de fazer política quer na prática da guerra. Uma transmutação estrutural que afecta igualmente a sociedade, a economia e a própria cultura. Afinal, é nos campos italianos que se experimentam de forma impressiva e sucessiva o poder das novas armas, as quais se transformam num dos símbolos mais expressivos do início da modernidade. Na essência, as *Guerras de Itália* representam bem a política de poder que governou a história italiana e europeia da primeira metade do século XVI. Depois de uma primeira fase que termina, em 1516, com a vitória de Francisco I, o confronto entre a França e a Espanha – as duas grandes potências em ascensão à época e que disputam entre si a hegemonia na Europa – entra numa nova fase, marcada pela eleição imperial de 1519. A eleição de Carlos V, I de Espanha, como imperador constituiu um factor decisivo para uma nova correlação de forças entre a França e a Espanha. A rivalidade que se limitava aos domínios dinástico e territorial, assume agora uma dimensão de natureza pessoal decorrente dos novos contornos definidores do confronto entre os dois principais protagonistas, Carlos V e Francisco I. Assim, durante cerca de quatro décadas, os soberanos das dinastias de Habsburgos e Valois lutam de forma encarniçada pela supremacia europeia. Cabe à culturalmente brilhante mas politicamente fragmentada Itália desempenhar o papel de cenário deste confronto titânico. Os recontros armados são interrompidos por breves tréguas derivadas sobretudo de problemas de carácter financeiro. O longo e sanguinário conflito chega ao fim com a assinatura, em 1559, do Tratado de Cateau Cambrésis pelos seus sucessores Henrique II (1519-1559, rei desde 1547) e Filipe II (1527-1598, rei a partir de 1556), que confirma a supremacia espanhola sobre a Europa até

da salúfera cruz que haa tanto tempo que noos procuramos E deseíamos. se outra paz de noos quer tirar, parece que nam busca paz. mas antes debaixo de nossa sombra quer alargar seu senhorio em italia. deus E todo o mundo sabe avermos empreguado todo o tempo de nosso pontificado em Reconçiliar entre si os Reis E príncipes catolicos que estauam deferentes E assi em emparar o patrimonio de sam pedro, E em Restaurar as cidades // E outros luguares occupados, como no aperçebimento da armada pera tam santa expedição, do qual vossa catolica magestade hee bõa testemunha o qual por nossa continua exortação com o mesmo Rei de frança que estaua deferente sobre grandes cousas fez paz prometendonos de vir mui prontamente na tal expedição com totalas forças de seus Reinos. vedes aguora aqui el Rei que husa de Renome de cristianissimo E que quer ser chamado principal filho da Jgreja ha destrue E ordena de nos fazer violencia. os cardeaes çismaticos vrdem de envoluer toda a cristaam Religião de errores, as quaes cousas avemos visto por cartas de nosso nunçio E ouvido a vosso embaixador que estaa em nossa corte ser vos mui graues E molestas. portanto filho charissimo E mui verdadeiro aleuantaiuos pera defender a vossa sancta madre a JgreJa. destrohi os conçelhos dos çismaticos. dous por naçimento são subditos de vossa magestade. por que por Jsto conseguireis nom menos louuor que pollas outras exçellentissimas cousas por vos feitas polla exaltação da fee catolica. vossa magestade sabera de nosso charo filho guilhelmo caçador auditor de cousas do sacro palácio nosso capelão noos aver conuocado conçilio geral em sam João de latrão⁴⁴ com deseJo de concluir ha expedição contra os maluados turcos E outros Jmiguos da fee cristaam. ao qual Roguamos E exortamos em nosso senhor queiraeas prosseguir com aquelle zelo que aveis aborreçido a çisma. E amoesteis E Induzaes a nosso amado filho francisco cardeal de toledo E aos outros prelados desses Reinos catolicos pera que venhão a este conçilio que sera tam saudael a toda a Reepublica cristã. E lhes deis liure liçença E segura passagem. sobre o qual falara a todo muito mais com vossa magestade o dito guilhelmo ao quall vos

fl. 148r

ao crepúsculo do século XVI. A história da Europa neste período de transição civilizacional é, pois, inseparável deste conflito de longo curso. No entanto, o que ressalta de todo este amplo processo é a evidente prioridade da busca do equilíbrio de poder. Esta será a pedra-de-toque no futuro político da Europa.

⁴⁴ O concílio de Latrão V (1512-1517) é considerado pela Igreja católica como o décimo oitavo concílio ecuménico e o décimo dos concílios desta natureza celebrados no Ocidente. Convocado pelo papa Júlio II e continuado por Leão X visava entre outros objectivos rejeitar definitivamente ambos os concílios cismáticos de Pisa (1409-1411 e 1511-1512, sendo este último também denominado concílio de Pisa-Milão) e estabelecer a Reforma da Igreja. Desenvolveu-se em doze sessões, entre 1512 e 1517, e teve por sede a igreja de São João de Latrão. O quinto concílio de Latrão pretendia igualmente condenar o conciliarismo ou teoria conciliar enquanto doutrina que considera o concílio ecuménico ou universal como a autoridade suprema da Igreja, sobrepondo-o consequentemente à instituição do papado. Na essência, o conciliarismo defende a ideia central de que um concílio ecuménico representa toda a Igreja, sendo o seu poder directamente proveniente de Cristo. Nesta medida, todos os fiéis, membros da hierarquia e até mesmo o próprio pontífice estão sujeitos à sua autoridade, por que de origem divina. Isto é, ocorrido nos séculos XIV e XV, o conciliarismo dá forma a um movimento de natureza reformista nascido no seio dos mais altos níveis hierárquicos da Igreja católica, que concebia a autoridade última em questões espirituais como sendo apanágio não do papa, mas da Igreja enquanto comunidade de cristãos e cuja materialização terrena era o concílio geral. No concílio de Latrão V apenas os objectivos relativos ao combate conciliar serão, de facto, concretizados.

apraz a dar fee. dada em Roma em sam pedro sub annulo piscatoris. vltimo de Junho mil
fl. 148v E b^c E onze [,] ano octauo de nosso pontificado. //

Reposta del Rei de castella a qual Representou
dom valeriano de villa que era bispo douedo,
em presença del Rei E de sua corte.

Do que sua alteza Responde ao breue de nosso mui santo padre E a vossa embaixada
Reuerendo senhor nunçio hee que sua Alteza tem communicado este negocio com muitos
perlados E grandes destes Reinos E que sua Alteza por si E em nome da serenissima Rainha
de castela sua filha muito chara, E de todos seus vassalos E subditos. E vniversalmente
de todos Reinos E senhorios beijão as mãos de sua santidade pollo cuidado E diligencia
que tem E haa tido do boom Regimento E guouernação E Reformação da sancta JgreJa
a elle encomendada E pollo deseJo com que sempre procura a paz E vnidade da cristaam
Religião hee mui contente por si E por ela E por seus Reinos E senhorios de mandar ao
conçilio lataranense que sua santidade conuoca os prelados E pessoas que lhe parecerem
convinhauees. E assi mesmo hee prestes E aparelhado como catolico E obediente filho da
santa madre JgreJa Romana de poer por ella E por sua defensão E amparo sua Real pessoa
E estado com as de seus naturaes E subditos trabalhando quanto possiuel lhe for que a
JgreJa nom seJa diuidida nem laçerada nem destrohida de seu patrimonio. E lhe apraz E hee
contente como Ja ho tem começado de tomar as armas por ella pera Jssso, E pera que o geral
conçilio aguora por sua Santidade convocado se çelebre quieta E santamente sem çisma
E sem escandalo. o qual nosso senhor queira encaminhar a seu santo seruiço E ao bem
comum da Religião cristaam por que depois de çelebrado aJa efeito a expedição E Justa
guerra contra os Jnfiees que por sua magestade hee E haa sido tam desejada. E fora em
obra por sua parte posta se estes Jmpedimentos E presentes calamidades nam ho impediram
fl. 149r E estoruaram. E // acabando o bispo, o nunçio pos os giolhos em terra alçando as mãos ao
senhor, dando graças e lououres a deus por aver achado em sua alteza tam catolica Reposta
tanta afeição E deuação Aa santa JgreJa Romana nossa mãj em nome da qual lhe daua
graças E lhe pedia que lhe quisesse dar as mãos por Jssso E sua alteza ho mandou aleuantar
E o dito bispo fez hum deuoto sermão em fauor da fee E vnidade da JgreJa, louuando ao
santo padre na conuocação do conçilio ao qual outro nenhum prelado de castela foi senam
o bispo de burguos que morreo dhi a poucos dias depois que chegou.

Como foi o cargo de capitão da JgreJa dado
ao duque de termenes E de sua morte.

Em quanto estas cousas passauão veo noua ao papa que era aportada grande armada em
napole com muita Jente de pee E de caualo que el Rei dom fernando de castela em sua ajuda
E da JgreJa Romana mandaua. E di a poucos dias entrou em Roma o duque de termenes
que fora chamado pera ser capitão da JgreJa, E vinha Reçeber a bandeira E ho bastam.

Por que nos capitulos dantre el Rei E o papa quis el Rei que o duque dorbino nom fosse
capitão. o dia que o duque de termenes Reçeebo o bastam se diss[e] a missa papal em sam

pedro E o cardeal sam Jorge a quem este carreguo tocava por ser camaralengu da see apostolica lhe deu a benção ho bastão E a bandeira acabado o ofício E o duque que sahio da JgreJa primeiro que os cardeaes acompanhado de muitos senhores E outros muitos cortezãos, caualguou em hum caualo mui grande E fermoso. seu vestido era de borcado. leuaua ho bastão na mão E seu alferes a bandeira E em muita ordenança atrauessaram a moor parte da çidade atee chegar a sua pousada. era homem de Jentil peça E amostrava bem em seu aspeito ser mereçedor da honrra E carreguo que lhe era dado. o papa nestes dias se foi de Roma a solazarse aos luguares Junto do mar. o duque antes de partir de Roma adoeço de febres E assi doente se partio pera bolonha. E nom tardou que veou noua que era morto. alguns murmurauão que o duque dorbino lhe fizera dar peçonha avendo por JnJuria ser tirada a elle a capitania E estoutro açeptalla. a causa por que se partio o duque de Roma // assi doente foi ser avisado que o viso Rei dom Reimon de cardona era partido de napoles pera se hir aJuntar com elle. fl. 149v

Cof[mo] pedro nauarro tomou a bastida, E o duque
foi sobre ella, E a derribou atee os çimentos.

Antes de chegar o viso Rei a bolonha, pedro nauarro foi combater hum castello do duque de ferrara que estaua nos confins de seu senhorio chamado bastida⁴⁵. E nom lhe foi tam leue de tomar que primeiro que ho entrassem a Jente de guarnição que o duque tinha nelle que era mui escolhida matarom muitos dos Jmiguos. contudo o castelo foi entrado E todos metidos A espada. o conde deixou nelle mui bõa Jente em guarnição E fuisse. mas o duque nom tardou com a vinguança. ca veou loguo sobre elles E tomandoo per força, perdendo primeiro muita Jente [,] non ficou homem dos que pedro navarro deixara que nam fosse morto. E mandou deRibar ho castello ataa os çimentos.

Como o viso Rei cheguou a bolonha
E ho que faziam os da çidade.

O viso Rei vinha com seu exerçito na volta de bolonha muito devaguar ataa que cheguou a Jmola onde estiveram muitos dias esperandosse cada dia por elle em bolonha que hee sete leguoas dimola. tanto tardou que deu lugar aos bolonheses a se Refazerem muito mais do que estauam, por que naquella sazão estaua hi miçer anibal E miçer hermes vintivolhas E monsenhor dela paliça⁴⁶ capitão del Rei de frança de çincoenta lanças grossas. neste espaço fizeram os bolonheses da parte de dentro dous muros E huma grande caua E com

⁴⁵ Antes da referência ao cerco de Bolonha de 1512, o Fidalgo destaca o ataque protagonizado por Pedro Navarro à então considerada inexpugnável cidade de Bastia, pertença do duque de Ferrara, e a forma como este a recuperou após a saída do comandante espanhol. Sob o comando do vice-rei de Nápoles, D. Ramón de Cardona, ambas as acções armadas inscrevem-se no quadro da *Terceira Campanha de Itália* das forças espanholas (1511-1513), por sua vez surgida na sequência do estabelecimento da *Liga Santa* (1511).

⁴⁶ Jacques II de Chabannes (1470-1525), conhecido por Jacques de la Palice (ou de la Palisse). Foi o comandante supremo dos franceses em Itália após a morte de Gaston de Foix na batalha de Ravena. Serviu em Itália sob as ordens de três reis franceses, tendo morrido em 1525 na batalha de Pavia.

a terra que della sahio E com Ramos E madeiros fizeram outro muro de terra a que elles chamão bastião que hee cousa mui forte. E fizeram deRibar totalas torres do muro daquella parte atee serem Jguaes com o muro, por que quando as deRibassem com a artelharia non enchessem as cauas E fizessem mal aos de dentro [...] E assi derribaram todosos moesteiros

fl. 150r E grandes edefiçios que avia de fora daquella parte da çidade por // que o viso Rei vinha em o Inverno nom teuessem os do seu exerçito onde se acolher das neues e frios que eram mui grandes, por aquella terra ser mui fria E de grandes neues. E vespera de santo antam que hee a xbj dias de Janeiro ficando por deRibar atee então hum moesteiro que se chama de sam miguel num bosque que estaa na ladeira de huma serra Junto com a çidade [...] naquelle dia A tarde lhe punhão ho fogo sendo grande edefiçio E de muita Renda. E ardendo Ja assomaram no cume da serra pedro navarro com dous mil Jfantes E deçerom a muita pressa bradando espanha espanha. E que os virom os que queimauão ho moesteiro E se forom fugindo pera a çidade. E os espanhoes chegarom a tempo que matarom ho fogo E saluarom ho moesteiro E fizeramse fortes nelle. vendo Jsto a çidade ouve nela grande Repique E aluoroço. E esteue assi pero navarro tres dias no moesteiro antes que cheguasse o viso Rei.

Como o viso Rei chegou a bolonha
E assentou seu aRayal⁴⁷.

O viso Rei chegou a bolonha ao terceiro dia A tarde E loguo grande numero despinguardeiros se poserom de Rador dos muros E tirauão a montão As ameas em maneira que os de dentro nam podiam aparecer antre ellas. E os do aRayal buscaram tempo de prantar sua artelharia que loguo na madrugada seguinte começou a Jugar. E naquelle seguinte dia por nam parecer pessoa alguma no muro hum espanhol por mandado de pedro nauarro por huma escada sobio açima E pollo ver desemparado de Jente bradou dentro espanha espanha. desmandaronse alguns espanhoes E sobiram tras aquelle ao muro [...] monsenhor dela paliça acodio ali, contudo duas bandeiras dos espanhoes estauam ençima. E no muro matarom os dous alferes que as leuauão. dos de dentro moRerom xbj pessoas. E hum portugues pera parda tomou a bandeira de monsenhor dela paliça E leouha. E as duas dos espanhoes ficaram dentro as quaes leuaron E andarom amostrando pollas Ruas com trombetas em sinal de victoria por animarem a Jente que estaua mui desmaiada. // os espanhoes se tornaron pera o aRaial por que o viso Rei os fez Recolher, mandandolhes atirar com huma bombarda. case os deixaron daquella vez tomaram a çidade, por que Ja

fl. 150v

⁴⁷ Em Novembro de 1511, as tropas de D. Ramón de Cardona, vice-rei de Nápoles, iniciaram a marcha em direcção ao Norte de Itália, conquistando pelo caminho a praça-forte de Genivolo. Uma vez reunidas às forças papais, o exército no seu conjunto dirigiu-se a Bolonha com o objectivo de sitiá-la, à época sob domínio francês. O cerco teve lugar durante o mês de Janeiro de 1512, no quadro da *Terceira Campanha de Itália* das forças espanholas (1511-1513), e contou com a participação do célebre Pedro Navarro. No entanto, o violento assédio acabou por fracassar devido ao socorro *in extremis* do novo duque de Nemours, Gaston de Foix (1489-1512), comandante do exército real francês em Itália. Para tal desfecho contribuíram também as condições climáticas extremamente hostis, que entre outras coisas não permitiram que funcionassem as minas de Pedro Navarro. Perante tais adversidades, o vice-rei não ariscou mais e levantou o cerco à cidade moribunda.

todos os de dentro fugiam sem fazer Resistência. continuou o viso Rei per muitos dias em seu cerco E fez grande bateria E mui Rasa. os da çidade esperauam cada madrugada serem tomados. E ordinariamente huma ora ante manhã tangerom hum sino grande que esta na torre del assinelo, deputado aos taes autos E de nenhuma outra cousa serue. como o que esta na torre do capitolio em Roma que se nam tange senam quando todo o pouo hee posto em armas ou compre que se ponha. E todos se armuam e se hião A parte donde estaua o exerçito E ali estuam atee alto dia que era cousa temerosa de ver, por que hee tal pouo o de bolonha que em hum alardo que o papa Jullio fez se acharom na çidade E seu termo corenta mil homens pera peleJar. E a esta ora ordinariamente os do exerçito cada dia tocauam al arma E estuam postos em ordem A maneira de darem combate. faziam Jsto por desvelarem E cansarem os de dentro. E por lhes nam poderem tomar o tino tanto andarom nisto E em cousas de guerra semelhantes sem darem combate que ouve tempo pera a çidade ser socoRida de françeses. hum dia entrarom de socorro quatro mil lançequineques. E vinhão desarmados. E na çidade lhes derom armas. E entrarom sem ser sentidos dos de fora. grande prazer ouve na çidade com a vinda destes. todos foram apousentados na bateria por essas cauas E chão. dahi a poucos dias entrou na çidade o barão de ibernia com muitos estardiotes que eram todolos caualos ligeiros que el Rei de França tinha. atras estes veo mom senhor de fois com todolos homens darmas E Jnfanteria del Rei de França que então tinha. E todos estes sobreditos entrarom na çidade sem o viso Rei nunca disso saber parte. E com sua vinda se fizeram grandes alegrias. E loguo aquella tarde que entrou sahio fora com quatroçentas lanças a dar vista ao campo // dos espanhoes que estuam bem fora de saber que era elle nem do grande poder que dentro estaua. esteue assi monsenhor de fois poucos dias E ordenou de dar huma madrugada no aRaial dos espanhoes, scilicet, que miçer anibal com a gente da çidade sahisse polla bateria, E a Jente francesa por duas portas da çidade E deessem de dous lados todos a hum tempo. quis deus que aquella tarde coRerom huns capeletes E hum foi tomado dos espanhoes E leuado ao viso Rei, o qual descobrio o que estaua ordenado na çidade. E o viso Rei mandou loguo levantar o campo E Retiraronse duas milhas atras alem do Rio E de huma ponte. E loguo se soube na çidade. E na madrugada coReron o campo E tomarom algum despoJo E doentes E feridos que acharom E leuaromnos aa çidade. ali esteue o viso Rei sabendo segundo se cre ho que avia de soçeder, por que neste tempo abaixarom os soiços a milão. E eram xxbij mil, E entrarão por onde queriam sem contradição polla Jente del Rei de França estar em bolonha. a Jsto acodirom os françeses como a cousa que lhes mais Releuaua que a de bolonha – por que naquelle tempo milão era del Rei de França. E sem fazer tardança partiron todos ficando soomente em bolonha monsenhor dela paliça com suas çincoenta lanças. E foram contra os soiços E por estreita em que os poserom E por partidos se tornarom a suas terras. Jsto feito tornaronse pera bolonha. E em todo este tempo o viso Rei nom fez cousa alguma contra a çidade tendoa quasi despejada. nom tardarom muitos dias que em brexa que hee outra grande çidade que foi de venezeanos se leuatarom E matarom trezentos homens darmas que hi estuam françeses. E aleuantaromse contra el Rey de França. E tambem se leuanteu perguamo. E por averem venezeanos cobrado estas çidades mandou o papa fazer em Roma grandes festas, mas nam tardou muito que nom forão convertidas em planto E maguoa. E sabida em bolonha esta noua acudirom outra vez os françeses com muito maior pressa a Recobrar estas çidades

fl. 151r

deixando a bolonha soo E cheguados a brexa ha entraram por força de combate, E meterom fl. 151v toda a çidade a saco⁴⁸, matando [...] Roubando, forçando donas e donzelas com crueldade // nom vista. afirmasse em Roma que passaram de vinte mil almas as que moReram naquelle sacco. E tambem foi Recobrado perguamo. E deixandoas a bom Recado tornaramse pera bolonha. sem outrosi neste tempo o viso Rei bolir consigoo tendosse cada madrugada os çidades por tomados nom entendendo Ja em al, senam em saluar suas fazendas, molheres E filhos. foi esta negligência do viso Rei tam descuberta que todos criam que nam tinha comissão del Rei pera tomar a çidade. E o papa assi ho presumio. tornados os françeses a bolonha esperaram tee vir toda a Jente del Rei de frança que estaua espargida pollo ducado de milão. E sendo Junta monsenhor de fois capitão geral deste grande exercito sahio ao campo no começo do mes de feureiro E assentou aRaial a geito dos espanhoes. E huns E outros se forom mudando atee chegar a Rauena onde se deu a batalha em dia de pascoa. os françeses partiam de bolonha com entenção de combater Rauena [E] com entenção de Jmpedir os mantimentos aos espanhoes por que daquella parte eram providos. E os espanhoes os seguïrom sempre de sorte que huns E outros chegaram a hum tempo a Reuena. antes de chegar a Reuena os françeses combaterom hum castelo chamado Rexa⁴⁹ que a elles e a bolonha Jmpedia muito os mantimentos. foi tomado sem dos espanhoes poder ser socorrido. cheguados a Reuena prantada alguma artelharia começaram de bater os muros E estando os espanhoes a vista delles os quaes sentindo a bateria chegaronse tam adiante que hum pequeno Rio se punha em meo delles. // fl. 152r

Quando se estas guerras Renouauam estando aJnda o viso Rei em napoles veo noua a Roma como os mouros tomarom dom guarçia filho primogenito do duque dalua⁵⁰. E afirmasse que por culpa do conde pedro nauarro. E loguo Junto da noua vierom hum Jrmão do dito dom guarçia E hum filho de dom fernando de toledo com outros mançebos seus parentes

⁴⁸ O autor refere-se ao saque de Bréscia e ao levantamento de Pérgamo, ambos em 1512. A cidade de Bréscia, que se rebelara contra o domínio francês, perante a chegada de Gaston de Foix, duque de Nemours e sobrinho do rei Luís XII, recusou render-se. A 18 de Fevereiro de 1512, sob fortes chuvas torrenciais, os franceses decidiram atacar e apesar das numerosas baixas nas suas fileiras conseguiram entrar na cidade. O saque, que durou cinco dias, foi um dos mais terríveis a que se assistiu na época e teve consequências devastadoras para a população civil. Para não sofrer o mesmo destino, a cidade de Pérgamo pagou cerca de 60.000 ducados aos franceses.

⁴⁹ Trata-se do ataque francês à fortaleza de Rexa, em 1512, pouco antes da batalha de Ravena e, portanto, no contexto desta. Rexa constituía um ponto estratégico crucial, quer para os franceses quer para os espanhóis, pois da sua posse dependia o eficaz abastecimento dos exércitos em circulação. A deslocação de forças guerreiras de monumentais proporções – condição essencial das novas formas de fazer a guerra – tornava a logística um aspecto nuclear da actividade militar em geral e um elemento casuístico fulcral em termos do resultado final do momento específico da batalha.

⁵⁰ Trata-se da batalha de Los Gelves, ocorrida a 29 de Agosto de 1510. Também conhecida como *Desastre de los Gelves*, esta batalha inscreve-se no quadro da regência da coroa castelhana (1507-1516) por Fernando, o *Católico*, e mais especificamente no âmbito de um movimento expansionista por parte deste no Norte de África. Após se apoderar de um conjunto de praças norte-africanas (Oran, Bugia, Tripoli e Argel), um exército aragonês comandado por Pedro Navarro junta-se a um exército castelhano liderado pelo jovem García de Toledo (?-1510), filho primogénito do segundo duque de Alba, Fadrique Álvarez de Toledo y Enríquez de Quiñones (1460-1531). Fernando, o *Católico* acaba por atribuir o comando supremo das forças conjuntas a este último o que claramente desagradou ao conde Pedro Navarro.

que avião escapado, os quaes andauão visitando as cortesans E dandosse a prazeres com pouco sentido do que lhes aconteçera.

Como o cardeal de sena veio a Roma
E da morte do magnifico pandolfo⁵¹ seu
pai. E da Riqueza dagueoscim quise.

Neste tempo se veio pera Roma o Reuerendissimo alfonso petruche cardeal de sena⁵² filho do magnifico pandolfo duque E senhor daquela antiga E mui nobre çidade. E por que estando eu em sena quando lhe o papa mandou o capello de cardeal me tinha visto na companhia de dom anRique E dom antonio dazeuedo E doutros fidalguos E portugueses

⁵¹ Pandolfo Petrucci (1452-1512), tirano da República de Siena e pai do cardeal Alfonso Petrucci. Por simpatizar com a facção política dos Noveschi, Pandolfo foi exilado pelos então governantes de Siena. No entanto, quando esta facção readquiriu posição e influência política, Pandolfo tornou-se seu líder acabando por regressar à sua cidade natal em 1487. É promovido a capitão da guarda da cidade, em 1495, assumindo dois anos depois, após a morte do irmão Jacopo, os importantes negócios deste em Siena, bem como a sua vasta fortuna. Dá então início a uma ascensão vertiginosa até ao poder total sobre a cidade. Em breve casa com Aurélia Borghese, filha do poderoso Niccolò Borghese (1432-1500), o qual auxilia Pandolfo a garantir uma série de cargos públicos. Pandolfo utiliza então o seu novo poder e a vasta influência política recentemente adquirida quer para vender cargos públicos, quer para ceder posições-chave na administração da cidade a homens da sua confiança. Tal estratégia permitiu-lhe tornar-se o homem mais poderoso de Siena, algo que acabou por desagradar ao sogro e a todo um conjunto de inimigos ganhos nesta ascensão meteórica, que decidiram afastá-lo definitivamente de cena. Contudo, o pai de Alfonso Petrucci acaba por descobrir a conspiração, eliminando na sequência todos os adversários, incluindo o próprio sogro, em 1500. Torna-se, assim, governador absoluto de Siena. Todavia, apesar do seu governo totalitário e no sentido de consolidar o seu poder sobre bases realmente sólidas, Pandolfo teve o cuidado de tudo fazer para garantir o apoio do povo de Siena. Assim, desenvolveu quer a economia da cidade, quer uma forte política de apoio às artes, o que permitiu transformar Siena num farol cultural e num expoente económico no quadro de toda a Itália. Por outro lado, evitou uma guerra aberta com Florença, com quem Siena mantinha um conflito há quase um século pelo controle de Montepulciano, iniciativa que muito agradou aos habitantes da cidade, que em definitivo confiavam na sua governação e apoiavam a sua posição de tirano de Siena. Pandolfo ascende ao poder absoluto em Siena num tipo de percurso e de movimentações que não tinha lugar, pelo menos formalmente, no quadro da mobilidade social característica do feudalismo. Nessa perspectiva revela a clara volatilidade da política italiana e, enfim, o repudiar em Itália da hierarquia e da forma de ascensão feudal. Só assim se compreende como de aliado dos franceses e inimigo de Espanha e do papa Alexandre passe a aliado de Júlio II e dos espanhóis e inimigo de França. Um caminho que lhe permitiu passar do anonimato a um dos homens mais importantes de Itália, sobretudo com a morte do seu inimigo César Borgia, duque Valentino, em 1507, e deixar após a morte um filho cardeal e outro na condução dos destinos da sua cidade natal. Toda uma ascensão política e social – num processo que se pode considerar um verdadeiro sinal dos tempos – que tem por principal suporte o poderio económico proveniente dos negócios de natureza comercial. O percurso de Pandolfo Petrucci constitui, pois, um espelho fiel das movimentações políticas em Itália na transição do século XV para o século XVI e, sobretudo, da forma de alguma maneira original de organização e ascensão social deste complexo espaço europeu.

⁵² Alfonso Petrucci (c.1490-1517) foi um nobre italiano pertencente à família Petrucci da República de Siena. Segundo filho do governador de Siena Pandolfo Petrucci e de Aurelia Borghesi, Alfonso foi eleito cardeal em 1511 e condenado à morte em 1517, acusado de participar na conspiração para assassinar o papa Leão X.

fl. 152v muito honrrados que naquelle tempo ali estudauão na sapiençia. me Reçeebo por seu no foro dos mais estimados familiares. neste tempo era Ja seu pai mui doente E apertando o seu mal fezse leuar aos banhos ou caldas davinhone que são em terra de sena Junto de sam quiriço. E peJorando cada dia mais assi se mandaua tornar A çidade em andas. chegando a sam quiriço lhe deu hum açidente que conueo per neçessidade meteremno no espirital por ser a casa mais A mão que se achou. E loguo ouverom aquillo por misterio por que despoJara ho espirital de sena da Renda do qual se prouia este E outros muitos sofraguanhos a elle. E diziam que fora Juizo diuino moRer em espirital. afirmam que tem de Renda o espirital de sena corenta mil florins cada año. de são quiriço pandolfo foi leuado morto A çidade. ca tanto que foi metido no espirital deu a alma a deus foi acompanhado dos prinçipaes cidadãos que o vierom buscar. teue o pouo das vilas E luguares tempo de vir a seu enterramento com todalas tochas das confrarias dos ditos luguares. as quaes se afirmuam ser mil E oitoçentas. hia cuberto de hum pano de Rico bocado E pendia // ataa o chão E muitas bandeiras derrador das quaes eu vi despois algumas sobre sua sepultura na see onde foi enterrado. deixou tres filhos E tres filhas, scilicet, o Reverendissimo cardeal, o magnifico burges⁵³ que ficou no guouerno E mando em seu lugar o qual era casado com huma sobrinha do papa pio eneas siluio Jrmão do arçebispo de sena que despois o papa lião⁵⁴ fez cardeal, E fabio que aJnda era minino. as filhas a maior era chamada sulpícia era casada com hum Jrmão dagostim quise dos mais Ricos E honrrados cidadãos seneses. E posto que pareça sahir fora do proposito nam deixarei de dizer de sua Riqueza trato E maneira de viuer. este aguostim quise E seus Jrmãos erão barqueiros [*sic*]⁵⁵ em Sena. E tanto os fauoreço a fortuna que hum casou com a filha de pandolfo duque e senhor daquella senhoria. E agustim alcançou tantas Riquezas que se affirmaua nam aver naquelle

⁵³ Borghese Petrucci (1490-?), primogénito do tirano Pandolfo e irmão mais velho do cardeal de Siena, Alfonso Petrucci. Ficou à frente dos destinos da República de Siena entre 1512, ano da morte de seu pai, e 1516.

⁵⁴ Leão X (1475-1521), nascido Giovanni di Lorenzo de Médici, foi papa de 1513 até à data da sua morte. Segundo filho de Lourenço, o *Magnifico* (1449-1492) foi nomeado cardeal com apenas 16 anos. Ao mesmo tempo adepto do nepotismo e mecenas faustoso (principalmente em relação a Rafael e a Miguel Ângelo), ficou famoso sobretudo pelas indulgências que decidiu conceder aos fiéis que contribuissem com as suas dâdivas para pagar a construção da Basílica de São Pedro em Roma. Será esta a base da revolta de Martinho Lutero (1483-1546), a quem Leão X, em 1521, dita a excomunhão e expulsão definitiva da Igreja católica ao emitir a bula *Decet Romanum Pontificem*. É o clímax de um violento processo iniciado precisamente em 1517 quando o monge agostinho afixou as *95 Teses contra as Indulgências* na porta da igreja do castelo de Wittenberg, dando de forma simbólica início à Reforma religiosa na Europa e a um dos momentos mais traumatizantes da história da Cristandade. Leão X concluiu o quinto concílio de Latrão, iniciado por Júlio II, e perdoou os cardeais cismáticos que tinham participado no concílio de Pisa. Foi alvo de uma tentativa de assassinato, em 1517. Na sequência desta conspiração, o papa florentino elimina todo um conjunto de inimigos políticos, fazendo em simultâneo ingressar no Sacro Colégio 31 novos cardeais, cujas contribuições financeiras vieram aliviar de forma importante as dificuldades económicas que a cúria então enfrentava. Esta inédita nomeação pelo papa Médici alterou por completo as redes de influência e de poder no seio da cúria, resultando todo o processo na autoridade suprema do papa, que não mais seria contestado, sobretudo, pelo facto de que quase todos os cardeais que compunham agora o Sacro Colégio lhe deviam a nomeação e dele eram dependentes a vários níveis, em especial socioeconómicos.

⁵⁵ Leia-se *banqueiros*.

tempo outro tam Rico mercador em christãos. seu assento era em Roma. seruiasse de mestre de casa, veador, camareiros, escudeiros, trinchante, moços desporas E da estribeira. seus cavalos E mulas passauam de trinta. assi que o seruiço E trato de casa não era menos de cardeal. andaua por Roma as mais das vezes a pee com dous ou tres moços consigo. hum que lhe leuaua o caualo polla Redea. os outros hião com elle As JgreJas ou casas onde entraua. era Reçebido dos cardeaes com grande cortezia. seu vestir honesto E de finos panos forrados de sedas segundo os tempos. no verão de çetins ou damascos. E no Inverno de veludo. nam lhe leuauão Rabo como husam em portugual qualquer cuchicraque, cousa nam acostumada em outra provincia sem necessidade de tempo E lugar [...] ordenado senhor de pessoas manificas de muita Renda E autoridade no tempo que eu parti de Roma nam era aJnda casado nem quis ser cardeal quando o papa lião fez os // trinta e hum cardeaes. a segunda filha de pandolfo era chamada Joma E casada com hum dos balantes que erão a parte contraira de pandolfo. E os Jrmãos deste seu Jenrro E outros muitos cidadãos seus parentes E amigos que erão da sua banda andauão desterrados E estes balantes tinha a parte do pouo. E muitas vezes poserom em obra de matar pandolfo E sempre forom descubertos pollos muitos avisos que pandolfo trazia em sua casa E guarda. E por que se temia muito do pouo sohia de oito em oito ou quinze dias mandar dos seus que fossem de noite pollas Ruas bradando populo populo. E se alguns daquelles em que avia sospeita sahiam erão tomados E mortos ou mui mal tratados. E se guardando o capitão a çidade de noite algum era achado a qualquer ora da noite que fosse ho aviam dir dizer a pandolfo E com estas E com outras semelhantes cousas era temido que ninguem ousaua bolir. a terceira filha se chamaua choca E foi primeiro conçertada pera casar com o filho primeiro do senhor de camarino. E desconçertandosse casou com o filho de Jão paulo valhom senhor ou tirano de perosa. deixou pandolfo em seu testamento por ayos E guovernadores dos filhos dous príncipaes cidadãos. mas nom nos emcaminharom bem. tinha pandolfo consigo pera seu conselho hum grande letrado que se chamaua benafara cathedratico de leis na sapiençia. depois da morte de pandolfo as partes contrairas cometerom pazes com seus filhos E em alguma maneira se conçertarom [...] antre as outras capitolações foi que benafara se fosse de sena, E que ho nam teuessem mais em sua companhia. quando o doutor Jsto soube deu em Reposta ha seguinte fabula dizendo que os lobos E as ovelhas sendo grandes Jmiguos de longo tempo fizerom pazes E disserom os lobos que pois Ja eram todos amigos que as ovelhas nam tinham neçessidade de trazer mastins em sua companhia E que os lançassem de si. E que ficando as ovelhas sem guarda E defensores vierom os lobos E sem contradição as matarom E comerom. verdadeiramente assi aconteceu a estes senhores que depois que aquelle famoso doutor foi delles apartado os contrairos teuerom lugar // E tempo de os destrohir E lançar de seu estado conçertandosse com o bispo petruche primo com Jrmão do cardeal E seu mestre de casa que por mandado E aJnda do papa lião ho trouxe A morte E derom perpetuo desterro ao magnifico burges E a fabio seu Jrmão. os quaes se acolherom a napole ao viso Rey como adiante mais larguamente direi. perderonse por se acharem sem conselheiros E se guovernarem como homens mançebos. era seu pai de antigua e mui nobre geração dos pandolfos E nam dos mais Ricos çidadões no começo de sua vida. mantinhasse por sua Industria de tratos de mercadorias como todos geeralmente acostumam. era homem de mui grande saber E animo que se soube fazer duque E senhor daquella senhoria absoluto sob cor de companheiro. Reçeebo grandes trabalhos E afrontas principalmente do duque

fl. 153r

fl. 153v

valentino filho do papa alexandre⁵⁶ que o deitou fora de sena. E depois de morto o duque ho mandaram vir os çidadões da çidade. E dali em diante ho tiuerom em mais estima por que se nam sabiam sem elle guovernar sendo ausente. honrraua muito os estrangeiros E sobre todos os estudantes portugueses que naquelles estudos da sapiençia avia mais que doutras nações. com todolos Reis tinha Inteligencia prinçipalmente com el Rey dom fernando de castela. E co papa Jullio com os quaes tinha feito ligua como dito hee. no fim de seus dias erão suas cousas assi prosperas que hum dos filhos deixou cardeal. E o outro duque em seu lugar. E as filhas casadas com prinçipaes çidadões. E muitas vilas E castelos E possissões de seu patrimonio. mas estas bem aventuras todas se voltaram em breues dias ao contrairo por que as cousas desta miseravel vida nunca permanecem em hum estado.

Como dom João de castelo branco embaixador
de portugual moReo em Roma E foi por
procurador del Rei o doutor João de faria⁵⁷. //

fl. 154r

Dom Johão de castello branco Jrmão de dom martinho que aguora hee conde de villa noua moReo naquelle tempo em Roma. diziam que se causara sua morte de huma queda de hum ginete que lhe o conde mandara. era embaixador del Rei. E avia oito dias que o cardeal mediçis seu grande amiguo proposera em consistorio ho bispado de lameguo que o bispo que entonçes era Renunçiará nelle. ficou por seu testamenteiro o dito cardeal E todolos benefícios E fazenda do dito embaixador Repartio com seus criados. E depois que foi papa dizia, se o nosso dom João fora viuo, fizeramolo cardeal com os nossos mais charos amiguos. per sua morte mandou el Rei a Roma com cargo de seu procurador ao doutor João de faria seu desembargador.

Como o papa mandou por leguado
ao cardeal mediçis⁵⁸ a bolonha.

⁵⁶ Filho do papa Alexandre VI, César Bórgia (1475-1507) foi elevado a duque Valentino em 1498 pelo rei Luís XII de França, que desejava um pontífice aliado. Era considerado por Maquiavel o axioma do bom governante e da habilidade política. César tentou com o apoio do papa, seu pai, construir um principado na Romana, em 1501. Projecto ousado que lhe emprestou a fama de calculista, violento, implacável e determinado na acção política. Daí ter constituído o modelo para a mais famosa obra do pensador florentino.

⁵⁷ João de Faria foi o primeiro embaixador residente português na cúria papal. Nomeado por D. Manuel, ocupou o cargo entre Fevereiro de 1512 e Novembro de 1514, data em que foi sucedido por D. Miguel da Silva, um dos diplomatas e intelectuais portugueses mais eminentes do Renascimento.

⁵⁸ Trata-se de Giovanni di Lorenzo de Médici (1475-1521), futuro papa Leão X. Segundo filho de Lourenço, o *Magnífico* foi nomeado cardeal com apenas 16 anos.

Era o sobredito cardeal mediçis florentim filho de Lourenço de mediçis⁵⁹ E neto de cosmo de mediçis⁶⁰ [...] era o mais pobre cardeal de todos do collegio E com a pobreza era a todos assi domestico que ho tinham por homem virtuoso tinha hum Irmão chamado Julião⁶¹ E muitas Irmãs E parentas. Julião viuia co duque dorbino. erão pobres por que foram deitados de florença por outras partes contrairas que governauam E possuhião a fazenda. mandou E senhoreou ho que elles dantes tinham. este cardeal mediçis com sua mansidão veo a estar muito em graça do papa Jullio que ho trazia nas guerras sempre consigo. E deseJando de ho acreçentar tanto que o cardeal Regina morreo E seu corpo foi trazido a Roma E lhe fizeram as obsequias (em sancta maria maior onde foi enterrado mui solenemente) çebradas de todos os cardeaes como acostumam per noue dias fazer a todos que em Roma morrem, scilicet, no primeiro dia E no derradeiro sendo presentes todos cardeaes. E nos outros os bispos E prelados delles. o papa mandou A leguaçia de bolonha por leguado em lugar de Regina ao dito // cardeal mediçis o qual andaua no exerçito do viso Rei por que a çidade fl. 154v estaua ocupada dos tiranos.

Da batalha de Ravena.⁶²

Muitas cousas notaues diziam que acontecerom antre os guerreiros espanhoes E franceses assi ante como depois na batalha. E por que nam hee de crer que os que se nom acharom

⁵⁹ Lourenço de Médici, o *Magnifico* (1449-1492), foi uma das mais destacadas figuras políticas do Renascimento italiano. O seu governo está associado à denominada *Idade de Ouro* de Florença. O seu filho Giovanni di Lorenzo de Médici atingiu o pontificado sob o nome de Leão X.

⁶⁰ Preeminente banqueiro e político florentino do século XV, Cosme de Médici, o *Velho* (1389-1464) foi o fundador da dinastia política dos Médici.

⁶¹ Giuliano II de Médici (1479-1516), irmão do papa Leão X e filho de Lourenço, o *Magnifico*. Graças à política de casamentos levada a cabo pelo irmão enquanto pontífice, contrai matrimónio com a princesa Felisberta da Casa de Sabóia (1498-1524) a 22 de Fevereiro de 1515 na corte de França, tornando-se igualmente duque de Nemours por investidura de Francisco I. Assume a liderança do governo em Florença em 1512, ano em que os Médici recuperam o poder na República graças à intervenção do papa Júlio II e de Fernando II de Aragão. Manter-se-á à frente dos destinos da República florentina até à data da sua morte.

⁶² Ocorrida no dia 11 de Abril de 1512, entre as forças da *Liga Santa* (exército espanhol auxiliado pelas forças dos Estados Pontifícios) lideradas por D. Ramón de Cardona, vice-rei de Nápoles, e os exércitos da coligação reino de França-ducado de Ferrara comandados por Gaston de Foix, duque de Nemours, a batalha de Ravena foi o maior confronto militar das *Guerras da Liga de Cambrai*, durante as chamadas *Guerras de Itália*. A contenda desenvolve-se em duas fases, sendo que na primeira a infantaria espanhola liderada por Pedro Navarro leva a melhor sobre o exército francês. Todavia, este acaba por sair vencedor, sobretudo devido à saída do campo de batalha de Ramón de Cardona. Gaston de Foix perde a vida durante o combate, ao passo que Pedro Navarro é feito prisioneiro pelos franceses – desta captura resultará a mudança de Pedro Navarro para a facção francesa nos anos posteriores. A batalha de Ravena caracteriza-se pelo protagonismo das novas armas, em particular da artilharia; a elevação da infantaria como principal corpo do exército, anteriormente secundarizada e subjugada em termos de proeminência face à cavalaria; e, enfim, o irreversível estabelecimento de uma nova forma de praticar a guerra, cujos valores e princípios apontam numa direcção diversa do estabelecido pelo modelo anterior, marcadamente medieval. A batalha de Ravena teve consequências marcantes na mentalidade da época, em particular em Itália. Com efeito, não foram apenas os intervenientes que sofreram com o conflito armado. As populações civis foram igualmente massacradas, como informa o Fidalgo em

em tam temeroso feito podessem dar certa fee das cousas notauées E do que de feito passou escuso de escreuer as deferenças E particularidades que se diziam que muitos capitães E soldados fizeram naquella cruel batalha E passarei por Jsso por nam ser perluxo E nam ter duuida que de tam grão feito darmas vossa Ilustrissima senhoria tem sabido ho mais çerto. contudo das muitas sentenças algumas direi — E com temor de ser Reprendido —. diziasse que estando os aRaiaes A vista hum do outro, metendosse soamente em meo o sobredito Rio, monsenhor de fois⁶³ capitão geeral dos françeses mandou o dia dantes da batalha hum trombeta desafiar ho viso Rei pera lhe dar batalha ao outro dia. E que o viso Rei a aceitou. E fez merçe ao trombeta. E que despedido do viso Rei se foi a dom dioguo da cunha prior de meçina da ordem de são João E deulhe hum penacho branco dizendo que monsenhor de fois se enformara qual era o melhor caualeiro que naquelle exercito vinha, E lhe aviam dito que elle que lhe enviava aquelle penacho que ho leuasse o dia seguinte que avia de ser a batalha pera o conhecer E se encontrar com elle. E que elle leuarya outro tal. o prior de meçina tomou o penacho E fez merçe de hum colar douro ao trombeteiro E de hum sayão de borcado que trazia sobre as armas E do caualo em que estaua. E por que erão muito mais que os espanhoes, alguns dos prinçipaes senhores E capitães que estauão com o viso Rey lhe disserom que deuiam dar na parte dos françeses que era // passada. o qual nam consentio nisso, E deixando os todos passar. os françeses assentaram sua artelharia, mas os espanhoes tinham a sua assentada em mais avantaJoso luguar, E assi seu exercito, a qual dambalas bandas começou de tirar. E afirmauasse que passara mais de duas oras este Joguo fazendo grande estraguo em ambolos aRayaes na Jente darmas. E que o prior de meçina começou bradar vendo assi perder tantos E bons caualeiros que melhor era moRer As mãos de seus Jmiguos na batalha que como passaros dos tiros da artelharia. E que o senhor fabriçio coluna⁶⁴ como marquez de pescara⁶⁵ seu Jenro que tinham a avanguarda moueram contra o duque de ferrara. E monsenhor de lutreque Jsso mesmo vinham por capitães da avanguarda dos françeses. os espanhoes Romperom os françeses. E o duque de ferrara foi preso do senhor fabriçio E monsenhor de lutreque do capitão luis el guordo. o conde pedro navarro que era sobre a Jente de pee aJuntousse com a Infanteria françesa E Jsso mesmo os Rompeo. E fez tanto que tomou a artelharia dos françeses E alguns capitães se assentaram nella a descansar. tendo a vitoria por sua ca os françeses erão lançados quasi

relação ao saque de Ravena ocorrido logo após a grande batalha. Apesar da vitória final, os franceses foram incapazes de dominar o Norte de Itália, acabando por abandonar o território ainda antes do final de 1512.

⁶³ Duque de Nemours e sobrinho de Luís XII, Gaston de Foix (1489-1512) recebeu o comando do exército real francês em Itália. Pelo valor ímpar da sua acção guerreira na península recebeu o cognome de *Foudre d'Italie (Relâmpago da Itália)*. Particular destaque merecem a sua participação decisiva na libertação de Bolonha, em 1512, e a célebre vitória na batalha de Ravena. Foi neste último confronto que perdeu a vida, naquele que constitui um dos momentos símbolo da mudança na arte e na técnica de fazer a guerra na viragem da Idade Média para a Idade Moderna.

⁶⁴ Primo de Prospero Colonna, Fabrizio Colonna (1460-1520) foi um destacado general italiano. Combateu na batalha de Ravena, em 1512, tendo sido feito prisioneiro pelos franceses e enviado a Ferrara. Nicolau Maquiavel faz dele o protagonista da sua obra *A arte da Guerra*, escrita em 1520 e publicada no ano seguinte.

⁶⁵ Fernando Francisco de Ávalos Aquino y Cardona (1489-1525), quinto marquês de Pescara. Este militar napolitano de origem espanhola foi general das tropas imperiais de Carlos V nas *Guerras de Itália*.

do campo E grande multidão delles mortos. E a vooz dos capitães era victoria victoria. monsenhor de fois com todolos gentis homens da guarda del Rei de frança erão mortos os quaes erão duzentos E çincoenta que traziam libree de sayos de brocado E veludo verde sobre as armas. estando a honrra da batalha em poder dos espanhoes que peleJauam, o viso Rei fugio com seiscentas lanças grossas E com muitos ginetes por cuJa ida os françeses tornaram a cobrar ho que aviam perdido. E os espanhoes tornaram a perder ho que aviam guanhado. diziasse de muitos capitães que fizeram cousas estranhas em armas. de hum coronel biscainho chamado Johanes se afirmava que antes que ho matassem matou dos françeses corenta. foi pedro nauarro preso dos françeses duas vezes. E dambas ho tomarom os seus // [,] mas da terceira ficou em frança atee aguora. foi tomado muito ferido por que nam era dos derradeiros. elle se ofereçia a todolos periguos animando E esforçando os seus, estimando mais sua homrra E fama que ha vida. o senhor fabriçio tornou a ser preso do duque de ferrara. E luis el guordo de monsenhor de lutreque E assi aconteceu a outros muitos que polla Jda do viso Rei em tam breue tempo se mudou sua fortuna ao contrario. foi preso marquez de pescara que fugio aos françeses E o marquez de vitouto E dom João de Cardona E muitos outros de grande conta espanhoes E napolitanos. o marquez dela paliça foi preso de capeletes ou albaneses E por peita ho soltaram E fugio levando huma ferida em o Rosto. tambem prenderam o cardeal mediçis que era leguado do papa E andava sempre no exerçito do viso Rei como Ja disse. çinco mil Jfantes espanhoes que aJnda peleJauam quando o viso Rei fugio fizeram de si hum esquadrão dos quaes os françeses nom curarom E lhes mandarom dizer que se fossem em paz. achousse morto o prior de meçina E Junto delle o penacho de monsenhor de fois. E monsenhor de fois foi achado morto com oito feridas ante a sua Jfantaria nos quaes os espanhoes aviam feito grande matança assi nos lançaquineques E guastões [*sic*]⁶⁶ como nos outros françeses E das outras naçoens. moReo mais dos espanhoes dioguo de quinhões capitão de lanças grossas mui nomeado nas cousas da guerra E hum Jrmão do cardeal deuna, E outros muitos capitães E Jente estimada. moRerom dous mil Jfantes Jtalianos que mandava o coronel Ramaçote que era da Jente do papa. dos françeses moRerom mais de xx capitães E outros grandes senhores. diziasse çertificadamente que moRerom dos françeses na batalha passante de quinze mil. E dos espanhoes menos de çinco mil. E que se o viso Rei se nam fora, posto que elle E os que com elle fugirom nom peleJaram, a victoria fora sua. E que ficaram os françeses tam mal tratados que se ao dia seguinte tornaram a elles, nom acharam nelles Resistença por que a Jente que com elle fugio de homens darmas E ginetes erão tres mil E com os çinco mil Jfantes que ficarom no campo E com // os que o senhor marco antonio tinha em Reuena abastava pera de todo desbaratar os françeses. foi esta cruel batalha dia de pascoa da Resurreição da era de mil E quinhentos e doze anos. durou quatro oras, scilicet, duas oras que Juguou a artelharia E duas que peleJarom. neste mesmo tempo o papa deitava a bemção ao pouo em Roma, como se acostuma nos taes dias, excomunguando os da parte de frança que então peleJauão na batalha, dos quaes alguns erão nomeados na bula. o sol era mui claro em Roma E naquelle doloroso lugar foi tornado em sanguineo. ao outro dia seguinte foronse os françeses contra a çidade de Reuena hia por seu capitão geral o cardeal sam seuerino leguado do conçilio çismatico que continuo andava com elles.

fl. 155v

fl. 156r

⁶⁶ Leia-se *guascões*.

na çidade estaua o senhor marco antonio coluna com mil E trezentos Jfantes espanhoes que o viso Rei mandara pera guarda della antes da batalha [,] o qual vemdo a Rota dos espanhoes fez pauto com os françeses que liuremente ho deixassem sahir com todolos seus E com quanto tinha. E dessem seguro aos da çidade de os nam meterem a saco nem lhes fazerem mal algum [,] Jsto conçertado sahiosse E foisse pera Roma. os françeses nam guardando a promessa meteram ha çidade a saco forçando molheres donzelas E casadas, tirando das JgreJas E mosteiros as que se acolhiam ferindo E matando quantos achauam. foi o Roubo tam sem temor de deus que por tomarem em huma JgreJa a custodia deitarom ho sancto sacramento no chão E leuaram a custodia. mui grande estraguo fizeram nesta çidade husando de grandes crueldades. diziasse que a Jente que moReo nesta batalha era a mais estimada E sabedora na guerra que naquelle tempo avia na cristandade, por que ali moReo a que andara com guonçallo fernandez na guerra de napoles, E da Jtalia a que trazia Ramaçote E toda a escolhida de frança dos quaes mui poucos ouverom sepultura. E por Jssso a maior parte da çidade se despouou por muitos dias E assi muitos lugares daRedor por nam poderem sofrer ho grão fodor que dos mortos sahia que corrompendo ho ar causaua grandes Jnfirmidades. acharanse despois da batalha tres mil molheres em cuJo poder, se achou o prinçipal dinheiro // E despoJo dos espanhoes que aviam deixado em sua guarda como costumam fazer.

Como monsenhor de fois E outros capitães
frਾਂçeses que moRerom na batalha
forom leuados a bolonha E os da parte
do papa que forom presos.

Monsenhor de fois E xxij capitães françeses dos que morreram na batalha forom loguo leuados a bolonha aos quaes fizeram grande Reçebimento E honrras na JgreJa maior çercados dos estendartes do papa E del Rei dom fernando E doutras muitas bandeiras que guanharom na batalha [,] dali forom leuados a milão que era dos françeses E leuaram com elles o cardeal mediçis E o conde pedro nauarro E luis el guordo capitão dinfantaria E gayoso outro capitão gualeguo E caruaJal capitão de ginetes filho do alcaide dos donzees E guonçallo barreto portugez gentil homem com outros muitos presos que se depois Resguatarom. assi que nesta Jornada os mortos triunfaram dos viuos.

Como a noua chegou a Roma
E do que o papa fazia.

Jaa disse que foi a batalha na era de nosso senhor Jesu christo de mil E quinhentos E doze anos em dia de pascoa da Resurreiçãõ. A terça feira seguinte de noite chegou a noua a Roma per via de florença, a qual foi loguo per toda a corte sabida E os cardeaes se forom A quarta feira pera o papa. E nam poderom tanto madruguar que sua santidade Ja estaua em velueder por que tinha de costume aleuantarse em amanheçendo. acodiram ali Jssso mesmo totalas senhoras e baronesas de Roma que tinham seus maridos na guerra E cada huma perguntava pollo seu. o papa as consolaua E dizia que nom cressem nada do que se dizia por que costume era dos françeses semear sempre nouas mentirosas em seu fauor. nesta primeira

noua nam veo mais çerteza que ser o viso Rei desbaratado E fugido. depois veo outra que nam escapara dos espa // nhoes nenhum que nom fosse morto E que os françeses ficaram fl. 157r
 Jnteiros sem moRer homem delles E que vinhão contra Roma. E que o duque dorbino se passara da parte de frança. com estas nouas os cortezãos estauão suspensos E postos em grande confusão E o papa mal contente. passados oito dias vierom coReos E tambem o duque de tracto E outros caualeiros que forom na batalha ataa fim della E se saluaron, que trouxerom noua certa do que passara. todolos dias que nom eram de consistorio fazia o papa congreguação com todolos cardeaes E todo seu fundamento era fazer pazes. trazia tratos com os príncipaes Romanos por que todos andauam mui aluoraçados. E pollos paçificar lhes confirmou çertas liberdades que sohiam ter antigamente. estaua o prospero columna⁶⁷ neste tempo desauindo do papa E querendo Sua Santidade fazello faloneiro da JgreJa veo a Roma sendo medianeiro o embaixador de castela. esteue com o papa espaço de duas oras sem outra pesoa E do que passaram o prospero se tornou a hir loguo de Roma pera suas vilas E çidades de que hee senhor. E estão nom muito longe de Roma. dizse que as coisas que pedia erão taes que nam teuera Sua Santidade por bem de lhas conçeder. E assi se apartaram desacordados. bradaua o papa por guonçallo fernandez⁶⁸ dizendo que este queria em Jtalia confaloneiro da JgreJa E capitão del Rei dom fernando.

De como pero marguano matou o brachelo
 de Roma E se foi pera el Rei de frança.

Estando assi o papa E cardeaes E os cortesãos, príncipalmente os espanhoes postos em tanta aguonia E temor por que os françeses erão senhores do campo E se afirmaua que vinham a Roma, lhes sobreueo outro mui grande nesta maneira. antre os mançebos de Roma era hum príncipal dos coluneses que se chamaua pedro marguano. avia muitos dias que andaua desterrado de Roma com temor do papa E por huma travessura que fez de homem de grande animo que foi tida por grande façanha por ser pubrica na príncipal praça de Roma E em tempo do papa Jullio a que todos temiam por ser Jnteiro // guardador fl. 157v
 E executor da Justiça. no tempo que o papa vedaua totalas armas por causa das guerras achando o barachelo ou alcaide de Roma com espada este manço lhe disse per vezes que ha nam trouxesse. E nam dando por Jssso por ser senhor dos príncipaes coluneses fez delle queixume ao papa. E diziasse que Sua Santidade mandou ao barachello que lhe tomasse as armas, o qual ho fez assi o primeiro dia que ho achou. pedro marguano ho teue a grande JnJuria E seus parentes, dizendo que se nam deuiam entender taes leis em pesoa de sua calidade. mas nam tardou muito em tomar vinguança. hum dia estando o barachelo em campo de frol com toda sua Jente da guarda da çidade que ho acompanham os quaes são muitos de picas E espinguardeiros E alabardeiros, pedro marguano se foi a elle com tres companheiros E ho matou dandolhe muitas cutiladas no Rosto que todo lho fez em

⁶⁷ Prospero Colonna (1452-1523) foi um dos mais notáveis e influentes membros da família Colonna, apoiante confesso do partido espanhol em Itália. O historiador e biógrafo coevo do Fidalgo de Chaves Paolo Giovio (1483-1552) coloca-o na sua célebre galeria de heróis. Serviu nas *Guerras de Itália* sob o comando do *Gran Capitán*, tendo inclusive chegado a general das tropas imperiais de Carlos V.

⁶⁸ Gonzalo Fernández de Córdoba y Aguilar (1453-1515), conhecido pela sua excelência na guerra como *El Gran Capitán*.

pedaços. eu ho vi quando o leuauam ao populo onde ho enterrarom. E erão feridas mui grandes E feas, por que outra parte de seu corpo nam trazia desarmada. foi Jsto feito sem contradição nem Resistencia dos seus. diziasse que por todos aquelles bairros estaua muita Jente dos Romanos armada em guarda E socorro de pedro marguano, dos quaes nenhum foi visto. nom foi este feito auido por cousa leue. o papa tomou disso grande sentimento mas nam pode fazer al senam aver paçiencia por que nam era poderoso de ho matar ante os Romanos. E contudo pedro marguano E os companheiros se foram de Roma E sendo da parte despanha, se forão pera el Rei de frança por desprazer mais ao papa. estas cousas foram antes da batalha. depois vindo este Romano a huma vila perto de Roma fazer Jente pera el Rei de frança com dinheiro que lhe mandara dar esteue ali alguns dias E punha temor nos espanhoes cortezãos por que os Romanos andauão mui aleuantados contra elles. E por que este manço era Reuoltoso E tinha grande parte na çidade tinham Reço que os voltariam contra elles assi polla muita valia E parentesco que tinha com os Romanos

fl. 158r como pollo fauor del Rey de // frança que estaua vantaJoso polla batalha de Reuena que foi com vitoria E era senhor do campo. por tirar estas sospeitas mandou o papa ao coronel sancta cruz sobre elle com grão Jente darmas E de pee E alguma artelharia, mas o Romano fugio E deixou sua empresa E foisse pera os franceses. o qual depois da criação do papa lião se veo pera Roma como fizeram todolos outros desterrados.

Como se aJuntaram os espanhoes
que escaparam da batalha.

A gente espanhola que ficou da batalha se foi caminho de arimine E dahi a senagualha E A çidade destermo que hee na marca dancona E em cada luguar destes ficauam espritaes cheos de feridos E de emfermos E foram leuados ao vale da cruz onde se começou a Refazer o campo. E ali se contou a Jente E acharamse sete mil E quinhentos espanhoes todos a pee por que muitos homens darmas avião perdido seus caualos. E o costume dos guerreiros de Jtalia hee que nos mais dos luguares por onde passam com seus exerçitos comem A discriçam que hee comer A custa dos ospedes sem pagar nada. E hamse tam desmesuradamente que se nam contentam com carneiros bois E vacas, mas se lhe nam dão capões galinhas E outras aves E carnes de caça depois de lhes forçar as filhas E molheres lhes aRombão ao tempo de sua partida os tonees do vinho que nom poderom beber. dos franceses E alemães Recebem nisto maiores dannos E descortezias. E por estas cousas são malquistos dos moradores das vilages E castelos. E quando se acontece dar alguma batalha aJuntanse grande multidão de milhares destes da terra E vanse em maguotes açerca em luguares desviados a olhar os que peleJam. E vendo algum dos exerçitos postos em fugida deçem E tomanlhe os passos E os prendem E Roubam de quanto leuam E os que nam matam hee por grande ventura. desta maneira tomam vinguança dos males E desonrras que Recebem. E assi aconteço aos espanhoes que fugirom desta batalha prinçipalmente aos de caualo que cuidando saluarse se meteram em maior periguo em as mãos dos vilãos que

fl. 158v a muitos desbalisaram E mal // trataram. antre os quaes mataram pedro de paez capitão de ginetes, pedro de beuer A porta de huma tauerneira. este era homem pequeno de corpo E corcouado E de maa presença. porem era hum dos maes esforçados E dos melhores capitães que avia antre os espanhoes. esta hee Rezão por que os de caualo foram contados

com os de pee no vale da cruz [...] dahi se foram a la quilla que hee no Reame onde se Refez o campo. a Roma Jsso mesmo acudirom muita Infantaria de caualo assi tratados como Jente que escapara das mãos de seus Jmiguos E depressa E de periguo tam grande. moisembique embaixador del Rei de castela os Reçebia todos E lhes daua algum dinheiro pera se hirem a napoles onde estaua o tesoureiro del Rei que por seu mandado lhes paguaua [...] E com estes se foi Jsso mesmo a napoles outra muita Jente que se fez em Roma naquelles dias da muita abertura, nos quaes os atambores pera fazer Jente continuo soauão per todalas Ruas de Roma. em todo este tempo nom se dizia luguar çerto onde o viso Rei estiuesse, por que fugido da batalha chegando a ancona se meteo no mar em naos que hi tinha. as cousas que diziam os Jtalianos do grão capitão sabendo quam bem o fizeram os espanhoes que peleJaram E que por culpa do viso Rei se perdera a batalha, parecia a aguoia que deitaram na fraguoia pera se mais açender e Recordar a gloria E fama do grão capitão. E desta pratica erão cheas as mesas dos cardeaes E di pera baixo. o papa teuera sempre crido (vendo a negligência do viso Rei sobre a tomada de bolonha) que era enguanado E que nam tinha comissão del Rei pera tomar a çidade. E sendo çertificado da maneira que os espanhoes peleJaram na batalha, dizia que aviam Joguado em chostro E entam Rapou ha barba. dizia que nam queria que em Jtalia outro guovernasse a bandeira da JgreJa E suas Jentes senam gonçallo fernandez. E assi o Requereo a el Rei o qual tinha ordenado que o grão capitão passasse a Jtalia E muita Jente escolhida era Ja ofereçida a seu serviço E estauam prestes pera embarcar. E por que o papa nam çessaua // em buscar maneiras pera deitar os franceses fora de Jtalia mandou ho cardeal soiçio⁶⁹ a sua terra polla mais Jente que podesse trazer.

fl. 159r

Como o leguado foi solto ao passar
do Rio poo leuandoo pera frança.

O conde pedro nauarro tanto que chegou a milão foi leuado a frança. depois leuando ho leguado E partindo de milão com poucos franceses de caualo que ho guardauam avendo que hião por terra segura, hum seu camareiro chamado sarapica se foi diante por que sabia que avia de passar por hum çerta barca do grão Rio chamado poo. E teue tão bõa ventura que açertou de falar com hum manço bo filho de hum escudeiro daquella comarqua que tinha muitos parentes E amiguos lauradores, prometendolhe que se tomasse ho cardeal aos franceses E ho posesse em saluo lhe faria tantas merçes que pera sempre seria Rico [...] o manço bo aceitou a empresa E falou com muitos parentes que fizeram seu Roguo. E vindo os franceses com o cardeal fingindo que andaua a caça chegou com sua companhia a elles E armando aRoido com elles vendo o cardeal tempo nam se amostrou preguiçoso em fugir. os franceses nam moueram adiante temendo ser mortos dos da terra. posto o cardeall em saluo com sua companhia, o manço bo disse aos parentes que se fossem pera suas casas. E elle E o camareiro soos se foram com o cardeal, a pee atee plasência onde alugaram bestas que os leuaram a mantua. o marquez Reçebio ho cardeal fazendo lhe muitas honrras. E ali esteue atee fazer saber ao papa como era liure. E o marquez lhe deu vestidos E caualos E ho mandou acompanhado seguramente como conuinha a seu estado.

⁶⁹ Trata-se do cardeal Matthäeus Schiner (c. 1465-1522), que, em nome de Júlio II, contratou e comandou os mercenários suiços que conseguiram expulsar os franceses de Itália em 1512 e 1513.

a sua leguaça que Ja naquelle tempo bolonha era Restituída ao papa E os françeses fora de Italia por que nos dias que esteue em casa do marquez de mantua soçederom cousas que se fez ho sobredito. desta maneira foi liure o cardeal mediçis. todo homem Julguaria que deuera ser gualardoado o manço que o liurou, por que se fora leuado a França nam tornara assi prestes a sua leguaça nem fora metido em florença, nem Restituído a seu estado, nem subira ao summo pontificado como em breues dias tudo Jsto aconteçoo [...] o qual manço veo despois a Roma pedir alguma merço E foi notorio ser lançado com mao gualardão podendolhe // bem fazer pois Ja era papa. o gualardão que se deu ao marquez de mantua⁷⁰ foi a guerra que depois fez ao duque orbino seu genro casado com sua filha pera lhe tomar seu estado. E nom hee de marauilhar disto pois a satisfação dos cardeaes que ho fizeram papa foram grandes desaguardeçimentos dados por cruees maneiras.

Como se começou o concilio.

Na primeira segunda feira do mes de maio seguinte o papa começou ho concilio em sam João de latrão que hee cabeça de todas as Igrejas do mundo. E por que os paços que ali sohião de ser dos emperadores, E os socçederam em lugar do emperador constantino estão mui cahidos E aRunbados, sua santidade mandou primeiro Rapairar algumas prinçipaes casas em que se agualhassem elle E os cardeaes E prelados por que sam João de latram hee no cabo do deserto de Roma Junto dos muros, lonJe do pouoado mais de huma milha, senam algumas poucas casas dos coneguos E tauernas pobres que estão daRedor. sahio o papa do sacro palácio mui cedo [...] Alem da comum ordenança que se tem quando caualgua por Roma, mandou que todos os comendadores de Rodas que eram na corte fossem diante delle os quaes hião armados darneses em fermosos cavalos E erão boa copia de caualeiros E pareciam mui bem, por que cada hum trabalhaua dir conçertado o mais vantaJoso. leuauam sobre as armas sayões de çetim, damasco ou tafetaa das cores que mais lhes apraziam com muitos guolpes que mostruam as armas E as faziam melhor parecer. E nos peitos grandes cruces de são João. todos os cardeaes, patriarcas, arçebispos, bispos, E outros prelados E dignidades que naquelle tempo avia em Roma foram neste aJuntamento. no corpo da Igreja na naue do meo se fez hum apartamento ao qual se nam podia entrar senam por huma soo porta, nem de fora se podia ver cousa que se dentro fizesse. E tinham feito assentos pera os que avyam dentrar no concilio E segundo o estado E calidade de cada hum. como o papa chegou a são João de latrão fez mui solene proçissão E depois disse missa // de sancto spiritu. frei Jsidro geral da ordem de sancto agustinho fez ho sermão. a missa acabada comeram E avendo Repousado hum pouco, cavalguaram E vieranse pera Roma. E com quanto os dias erão grandes, era Ja noute quando chegaram a sam pedro. E A segunda feira seguinte foi sua santidade fazer a primeira sesam E por que o offiço foi longuo dormio em sam Joam de latram E o mesmo fez a outra segunda feira em que fez a segunda sesam E caualquando sempre os comendadores na mesma ordenança da primeira vez. E por que as calmas erão Ja mui grandes se espaçou o concilio atee dia dos santos seguinte que os cardeaes se tornaram outra vez a aJuntar em Roma, por que naquelle dia

⁷⁰ Francesco II Gonzaga (1466-1519), quarto Marquês de Mântua desde 1484 até à data da sua morte. Durante o seu governo, Mântua conheceu uma era de esplendor cultural.

ganham a distribuição dos capelos de todo o ano. E os que nam são aquelle dia presentes nam hão nada [,] posto que todo o outro tempo Residão.

Dos letrados que o papa tomou em
sua aJuda contra os cardeaes çismaticos.

Vendosse o papa em tanta aflição com as guerras E com a çisma pera prouer E atalhar a tudo, tendo prouido nos capitaens da guerra, buscou pera sua saluação capitães das sagradas letras. E forom tres frades de tres ordens os maiores letrados que avia em Jtalia em teologia, scilicet, o geral da ordem de são dominguos, E frei Jsidro geral da ordem de sancto agustinho, estes ambos erão Jtalianos, frei guomez portuguez⁷¹ chamado o lixbonense da ordem de sam françisco craustal que era catedratico de teologia na çidade de pauia E mais exçelente teologuo de todolos de Jtalia, o qual tinha quinhentos ducados de Renda. foi Requerido del Rei de frança E dos cardeaes pera sua aJuda dos quaes se escusou. depois sendo chamado do papa veo a Roma no começo do mes de Junho. foi apousentado no burguo onde era prouido de todalas cousas neçessarias, E era visitado de todolos portugueses honrrados que em Roma avia. elle os Reçebia com muita humildade E mostraua grande alegria em os ver. pareceome na Jdade no Rosto e na estatura do corpo com afonso valente o velho quando vossa Jlustriissima senhoria ho vio // nos seus derradeiros dias. avia mais de corenta anos que fl. 160v
estaua em Jtalia E falaua tam lindo portuguez como se nunca sahira de lixboa. affirmauasse que tinha feito passante de seisçentos discipulos mestres agraduados em teologia. E por que naquelles dias os françeses E os cardeaes da çisma se foram fugidos a frança, E por que os veranos de Roma são perigosos, mormente aos estrangeiros, pedio liçença ao papa pera hir em Romaria a nossa senhora de loreto com entenção de se tornar a sua casa. E hindo seu caminho o papa mandou tras elle pera lhe dar ho arçebispado de nazaree que vagara [.]. o padre nam quis tornar dizendo que nam queria mais do que tinha mandandosse escusar o mais honestamente que pode. o papa mandou outro coReo mandandolhe que todavia tornasse, E elle obedeçeo. E vindo a Roma sua Santidade lhe deu o dito arçebispado pera principio de cardeall. mas nosso senhor lhe quis dar outras maiores dignidades E nam hee pera duuidar ser assi, por que sua vida E costumes foram santos E virtuosos. E tanto fruito fez na sancta madre JgreJa que se dizia çertamente ser este o principal dos modernos teologuos de Jtalia. adoeçeo de febres E em poucos dias morreo. foi enterrado em sam pedro de montoro que hee moesteiro de françiscos obseruantes que mandou fazer a Rainha dona Jsabel de castela onde o príncepe dos apostolos foi cruçificado. foi acompanhado de grande multidão de Religiosos E da familia do papa E dos cardeaes E de todos seus perlados por que assi foy ordenado por Sua Santidade que de sua morte Reçebeo muito sentimento por lhe faltar o principal defensor contra as acusações que os cardeaes çismaticos contra elle punhão. esta tam honrrada fim ouue o nosso natural frei guomez de lixboa sobre todolos de Jtalia. E mais exçelente mestre em teologia.

⁷¹ Frei Gomes de Lisboa (c. 1440/50-1513), também conhecido por Frater Gometius de Ulyxbona, Gometius Lusitanus, Gometius Hispanus e Gometius Portugalensis. Doutor em Artes e Mestre em Teologia, Frei Gomes de Lisboa era docente de teologia na cidade de Pavia.

Como Roma hee doentia E os cardeaes
se vão como passa o dia de são pedro E sam paulo
a luguares sadios, ter o que fica do verão.

- fl. 161r Roma estaa assentada antre o mar E a serra da // parte do meo dia. E do ponente a Rodea o mar. E contra o leuante hee a serra. antre a çidade E o mar haa grandes pahues que no verão deitam de si mui maos vapores, E coRendo vento marinho leuaos consigo A çidade. E são tam empeçiuées — prinçipalmente nas madrugadaas E na entrada da noite [—] que causam doenças mortaes. por Jssso se diz que Roma hee doentia E os Romanos se guardam muito do sereno. os cardeaes perlados E senhores que tem fora de Roma luguares a que se possam hir, ho fazem como passa o dia de sam pedro E sam paulo por que atee aquelle dia nam daa o papa liçença a nenhum por ser dia de missa papal. E todos estam Juntos por honrra da festa. aquelle anno pedio o cardeal meu senhor Liçença ao papa pera se hir a sena que hee terra fria E mui espeçial de verão. indo o cardeal seu caminho passando huma villa que se chama agoa pendente em huma ponte que aparta o termo de Roma do de sena, achou hum correo que vinha ao papa com nouas que os françeses eram fugidos pera milão com temor dos soiços que vinhão com o seu cardeal. esta fora a primeira vez que o cardeal tornou a sua patria despois que veo a Roma E por Jssso lhe foi feita grande festa prinçipalmente dia de santa maria daguosto que os seneses acostumam fazer na praça huma grande caça fingida de vssos, porcos, seruos. E corem muitos touros. foi acreçentada esta festa com outras novidades na qual se fez huma grandula que hee cousa notauel pera ver. avia em aquelle dia em cadafalsos que çercauam ha praça que hee grande, E nas Janelas das casas mais que em outra parte que tinha andado, grande multidão de molheres que outro nam vestiam senão çedas. E de mui fermosos Rostos. coRerom paleos os quaes vençeram os caualos barbaros do marquez de mantua que naquelle tempo eram os milhores ditalia. forão ali Juntas totalas bandeiras de totalas çidades vilas E castelos soJeitas A senhoria de sena as quaes passauão de corenta E çinquo. ali esteuemos todo o verão. a senhora manifica sua mãj se finou naquelles dias pousando com elle em seus paços. o cardeal, o duque, fabio E checa, E todos eram presentes, E tambem as outras duas filhas // casadas,
- fl. 161v E os genrros quando deu a alma a deus. muitos diziam E ella ho confessaua dando por Jssso graças a deus que se podia chamar bem auenturada achandosse no fim de seus dias çercada de todos seus filhos sobidos a tamanhos estados. foi sepultada no moesteiro de são françisco craustal, com pouca pompa.

Como o bispo petruche⁷² se foi
pera o cardeal de mediçis.

⁷² Raffaele Petrucci (1472-1522), primo do cardeal Alfonso Petrucci e bispo de Grosseto, cuja traição para com aqueles que o elevaram socialmente – falta tanto mais grave por envolver familiares de sangue – muito angustiou o Fidalgo de Chaves. Braço armado de Leão X na estratégia para expulsar os filhos de Pandolfo Petrucci do governo de Siena, Raffaele Petrucci vê os seus esforços recompensados pelo pontífice Médici ao ascender ao cardinalato (1517) e ao tornar-se guardião do Castelo de Santo Ângelo (1519), um cargo particularmente prestigiante na época.

Jaa neste tempo o cardeal de mediçis era vindo a sua leguaçia. o bispo petruche primo com Jrmão do cardeal de sena se foi pera elle com o estamaguo cheo da treição que depois ordenou. este bispo era filho de hum Jrmão de pandolfo. E pandolfo ho criou E lhe deu o bispado de huma çidade das de sena. E quando o cardeal seu filho se foi pera Roma, pandolfo lhe deu o dito bispo por seu mestre de casa por que era Ja homem que passaua de corenta anos. E o cardeall era menos de vinte. elle mandaua E guovernaua toda a casa do cardeal. era homem soberbo de maas Repostas desamaua muito os espanhoes. E por Jsso os que eramos criados do cardeall, nam estauamos em sua graça. o que era ao contrairo com sua Reuerendissima senhoria que mais que a todalas outras nações nos fauoreçia E mostraua muito boa vontade. este naturalmente queria mal ao cardeal E a seus Jrmãos. E nam olhando que seu pai ho posera na homrra que tinha se foi pera mediçis como dito hee E ordio E fez o que se adiante diraa. aguora tornarei ao que os françeses fizeram depois que se partiram da çidade de Reuena.

Como os françeses se foram seguindo
sua vitoria E como se sahiram de toda a Jtalia⁷³.

Sam seuerino leguado do campo dos françeses depois da batalha ficou em lugar de capitão geral, o qual se partio de Reuena E seguio sua vitoria [...] com toda a oste foranse a sena E a forli, as quaes çidades desesperadas de socorro se derão ao conçilio çismatico E tambem // outros muitos luguares. contudo a fortaleza de forli se teue⁷⁴ E estando os françeses combatendo se viram supitamente tirados afora. E deixado todo o que aviam guanhado se foram a via de milão. Jsto aconteçeo no mes de Julho. E loguo o papa foi avisado pollo coReo que o cardeal topou na ponte daguoa pendente. foi causa disto a noua que lhes veo do grão socorro que trazia o cardeal dos soiços que o papa mandara por guerreiros a sua terra em fauor da JgreJa. o qual depois de partido do papa, negoçoou tanto que em poucos dias trouxe segundo se afirmaua mais de trinta mil soiços que entraram pollo ducado de milão

fl. 162r

⁷³ Com a constituição da *Liga Santa*, Júlio II consegue isolar a França e os cardeais cismáticos que contavam com o apoio do rei francês, o qual tinha por aliado apenas o duque de Ferrara, Alfonso I d'Este. Todavia, a impressionante vitória do exército de Gaston de Foix na batalha de Ravenna sobre os espanhóis e as tropas do papa Júlio II, no domingo de Páscoa de 1512, torna de novo difícil a posição do Papa, sobretudo perante o grupo cardinalício cismático. Restava a Júlio II, por um lado, pedir novo auxílio ao rei de Castela no sentido de enviar para a Itália setentrional Gonzalo Fernández de Córdoba y Aguilar, *El Gran Capitán*, com o objectivo de assumir o cargo de capitão-geral da Igreja e a defesa dos Estados Pontifícios, e, por outro, requerer auxílio aos invencíveis suíços, o que fez, como informa o Fidalgo de Chaves, enviando o cardeal helvético Matthæus Schiner à sua terra natal. Entretanto, a situação agrava-se para Luís XII quando o imperador Maximiliano retira do já de si enfraquecido exército francês importantes corpos de tropas mercenárias. Facto que, aliado à chegada dos mercenários suíços a Itália sob o comando do cardeal Schiner, faz com que o monarca francês fique isolado e, na sequência, tenha de retirar dos territórios italianos.

⁷⁴ Após a morte de Gaston de Foix na batalha de Ravenna e apesar de extremamente desgastadas pela violência do confronto, as forças francesas continuam a obter vitórias sobre cidades do Norte de Itália. Contudo, ainda em 1512, este movimento ofensivo termina às portas da fortaleza de Forli. Com efeito, esta resiste ao invasor, fazendo com que a sorte da guerra mude de rumo. É o início do recuo dos franceses, que se vêm forçados a retirar para Milão.

que estaua mui desguarneçido dos françeses polla mortindade que delles ouve na batalha. E nam se contentauam os soços de tomarem as çidades aos françeses E lombardos que tinham carguo de as guardar, mas aJnda lhes sacauam partidos por lhes nam queimarem os pães E os saquearem de muitos milhares de ducados que lhes leuauão pollos tomarem paçificamente. E Assim os cardeaes que estauam em milão E todolos françeses se foram de italia pera frança com temor dos soços sem ficar françes pera senhorear. E por esta vitoria mandou o papa fazer em Roma grandes alegrias E festas E deu hum Rico frontal ao altar de sam pedro, no qual mandou broslar letras que diziam Julio papa segundo ligur liurou Jtalia de françeses. chamauasse ligur por que era saonez da prouinça de liguria, E por que Jtalia ficou despeJada delles. E os soços com seu cardeal capitão delles erão senhores do campo. E çessou a passada do grão capitão que o papa muito deseJou E procurou aver em Jtalia o qual estaua Ja prestes pera partir com grandes guastos feitos como dito hee. E assy çessaram os tremores e aflições em que o papa E cardeaes cortezãos da corte de Roma estauam depois da batalha em quanto os françeses foram senhores do campo. ca muitos cortesãos se foram com temor pera suas terras. diziasse abertamente que o papa E os cardeaes tinham gualées aperçebidas pera passarem a napoles ou a castela se os françeses viessem a Roma. nam haa duuida se seu poder fora pera Jssso que foram Reçebidos em Roma E a entraram a portas abertas sem nenhuma contradição. antes dos mesmos Romanos tinham os cortezãos Reçeo que seriam Reçebidos segundo os viam aluoraçados E delles se esperaua ser // feito maior mal. porem nosso senhor quis prouer a tam grande escandalo como fora fugir o summo pontifçe E os prinçipaes da JgreJa da sua propria cadeira em vituperio E desonrra dos christãos, E gloria E alegria dos maluados turcos E mafometas Jnimiguos da nossa sancta fee catolica.

fl. 162v

Como alfonso duque de ferrara veo
a Roma, E do que lhe aconçeço.

O duque de ferrara tinha preso ho senhor fabriçio como dito hee. E vendo as cousas de frança hir tam deRibadas tomou por melhor conselho fazer pazes com o papa E com el Rei dom fernando. falou com ho senhor fabriçio que ho daria por liure sem outro Resguate se por seu meo E de seus parentes se fizesse esta paz E concordia. o senhor fabriçio fez tanto que o papa E o colegio E o embaixador de castela derão saluo conduto ao duque pera hir a Roma [...] foi Reçebido do papa com muito guasalhado, E absolueo ho em consistorio pubrico. avendo o duque estado alguns dias, o papa lhe mandou dizer que fosse comer com elle. E elle se escusou por que o convite era no castelo de santangelo atee a terceira vez que o senhor fabriçio foi falar com Sua Santidade E do que nelle achou, ambos fugiram aquella noite de Roma E por que naquelle tempo todas as portas da çidade se çarruam de noite E se guardauam continuo com Jente darmas, nam poderom sahir sem aRoido E ferir algumas das guardas por que lhes era mandado que ninguem sahisse nem entrasse na çidade sem primeiro ser conhecido. como o papa soube que eram idos mandou em seu alcanço toda sua guarda. mas nam aproueitou que Ja eram em saluo nas villas do senhor fabriçio que são ao pee da serra. o que deste convite se dizia que o duque ficara sem cabeça, ou fora metido no castelo atee entregar ferrara ao papa [...] o senhor fabriçio de tal sorte fez que pos o duque seguro em sua casa. E elle tornousse As suas terras liure da prisão.

Como mil lanças francesas tornaram
a entrar em italia E foram desbaratados⁷⁵. //

fl. 163r

Nam tardou muito que mil lanças francesas tornaram a entrar em italia. E os soiços os foram buscar E[m] hum luguar chamado voara mataram a moor parte delles E catiuaram E prenderam os outros.

Como o viso Rei fez a mais gente que pode,
E foi contra bolonha com entençaõ de a tomar.

Dom Reimão de cardona viso Rei, partido da batalha E embarcado em ancona como dito hee, dahi a poucos dias apareço em napoles E diziasse em Roma que daua tam grande pressa a fazer gente pera tornar contra os franceses que vendeo E desbaratou quanto dinheiro E Joias tinha assi suas como de sua molher pera pagar os soldados. E dauasse pressa a Jso por atalhar a vinda do gram capitão. mas elle nam vio os franceses que erão Ja Retrahidos a milão quando partio com seu exercito. E leouo ha via de bolonha com entençaõ de a tomar. sendo os bolonheses avisados de sua vinda E vendo o dano que os soiços faziam no ducado de milão ouueranse por perdidos E tiueram maneira com o papa que mandasse Jente sua tomar bolonha antes da chegada dos espanhoes. o papa mandou o duque dorbino com çinco mil homens a que se a çidade deu por mal de muitos que aviam sido em fauor dos vinteuolhas. E quando os espanhoes vieram nam acharam que fazer ca os vinteuolhas E os que a guardauão erão todos fugidos. hee pera Rir E tomar exemplo destas ligeiras voltas que o mundo daa. pera que hee confiar nestas bem auenturanças desta vida pois tam pouco permanecem. ex⁷⁶ os vinteuolhas sahidos E loguo Restituídos a bolonha por morte de tantos. ex os franceses vençedores da batalha de Reuena E expunhando çidades E vilas sendo absolutos senhores do campo. ex em quam breues dias foram todos deitados de italia perdendo quanto guanharam.

Como o leguado E o viso Rei se aJuntaram
E meterom a saco ha villa de prado⁷⁷.

⁷⁵ Os franceses regressam a Itália em 1513, mas são novamente desbaratados pelas companhias mercenárias suíças na batalha de Novara. Derradeiro esforço de Luís XII em Itália e em particular sobre Milão, esta “reentrada” francesa como que selou a vitória final da *Liga Santa* e, sobretudo, da acção política e guerreira do papa Júlio II.

⁷⁶ Leia-se *Exemplum*.

⁷⁷ O saque à “Vila do prado” (uma cidade e uma comuna da região da Toscana, a Noroeste de Florença) ocorre em 1512 e inscreve-se no estabelecimento do cerco a Florença pelas forças papais de Júlio II em aliança com Fernando II de Aragão, que culminou com a recuperação do poder pelos Médici à frente daquela República. Todo este movimento político-militar é, por sua vez, resultado do decidido no encontro ocorrido entre os membros da *Liga Santa* em Mântua, em Agosto de 1512, com o objectivo de discutir a situação no Norte de Itália e, mais concretamente, dividir entre si os despojos territoriais antes pertencentes aos franceses. A queda da vila do Prato e a extrema violência do subsequente saque efectuado pelo exército espanhol deitaram por terra qualquer veleidade de resistência por parte das forças republicanas de Florença, que, receosas de lhes acontecer o mesmo, simplesmente cederam o poder aos sitiantes vendo assim a forma de governo que defendiam cair por terra.

fl. 163v El Rei dom fernando E o papa tinham grandes deseJos de meterem em florença os mediçis E Restituilos a seu estado E guoverno assi por se vinguem // dos florentins como por fazer merçe ao cardeal E a seus Jrmãos. E tanto que as cousas de toscana e lombardia foram assentadas, o cardeal mediçis que Ja outra vez era prouido da leguaçia, se foi aJuntar com o viso Rei E foram na volta de florença. E por que os florentins sabiam que a vila de prado era da colaçia E banda do delegado por ser dos mediçis, mandaram que os naturaes da vila se fossem a florença E meteram dentro çinco mil soldados, nom sendo os espanhoes sabedores disso. E o cardeal tendo que os seus amiguos estauam na vila tinha ordenado com o viso Rey que lhes nom fizessem mal, E que passassem contra florença [.] E passando mandaram pedir mantimentos A villa. E os soldados de dentro Responderom do muro palauras descorteses chamandolhe marranos que fossem a Reuena [.] E com este Jmpeto Remeteram A villa E tomaramna E matarom todolos que dentro estauam em guarnição a saluo dos de fora E ha meterom a saco E foi grande o Roubo por que Alem da vila ser grande E Rica, estiueram ahi mais de dous meses dassento E tiueram tempo pera vender atee o azeite E vinagre. E os lugares comarcãos, scilicet, luca E pistoya enRiqueçeram do que ali compraram barato.

Como foram çercar florença E a çidade se deu⁷⁸.

fl. 164r Avendo estado muito tempo em prado ordenaram de hir çerquar florença que Ja tinha dentro a Jente de seus batalhões que hee Jente da terra que tem pagua em paz E em guerra. E dão a cada hum çem Reaes cada mes. E elles sam obrigados a fazer mestre ou alardo o primeiro domingo de cada mes E acodirem quando cumpre. E quando vem a guerra paguamlhes seu soldo Jnteiro. estes são grande numero de Jente. os espanhoes erão doze mil, que parecia cousa contra Rezão cheguaremse aos muros de florença, quanto mais poerlhe çerco por ser çidade tam grande E populosa. porem o cardeal tinha grão parte dentro com que tinha suas Inteligençias, nos quaes se atreuia. o que mais aJudou os espanhoes foi mandar o viso Rei deitar preguão no exerçito que daua florença a saco pollo qual os pobres da çidade se sahião // fora pera o aRaial dos espanhoes pera serem em saquear aos Ricos que ficauam na çidade. sabendo os florentins Jsto E vendo minguar sua Jente E creçer a dos espanhoes se deram a partido. E lançaram fora o seu duque que estaua por el Rei de frança o qual era da casta de souerini Jrmão do cardeal vulterra. saiosse com çincoenta de caualo E embarcou

⁷⁸ Trata-se do cerco a Florença, em 1512, que resultou na recuperação do poder pelos Médici à frente desta República. Após a expulsão de Pedro de Médici (1471-1503), em 1494, que sucedeu a seu pai Lourenço, o *Magnífico* no governo da República, Florença envereda pela restauração de um governo republicano. Inclusive durante o atribulado período de governo do reformador dominicano Savonarola (1452-1498) – que via no exílio dos Médici o trabalho de Deus e, saliente-se, fez algumas reformas políticas no sentido da obtenção de um governo mais democrático –, e mesmo após a sua queda, Florença manteve-se uma República, apenas deixando de o ser em 1512, ano em que as tropas espanholas da *Liga Santa* enviadas por Júlio II e Fernando II de Aragão marcham com o legado papal Giovanni di Médici (futuro Leão X) contra a cidade, repondo desta forma o poder dirigente da família Médici. Conhecendo o ódio de Júlio II para com os franceses, que tinham Florença sob a sua alçada política, o cardeal Giovanni de Médici, então legado papal na *Liga Santa*, estava em excelente posição para exercer pressão sobre o papa no sentido de devolver o poder da cidade à sua família. O que, como o Fidalgo observa, acabou por conseguir.

em hum porto de sena. feito Jsto o viso Rei E o cardeal entraram na çidade com poucos espanhoes. E por que os espanhoes se achauam Ricos E se hiam, proueram que os que se achassem Indo sem liçença que os matassem. E muitos foram assi mortos. o Inverno era Ja entrado quando as sobreditas cousas de florença aconteceram.

Da vinda do cardeal de striguonia⁷⁹ vngaro a Roma.

Neste tempo veo a Roma hum cardeal de striguonia, natural dungria o qual era homem Ja bem velho E de muita autoridade. dizse que tinha de Renda mais de çem mil cruzados. E que elle tem ha guarda de belgrado E doutras fortalezas que confinam com os turcos, E mantem ha guerra contra elles A sua custa. E trazia passante de çento E vinte de caualo. E os mais vestidos de sedas vestense como turcos, as Roupas que seruem em lugar de pelotes, scilicet, trazem çingidas. são como mongys muito estreitos sobidos no pesçoço E longuos quasi pollo calcanhar E de mui pouca faldra. Jssso mesmo as manguas compridas E muito estreitas E apanhadas nos braços A maneira de Recramos. abotoanse com brochas de prata mui largas que tomam quasi o peito todo. E em huma das manguas trazem guarnições do mesmo teor de prata. E os mais nobres E Ricos dalJofre E perlas. as sedas que vestem são pedradas com Rosas douro como de vestimentas digreJa. as Roupas que seruem de capas são do mesmo teor das çingidas soamente capelos muito pequenos E chãos. as manguas são tambem estreitas E longuas. as ombreiras cheguão quasi ao cotouelo por onde tiram as manguas preguadas, trazem os cabelos torçidos como egitanos. E os mais louros, // as barbas de deferentes maneiras [...] trazem botas de pontilha de muitas solas cahidas pera baixo preguadas como as manguas. E delles as trazem pintadas douro pelle. E por que sua vinda foi na entrada do Jnuerno todos traziam forros de pelles de que em sua terra dizem que haa muita abastança. E assi trazem forros na cabeça como no corpo. esta maneira de vestir hee assi nos de pee como nos de caualo. seus caualos são antre ginetes E quartaos E quasi todos brancos com as ventãs fendidas E todos castrados. trazianos aJaezados de prata de gentis envenções. caualgauão A estardiota. os freos são de tão estranha maneira que ho nam saberei declarar em escrito tanta deferença tem dos nossos. trazem esporas de muitos açicates que sam quasi de cardeaes. E em todalas outras partes Jsto era quando o cardeal caualgaua que o esperauão, ou cavalgando a algum neguoçio seu. tem por costume quando caualguão levar capas de feltro atadas aos arções dianteiros per sol E per chuua. E nos mesmos arções trazem huns atabaletes que costumam tocar pera animar seus caualos na guerra. alguns erão bem ensinados. E os mais pareciam homens de fera criança [*sic*]⁸⁰. E trazem todos bandeiras nas lamças quando andam caminho. a entrada deste cardeal foi a mais louuada de todalas nações que em todo tempo que estiu em Roma vi. tirando a embaixada de portugal.

fl. 164v

⁷⁹ Tamás Bakócz (1442-1521), cardeal de Esztergom, na Hungria. A acção guerreira que manteve contra os turcos granjeou-lhe larga fama no Ocidente.

⁸⁰ Deve tratar-se de *fera criação*.

Como foi metido o duque de milão⁸¹
em posse de seu estado.

fl. 165r Depois que o viso Rei meteo em posse ao cardeal de suas casas e possissões E do guoverno E senhorio da çidade de florença como sohiam os mediçis, foisse a lombardia aJuntar com o cardeal dos soiços E tomando o duque de milão consiguo ho leuaram A çidade. E entraram em milão o primeiro dia de Janeiro da era de nosso senhor Jesu Cristo mil b.º E treze anos [...] o viso Rei hia de huma parte E o cardeal da outra. E o duque no meo delles. E foi Restituído ao seu estado todo de que ho el Rei de frança tinha despoJado E lançado⁸². E ele se tinha encomendado ao papa, ao emperador, E a el Rey dom fernando que em seu desterro ho ampararam em quanto // nam chegou o tempo de o poderem Restituir a seu Estado. E sendo entregue E apoderado de todo seu senhorio. o cardeal E os soiços se foram pera sua terra. E o viso Rei se partio pera napoles deixando a terra toda paçifica E guarneçida de Jente neçessaria.

Da batalha que o viso Rei ouue com venezeanos
E das outras cousas que lhe aconteceram Jndo pera napoles.

Partido o viso Rei do duque de milão, foisse por verona que avia estado polos venezeanos em quanto os franceses estiueram em italia. a qual çidade hee grande E pertence ao emperador E deixou em guarnição della quatro mil Infantes espanhoes, os quaes o emperador paguaua. E passando adiante foilhe dito que em huma vila de venezeanos chamada maestra, se fazia naquelles dias huma grande feira. E que erão vindos muitos mercadores venezeanos E doutras çidades de Jtalia com muitas mercadorias principalmente sedas, grãs, perseos, E pelouços, que são panos no cume dos mais finos. E assi mercadores turcos que passam aquelle mar E trazem grande soma de chamalotes E tapetes muito finos E outras mercadorias. E detreminando de a Roubar, ho pos em obra⁸³. foi tam grande o despoJo principalmente o das sedas [,] panos E chamalotes que nam tinham bestas nem carretas em que se podessem leuar. E partidos com seu grande Roubo leuando sua via pera napoles diziasse que foram tam a vista de veneza que pera chegar A çidade o mar soamente se metia em meo. E que deitaram pelouros dartelharia dentro na çidade, o que haa grandes tempos que nam aconteceo sem ser perdido o exercito que ali cheguisse. Jsto nam no escreuo por verdadeiro porem abertamente se dizia em Roma ser Jsto assi. os venezeanos que nam consentem desonrra mandaram seu exercito contra o viso Rei. E acreçentaram muita Jente da terra que por todos se afirmava serem corenta mil Infantes. a Jente darmas E caualos ligeiros erão mais que os

⁸¹ Massimiliano Sforza (1493-1530), primogénito de Ludovico Sforza (1452-1508, também conhecido como Ludovico, o *Mouro*), foi duque de Milão entre 1512 e 1515. Colocado no trono ducal pelos suíços, em 1512, foi deposto, em 1515, pelos franceses na sequência da vitória destes na batalha de Marignan. Foi então levado para França onde ficou até à data da sua morte.

⁸² Trata-se da restituição, em 1512, do ducado de Milão a Maximiliano Sforza pelos suíços, um movimento político-militar que faz parte do quadro maior da expulsão dos franceses de Itália pela *Liga Santa*.

⁸³ O saque da feira da vila de Maestra, em 1513, antecede o brutal encontro militar de La Motta, ocorrido a 7 de Outubro de 1513, que resultou numa decisiva vitória dos espanhóis sobre a República de Veneza às portas da sua capital.

espanhoes E sendo o viso Rei atalhado de tanta Jente por que a cobiça do despoJo que os seus leuauam lhes nam possesse ho cuidado mais na guarda delle que na honrra da batalha que esperauam mandou queimar todolos panos E sedas E cousas que os soldados sem peJo nam podiam leuar. sendo seguidos dos venezeanos foram ençerrados em hum vale onde lhes // convinha moRer de fome E frio, ou passar hum grande Rio, pera vir peleJar com os Jmiguos os quaes os tinham por perdidos. E ao terceiro dia acordou o viso Rei, tendo descuberto vao, de passar a elles. E antes que amanheçesse se foram ao vao que era bom pedaço de caminho. E passaram ho Rio que aos de pee daua polla çinta com grão pena do grão frio que padeçiam [...] passados E postos em ordenança foram buscar seus Jmiguos que bem descuidados estauão de tal sobresalto. E dando nelles posto que a batalha⁸⁴ durou algumas oras, em fim os venezeanos foram desbaratados E mortos pouco menos que de franceses na batalha de Reuena. foram presos muitos capitães E homens prinçipaes dos venezeanos, antre os quaes foi preso João paulo valbom senhor ou tirano de perosa que era capitão da Jente darmas dos venezeanos. o qual despois foi enviado preso a Roma ao papa sobre sua menaJem. E por que seu filho era casado com a Jrmã do cardeall meu senhor, muitas vezes comia com sua Reuerendissima senhoria. E contando hum dia as cousas desta batalha, dizia cahindolhe as lagrimas pollas barbas, que nunca se achara em batalha tam cruelmente ferida, que assi nos alemães que erão tres mil como nos espanhoes nom se achaua nenhuma misericordia que ante seus olhos mataram corenta homens darmas seus criados que ho aviam seruido de paJes. E querendolhes valer ouvera de ser morto se se nam dera a prisão. este Johão paulo era naquelle tempo hum dos estimados capitães de italia E grande senhor. esta vitoria soldou muito no viso Rei ha perda da batalha de Reuena o qual se foi a via de napole com pouca perda dos seus E muitos presioneiros venezeanos. fl. 165v

Como el Rei de frança procuraua paz
E o papa lhe pedia os cardeaes, E nam se
conçertaram. E como moReo o cardeal cosença.

El Rei de frança quisera paz com o papa. E Sua Santidade lhe metia no contrato que lhe entreguasse em suas mãos os cardeaes çismaticos pera fazer delles sua vontade, prinçipalmente santa cruz de que estaua mais escandalizado polla muita honrra E merçe que lhe sempre fizera. el Rei nam consentio nesta semelhante paz. a desavença ficou antre elles como dantes

⁸⁴ Ocorrida a 7 de Outubro de 1513, a batalha de La Motta teve como resultado uma importante vitória dos espanhóis sobre a República de Veneza. Esta acção militar constitui um dos melhores exemplos da forma como a *Liga Santa* na realidade nunca funcionou em pleno, acabando ao invés por evaporar-se devido a desentendimentos entre as várias nações participantes, sobretudo quanto à repartição dos territórios conquistados aos franceses. Por outras palavras, a batalha de La Motta é consequência do falhanço do encontro ocorrido entre os membros da *Liga Santa* em Mântua, em Agosto de 1512; o qual, em última instância, resultou na mudança de campo dos venezianos, que deixam a *Liga Santa* e passam para o lado francês, sobretudo devido às pressões e ambições do imperador Maximiliano que se recusava a ceder qualquer porção territorial à República de Veneza. De facto, o imperador acabou por assinar um acordo com Júlio II que excluía inteiramente Veneza da repartição territorial final. A oposição da República a tal acordo foi de tal modo feroz e veemente que o papa ameaçou retomar a *Liga de Cambrai* original contra ela. A resposta veneziana foi a aliança com Luís XII de França, selada em Março de 1513, num tratado que dividia o Norte de Itália entre a França e a República.

fl. 166r atee morte dambos // neste tempo moReo o cardeal de cosença⁸⁵ andando em seu desterro em frança. diziasse que tanto que se vio doente, disse que Renunçiaua a companhia E maa entenção que avia tido cos outros cardeaes da çisma. E que de todo o que tinha feito E dito contra o papa Julio se aRependia ho qual elle tinha por verdadeiro viguairo de christo sob Jurdição do qual se sometia como obediente filho. E pedia a Sua Santidade que ho absoluesse E lhe perdoasse seus erros E culpas E ho admitisse no conto dos outros fiees cardeaes. E constando depois por estormentos publicos as sobreditas cousas ao papa Sua Santidade lhe perdoou E ho absolueo E mandou escreuer seu nome E titulo no liuro dos titolos dos cardeaes de que fora Riscado quando elle E os outros forão priuados E avidos por hereJes.

Como no sobredito ano de [mil] b^c E doze
o tibre creção fora de mesura.

Neste tempo E sobredito Jnverno, scilicet, na era de mil b^c E doze creção tanto o tibre que entrou per Roma ate a ponte do moesteiro de sancto agustinho. E pollos canos grandes E prinçipaes da çidade que vão sahir ao Rio entrou tanta aguoa em muitas partes de Roma que se seruiam com barcas [...] pollo cano que vai dar em campo naguão entrou tanta que cuidaram que fosse alaguado aquelle bairro todo. E desta mesma banda grande parte do campo marçio se naueguaua pollas Ruas com barcas que leuauam os mantimentos As casas. E da parte de bancos entrou aa crauica. E em outros muitos luguares que parecia quererse a çidade alaguar. E enchendosi as cantinas daguoa as quaes sam todas debaixo da terra, os que nam acodiam a atar as pipas dos vinhos humas com as outras por se nam Reuoluerem perderam muito vinho. E alguns cardeaes E cortesãos mandaram sobir parte dellas aos sobrados pera suas familias. diguo Jsto por que o cardeal de sena ho mandou fazer assi, temendo que cheguaesse a aguoa a sua casa por que erão Junto do campo naguõ [...] pousaua o cardeal de narbona françes em humas grandes casas que estauam sobre o tibre E na parede do pateo delas estaua huma pedra de marmor que fora ali posta aaquelle fim, que tinha

fl. 166v dous Riscos pouco // mais de hum palmo hum acima do outro com letras que diziam que em çertos tempos creçera o Rio E cheguaa aaquelles Riscos. E são lembrado[s] que huma daquellas cheas foi no pontificado de alexandre sexto. E esta que foi neste tempo chegou acima do primeiro Risco, E nam sobio ao de cima, ficando no meo dambos [...] E loguo foi ali aberto outro Risco E escrito o tempo em que fora. estas cheas soham causar em outros tempos grande pestelença por que Roma sohia ser de casas de balcões, E as Ruas por calçar E no meo cheas de esterqueiras E de cães E doutras cousas mortas. E as cheas metiam aquellas podridões nas casas E cantinas que despois deitauam de si maos cheiros E vapores que conRompíam ho ar E traziam as pestes E maas Jnfirmidades. mas aguora hee toda calçada de ladrilho per alto E limpa quanto mais choue ou venta que varre as Ruas que hee prazer andar por ellas. E do tempo que eu em Roma estieue que foram sete

⁸⁵ Trata-se de Francisco Bórgia (1441-1511), arcebispo de Cosenza. Foi criado cardeal em 1500. Fez parte do grupo de cardeais cismáticos que fizeram frente a Júlio II e convocaram o concílio de Pisa em 1511. Foi deposto e excomungado por este pontífice no mesmo ano, juntamente com os cardeais cismáticos Federico di Sanseverino, Bernardino López de Carvajal, Guillaume Briçonnet, René de Prie e Amanieu d'Albret (outro cardeal-sobrinho de Alexandre VI). Estes foram perdoados e reintegrados no cardinalato por Leão X, em 1513. Francisco não viveu para conhecer tal sorte.

anos saberei dar fee que nam ouue peste nem fome. as guerras sentiam nas os que andauam nellas E os papas que as faziam que tinham ho peso dellas As costas. os de fora dauanse a prazer, saluo naquelle passo da batalha de Reuena que punha espanto a toda a corte de Roma E sobre todos aos espanhoes.

Como se descobriram as grandes crueldades
que dous cruees homens faziam em Roma.

Vieram a Roma neste tempo dous companheiros que husauão ofiçio de extrema crueldade. ambos cleriguos, hum de missa outro de euangelho, hum bretão E outro picardo. E apouentaranse em huma casa que estaa sobre o tibre açima da ponte sisto pouco mais do que hum homem pode lançar huma pedra. E tinham por ofiçio andar polla çidade a convidar homens que fossem a sua casa a negoçios que elles fingiam. E como os tinham em casa nom leuando senam hum soo, hum delles se assentaua com o ospede a departir. E o outro vendo tempo desposto lhe daua por detras com hum machado na cabeça que lha fendia. E alem disto caReguauão ambos sobrelle E acabauamno de matar // As punhaladas. E depois de o Roubarem enterrauamno na mesma casa aRedor das paredes. aconteceu que convidaram hum castelhano cleriguo que lhes fosse dizer missa. E foi perante outro seu companheiro. E mataramno da maneira que tenho dito. o castelhano vendo que nam vinha o companheiro sendo Ja passados alguns dias foi perguntar aos mesmos carniçeiros que se fizera de seu companheiro E elles Responderam que o nam viram do dia que lhes dissera missa. permitindo deus que tamanha maldade não fosse mais adiante Inspirou naquelle que procurasse de saber a verdade. E dahi a dous ou tres dias foi a casa dos matadores E acaso erão fora. E a porta nam era çarrada. E entrando vio capas E pelotes em huma corda E calças, antre as quaes conheço as do companheiro E presumindo o que era foisse ao barachelo ou alcaide que era naquelle tempo o capitão de santa cruz de nação castelhano. E contoulhe o caso. E o barachelo lhe disse que pois os conheçia que os esperasse E tanto que fossem em casa que os hiria prender. E assi foi feito E tanto que foram presos lhe buscaram a pousada. E acharam vestidos de muitas sortes. E metidos a tormento confessaram a morte daquelle E doutros dizendo que os matauam da maneira sobredita. E foi loguo a Justiça outra vez A pousada. E acharam dentro sete homens enterrados de Redor das paredes os quaes erão de poucos dias mortos. E os enterrauão em casa por que o Rio hia baixo. E nam os lançaão nelle por nam serem vistos. E guardauamnos pera quando fosse creçido. nesta crueldade confessaram que avião morto homem a que nam acharam senão hum baioque, que são quatro Reaes nossos. acharamlhes çem cruzados. E o barachelo os leuou ao papa. Sua Santidade mandou que se despendessem em fazer hum caRo E estormentos pera serem por Roma Justiçados E atormentados. foram per toda a çidade trazidos naquelle carro E atanizados com ardentes tanazes depois forão esquarteJados viuos com o mesmo machado com que matauão os homens, scilicet, hum em campo de frol, E outro em campidolio. antre as outras cousas confessaram que cada hum andaua pera matar o outro por aver os çem cruzados. o mais manço moReo mao christão E grande espanto pos a crueza destes homens em todo // pouo Romano. eu falei com muitas pessoas honrradas fisicos E sulurgiães que trazem vestes de grãas E as mãos cheas de preciosos anees a que elles convidauão E Requeriam que fossem a sua casa. E polla verem em tal lugar nam entrauam E se tornauão. que

fl. 167r

fl. 167v

aleuantauão as mãos aos çeos dando graças a deus por os liurar de tam grande periguo. E deste ofiço tinham husado em outras partes.

Como o papa adoeção E passados çincoenta dias
deu a alma a deus. E do que neste meo tempo se fazia em Roma.

Era o papa Jaa mui velho, E doente de boubas, E tinha prugas nas pernas das quaes o curaua hum fisico Judeu seu priuado. E por nam poder andar a pee faziasse sempre trazer em colos domens assentado em huma cadeira. E tinha moços da estribeira mui bem despostos que ho traziam a que daua tanta Renda que muitos fidalguos E homens de muito mereçimento trabalhauam por ser Reçebidos de Sua Santidade naquelle foro. ca erão mais que camareiros. todalas oras podiam falar com sua santidade E estrouar a quem quisessem que lhe nam falasse por que tinham sempre a guarda das portas. conheçi alguns de mais de mil ducados de Renda. ca lhes conçedia o papa vaguantes, E daualhes Reseruas de conesias E dignidades que vinhão a efeito com que enRiqueçiam. sohialhes o papa chamar meus caualos. E perdõeme suas merçes que nam deixarei de dizer que este nome os fazia perder a autoridade da Renda, husando com as damas Romanas ho costume dos mais daquelle ofiço. E deixando os outros ponho exemplo em antão del pozo dayão de cordoua que tinha dous mil ducados de Renda E homem de saber E geração E de mais credito E autoridade que todos viuia na Regra dos da estribeira sem perder ponto. a velhiçe E longa doença E os cuidados E paixões das guerras E da çisma E do conçilio o qual o papa alarguara do dia dos santos outros dous meses adiante, ho çerquaram E estimularam de sorte que adoeção a não se aleuantar de huma cama. E nam lhe valeo pera seu Repouso sobir de tam baixo E Jnfimo estado a sumo pontifiçe. por que as cousas desta vida são todas miserias trabalhos E angustias. E quanto maiores estados, maiores noJos, maiores neçessidades, tormentos E cuidados. E com todo seu mal prouendo nas cousas da guerra E da JgreJa fazia cada dia congreguação os dias que nam erão de consistorio ou com sua doença. // çincoenta dias, sem em todo este tempo se fazer em Roma nenhum Rumor. em sua doença lhe foi muitas vezes Requerido pollos cardeaes que partisse das terras da JgreJa E de seus tesouros com alguns seus parentes. E nunca ho a Jssso poderam mouer. E sendo todauia Jmportunado do sacro collegio que deesse ao senhor nicolao capitão prinçipal da sua guarda (marido de madoma laura a mais ferosa molher que naquelle tempo avia em Jtalia) natural Romano hua pequena villa, nam no quis fazer dizendo aos cardeaes que elles lha podiam dar se quisessem. os quaes se aJuntaram E lha deram por ser mais acheguado parente do papa, E pesoa que todo acreçentamento mereçia. diziasse que per consentimento do collegio dera em dinheyro trinta mil cruzados a çertos parentes, scilicet, dez mil ao senhor João Jordão casado com sua filha. E a bertolameu dela Rua seu sobrinho filho de seu Jrmão, dez mil. E os outros dez mil Repartio per outros [.] E das terras da JgreJa nunca quis dar cousa alguma. E Jsto se fez durando sua doença. as mascaras nam se deixaram de fazer com muita paz E assesseguo. na festa do campo naguão foram dezoito carros triunfaes. E antre as outras estorias foi Representado como os françeses foram lançados de italia. os meninos que caualgauão aquelle dia ao costume antigo foram com mais ventaJem de vestidos E ornados de seda E pedras preçiosas que em nenhum outro dia que os visse em todo o tempo que em Roma estiu. E assi a Jente foi mais armada E de mui limpas armas. E os

Romanos fizeram naquelle dia mui Rico cadafalso E assentos de suas pessoas em campo naguom. as diuisas E vestidos do senhor João Jorge çesarino alferes de Roma E as bandeiras de maiores despesas. CoReramse os paleos assi Ricos segundo comum ordenança. E os touros E caRetas de monte trastacho E todas aquellas acostumadas festas forão feitas com muitos comprimentos. E tudo foi mandado E ordenado pollo papa pera dar a entender aos de fora que a fim de seus dias nam era tam chegada, por que compria assi por bem dos grandes negoçios [...] passado o dia dentruído em que se as derradeiras festas çelebram andados poucos dias da coresma, mostrando sua santidade sinaes de cristianissimo pontifico deu sua alma a deus. foi sepultado na JgreJa de sam pedro. com solennes exequias.

De suas condições E costumes.

Era o papa Jullio saones da prouinçia de liguria. diziase que fora em sua moçidade homem de mar, grumete de nao // E que nauegando estiuera Ja em lixboa. vindo o papa sixto quarto ao pontificado cuJo sobrinho elle era, ho fez cardeal do titolo são pedro avincula. E avendo Rezões com o cardeal Roderico borga⁸⁶ viçechançiler lhe deu huma bofetada. E vindo o dito viçechançiler a ser papa chamado alexandre sexto, Jullio se foi de Roma fogido a frança onde andou atee a morte dalexandre. E tornado a Roma em tempo de pio segundo que durou poucos dias, per sua morte foi criado papa. E no prinçipio liam do seco valentinoes que era capitão da JgreJa E tinha os exerçitos em seu poder, tramou foi preso pollo grão capitão E leuado a espanha onde depois foi morto. E coRendo de Rosto contra totalas cousas dalexandre despoJou Roma de toda sua valia. E ao presente nam avia cousa sua naquellas partes, senam o cardeal borga que era penitenciario que estaua acolhido em napole E madona lucreçia⁸⁷ filha dalexandre molher dalfonso estense sobredito duque de ferrara. E presumiasse que por este diuido que o duque tinha ao papa alexandre lhe queria tomar ho estado. fez Jullio alguns parentes cardeaes, scilicet, o primeiro seu sobrinho que era titolo são pedro avincula viçechançiler. deste se dizia que era mançebo singular, E de tal engenho que mandaua ho papa E toda a corte. E moRendo de febres querendo o papa dar as suas dinidades a outro seu Jrmão de mui Rustico Juizo E costumes, mandou perguntar ao cardeal de portugual que lhe parecia disso. o cardeal lhe Respondeo que os vilões de sua terra se perdem a faca da bainha andando na arada metenlhe outra de pao por que senam seque [...] o papa tomou seu conselho E deulho mesmo titolo de cardeal E de chançelaria.

⁸⁶ Rodrigo Bórgia, futuro papa Alexandre VI (1431-1503, eleito papa em 1492).

⁸⁷ Lucrécia Bórgia (1480-1519), filha ilegítima do cardeal Rodrigo Bórgia, futuro papa Alexandre VI, e irmã de César Bórgia. Lucrécia tornou-se conhecida pela sua rara beleza, mas também pelas suas qualidades de governação: em 1501, por motivo de ausência no reino de Nápoles, o papa Alexandre VI, seu pai, confiou-lhe a administração da Santa Sé, num acto absolutamente inédito que deixou toda a Europa surpreendida, em particular o Colégio dos Cardeais; em diversas ocasiões, por ausência do seu marido, Alfonso I d'Este (1480-1519), com quem casou a 30 de Dezembro de 1501, Lucrécia ficou à frente do governo do Estado de Ferrara – a primeira vez que tal aconteceu foi em 1506, ou seja, apenas um ano após a sua nomeação como duquesa. De qualquer forma, Lucrécia não deixou de ser um instrumento da política familiar dos d'Este, como já havia sido da sua própria casa, os Bórgia. De salientar também o seu papel na cultura, expresso sobretudo na corte verdadeiramente distinta que edificou com o marido em Ferrara, na qual reunia artistas e homens de letras como Pietro Bembo (1470-1547) e Ludovico Ariosto (1474-1533), tendo mesmo Alfonso sido protector deste último.

fez Jso mesmo cardeal asincrisis que per morte do cardeal borJa ouve a penitenciaria. este tinha assinatura da Justiça. quando o papa era Jdo As guerras elle ficaua por leguado em Roma. era homem antre todos do collegio exçelente em totalas suas maneiras E costumes. amator da Justiça, E da honestidade E Religião da JgreJa. com estes fez outros cardeaes dos quaes forão dous seus camareiros, scilicet, sam clemente que moReo de febres quando eu cheguei a Roma, E o cardeal pauia⁸⁸ que matou o duque dorbino. era o papa Jullio homem de tam forte condição que na maior afronta ou neçessidade das guerras nam lhe // podiam conhecer sinal de couardia, mostrando animo grande E dando a muitos asperas Repostas. era çerto no que prometia. avorreçia truães Jograes. as espeitatuas E Reseruas que deu foram per tal compasso que todas poderam aver efeito. foi grande edificador. sendo cardeal fez os paços de sancto apostol que são huns dos prinçipaes de Roma de crastas Jardins, etc. E sendo acabados de telhar vieram a elle os mestres que lhes paguasse. E Respondeo que deixassem primeiro chouer. E fez a fortaleza de gruta ferrara que hee cousa forte. E a de ostia de que era bispo. depois de ser papa fez a fortaleza de bolonha que deRibaram os vintevolhas. E a de çiuita velha metida no mar quee huma das maiores E fortes que se diz aver em Jtalia. em Roma fazia huns grandissimos paços pera se apouentarem nelles todos os ofiçiaes da curia Romana, scilicet, guovernador, auditor da camara, auditores da Rota, Regente com todos seus notairos E ofiçiaes, pera que os negoçeantes nam padeçessem tanto detrimento em suas demandas E despachos como aguora se faz. ca polla çidade ser grande E os ofiçiaes espalhados nom podem sem grandissimo trabalho suprir a Requerer sua Justiça, assi no Jnuerno que são os dias pequenos, como nos grandes que são de mortaes calmas que os mata fazendo exercicio mais do que Roma Requere. E sobre totalas outras obras fundou a JgreJa de sam Pedro, que acabandosse seraa o moor edefiçio de JgreJa do mundo. começa de fazer hum muro que vinha da entrada de belueder atee o castello de santangelo, per fora do que fez o papa alexandre sexto ho qual manda deRibar. fez huma sumptuosa obra descadas dabouadas pera sobirem os cardeaes a caualo atee porta de sua camara que no andar da sala dos pontifiçes no cume dos paços que são mui altos. E são tam anchas que podem hir dois de caualo a par. deRibando salas e apouentamentos pera Jso. nom desfaleçia nas maiores afrontas, E com grande diligenciã prouia a totalas neçessidades. as guerras que teue foram por tirar o patrimonio da JgreJa das mãos dos tiranos. foi menos casto do que convinha a viguairo de christo E tam exçelentissimo barão. deleitousse muito em comer E beber, E muitas vezes sem tempo E ora limitado. ficaram muitos prelados sem capelos de cardeaes que erão Ja eleitos publicamente // declarados por cardeaes. E hum destes foi dom martinho arçebispo de lixboa. com quanto era belicoso E de RiJas Repostas, E parecia por esta causa ser de muitos desamado, nom lhe poseram epitafios em sua sepultura. que verdadeiramente a grauidade E honestidade E autoridade de sua pesoa ho fazia ser assi Reuerenciado que todos seus feitos moRendo elle foram tidos por obra de Justo pontifiçe. hee muito de notar no feruor de tantas guerras E contrastes a Justiça ser em Roma tam temida E guardada que atee dar sua alma a deus, se nam fez cousa contra Rezão que deixasse de ser punida. sua guarda dos besteiros de caualo erão Jtalianos. E a

⁸⁸ Trata-se do cardeal Francesco Alidosi (c.1460-1511), protector de Erasmo e reconhecido patrono das artes. Foi assassinado pelo duque de Urbino, Francisco Maria I della Rovere, sobrinho do papa Júlio II, num confronto trágico de que o Fidalgo dá conta no seu testemunho.

dos caualos ligeiros erão albaneses a que comumente chamam capeletes ou estardiotes. E sam chamados capeletes por que trazem em lugar de barretes E sombreiros, capellos de feltro de hum couado em alto cubertos de seda ou de fino pano que tem tres dedos de borda A Redonda [...] são Redondos E em çima sem ponta E chãos, de sorte que tirando os ditos capeletes da cabeça E postos no chão com a boca pera çima fição a propria feição de baçio secreto. quanto a noos hee feo traJo. parece a elles fermoso. vestense dos corpos como os vngaros. trazem as barbas com seus bebedoiros compridos E partidos, E o mais Rapado. outros as trazem doutras maneiras deferençadas [...] seu cavalgar E o dos vngaros hee de huma maneira. a guarda da Jente de pee do sacro palácio era dalemães. tinha grande deseJo que fosse despanhoes. E nam no fez por escusar os aRoidos que cada momento huns com os outros armauão, prinçipalmente sobre molheres. E os alemães são fora disso. moReo o papa Jullio deste nome segundo a xxj dias de fevereiro na era de mil E b° E treze. esteue Roma sem nenhum Reboliço, soamente que os Romanos poseram çerquo ao moesteiro de são paulo que hee fora da çidade E o entraram E o despoJaram de muita parte do tesouro E da Renda que era muita. no combate moReram alguns frades E dos de fora. depois Indo huma noite pera Roubar o sprital de sancto sprito que hee no burguo Junto do sacro palácio a Jente darmas da guarda do colegio E a artelharia do castelo de sa[n]tangelo os fizeram tornar atras [...] todo o mais da çidade esteue em paz guardandosse cada hum mui bem em sua casa em quanto nam foi criado nouo pontifiçe. //

fl. 170r

Como o cardeal mediçis veo a Roma,
E das maneiras que teue pera ser papa.

Como o papa Jullio se finou sendo mediçis avisado se veo a Roma sem fazer detença como acostumam os que naquellas se querem fazer senhores per força, ou por mais çerto falar tiranos. ca Juntamente com senhorio alcanção temor de ser mortos cada dia. chegou a Roma quando se fazião as enxequias do papa que hee o tempo em que todos os cardeas vaçilão E trabalhão por alcançar o summo pontificado. E nam faltam ali as manhas do gualeguo que prometia o masto de çera. tinha este cardeal hum escudeiro chamado bernardo de bibiano⁸⁹ homem sabido nas cousas do mundo [...] antremetido [...] graçioso E mui bom cortesão, o qual era mui conhecido de todos os cardeas E senhores de Roma. este deitando dados no tauoleiro da fortuna, sendo o cardeal seu senhor abaixo de muitos cardeas em Jdade, dinidade, Renda, E autoridade a cada hum dos quaes convinha com muita Reção o sumo pontificado, tomou esta empresa. em quanto se acabaram as obsequias coRia os cardeas pedindolhe suas vozes pera seu senhor ser papa, prometendo a cada hum dinheiros prelazias E vilas E herdades E o Regimento do pontificado dizendo que o cardeal era manso E mole E que Reçebendo delle tam grande benefiço o governaria E despoeria delle E do pontificado A sua vontade. com estas E outras enguanosas palauras moueo assi os corações

⁸⁹ Autor da célebre comédia *Calandria*, Bernardo Dovizi da Bibbiena (1470-1520) era um hábil cortesão e diplomata da Casa Médici. Foi o organizador e grande obreiro da eleição do cardeal florentino Giovanni di Lorenzo de Médici no conclave de 1513. Os seus esforços serão largamente recompensados pelo novo papa, Leão X, nomeadamente com a ascensão a cardeal logo em 1513, a nomeação para responsável pelo tesouro curial, o comando do exército papal na *Guerra de Urbino*, em 1517, e a nomeação, em 1518, para legado em França.

dos cardeaes mançebos, principalmente ao cardeal daraguão⁹⁰ que vinha da geração Real dos Reis de napole, scilicet, filho dum filho bastardo del Rei dom fernando, E o Reuerendisimo cardeal de sena, E o cardeal saule⁹¹, E cornaro⁹², E outros cardeaes diaconos cuJos nomes deixo por escusar prolixidade que deram suas vozes ao cardeal de mediçis. E cada hum esperando de ser o prinçipal guovernador como lhes era prometido. era tambem aJudado pollos embaixadores de castela por que elle mais que outro era deuedor E em obriguação a el Rei dom fernando. E esperauasse que sendo papa nam desconheçeria o que el Rei por elle tinha feito, E contra todo mundo seria em ajuda E fauor de suas cousas. mas nam ho pos assi por obra.

Da maneira do conclauí E como os
cardeaes sam ençerrados.

fl. 170v Por me nam culpar a mjm mesmo quando em algum tempo for preguntado polla maneira do conclauí, o fui ver quando o ordenauam. no sacro palácio haa huma mui grande sala na qual se fazem os consistorios publicos. no andar // desta sala vem dar a capela grande do papa, E tambem a pequena que hee a antigua que estaa da outra parte da sala de frente da capela grande. nesta capella grande se armaram leitos de campo com carrioles dambalas partes A maneira de dormitorios de frades, sem antre hum E o outro aver outro Repartimento senam as cortinas dos mesmos leitos. na capella pequena ouuiam missa. na sala comiam E passeauam os cardeaes. nenhum delles pode ter consiguo senam hum soo seruidor. este escolhem dos mais priuados que tem. E o mais sabido, por que desque sam encerrados, creçendo o deseJo de alcançar tam altissima dinidade, creçem as diligencias, creçem as promessas de grandes prelazias E doutras merçes. ali vai bulir, tramar, huns com os outros. E mui Raras verdades pera aver mais vozes pera seus amiguos [...] E pera se Jsto bem fazer cumpre a cada hum ter consiguo pesoa que ho bem saiba ordir. a estes seruidores são conçedidas Reseruas que preçedem todalas outras. mas nenhum nam foi desta vez tam solição ou bem afortunado como o sobredito bernardo beuiano ao qual o cardeal de mediçis meteo consiguo no conclauí. tanto que os cardeaes são dentro tapanlhe as portas de pedra E cal. em huma das portas fazem hum torno como de freiras por onde lhe dão de comer. todalas outras Janelas E furacos [*sic*]⁹³ se tapão da mesma maneira por se nam poder dar aos de dentro nenhum aviso, nem os do conclauí aos de fora. contudo a capela E a sala ficam mui claras com as grandes E gentis vidraças que tem que dão claro lume. nesta sala E nestas duas capelas são soamente ençerrados. E a outra grandeza dos

⁹⁰ Cardeal Luigi d'Aragona (1474-1519), neto do rei Ferrante de Nápoles e irmão do rei Afonso I da Sicília. Ascendeu ao cardinalato em 1494, tendo ficado conhecido como cardeal de Aragão.

⁹¹ Bandinello Sauli (c.1494-1518), bispo de Gerace e Oppido. Ascendeu a cardeal em 1511. Foi deposto e encarcerado no *Castello Sant'Angelo* acusado de participar na conspiração de 1517 contra o papa Leão X. O mesmo papa recolocou-o no cargo ainda no decorrer de 1517, embora sem voz activa e passiva.

⁹² Cardeal Marco Cornaro (1482-1524). Foi eleito cardeal em 1500 pelo papa Alexandre VI. Foi um dos obreiros da reconciliação entre a República de Veneza e o papado na fase final da *Liga de Cambrai* (1508).

⁹³ Leia-se *buracos*.

paços fica na guarda da Jente darmas. os embaixadores dos Reis estão o mais do tempo ao torno em quanto assi estão ençerrados sem criar nouo pontifiçe. E nam vai Jguaria a nenhum que primeiro não seJa vista E olhada se vai algum escrito ou cousa que seJa davisio. Jso mesmo olhão os baçios de prata se vão nelles algumas çifras ou sinaes. E no que achão Risco nam consentem que o metam dentro. nestas guardas se poem muita diligência. a ordem da eleição do papa hee santissima se as dos eleitores for tal.

Como mediçis foi papa E se
chamou lião deçimo. //

fl. 171r

Acabadas as obsequias entraram no conclauí desassete cardeaes que se acharam em Roma [...] fizeram dous scrutinios nos quaes quasi foram Jguaes nas vozes o cardeal de cuna per outro nome chamado alborensis, E mediçis. mas no segundo querendo os cardeaes diaconos que fosse o papa diacono elegerão mediçis com huma soo voz que ouve da ventaJem de cuna. era este cardeal de cuna castelão E mui velho, bem mereçedor do pontificado. por elle se podia dizer ser padre dos da patria que grandemente amaua E agualhaua os espanhoes. quando per Roma se soube que mediçis era papa, os que maes entender tinhão ho ouueram por cousa estranha. aberto o conclauí leuaram o nouo pontifico a sam pedro cantando te deum laudamus. acabado o officio, tornandosse os cardeaes velhos pera suas casas, as Romanas lhes dizião passando per suas portas, Que pobres cardeaes velhoszinhos onde estaua vosso siso quando fizestes o vosso filho papa. era mediçis neste tempo de corenta E dous anos. desta eleição teueram geralmente todolos sisudos descontentamento por que Alem de ser mui mançebo era florentim que hee nação sobre totalas outras mais cobiçosa E acquiridora de Riquezas. tinha hum soo Jrmão E muitas Jrmãs, sobrinhos E parentes mais que outro nenhum cardeal. a qual cousa hee mui grande dano a todo pontifiçe, pois hee forçado que o patrimonio da JgreJa se destrubua por elles fazendo os de pobres E neçessitados grandes senhores, como mal pecado se aguora custuma. a qual cousa se nam pode fazer sem tomar os senhorios alheos E vender as dinidades E perlazias E os offiços apostolicos pera suprir os guastos de grandes estados a que se aleuantam, como este papa liam fez, que a seu Jrmão que era hum pobre escudeiro do duque dorbino fez çidadão de Roma E capitão da JgreJa E o casou com a Jrmã do duque de saboia⁹⁴, o qual casamento lhe custou muitos milhares de cruzados. E segundo se afirmaua passaram de duzentos mil. fez loguo quatro parentes cardeaes. trouxe as Jrmãs E os maridos a Roma. a todos deu grandes casas E mantinha seus estados com grandes despesas. E por que a Jnsinia dos françeses hee hum lião se fez chamar lião deçimo. nos primeiros çincoenta dias Reçebia os embaixadores E senhores de Roma com a mesma cortezia que fazia sendo cardeal, // fazendoos cobrir E assentar. E elles catandolhe a diuida Reuerença. a alguns disse que nam cria que era papa. sabido Jsto per Roma atribuiasse ao miseruel estado em que viuera. por que os cardeaes abastados Jaa se tem por papas antes de ho ser E sendoo nam faleçem em tempo algum da çerimonia do estado. no mesmo dia que sahiram do conclauí, estando o cardeal de sena A mesa praticando na eleição com os criados que com elle estauamos, disse que fora eleição obrada pollo

fl. 171v

⁹⁴ Trata-se da princesa Felisberta (1498-1524) da Casa de Sabóia, que casou com o irmão de Leão X, Juliano II de Médici, a 22 de Fevereiro de 1515 na corte francesa.

spiritu sancto aleuantando as mãos dando graças a deus por elle ser hum dos eleitores. E loguo alguns começaram de murmurar dizendo que aprouvesse a nosso senhor que lhe nam custasse caro a elle E a seu estado o que fizera. E que a sua alegria se nam convertesse em pezar. E todos sahiram verdadeiros profetas pollo que despois soçedeo. ca soo a voz do cardeal de sena que ouvera mais o fizera papa. diziam Jsto por que florença sempre antiguamente teuera guerra com sena. E sendo o papa florentim, bem era de presumir que avia de ter maneira como em seu tempo fosse sena subJeita a florença. E sendo Jsto assi, claro estaua que o cardeal E seus Jrmãos aviam de ser lançados E esbulhados de seus estados E do mando E guoverno que tinham. alguns falauão nisto ao cardeal, mas tanto era o contentamento que tinha, que todas estas cousas lhe forão escuras. naquelle mesmo dia o cardeal soiço, disse publicamente que elle nam estaria mais em colegio que tal papa elegeram E di a poucos dias se foi de Roma pera sua terra. tambem o cardeal de Jnglaterra disse publicas Reprensões desta enleição mas nam se pode hir como se foi o soiço, por que lhe atalharam com peçonha que lhe deu hum seu camareiro.

Como o papa fez quatro cardeaes,
E das cousas que se diziam E faziam per Roma.

Naquelles dias hum cortesão grande dizidor escreueo sobre hum titulo que estaa sobre huma porta de huma sala do sacro palácio, que diz, nicolao papa quinto mil iiij^o E sessenta. E esta a letra por parte. a Interpretação hee a seguinte, E as letras estão desta maneira – nihil papa valet. multi cardinales çeçi trahent çecum leonem deçimun .//.n.pp.V.c.c.c.l.x//. chamoulhe çeguo por que era mui curto da vis[ta] E trazia hum oculo com que via. outros muitos epitafios se poseram per Roma muito de notar que despois sahiram verdadeiros. a este prinçipalmente se presumio que o papa deesse castigo // mas bernardo de beuiano que era grande trovador E queria por Jssso bem a este E a todos os bons dizidores, barallhou esta zombaria de feição que veo o papa a folguar com elle E o tomou por seu cobiculario. a todos aquelles cardeaes que o elegeram nam neguaua cousa que lhe pedissem. a todos fez palatinos, E deu pousadas no sacro palácio. sobre todos era priuado o ca[r]deal daraguão que absolutamente se tinha por governador seu. Repartio com elles seus benefiços E outras cousas que tinha da JgreJa. ao cardeal de sena deu a vila de bolsena que era sua E a Jurdição da via de populo que hee hum dos melhores de Roma E tomoulhe çertos criados no conto dos quaes eu entrei. mas nenhum dos outros nem eu nom quisemos deixar ho seruiço do cardeal vendo que o seu paço E tenello era mui A florentina. em prinçipio de seu pontificado criou quatro cardeaes, scilicet, o sobredito bernardo de beuiano E deulhe titulo de sancta maria Jn portiguo. fez Jssso mesmo Lourenço puçio que era datario E florentim mui exçelente abreuador do titulo de santiquatro. E Jnoçençio çibo filho de madalena sua Jrmãa do titulo de sancta maria Jn dominican. E mediçis seu primo con Jrmão filho de seu primo pedro de mediçis o qual eu bem conheçi hum bem pobre escudeiro com o abito de são João con L^{ta} ou lx ducados de Renda. E sempre andaua soo. homem carreguado E sem alegria E astuto E mui sabido nas cousas do mundo como despois o amostrou por esperiência. E bastardo segundo se afirmaua filho de molher casada florentina o qual era gerado tendo ella o marido viuo. mas laa vão leis, etc. quis o papa que fosse de legitimo matrimonio E por tal foi aprouado em consistorio publico. a primeira dinidade que ouve foi o arçebispado de florença. E loguo

sobio a cardeal, subio a tanta priuança que guovernaua Roma. E nas cousas do papado, a sua voz era do papa, E a do papa sua. era cousa de marauilhar ver em tam breue tempo fortuna de muitos assi mudada. os que guovernauam o papa Jullio E mandauam toda a corte Romana sendo de todos adorados, erão sometidos couardes E sem nenhum acatamento. E aquelles de quem nenhuma menção se dantes fazia tão aleuantados em grandezas que se desconheciam. E erão ensoberbeçidos E sem lembrança da pobreza E miserauel vida passada. dauasse o papa a todo genero de prazer por que era musico folguaua com os musicos exçedia o modo em folguar com Jograes os quaes de continuo // tinha A sua mesa. antre outros seus modos de prazeres estando hum dia em belueder com os cardeaes mançebos que sempre ho acompanhauão, tomaram mui grandes guatos como os haa naquellas partes E preguaramnos pollos coiros das costas em tauoas, de sorte que ficauão cos pees mãos E Rostros fronteiros. E mandaram trazer peças de seda da qual seda se prometiam gibões ou pelotes a quem marrando com a cabeça descuberta, dos guatos matasse algum. E alguns de pouco siso ou por dar prazer ao papa E aos cardeaes, ou pollo Interesse da seda se poseram ao sobredito combate. E aRemetendo de longe hião dar com as cabeças os mores guolpes que podião nos guatos E erão Reçebidos delles com os dentes E com as vnhas dos pees E das mãos com os quaes os acutilauão no Rosto E na cabeça de tal maneira que eu que era presente os vi apartar com feridas de grande palmo em comprido. E tornando a elles muitas vezes, muitas vezes erão feridos. E alguns mataram. E as empezas das sedas nom lhes tirauam as do Rosto que taes ouve ahí que nunca as perderam. a muitos nam pareço este Jogo onesto por ser em presença do papa e dos cardeaes.

fl. 172v

Como o papa liam foi coroado, E foi
tomar posse a são João de latram.

Foi o papa liam deçimo deste nome criado a onze dias do mes de março da sobredita era de mil b^c E treze. E no dito mes de março a huma segunda feira despois de Ramos foi coroado no tauoleiro da JgreJa de sam pedro, em hum sumptuoso cadafalso armado sobre colunas de fortes traues forradas de Redor de tauoado que as fazia mais grossas E Redondas com suas vasas E capitees. E pintadas de tal maneira que pareciam naturaes colunas de perfidos. a tapeçaria de que estaua ornado era a mais Rica que tem a see apostolica. ali erão todolos cardeaes, patriarcas, arcebispos, bispos, E outros muitos prelados Religiosos que erão naquelle tempo Residentes em Roma vestidos de mui Ricas capas de sedas E borcados. todos com mitras nas cabeças de damasco branco, E tafetaa E olanda segundo o grao de cada hum. o cardeal sam Jorge que era camaralengu da see apostolica lhe pos a tiara na cabeça, a qual hee de tres coroas guarneçidas de tam preçiosas pedras que nam tem o papa outra tam Rica Joia. E em outra nenhuma festa a vi a sua santidade nem ao papa Jullio na cabeça por que em totalas missas papaes custuma ter mitra acostumbrada dos outros prelados, E nam a tiara. verdadeiramente // sobre totalas outras çerimonias, esta da coroação do papa pareçe cousa diuina. hee cousa fermosa de ver a multidão da Jente que a este auto foi presente. A segunda feira seguinte que foi a primeira outaua da pascoa foi Sua Santidade tomar posse de são João de latram que foi hum Riquissimo aJuntamento de muitos grandes senhores [...] nam hee pera deixar descreuer da maneira que os cardeaes naquelle dia caualguam. leuão a par de si cada hum oito criados dos mais priuados E honrrados de sua casa a pee,

fl. 173r

vestidos de sedas E brocados. vão quatro de cada parte. E os moços destribeira diante. os mais vão naquelle dia em caualos. E todos leuam as cabeças, os pescoços, orelhas E todo o Rosto do corpo cuberto de tafetaa branco A maneira de caualos encubertados que outra cousa nam vai descuberta senam os olhos E os pees [...] a qual cobertura hee dos moços destribeira, tanto que se os cardeaes apeam, por que nam seruem em outro nenhum dia. os cardeaes diaconos que elegeram o papa derão aos seus priuados E moços destribeira, a liuree de huma maneira, scilicet, aos honrrados capas françesas de veludo negro forradas de tafeta negro mui fraldadas E compridas, pelotes sem manguas de catim alionado, gibões de borcadelo, calças de gram, çapatos de veludo negro, camisas dolanda, com cabeções douro, guoRas vermelhas E çintas de tafeté, E espadas douradas com bainhas de veludo negro. aos moços destribeira deram capas de grãa pauonaça, calças brancas, gibões de çatim alionado, espadas douradas, tafetas por cintas, çapatos de veludo, E guorras vermelhas. os outros cardeaes hiam per desvairados modos. E taes avia que deram gibões de borcado de pelo. os prelados E as outras familias hiam mui Ricamente vestidos. que o que menos veste hee fina grãa antre os outros grandes senhores que naquelle dia ali foram Juntos era o duque de ferrara, E o dorbino, aos quaes o papa de nouo abilitou E tornou Investir em seus estados. era Jssso mesmo ali todolos senhores coluneses E vrsinos E de florença E doutras partes de italia, muitos outros senhores prelados E seculares. E os embaixadores dos Reis foram naquella companhia mui Ricamente vestidos suas pessoas E familias. acabouse o ofiço tam tarde que tornados aos paços do papa era Jaa quasi noite.

Como os cardeaes çismaticos
forão Restituídos aos capelos.

fl. 173v Os cardeaes que andauam em frança priuados do papa Jullio foram Restituídos aos capelos E a voz actiua E passiuua // E a todas suas dinidades e benefiços. mas alguns delles perderam muita Renda por que os que tinham seus benefiços erão pessoas de cuJas mãos se nam poderam mais tirar. como o bispado de çiguença que era do cardeal santa cruz, que ouve o senhor dom fadrique. são seuerino E sancta cruz se vieram a Roma loguo. baus, E saniabo nunca mais por que tinham suas Rendas em frança. E nam perderam nada dellas, por serem françeses. cosença morreo no tempo da çisma como dito hee.

Da festa que o papa fez polla tomada dazamor.

Naquelle Jverno do primeiro ano de seu pontificado veo noua a Roma como vossa Jlustriissima senhoria tomara aos mouros a grande çidade dazamor, com a qual noua toda a corte mostrou grande alegria. o papa foi dizer missa ao moesteiro de sancto agustinho. mas no dia dantes A noite açenderam luminarias per toda a çidade assi nas torres E paços dos cardeaes E grandes senhores E çidadãos como nas Ruas E portas delles, queimando pipas cheas de lenha, de maneira que parecia a çidade arder em fogo. E o castelo de sancto angelo era cheo das ditas Jluminarias. E por grande espaço tirou a artelharia da qual o fumo tolhia a vista do castelo. despois os foguetes que do castelo E dos sobreditos paços E toRes lançauam eram mui espesos em totalas partes do ar. assi que o que se fazia mostraua bem a comum alegria da bem aventurada victoria alcançada polla grande prudência E esforço de

Vossa Senhoria. ao dia seguinte dizendo o papa missa soleñe no dito moesteiro preeguou hum coneguo de são pedro o qual trouxe todos os Reis de portugal, E os feitos de cada hum contra os Infiees. ca mui bem ho tinha sabido. E voltandosse contra sua Santidade lhe louuou çelebrar aquella grande festa por hon[ra] da vitoria que Vossa Senhoria ouvera contra os mouros tomando aquella tam grande E antiga çidade. E tornandosse aos embaixadores dos Reis, bradaua E dizia que tomassem os Reis christãos exemplo em vossa Ilustrissima senhoria que sendo sobrinho del Rei de portugal, filho de sua carnal Jrmã E o maior senhor de villas E terras E vassalos da Espanha, com grandissimo deseJo de acreçentar a fee de christo como cristianissimo príncepe, nom soamente açeitara mas aJnda procurara a tal empreza, deixando seu Repouso, convidando seus parentes amigos E criados. E feitos mui sobeJos guastos de suas Rendas se metera no mar com grande frota // de navios, non temendo vossa Real pesoa as ondas do mar oceano que mui furiosas muitas vezes se amostram, buscando aos Infiees com tantos trabalhos em suas proprias casas. E dandolhe nosso senhor prospero vento aportara em africa çertas milhas dazamor. E tomando terra se fora com seu exerçito suas azes ordenadas a assentar seu aRaial sobre a dita çidade, mostrand[e] *[sic]*⁹⁵ no guoverno de sua hoste grandissimo esforço E prudência comparando vossa Ilustrissima senhoria aos mais poderosos E famosos capitães antigos. E que nesta presente Jornada se mostrara outro semelhante duque gudyfredo⁹⁶ capitão geral da santa empresa de Jerusalem, a qual os christãos ganharam aos Infiees sendo vnidos E Juntos em hum acordo E vontade, sahindo de suas terras com braço armado E fee grande. E tomaram a grande çidade de antiochia com outras poderosas çidades E vilas E se fizeram senhores de toda a terra, de maneira que os pelegrinos sem contradição podiam hir visitar ho santissimo sepulcro de nosso Redentor Jesu christo. E depois de ho averem possuido tantos anos, E a fee E santo zelo se converter em odio E diuisões huns contra os outros deram a saladino⁹⁷ a triunfante vitoria da vera cruz E o dito sepulcro de cristo E da santissima çidade de Jerusalem com tanto sangue de christãos espargida E tanta desonrra da Religião christãa [...] E que durando estas diuisões antre os reis christãos fizeram vir nos tempos passados o soldão de babilonia a Roma E sendo saqueada, E despoJados seus templos de todos seus tesouros fizeram da santissima JgreJa de são pedro estrebaria de caualos, saqueando a maior parte de Jtalia, scilicet, toscana, pulha, E çezilia. as quaes diuisões deram Jsso mesmo causa que em nossos tempos a mui nobre çidade de constantinopla com seu emperador E todo Jmperio de greçia fosse dado em poder de turcos⁹⁸, E o mui exçelente [moesteiro] de santa sofia feito mesquita de mafamede. E que vendo as presentes diuisoens, E tantos christãos mortos em batalhas, E tantos aparelhos pera maiores males nam se asseguraua seu animo, bradando, Ó Roma queira deus que em meus dias nam veJa em ti outro soldão de babilonia que acabe de

fl. 174r

⁹⁵ Leia-se *mostrando*.

⁹⁶ Nobre e militar franco, Godofredo de Bulhão (1058-1100) foi um dos principais líderes da *Primeira Cruzada* (1096-1099) e o primeiro soberano do Reino Latino de Jerusalém (1099-1291), apesar de recusar o título de rei.

⁹⁷ Saladino (c.1138-1193) foi um chefe militar curdo muçulmano, que se tornou sultão do Egipto e da Síria e liderou a oposição islâmica contra os cruzados europeus no Levante. Foi o responsável pela reconquista de Jerusalém aos cristãos, após a vitória na batalha de Hattin (1187).

⁹⁸ Esta passagem refere-se à emblemática queda de Constantinopla, em 1453, e ao consequente fim do império bizantino às mãos dos otomanos liderados pelo sultão Mehmed II, o *Conquistador* (1432-1481).

fl. 174v destrohír E dassolar essas muralhas E vestígios que nos ficam por memoria de tua grandeza E que a sagrada JgreJa de são pedro nom seJa outra vez com tanto vituperio violada E feita estrebaria, E os outros santissimos E grandes templos queimados E Roubados // de seus tesouros, E as matronas E virgens Romanas postas em poder dos Infiees. tornando contra os portugueses dizia que na fee delles E do seu christianissimo E bem aventurado Rei dom manuel, era oJe acreçentada E sustentada a Religião christãa. o qual por mar E por terra em africa, arabia, persia, E na Jndia exercitaua os christianissimos E mui esforçados E Jnvençiees lusitanos conquistando todas aquellas prouinçias, leuando por Jnsignia de suas bandeiras a cruz de nosso senhor Jesu christo. fazendosse martires por seu amor espargendo todolos dias por diuersas partes seu sangue em cruees batalhas com os Jmiguos de nossa santissima fee. que em semelhantes obras se deuia exercitar sua santidade E os Reis E potestades dos christãos. E nam em fazer liguar E tam cruees guerras huns contra outros dando ousadia E lugar ao turco que desauerguonhadamente aleuante suas bandeiras contra a cruz de christo, E sem temor emtre pollas terras dos christãos. naquelle tempo era o feruor da guerra em Jtalia, E dos tratos E liguas antre os Reis papa E senhorias huns contra os outros. foi de tanta eficacia aquella preguação E tudo tam bem dito E encaxado que deçido do pulpito os cardeaes ho tomaram antre si E coRendolhe as lagrimas pollas faças o beiJauam na sua. E todos cõmummente ho louvaram muito. E tornado o papa a seus paços fizeramse as mesmas luminarias E alegrias da noite passada. o cardeal de sena que mui grande deseJo tinha de vossa Jlustrissima senhoria ter por amiguo contaue em seus convites E banquetes aos outros cardeaes E senhores o estado Real de vossa senhoria E suas vitorias da maneira que o eu tinha enformado. E sem duuida nam Reçeebo vossa senhoria pequena memoria pera em sua morte por que sempre o teuera por grande amiguo mas a sua desastrada ventura atalhou a Jssó E por que neste tempo se começou a tratar sua morte E a perdição dos outros cardeaes ha contarei breue E verdadeiramente. E posto que vossa Jlustrissima senhoria de todas estas cousas larguamente seJa sabedor, nom quero deixar a Reposta que o papa mandou a el Rei, pera os que destes fermosos feitos nom tiuerem notiçia.

Reposta do papa lião deçimo a el Rei de portugal
sobre a tomada da çidade dazamor.

fl. 175r Muito amado em christo filho nosso. saude E apostolica benção [...] // muitas vezes temos dado graças a deus todo poderoso, E como se deue esperar aJnda lhas daremos no por vir por que hee sua santa fee por elle soo limpamente honrrada com tantos danos do mui cruel mafoma despedaçada E Reçebidas tantas JnJurias firme e saudavel defensão quis poer na virtude de tua magestade E grandeza de teu animo per meo da qual nom soamente em que maneira desviemos os periguos, mas aJnda como daqui avante os Jmiguos de christo noos os espantemos nos hee dado poder. E posto que atee qui de teus feitos sempre nam poderemos deixar de nos maravilhar sendo Jlustres per amiudadas vitorias, Regiões Jnfindas E nobreza de Jente vençidas, vendo que per toda aquella habitação da Redondeza da terra que contra o oriente E meo dia se estende, todas aquellas regiões per espaços quasi sem medida, todos os mares, portos, Jlhas, prayas, de pendões de christo nosso deus per lembranças sem conto. E polla diligência de teus cavaleiros E capitães estem cheas E per tua virtude nelle deuan crer. contudo tua deRadeira carta escrito no deRadeiro dia de setembro que

aguora passou, polla Jmmizade daquellas nações, convem a saber dos de fez E de marrocos, por que Ja estes grande parte despanha E alguma tambem ditalia tomaram, E o templo de são pedro em vaticano prinçipal assento da Religião cruelmente destrohiam, no que nos fazia saber que padeçiam aguora aquelles barbaros a pena que çedo hão maior de padeçer de tantas maldades em desonrra de nossa fee cometidas, singular prazer contentamento E alegria nos trouxe. E aJnda pollo amor de pai que a tua magestade temos foi maior prazer seres tu o que vinguaste sam pedro E a maltratada Religião christãa. o que assi como a tua fama foi causa de muita honrra assi tambem a noos deu grande contentamento, pollo qual loguo chamado todo o colegio de nossos honrrados Jrmãos, tua carta abertamente mandamos ler. E o prazer que tinhamos Reçebido com elles cõmmunicamos. E depois de connosco Juntamente a grandeza de teu animo E grande amor de deus com muita Reção terem louuado, E alegrandosse com teu bem E do duque de braguança teu sobrinho barão muito esforçado, pollas çidades dazamor E dalmedina E outras muitas serem tomadas E grandissimas vitorias alcançadas, noos de conforme consentimento dos mesmos nossos Jrmãos, ordenamos em teu nome por toda a çidade proçissão a sancto agustinho onde noos mesmo acompanhandonos todo o colegio do senado fomos E depois de dita solenemente missa E feita huma copiosa oração de teus grandissimos merecimentos, demos graças a deus nom somente por nos ter dado por ti tantos E tam grandes // benefícios, mas tambem por criar em noos çerta esperança de alcançar cada dia maior vitoria por tua parte, E de Recuperar sua santissima fee, pollo qual muito amado em christo filho aJnda que de nossa amoestação te veJamos ter pouca neçessidade, comtudo de todo coração te amoestamos que trabalhes de hir avante pollo caminho Ja começado ao cume da gloria. E aJas por çerto que te estão aparelhadas muitas honrras. E açerca dos homens memoria de tuas virtudes sempiterna. aJnda que pequenos seJão estes premios pera os que te deus todo poderoso naquella çeustial e Jmmortal bem aventuraça ordenou. E noos amoestandote claramente conhecemos açerca de ti ser o Juizo de deus, por que a quem conçeдео elle ho que a ti, que tendo as mãos de todo limpas de sangue christão, que não pode ser pureza nem limpeza que maior husasses. sem embargo disto cada dia tuas armas trazem consiguo grande gloria E nenhuma malquerença, a qual honrra E ornamento a ti dada da graça do Rei çeustial, atee teus derradeiros dias conseguiras segundo confiamos se nam te moueres. todo o outro louuor ficara abaixo desta tua virtude E amor de deus. E portanto em nos escreueres que tens vontade de trazeres o Reino de feez E maRocos da çuJa E sobeJa de nação de mafamede ao conhecimento da verdade, çertamente muito te louvamos esta tua vontade. E çerta esperança temos que totalas cousas te soçederão segundo teus deseJos. mas muito maiores graças aJnda damos a deus que por ti nos daa sinaes mui çertos de ter connosco pera melhores cousas dada sua vontade, por que querendote elle, te vngio de virtude E pos teu caminho sem Reprensão. E ensinou tuas mãos pera combate. E pos teus braços assi como arco darame. E claramente nos mostrou ser per todolos poucos fiees sua saude desejada, por que em fim, em algum tempo dando cabo a nossos continos danos possamos cuidar em acreçentamento da fee E honrra do nome cristão, pollo qual noos em nenhuma cousa nem de dia nem de noite cuidamos em nosso coração senão em que maneira faça paz antre os Reis christãos, E possamos mudar as armas contra o herege mafomede. E assi como em tua virtude E amor de deus muito grande esperança posemos de se huma cousa E outra fazer. E assi tambem a deus humildosamente pedimos que por sua piedade nos de sahida a este

fl. 175v

fl. 176r nosso desejo pera que da aJuda E poder de tua magestade nos possamos aproueitar muito mais çedo pera fazer muito grandes E muito // santas cousas. escrita em canJo. diocese de castro a xvij dj[as] de Janeiro do ano do senhor 1514.

Santissima Reposta E de santissimo exemplo foi a sobredita mandada do sumo pontifice com tantos louvores deuação E amoestações a hum tam vitorioso E cristianissimo Rei. mas que faremos se as obras nam concordão com as palauras, por que sem muita tardança vimos o santo deseJo de hir contra os Jnfiees mudado com cobiça de fazer Reinat seus parentes [,] mandar hostes contra christãos pera lhes tomar seus estados que de muito tempo tinham paçíficos. nas quaes guerras mais de çincoenta mil christãos escolhidos E exercitados na guerra perderam suas vidas em muitos Recontros E peleJas. E muitas vilas E lugares padeçerem grandes danos E quasi dos moradores dellas desfeitos E destruidos das fazendas. E as molheres E filhas desonrradas como em poder de Jnfiees. E vimos loguo per mandado de Sua Santidade ser presos tres cardeaes do sacro colegio. em estado Renda E autoridade. E ser priuados dos capelos Rendas E dinidades E com muita desonrra ençerrados no castelo de santangelo cada hum apartado per si em asperas prisões. E despois esbulhados de todos seus tesouros. E em fim foram mortos per secretas maneiras. as quaes cousas contarei em breue E o mais de craradamente que poder.

Como os florentins procuraram de
furtar sena. E a causa por que.

fl. 176v Sena E florença são vezinhas dez leguas huma çidade da outra E partem seus termos. ambas são mui prosperas E populosas çidades E de antigo teueram estas senhorias guerra huma com a outra. E totalas vezes que vinhão As mãos em batalha, os seneses forão vençedores. E por esta tam velha Reixa antre elles avia grande odio moormente antre seus duques. ca huns E outros deseJão tiranizar. tanto que os florentins viram o seu duque papa, poseram em obra de furtar sena per huma enganosa maneira. dia de sam João fazem em florença grande festa pera a qual convidaram o cardeal E seu Jrmão burges. E o cardeal nom tendo sospeita da treição E deseJando de os aprazer em totalas cousas, se foi de Roma pera sena. erão os prinçipaes desta trama o manifico Juliam Jrmão do papa E o manif[ic]o Lourenço seu sobrinho⁹⁹, E o cardeal çibo¹⁰⁰, E o cardeal santa maria Inportugo, E luis da Roxas E outros parentes do papa. os quaes vinhão de Roma a esta festa de dous em dous. E hiam por sena pousar com o cardeall E com seus Jrmãos os quaes larguamente despendiam com elles // em os agusalhar. cheguandosse o dia de são João, o cardeal E seu Jrmão se foram pera florença. E estando no feruor das festas que se faziam aquelle dia cheguoulhes noua como seus amigos eram entrados em sena E se aleuantauam com a çidade [,] pollo qual burges se partio a grão pressa com os que consiugio pode levar E coReo tanto pollas postas

⁹⁹ Lourenço II de Médici (1492-1519), sobrinho do papa Leão X. Graças à acção político-militar do tio tornar-se-á, em 1516, duque de Urbino em detrimento de Francisco Maria I della Rovere (1490-1538), por sua vez, sobrinho do anterior papa, Júlio II. Nicolau Maquiavel (1469-1527) dedica a Lourenço II de Médici a obra *O Príncipe* (redigida em 1513 e publicada pela primeira vez, postumamente, em 1532).

¹⁰⁰ Innocenzo Cibo (1491-1550). Foi nomeado cardeal em 1513 pelo papa Leão X, seu tio.

que em poucas oras chegou a sena E achou muita Jente do pouo na praça. E o capitão pouco entesta que era o capitão da senhoria de que pandolfo E os filhos muito confiaão o qual Resistia aos contrairos com a Jente da guarda que era da mais escolhida de Jtalia. E posto que o manifico burges se mostrou, nam faziam delle menção [.] estando as cousas nesta balança chegou o cardeal ao quall todo o pouo se entregou por que era de todos muito amado. vinhão com elle os mesmos florentins que quando viram sua entença baldia, faziam feros E ofereçiam suas pessoas ao seruiço do cardeal, E de seu Jrmão. nom se fez este cometimento assi encuberto que o elles nam entendessem bem claro E faziam mostrança do contrairo. E huns E os outros encobriam seus pensamentos. esta foi a primeira leuada que o papa E seu Jrmão E Jrmãos E parentes fizeram contra o cardeal. Jaa neste tempo estauam em Roma tres Jrmãs do papa com seus maridos filhos e filhas Aas quaes deu casas E estados como convinha a tamanho diuido de Sua Santidade. E antre estas Jrmãs a senhora condessinha tinha o papa por pessoa de grande siso E conselho. E fazia della tanta conta que se dizia que de totalas cousas de Jmportança lhe daua parte E pedia seu parecer [.] deu a Requerimento dos cardeaes E das Jrmãs muitas Reseruas, dellas por dinheiro E dellas gratis E loguo as suspendeo E Reuogou todas. E os que as compraram perderam seus dinheiros E os outros a esperança dos benefícios.

Dos agrauos E desfauores que
o papa fazia ao cardeal de sena.

Nom consentio a maliça E desordenada cobiça dos florentins que longuo tempo se dissimulasse o proposito que tinham de destrohir ao cardeal de sena E a seu Jrmão. ca loguo no primeiro ano de seu pontificado lhe começaram de tirar as cubertas, scilicet, o Jardim E a camara do sacro palácio, E a villa de bolsena [.] fazendolhe outros agrauos os quaes posto que eram de qualidade pera ser duos de comportar, mostraua o cardeal com alegre Rosto nom ter disso sentimento [.] // o Jardim que lhe tinha o papa dado, hee de laranJaes E doutras muitas maneiras daruores. E de Rosas E doutras muitas frores de muitas maneiras E ortalixa. E tem mui gentis apousentamentos E Jogos de pella. assi que hee hum dos melhores de Roma. E bolsena que lhe o papa dera também, hee mui bõa villa. E estaa assentada a beira do grão lagu de santa cristina. chamasse assi este lagu por que era prefeito daquella terra o pai daquella bem aventurada virgem. E ali padeço martirio por mandado de seu pai que adoraua E cria nos idolos. E o corpo desta virgem E o de sancta Romana Jazem ambos em huma sepultura na IgreJa da dita villa, a qual eu muitas vezes fui visitar. alguns dizem que onde aguora estaa o lagu antiguamente foi huma çidade que se chamaua tiro. E foi souertida. este lagu hee muito alto [.] tem de Rooda trinta milhas E muitas vilas E castelos de totalas partes peguados com elle. hee Redondo E tem quasi no meo duas Jlhas. E em huma estaa hum moesteiro de são francisco da obseruança. vi Ja neste lagu assi aspera tormenta como no porto de lixboa. quebrandosse as ondas humas com as outras com aquelle Jmpeto que fazem as do mar. a aguoa delle hee salobra. nom creçe nem mingua por grandes chuvas nem por grandes calmas que façam. matanse nelle Jnguias como grandes lampreas. E hum pescado que se chama luçio pintado como truita, E da grandeza de peixotas E outros peixes como boguas a que chamam tenças. E Jnfinidade de peixinhos pequenos. este pescado tem os Jtalianos por mais são que o do mar, soamente as Jnguias

fl. 177r

que são mui danosas. naeguasse per barcas. eu nam estiue no moesteiro daquella JIha por que hum verão que o cardeal ali foi, em quanto sua Reuerendissima senhoria passou ao moesteiro dom manuel dazeuedo E eu fomos A çidade de orbieto que hee dahi duas leguoas por ver a see que hee mui grande E aJnda nam acabada. a fronteira [*sic*]¹⁰¹ dela hee tal que depois da JgreJa de monReal, nam vi outra semelhante. tem tres portas dianteiras mui grandes. obrada de Jmaginaria de vulto a mais exçelente que tenho visto, assi em obra grande. as Jstorias sam do testamento nouo E velho. E as figuras pequenas E postas em ordem E perfeição maravilhosa. E por me terem dantes muitas vezes dito que esta hee das marauilhosas cousas de Jtalia, fomos aquelle dia dom manuel E eu a vella. esta çidade de orbieto hee do patrimonio da JgreJa, a qual estaa assentada antre duas mui altas serras em hum vale. E hee posta sobre huma pena talhada mui alta E corta que parece muro mui alto E obrado por mãos de homens. E dizem alguns que tem de Roda çinco milhas. mas a mjm nom mo parece. hee de muitos edefiços de casas antiguas todas de pedra E canto.

fl. 177v de cada parte coRe hum Rio pequeno // de agoas mui saborosas que deçem das fontes das serras. tornando a meu proposito, das sobreditas cousas fez o papa merçe no começo de seu pontificado ao cardeal, amostrandolhe vontade de grande amor. as graças que lhe pedia lhe conçedeo como a araguão. E a outros cardeaes que ho enlegeram. com estas mostranças era o cardeal mui alegre E prazenteiro, mas nam durou muito que aquellas flores E fumos se secaram E espargeram. deleitandosse o cardeal de hir solazarse aaquelle Jardim conuidaua os parentes do papa E fazialhes nelle grandes banquetes E delles lhe louuauam ho Jardim. E nom tendo o cardeal pensamento algum danado, avia que os seus eram samos [*sic*]. E por Jsso tinha em mais a merçe que lhe Sua Santidade fizera E assi o dizia a todos. E sem Reçeo do que loguo soçedeo mandou meter nas casas do Jardim vinho E lenha, E outras cousas neçessarias pera quando ali fosse folguar. E quando mais seguridade tinha E estaua a seu prazer [,] os que leuauam E ordiam seu mal fizeram que o papa lhe mandasse pedir o Jardim emprestado por quinze dias pera se nele apousentar frachote seu parente que depois fez cardeal, ho qual nunca mais tornou a cobrar em todo tempo de sua vida que foi depois disto quatro anos. atras disto nom passaram muitos dias que lhe mandou tambem pedir Sua Santidade a pousada que lhe dera no sacro palácio Jsso mesmo emprestada pera miçer siluio seu parente E criado que entonçes fizera datario. E o cardeal soltoua da maneira do Jardim com a dissimulação que o tempo Requeria. Ja neste tempo a priuança destes senhores hia muito diminuindo. E araguão nam tinha tanta confiança no Regimento do papado. E Reçebia E dissimulaua muitos descontentamentos que lhe erão feitos de Rosto. por que tanto que os florentins encaixaram no governo nom consentiram outros diante si. dera o papa ao cardeal daraguão humas Reaes casas no burguo, na Rua dos martires [,] as quaes lhe mandou tambem pedir pera o manifico Lourenço seu sobrinho. E o cardeal se rio delles e nam lhas quis dar. muitas cousas desta calidade se cometiam E faziam em que mostrauam claro o pouco aguardeçimento de tam grande benefiço.

¹⁰¹ Leia-se *frontaria*.

Como o manifico Julião foi
feito cidadão de Roma.

Passando as cousas desta maneira o manifico Julião Jrmão do papa se fez çidãdo de Roma em capitolio onde mandara // fazer de madeira hum grande teatro A maneira do coliseu cuberto de pano de lenço pintado de preto E branco destorias antiguas na perfeição que as sabem os pintores de Roma fazer. todalas outras cousas erão de Real aparato por que ali erão Juntos a maior parte dos senhores E çidãdos Romanos. durou a festa E o convite hum dia E parte da noute onde nam faltaram comedias E todolos generos de Jograes E ministrees. fl. 178r

Da embaixada E dos presentes. E da
obediência que el Rei de portugual mandou
ao papa.

No segundo ano do pontificado do papa lião, no mes de feureiro da era de mil b^e e catorze, tomou tristão da cunha¹⁰² porto em çiuíta velha com huma grossa nao a qual se dizia ser a em que vossa ilustrissima senhoria passara a africa. o qual vinha dar obediência a sua santidade por el Rei de portugual. E tanto que deçeio em terra se foi pera Roma com sua companhia a qual era de muitos fidalguos e escudeiros. E o senhor marco antonio coluna lhe deu por pousadas as casas de sancto apostolo que são huns grandes paços que o papa Jullio fez sendo cardeal. E vieram a Roma como neguoçiantes sem Reçebimento soomente dalguns portugueses. E nos dias que se deteueram sem fazer mostra da embaixada, as Jrmãs do papa E muitos grandes senhores e senhoras foram ver o pontifical que el Rei mandaua A see apostolica, ho qual guarçia de Resende¹⁰³ secretario da embaixada que ho tinha em poder amostraua a todos. E elles ficauam maravilhados da grande Riqueza das peças polla multidão do alJofre de que erão cubertas, E de muitos Robis e pedras preçiosas que nelle hião. E pollo consequente foram ver o alifante que ficara fora da çidade, por ser cousa nam vista em Roma segundo se dizia do tempo de Jullio çesar, nem em toda Jtalia, senam hum que avia poucos anos que viera a lombardia, mas nam entrou em Roma nem em toda toscana. o dia que avia de ser sua entrada se foi o papa com muitos cardeaes ao Jardim do castelo de santangelo E se pos a huma Janella donde se vee toda a Rua alexandrina ataa o sacro palácio. E por que vieram por mar entraram polla porta de sam pancraçio que hee na via de çiuíta velha. E Jaa todolos prelados E patriarchas, arçebispos E bispos, E os embaixadores do emperador E dos Reis E a familia do papa E todas as // dos cardeaes erão hidos ao Reçeber. entraram pollo burguo na ordenança acostumada dos embaixadores que vão dar obediência. o qual aJuntamento hee Real cousa pera ver. E sobre tudo a ordem que leuam, que cada hum vem em seu lugar de dous em dous sem aver nenhum desmando, fl. 178v

¹⁰² Cavaleiro do conselho do rei, explorador, comandante naval e embaixador, Tristão da Cunha (c.1460-c.1540) foi o líder da célebre embaixada de obediência enviada por D. Manuel I ao papa Leão X, em 1514. Foi nomeado, em 1504, primeiro vice-rei da Índia portuguesa, não chegando contudo a ocupar o cargo devido a uma doença temporária.

¹⁰³ Garcia de Resende (1470-1536) foi o secretário-tesoureiro da célebre embaixada de obediência enviada por D. Manuel I ao papa Leão X, em 1514. Cortesão e artista multifacetado, foi o compilador do *Cancioneiro Geral*, publicado em Lisboa, em 1516.

de maneira que os que estão assentados polas Ruas As portas nom Reçebem de tanta multidão nenhum empacho. E todos vem A sua vontade, assi os que vão caualgando como os que ficam. entrados na Rua alexandrina passando adiante as familias sobreditas, apareçiam os portugueses E vinhão corenta escudeiros de pelotes de veludo negro [,] carapuças E espadas com bainhas do mesmo veludo, E as guarnições douradas. çintas E tecidos com guarnições de prata aniladas. E parecia honrada companhia. aos pescoços leuauam colares douro de anchura de tres dedos E de obra Romana E todos de huma feição. os borzequis que leuauão hiam tam Justos que os Jtalianos se espantauão de como os podiam calçar. E diziam que erão bem ao contrario dos que trazião os vnguaros. vinhão as trombetas E charamelas que preçediam as do papa, vestidos de grãa vermelha E carapuças de veludo negro. E o Jndio com a onça nas ancas do caualo vestido de seda. E portugual Rei darmas vestido de borcado E os fidalguos que erão bõa copia, em mulas de mui Ricas guarniçoens, E de suas pessoas mui Ricamente vestidos, E guarnidos de muitos firmas de pedras de grande estima E colares mui Ricos em demasia, çintos, espadas, E punhaes de ouro de mui custosos lauores. Respondendo totalas peças que leuauão humas com as outras. guarçia de Resende do teor dos outros, E por ser secretario da embaixada vinha soo, no lugar que lhe foi dado pollo mestre das çerimonias. E parecia vindo mui bem, por que vinha de sua pessoa Ricamente vestido E trazia hum mui bem obrado colar guarneçido de pedras E perlas de muito valor. E doze moços em torno de si bem ataiados. vinha mais o alifante com albardilha de borcado sobre o qual hia hum cofre grande de çetim cremesim com lauores de crauação dourada no qual vinha metido o pontifical E ornamentos. E o dito cofre vinha cuberto de hum Reposteiro de borcado bandado de quartapisas de veludo cremesim que aRastraua pollo chão. E o alifante trazia as armas del Rei Ricamente brosladas na testa. ao pescoço huma grande campainha de prata. E o Jndio que ho guovernaua vestido de seda

fl. 179r // com hum bastão na mão guarneçido de prata. E vinha Junto do alifante nicolao de faria estribeiro pequeno del Rei em hum ginete Ruço pombo com hum Jaez Rico. E elle de sua pessoa vestido como os fidalguos. atraz dos sobreditos vinhão os embaixadores, scilicet, tristão da cunha em meo de João de faria estante Em Roma E dioguo pacheco¹⁰⁴ orador. o qual tristão da cunha vinha em hum ginete Ruço pombo mui bem aJaezado E elle com huma opa de borcado de pelo que lhe aRastraua pollo chão E hum sombreirete forrado ou cuberto de veludo negro E de grossas perlas que foram dalguns estimadas em quinze mil ducados. E os ditos doutores João de faria E dioguo pacheco Ricamente vestidos E encavalguados. E os embaixadores do emperador E dos Reis E das senhorias que erão estantes em Roma, E grande multidão de prelados E dinidades E de outros senhores eclesiasticos E seglares que os sahium a Reçeber, os seguiam em singular ordenança. parecia tam Rica E fermosa companhia ca toda Roma coRia a velos. E era Jente sem conto, mudandosse de humas Ruas As outras per trauessas E luguares donde os melhor podiam ver atee chegar a suas pousadas. E entrando como dito hee na Rua alexandrina [,] chegando A ponte de sancto angelo [,] onde o papa estaua, mandou Sua Santidade que se deteuesse pera ver ho que o alifante fazia. o Jndio lhe fez fazer muitas mesuras E dar bramidos E tomar aguoa na tromba E deitala aos que o papa mandaua. E deitaramlhe ducados no

¹⁰⁴ Diogo Pacheco, fidalgo da corte, amigo pessoal do rei D. Manuel I, é encarregado pelo monarca de compor e proferir a *Oração de Obediência* ao papa Leão X, o momento alto da embaixada de 1514.

chão tomauaos com a tromba E dauaos ao Jndio E assi outras moedas dahi pera baixo. E de o alifante entender E fazer todo o que lhe o Jndio mandaua erão o papa E os cardeas marauilhados. depois de lhes o papa dar licença, passaram a ponte E forão por a Rua de bancos que hee a mais Rica Rua que pode aver no mundo. E chegando ao campo de frol tomaram a via de Roma a velha onde eram as ditas suas pousadas. E chegados a ellas se despediram daquelles senhores que os acompanhauam. diziam geralmente os velhos que esta era a mais honrrada E Rica embaixada que se acordauam entrar em Roma. di a poucos dias foram dar sua obediência, E o doutor dioguo pacheco fez huma mui louuada oração. E ao tempo que os da embaixada hião beiJar o pee ao papa, por que muitos daquelles escudeiros erão negros E crespos E outros trosquiados E nam assi aluos como são os Italianos [,] o cardeal daraguão se chegou ao de sena E a outros E disselhes, parece-me que nam acostumam estes estar A sombra, E por que fazem os feitos que se delles diz, trazem estas cores. os outros se Riam. comtudo louuauamnos por ser Jente que tantas maravilhas faziam pollo mundo. E assi ho acostumauam // dizer em suas mesas E banquetes. fl. 179v

E os preguadores prinçipalmente frei Jsidro geral da ordem de sancto agustinho dizia em suas preguações que nam queria alcançar mais bem aventuraça neste mundo que ser natural portuez. as embaixadas semelhantes se dão em consistorio publico. ao dia seguinte foram apresentar seus dões a Sua Santidade. E a guarçia de Resende que tinha caReguo dos ornamentos mandou dar quinhentos ducados. E aos seus moços que os leuaram E os estendiam çem ducados. a nicolao de faria polla cabrestaJa do alifante mandou dar trezentos ducados. E depois lhes conçedeo Reseruas que creo que nam vieram a efeito. E assi conçedeo Reseruas a guarçia de saa E a outros pera averem benefiços E os poderem ter com o habito de christãos. era el Rei nosso senhor sobre todolos outros tido em maior veneração de catolico E christianissimo E bem aventurado em todas suas cousas como se amostraua pollas continuas festas que se em Roma faziam das victorias que lhe nosso senhor daua contra os Infiees, assi em africa como na India [,] enRiqueçendo os seus E acreçentando seu estado E poderio [,] E pera que vossa Ilustrissima senhoria veJa como as cousas de portugual erão de todos manificadas, pus aqui o trelado da carta que o senhor de carpe mandou ao emperador maximiliano sendo seu embaixador em Roma [,] no qual Vossa Senhoria veraa larguamente a maneira E louvor da embaixada E a estima dos presentes.

Carta que o senhor de carpe¹⁰⁵ embaixador do
emperador maximiliano em Roma escreueo
sobre a dita embaixada ao dito emperador.

¹⁰⁵ Alberto de Carpi (1475-1531) era o embaixador em Roma do Sacro Imperador Romano-Germânico Maximiliano I de Habsburgo por ocasião da chegada à *Cidade Eterna* da embaixada de obediência enviada por D. Manuel ao papa Leão X, em 1514. Este diplomata redigiu então para o seu senhor uma pormenorizada missiva acerca da dita embaixada, cuja cópia o Fidalgo de Chaves apresenta no seu relato. Tal registo epistolográfico é igualmente incluído por Damião de Góis (1502-1574) no capítulo LVII da 3ª Parte da sua *Crónica do felicissimo rei D. Manuel*. Humanista e diplomata, Alberto Pio III de Carpi foi um príncipe italiano íntimo dos papas Médici e amigo de Pietro Bembo (1470-1547, cardeal desde 1538) e Ludovico Ariosto (1474-1533). Durante a quase totalidade da sua carreira, Alberto de Carpi serviu como diplomata. Em 1508, destacou-se como um dos negociadores da *Liga de Cambrai* e, em 1510, tornou-se o embaixador do imperador Maximiliano I junto do papado.

Mui sacratissimo E Jnuençuel çesar. nam haa muitos dias que são vindos nesta çidade de Roma embaixadores do mui serenissimo Rei de portugual, com carreguo segundo custume de fazer obediência ao nosso mui sancto padre leon. a entrada foi fermosa pera ver. erão tres embaixadores. hum da ordem dos baroens que tinha o primeiro lugar. outro doutor E homem eclesiastico constituido nas pequenas ordens [.]. o terceiro caualeiro da ordem da caualaria de Jesu christo de portugual. os quaes traziam companhia mui Rica E prospera. primeiramente vinhão diante seis trombetas E despois hum Jndio negro sobre hum fermoso caualo ornado de huma sella da Jndia, o qual trazia atras si sobre as ancas do cauallo huma

fl. 180r // besta semelhaul ao lião pardo, mas de corpo mais graçioso E de muitas E desvairadas cores. a este seguia um alifante bem ornamentado o qual trazia em çima de si hum cofre com alguns preçiosos dões que o muito serenissimo E muito christianissimo prinçepe enviava aos muito santos padres são pedro E são paulo, E nomeadamente ao nosso santo padre papa. o cofre era cuberto de hum pano teçido douro com as armas Reaes que nam tam soamente cobriam ho cofre mas toda a grão besta E grandura do alifante. E ençima hum outro Jndio vestido de huma Roupa de ouro E seda, A palaura do qual a dita besta obedecia. esta besta hia mansamente E despaço. E loguo despois della seguiam algumas azemalas mui fermosas. E então os seruidores dos embaixadores todos honestamente vestidos. E então vinha a ordem dos nobres que erão açerqua de çincoenta em numero. todos com manificos E eleguantes ornamentos com cadeas douro nom menos de peso que de mostra antre os quaes os mais grandes Reluziam de perlas E pedras [.]. E antre todos os outros, o filho do primeiro embaixador. os quaes seguiam o Rei darmas do dito Rei vestido de huma Roupa de pano de ouro com armas de Rei coroadas çercadas em torno de mui fermosas perlas E RubiJs. então vinhão os embaixadores vestidos mui manificamente. o primeiro da leguaçia trazia hum mui Rico chapeo de singulares perlas. non diguo somente ornado, mas todo cuberto. E despois dos embaixadores vinha muita Jente de conselho de graue E honrrada presença. E em fim toda a turba dos familiares. o papa com muitos cardeaes se foi ao castelo de sancto angelo por ver passar os embaixadores sobre a ponte adriana. todo o pouo vniversal de Roma coRia por ver esta nouidade, o que nam hee maravilha por que pouco ameude se faz que os prinçepes emviem leguados a Roma em assi grande Resplendor E manifico aparelho. nem Jamais Roma em o tempo passado quando ella possuia muitas cousas, como quer que a ella viessem muitos alifantes de etiopia E africa, nom veo nenhum das Jndias. E quando o alifante veo diante da Janella onde o papa estaua, amoestado de seu Reitor fez Reuerença ao papa E abaixou os giolhos. despois foi assinado dia no qual os ditos embaixadores fizeram obediência na maneira acostumada fazendo huma oração muito prudente E dina de prinçepe christão. E despois em outro assinado dia offereçeram

fl. 180v ao papa que estaua acompanhado de todolos cardeaes, dões nom menos virtuosos // que Religiosos, dandolhe primeiro algumas letras do glorioso Rei que continhão em poucas palauras esta sentença. como elle queria dar as primícias das cousas da Jndia E etiopia ao nosso mui piadoso saluador E a seus santos apostolos sam pedro E sam paulo E a seu viguairo na terra, pedindo a sua santidade humildosamente açeitasse seus pequenos dões com aquella benina vontade com que lhos apresentaua E daua com mui deuota afeiçãõ. os dões erão as sagradas vestiduras pera os ministros E cleriguos pera servir a toda maneira de sacrificios, scilicet, tanto ao ofiçio da missa como ao das vesporas, as quaes chamam tunicas almaticas, E casula, E assi os ornamentos do altar. todas estas vestiduras erão teçidas

douro E tam cubertas de perlas que em poucos luguares se podia ver o ouro. E erão as perlas postas e metidas por artefício admirauel per alguns antrelaçados A maneira de huma Romana. o qual artefício era cousa prazenteira de ver, por que a obra era marauilhosa, sumtuosa E manifica. E em luguares era como pintada douro E de seda a façe de nosso senhor, E dos santos distintamente ornados de muitas pedras preciosas a que nos chamamos escrauonetas E RobJs, nom contrafeitas nem polidas, mas Rudes e çimpres como ellas são tiradas de seus luguares sem nenhum afeitamento, mas com sua çimpreza, Resprandor E natural qual se deue As cousas diuinas. que direi mais, por tudo comprender em palaura. a materia era preciosa mas a obra sobrepoJaua aa materia, a qual era polla singular Religião E deuação deste príncepe dada. hame [*sic*] mui fortemente mouido a escreuer estas cousas polla ventura mais longuamente E com mais palauras que as orelhas mui acupadas de vossa magestade nom deuem sofrer. mas eu ho fiz a fim que nada nam passasse sem ho saber vossa magestade. E nam hee de poer em silençio que haa estendido E engrandeçido nossa Religião com grande gloria atee os guaramantes E Indios. E que assi tanto honrrauam por sua larguesa E liberalidade. o dõ foi mui agradauel ao nosso mui santo padre E aos Reuerendos cardeaes, E a todas as ordens dos prelados, E a todo o pouo Romano. o dito Rei foi muito louuado da mui sacratissima boca do papa per palauras mui honrradas em consistorio pubrico Respondendo aos embaixadores de sua magestade, especialmente quando açeitaua seus doens [.] // E cada hum per todos era altamente louuado E prezado. os dões estimados desvairadamente, scilicet, per alguns em quinhentos mil ducados, per outros em quatroçentos mil, E segundo outros em duzentos E çincoenta mil ao menos. todavia as perlas nam são de tamanha grandura mas em multidão E em numero mais que Jnfinitas. E assi as perlas nam são de grande preço, mas nom são pera desprezar. como quer que seJahiam muitas. çerto nam ouve assi Ricos nem assi fermosos ornamentos nem tam preciosos a meu crer, Jamais papa na JgreJa de deus de Roma. eu fui diante dos ditos embaixadores assi como hee husança E costume da corte. E depois os visitei por ser assi a maneira de saluar os embaixadores dos Reis na sua primeira vinda pollos embaixadores estantes em Roma. eu lhe ofereçi toda minha aJuda em nome de vossa magestade ao seruiço do seu mui serenissimo Rei em todo o que elles ouvessem mester de vossa magestade, a qual cousa lhe foi mui agradauel. E ante as outras cousas disseram que seu Rei com nenhuma cousa folguaua tanto como ser conJunto per linha de parentesco a vossa magestade. o mesmo dia que elles ofereçeram o alifante E todolos outros doens ao nosso mui santo padre, hum messaJeiro E orador dalguns poucos christãos que guardão E conseruam a fee da JgreJa catolica que moram Junto de Jerusalem que se chamam maronitas habitantes nas montanhas de suria, depois de ter dadas cartas dos ditos poucos ao nosso mui santo padre, fez E deu obediência com muita humildade pedindo pollos ditos poucos confirmação de hum arçebispo que tinham elegido, por que polla distancia dos luguares nom guardauam a maneira da JgreJa catolica, mas polla diligência E estatuto dos frades da obseruança de são françisco que moram em suas terras açeitaram de çincoenta anos pera qua a fee da JgreJa catolica E se someteram A obediência do nosso santissimo papa. bem valha E viua longuamente vossa mui sagrada magestade na bõa graça na qual mui humildosamente me Recomendo. de Roma a xxviiij dias de março de 1514 anos.

fl. 181r

Da maneira da embaixada dos maronitas.

Este embaixador dos maronitas acima dito trazia consigo dous companheiros. era clérigo E homem de idade vestia panos azues A maneira dos de sancto eloi. os companheiros eram mançebos E religiosos. seus vestidos erão de frades de são bento. sua lingua mui escurissima. seu Rezar era caldeu [...] erão tam grandes clérigos que tocandolhes em algum verso do salteiro ou ponto de briuia sem detença ho mostrauam. Jsto vi eu algumas vezes por que françisco Jusarte tinha hum sobrinho que entendia bem caldeu, ebraico, E greguo

fl. 181v // E destas linguas era bom gramatico E escriuão. E tambem entendia alguma cousa darauiguo. E era singular latino o qual praticando com estes maronitas que ho muitas vezes vinhão visitar, amostrauam ser bõs eclesiasticos por que continuamente acodiam ao que lho mançebo perguntaua. diziam que tinhão patriarca o qual mandaua por elles obediência ao papa E se sometia A JgreJa Romana. E que aviam escapado de nam serem tomados dos Jnfiees com grande periguo E trabalho. o cardeal de santa cruz os Recolheo em sua casa, E lhes fazia honrra dandolhes todo o neçessario. estiueram em Roma quasi hum ano E em fim o embaixador com hum dos companheiros se foram pera sua terra. E o mais mançebo ficou em Roma pera aprender a lingua latina, ao qual o papa mandaua ensinar com muita diligência.

Do tempo que tristão da cunha esteue em Roma
 E das Reaes mascheras que se fizeram pollo
 entrudo. E da festa do campo naguam. E do
 monte trastacho. E dos paleos que se coRem.

Mui deferentes foram os sobreditos dous embaixadores que em hum tempo vieram dar obediência ao nosso santo padre [...] hum de ponente E outro de leuante. hum poderoso E Rico, outro pobre E sem pompa. o Rico a pedir, E o pobre a dar E acreçentar a santa madre JgreJa. os negoçios de tristão da cunha eram de calidade que lhe conueo fazer detença em Roma tres meses por mandar Recados E avisos a el Rei, E aver Reposta de sua alteza. sua chegada a Roma foi no tempo que se maiores guastos fazem nas mascaras que hee nos dias chegados ao entrudo. em aquelle ano que era o segundo do pontificado do papa E o primeiro das mascaras fizeram cardeaes E outros prelados E senhores, grandes guastos nellas por honRar a corte E aprazer ao papa. do tempo antiguo acostumam os Romanos fazer oito dias ante do entrudo, grandes festas. E todos estes oito dias quasi se coRem paleos, os quaes estão fixados Junto dos paços do papa. E os que coRem saem do campo de frol, E coRem toda a Rua de bancos E passam ha ponte adriana ou de santangelo E a Rua alexandrina E terreiro que estaa diante da JgreJa de são pedro atee chegar ao paleo. E aquelle que o primeiro toca com a mão, ho leua. E o senador de Roma que estaa presente ho daa. E o vençedor torna polas sobreditas Ruas com seu paleo aleuantado triunfando da vitoria que ouve // E per totalas outras de Roma. aquelle ano ouve novidades de paleos, scilicet, de bufalos, de asnos, de Judeus, de molheres pubriças. coReram bufalos nos quaes vão caualgando Romanos mui prinçipaes com mascaras. traz o bufalo huma arguola metida no nariz na qual vai encaixado hum pao que o que vai ençima delle leua na mão com que ho governa. E na outra mão leua outro pao com hum aguilhão com que

fl. 182r

ho fere pera o fazer andar. Ja os tem amestrados pera coRer aquelle caminho. aJuntanse em campo de frol, onde estão pessoas ordenadas que lhes dam ordem E sinal pera mouerem. cada hum trabalha por tomar a dianteira. velos hir pollas Ruas E o trabalho dos que vão nelles pera os fazer hir adiante, hee cousa bem pera Rir. são alimarias mui pesadas E de propriedade que achando aguoa se deitam nella. E com grande trabalho os podem dali tirar. E por Jssó Açinte lhes deitão aguoa nas Ruas pera Rir com elles. E a esta causa os que vem detras passam adiante. chegando ao paleo acontece estar çercado delles, E de nam aver Remedio pera os fazer chegar a elle. E o que vem maes atras chegua E vence. coResse paleo de muitos asnos com muitas envenções de gentilezas E de quedas. coReram muitos mançebos Judeus os quaes hiam nuus com panos menores E descalços com ligeireza grande. coReram as molheres que estauam no aJuntamento publico do castelo de santangelo atee o paço E hiam nuas da çinta pera Riba. todos estes paleos deram prazer E o derradeiro nam pareço honesto. mas foi envenção florentina por dar prazer ao papa. os paleos dos caualos barbaros [,] eguoa, turcos, E ginetes se coRem no campo de trastacho [,] estes paleos estão em huma muito comprida aste, E são do comprimento da mesma aste. E na parte do alto da aste estão pintadas as figuras daquelles que os coRem. a festa do campo naguão se faz quinta feira das comadres, na qual festa se fazem muitos caRos triunfaes nos quaes Representam muitas estorias. E por que o papa mostraua deseJo de meter paz entre os Reis christãos, em hum destes caRos se Representou o templo de Jano çerrado E a statua do papa dentro com a mão aleuantada sobre figuras de homens de guerra A maneira de paz. mas nam tardou em apparecer causa pera o verdadeiro templo de Jano estar todo seu tempo aberto. naquelle dia caualguão muitos meninos filhos de príncipaes Romanos com vestidos de suas pessoas E os caualos com albardilhas guarneçidos ao modo antigo. nestes meninos se mostram todalas pedras E perlas que os paes E parentes tem E podem aver de seus amigos. vão com elles moços destribeira despostos E mui bem vestidos, // que lhes governam os caualos E tem mão nelles. esta festa se ordena em campidolio donde todos sahem hum diante doutro. E segue os muita Jente darmas Resprandeçentes E o senador [,] conseruadores [,] coporiões. E todolos outros nobres çidadões os quaes vão a pee. somente o senhor João Jorge çesarino alferez de Roma vai a caualo armado dartz E o caualo encubertado com bandeira de Roma nas mãos E consiguo dous pages que lhe leuam ho capaçete E a babeira E a lança. ahi vai o boyá seu alguoz com seus estormentos de cortar cabeças pera fazer Justiça dos que se desmandarem naquelle aJuntamento a fazer ho que nam deuem. E depois de hirem por algumas príncipaes Ruas em singular ordenança entram em campo naguão Rodeando o dito campo. E o senador e Romanos tem feito hum grande cadafalso com seus assentos, ao qual se sobem todos Juntos no dito campo ou praça. hee cousa Real pera ver. dali se tornam a sahir E tomam a via do campidolio onde feneçe a festa a qual se faz sem leuar mascaras. este dia comem os cardeaes E os senhores Romanos aquelle manJar de çezilia que se chama macarone o qual hee feito de massa de queiJo. E mandam huns aos outros grandes baçios daquella Jguaria como as comadres fazem em portugual com suas filhoos douos. todos aquelles dias atee o entuido se despendem E passam em prazeres fazendo muitas envenções de mascaras Ricas de grandes despesas, príncipalmente no dia dentruado em que feneçem por aquelle ano, E se faz a festa de monte trastacho o qual monte hee bem alto E Jngreme. E o vulguo lhe chama monte omnis terre, tendo que se fez de panelas cheas de terra

fl. 182v

mandadas a Roma das vilas E çidades de todo o mundo no tempo que o geral tributo se daua ao emperador octauiano [...] mas a maior çerteza hee ser feito de pedaços de ladrilho [...] telha E panellas que se faziam ali quando Roma era em sua prosperidade. mostra ser Jsto assi por que em todo aquelle monte nom se pode cauar terra nem outra cousa senão pedaços das sobreditas cousas. E por Jsto se afirma ser ali as olarias de Roma. E este monte estaa dentro dos muros de Roma em hum campo A porta de sam paulo, Junto da qual estaa huma sepultura que se diz ser // de Remo Jrmão de Romulo. naquelle campo se aJuntão naquelle dia grandissima multidão de Jente. E a festa hee ordenada na maneira seguinte [...] sobem os Romanos aaquelle monte çertos touros os mais bravos que se achão E çertas carretas nas quaes poem paleos de pano de sorte de londres. o senador E conseruadores E caporiões se vão diante ao dito campo com muita Jente mui armada de luzentes armas E poem os paleos Ricos no luguar acostumado. vem Jssso mesmo os cavalos que hão de coRer E são postos na outra parte do campo mui longe dos paleos. a Jente armada se põe em ordenança. E assi toda a outra multidão. E primeiramente se coRe o paleo de borcado que hee forrado darminhos, o quall coRem os caualos barbaros que são huma casta de caualos que nam haa nestas partes de espanha. são caualos altipernos de mui pequena barrigua, o pescoço comprido E tem as ventãas fendidas. E são ligeiros mais que outra nação de caualos [...] vão cubertos de pano das cores de seus donos, scilicet, corpos, pescoços, cabeças. E a cobertura Justa A mesura do caualo. coRem nos em osso mossos de mui pequena Jdade que faz duuida crer se poderen se ter, os quaes vão vestidos de seda com as armas de seus senhores brosladas diante E detras nas costas. leuam cascós daçeiro nas cabeças por que se nam firam se acontecer de cahir. estes são tam ensinados que guovernam seus caualos que nam sayam da caReira [...] E chegando ao paleo, o que primeiro lhe põe a mão ho guanha. E o senador que estaa presente lho Julgua, E o daa a hum de caualo da parte do que vence, o qual toma o paleo nas mãos E o leua perante a Jente. E o menino vai nas ancas deste bradando o apelido de seu senhor. esta mesma ordem se tem nos ginetes E nas eguoas, E nos caualos turcos que se coRem aquelle dia. o paleo dos ginetes hee de veludo cremesim E os das eguoas de damasco verde. os tres primeiros ganharam aquelle ano os caualos do cardeal de sena, scilicet, o de borcado E os de veludo E çetim. acabado de correr os sobreditos paleos soltaram os touros E os fazem abaixar do monte. E atras delles deitam as caRetas, as quaes deçem com tam grande Jmpeto que se açertam de dar nos touros, vem todos Juntos ao chão onde são Reçebidos de multidão de Jente, scilicet, os touros são alanceados dos de caualo, E os de pee vanse As carretas com as espadas sacadas pera aver os paleos E cortamnos em pedaços leuando cada hum quanto maes pode. mesturasse a Jente de tal maneira que parece batalha trauada. o senador E os Romanos com sua Jente armada estão quedos em seus luguares, E os que andão na escaramuça dos touros são // os das mascaras de cauallo. E os de baixa sorte se vão As carretas naquelle dia [...] podem as mascaras trazer armas por Respeito do aJuntamento E do luguar ser tão apartado do pouoado de Roma. E em outro nenhum dia nam podem trazer armas nenhumas, nem paaõ nem outra cousa com que se presuma que possam fazer a outro ofensa alguma. E o que hee tomado com as cousas defesas, hee mui mal tratado de tratos de polee E doutros grandes castiguos [...] os que nam tem liçença pera sahir de suas casas sem faustos E aparato se vestem de mascaras pera se solazar. E em todo tempo das mascaras se estendem per toda Roma, E posto que seJam conhecidos nom lhes hee

estranhado destes prazeres [...] nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara. E por Jso hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte. os senhores barões E çidadãos quanto são maiores, mais E maiores envençoens fazem. as molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. hee cousa de espantar ver a multidão dellas E os guastos que com ellas se fazem. E nestas festas as molheres tomam habito domem, E os homens das molheres. chamase huma soo mascara quando muitos são vestidos de huma liuree ou envenção. E quando se fazem a caualo o moor louvor dellas hee, alem de serem os vestidos de huma sorte, serem os corpos de huma mensura E estatura, E os caualos ou mulas de huma mesma cor, E as guarnições sem discrepar. E o mesmo se entende nos que andam a pee. as molheres acustumam trazer na mão huma mui sutil E branca vara com a qual tocam os que estão sem mascaras querendo os fauoreçer. trazem Jso mesmo cascas douos cheas de mui cheirosas agoas com que dão As pessoas que amam. E este hee grande fauor. as musicas, danças, comedias, E outros modos de prazer que buscam nom se podem dizer. por que a Jente hee muita E Rica, E as envenções de folguar muitas em demasia, o cardeal çibo sobrinho do papa fez huma mascara aquelle dia dentruado de trinta de caualo A gineta E de adarguas, vestidos mui Ricos de çatim Roxo E branco do traJo de feez. o cardeal de sena fez outra de corenta de caualo A estardiota vestidos de çatim azul, E os capeletes da mesma seda // guarneçidos douro E lanças pintadas com bandeiras de tafetaa E botas de pontilha lauradas douro, Jubões de çatim amarelo, E cada hum dos moços desporas bem vestidos em calças E gibão E bem despostos com mascaras bem naturaes. outros cardeaes E senhores fizeram outras envenções de mascaras Ricas E de grandes despesas, mas as dos dous sobreditos foram vantaJosas. todas se aJuntaram no sobredito campo. os quaes pareceram tambem que era cousa de marauilha, polla diuersidade das envenções E dos grandes guastos das sedas. naquelle dia assi nas mascaras como nos caualos o cardeal de sena foi vencedor. E acabadas as sobreditas festas Recolhense ao pouoado As suas casas onde as çeas lhes estão aparelhadas com grande abastança de totalas cousas neçessarias pera orar ao deus baco. deixando os grandes senhores, hee pera por espanto o guasto das cortesãas naquelle dia. E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amiguo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todolos outros comprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisões, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela, E tortas de muito custo. E singulares vinhos corços, E greguos. E com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma. E o que destas çeas sobeJa se daa a muitos pobres enverguonhados que vão aquella noite pollas Ruas bradando pedindo esmola que os sustenta parte da coresma. E assi feneçem as sobreditas festas das mascaras.

fl. 184r

Como o papa diz missa A quarta feira de
çinza. E os cardeaes vão Juntos A primeira
estação. E das molheres Romanas E seus traJos.

fl. 184v A quarta feira seguinte dia de çinza os cardeaes E outros prelados vão ao sacro palácio, E o papa diz missa, E daa a çinza E benção a todos os que a querem hir tomar. E a esta causa o ofiço he longuo, E se acaba tarde. E acabada a missa os cardeaes se vão Juntos (antes de hir as suas pousadas) A JgreJa de sancta sabina esposa de sancto aleixo que hee a primeira estação da coresma. E hee no monte aventino, onde Jsso mesmo estaa a JgreJa de sancto aleixo. E ambas são singulares JgreJas guarneçadas em muitas // partes de perfidos E Jaspes Resprandeçentes. E na JgreJa de sancto aleixo estaa a escada debaixo da qual elle fez penitência. E a JgreJa estaa no luguar onde erão os paços de seu pai. neste primeiro dia da coresma çessam os triunfos das cortezãas. E pareçem totalas Romanas com seus honestos traJos, E mais gentis E que bem pareçem que totalas outras nações, enchendo os caminhos E Ruas todolos dias, da coresma atee dia da pascoela que hee a vltima estação a são pancraçio na via de çiuitta velha. nesta multidão de Romanas hee cousa de marauilhar os fermosos E honestos Rostros que se vem. E muito mais hee despantar a pouca pompo [*sic*]¹⁰⁶ com que sahem de suas casas E se vão por aquelles desertos de Roma com tanta deuação buscando sua saluação. por honrradas E Ricas que seJam nom leuam consigo homens nem donzelas que as acompanhem. aJuntanse humas vezinhas ou parentas humas com as outras, E de duas em duas Jgualmente vão fazendo suas Romarias, de sorte que nam se enxergua qual hee a maior da menor. E a esta deuação vão tantas quantas diguo que cobrem os caminhos. seus vestidos são na maneira seguinte. em luguar de mantilhas andam cubertas de pano de linho mui aluo E delguado. cobrense com hum lençol dos hombros pera baixo atado per Jentil maneira debaixo dos braços que lhes cobre todas as vestes. E por çima das cabeças hum pano ou toalha sem nenhum lauor ancha E comprida que lhes cobre os hombros E braços, E grande parte do sobredito lençol, a qual aJuntão no peito com as mãos que geralmente tem mui fermosas nas quaes nam trazem luvas nem anees. leuão os Rostos cubertos ata o meo nariz de sorte que passando a molher Junto de seu marido nam pode ser delle conhecida se se ella quiser encobrir. mas quando lhe apraz abrem seu pano, E amostram os peitos que debaixo trazem fermosos E mui descubertos [,] E finas sedas E grãs de que andam vestidas. os quaes vestidos na[m] são de Rabos como os que se acostumam em portugual, mas compridos E Redondos quanto cobrem os pantufos ataa o chão. E sem nenhum verduguo nos Refeguos. trazem calças de piar mui finas E Justas, E nom cahidas E de grosso pano como as castelhanas. nom acostumam chapins, soamente sobre o pear huns mui baixos E bem feitos çapatinhos E pantufos. quando acontece coRer vento enchense os lençoes que pareçem velas, E os vestidos debaixo se mostram de maneira que vão pareçendo tam bem que nenhum outro traJo pode ser mais gentill. // nenhuma filha de Romana, nam sahe fora em quanto nam hee esposada. E as que ho são, vão com suas mãis As estações, E vão diante E as mais detras vão Ricamente vestidas. E trazem soamente a toalha da cabeça em luguar de mantilha, E todolos outros vestidos descubertos. algumas senhoras de vilas E terras em quanto são moças trazem mantilhas de pano como em portugual. E então nam vão a nenhuma parte sem homens diante de si. E depois que tomão os lençoes vão soos da maneira sobredita.

fl. 185r

¹⁰⁶ Leia-se *pompa*.

Das JgreJas onde estão as estações que são da
coresma. E per todo o ano. E dos perdões E Reliquias dellas.

Como hee dito, no primeiro dia da coresma hee estação A JgreJa de santa sabina, a qual hee mosteiro de são dominguos. E hee Indulgençia plenaria de todolos pecados, E mais tres mill anos de Indulgençia. esta JgreJa como dito hee, hee no monte aventino que foi a primeira Região de Roma a qual fez edificar hum cleriguo Romano chamado pedro ilirico no tempo do papa çelestino como se mostra em humas letras douro escritas sobre as portas da dita JgreJa, as quaes são daçipreste. neste lugar teue o papa onorio terceiro seus paços apostolicos E sua cadeira, como pollo edefiçio se vee, no ano do senhor de mil E duzentos E dezasseis ãnos. o qual onorio confirmou ha ordem dos preeguaadores, a qual cousa são dominguos tinha Jmpetrada do papa Jnoçençio seu predeçessor no conçilio lateranense E per familiaridade espeçial E effeito de grande deuação ao sobredito são dominguos conçeдео a esta JgreJa pera habitação de seus frades em memoria do sobredito papa onorio. E se mostra aJnda o calix papal com a patena E corporaes, E o altar de alabastro da capela apostolica. E são nesta JgreJa sepultados o corpo de santa sabina, de são teodoro, E o de santo alexandro. no alto desta JgreJa estaa huma pedra na qual estão escritos çertos versos que dizem que hum Jmiguo de são dominguos ho quisera matar com esta pedra estando elle em oração E espedaçandosse a pedra milagrosamente o santo nam ouve lesão alguma. E pera fee disto esta pedra estaa aJnda aqui sospensa. outras muitas Reliquias haa na sobredita JgreJa.

No segundo dia da coresma hee estação na JgreJa de sam Jorge E hee Indulgençia de dez mil anos. nesta JgreJa // se diz estar com outras Reliquias, do leite de nossa senhora a gloriosa virgem maria, E de seus vestidos, E o estendarte ou bandeira E a lança, E a cabeça de são Jorge. a qual cabeça foi achada em huma caixa onde erão escritas letras douro que diziam, ser aquilo ali posto do santissimo papa zacharias primeiro o qual com grande solenidade [,] nesta Regiam chamada velumaureum ou velabro, nesta venerauel diaconia [,] a fez trazer onde A sua honrra dedicou a dita JgreJa. haa nela outras muitas Reliquias. achousse escrito debaixo do portal da dita JgreJa em huma pedra que querendo o emperador claudio tiberio contar todolos homens Romanos aptos pera trazer armas, achou seis milhões E noveçentos E corenta mil. esta JgreJa hee titulo de cardeal.

fl. 185v

No terceiro dia da coresma hee estação na JgreJa de são Johão E paulo. E são dez mil anos de Indulgençia. esta JgreJa hee em monte çelio. são nella os corpos de sam João E paulo. nesta JgreJa estaa huma charola de quatro columnas de mui grande preço. hee titulo de cardeal.

No sabado primeiro da coresma hee estação de são trifom E hee Indulgençia plenaria de todolos pecados. E alem disto dez mil anos de Indulgençia. esta JgreJa hee em campo marçio peguado nas costas do moestheiro de sancto agustinho. antigua E mal guarneçida, a JgreJa hee do dito moestheiro.

No primeiro domingo da coresma hee estação de são João de latrão E hee Indulgençia plenaria de todolos pecados. E alem disto hee Indulgençia de dezoito mil anos de perdão

E outras Indulgenças sem numero. Em todo tempo que estiue em Roma, todolos anos andei as JgreJas das estações. E nas mais delas estão as Reliquias postas sobre o altar em cofres ou caxas de vidro guarneçadas de prata com escritos que declaram de que membro E santo hee cada Reliquia. saluo os corpos santos que tem suas ordenadas sepulturas. E posto que sempre procurei de ver E saber totalas cousas notauees pera o que, o que [sic]¹⁰⁷ per mjm nam alcancei me aJudei de alguns tratados Jmpressos das JgreJas e Reliquias de Roma que escreveram pessoas deuotas. o papa sam siluestre escreueo em sua canonica que avia em Roma mil E quinhentas E çinquo JgreJas das quaes a maior parte // hee destrohada. antre estas são sete prinçipaes de priuilegios graças, santidades E dinidades priuilegiadas. a primeira hee a sobredita JgreJa de são João de latrão a qual dedicou sam siluestre A honrra do saluador E de são João bautista E são João evangelista. são nesta JgreJa cada dia conçedidos corenta E oito anos E outras tantas corentenas de Indulgença. E a Remissão da terça parte de todolos pecados. Jtem o papa siluestre, E greguorio summos pontiñes, os quaes ha consagraram. conçederam a todos aquelles que deuotamente a visitarem tantos perdoens que nenhum homem o poderia contar como testifica beato bonifaçio, dizendo se os homens soubessem as Indulgenças da JgreJa lateranense nom lhes seria neçessario hir ao santo sepulcro, nem a santiaguo de gualiza. Jtem diz o mesmo bonifaçio papa se alguem A dita sedia vier no dia de sam saluador sera absolto de todolos seus pecados. na sancristia hee o altar que são João bautista tinha no deserto. Jtem em huma capela da dita JgreJa estaa a arca federis do testamento velho. Jtem a mesa na qual nosso senhor çeou com seus diçipulos. Jtem a vergua de moises E de aarom. E todas estas cousas trouxe com tito E vespesiano. outros afirmam trazelas santa elena mãi do emperador constantino. E quatro colunas de bronzo mui altas E grossas cheas de terra santa de Jerusalem as quaes estam postas direitas diante da capela moor. nesta JgreJa estão Jssso mesmo as cabeças dos gloriosissimos prinçepes dos apostolos são pedro E sam paulo E totalas vezes que se amostram se ganham tantas Indulgenças quantas são em são pedro quando se amostra o sudario de christo ou da veronica [,] as quaes Indulgenças se poerão no mostrar da veronica onde se trata da JgreJa de são pedro que hee a segunda JgreJa prinçipal. debaixo do sumo altar de sam siluestre estaa o oratorio de sam João evangelista onde oraua quando a Roma foi trazido E Reteudo. Jtem em hum tabernaculo que hee sobre o altar de sancta maria madalena são postas as seguintes Reliquias, scilicet, o Renho com o qual constantino emperador coroou a sam siluestre. Jtem a cabeça de são zacaria pai de são Joam bautista. Jtem a cabeça de sam pancraçio martir do qual sahio sangue tres dias continos quando esta JgreJa foi dos hereges queimada. Jtem fl. 186v das Reliquias de // santa maria madalena. Jtem huma espadoa de são Lourenço martir. Jtem hum dente de são pedro apostolo. Jtem a copa com que sam João bebia a peçonha E nom lhe empeçia. Jtem a cadea com que foi liguado são João evangelista quando foi trazido de efeso a Roma. Jtem a tunica do sobredito são João a qual sendo posta sobre tres mortos, em continente Ressuçitaram. Jtem da çinza de são João baptista E do seu çiliçio. Jtem do leite E dos cabelos E das vestiduras da gloriosa virgem maria. Jtem a camisa a qual com suas proprias mãos fez a christo seu bento filho. Jtem o pano com que christo enxuguou os pees aos diçipulos. Jtem a cana com que feriram a christo. Jtem do lenho

¹⁰⁷ Leia-se *pera o que, per mjm*.

da sancta cruz. Item a vestidura de purpura tinta das gotas do sangue de nosso senhor Jesu christo. Item o veeo com o qual a beata virgem maria cobrio as partes secretas de christo. Item o sudario que foi posto sobre a face de christo. Item o prepuçio de nosso senhor Jesu christo quando foi circunçidado. Item do sangue E aguo a que sahio do peito de christo. Item do verdadeiro lenho da cruz. E outras muitas Reliquias as quaes todas se mostram no dia de pascoa despois de Jantar. na dita JgreJa hee Indulgençia plenaria o dia da festa do saluador a qual Jmagem apareceo visiuamente a todo o pouo Romano milagrosamente quando o papa siluestre consagraua a dita JgreJa na qual era todo o pouo congreguado [...] a qual Jmagem ficou na parede, E cada dia se pode ver. E eu a vi muitas vezes. E duas vezes que a JgreJa foi queimada sempre ficou sem nenhuma maguoa. na capella de são João bautista hee sempre Remissão de todos os pecados na qual sob pena de excomunhão nom entrão molheres. Item na capella de são Lourenço na qual Jssos mesmo sob pena descomunhão nam entram molheres sempre hee Remissão de todos os pecados. esta capela se chama santa sanctorum. E nesta mesma capela hee a Jmagem de christo em idade de doze anos diuina E humanamente pintada. Junto da dita capela estaa a escada por onde nosso senhor Jesu christo sobio no dia de sua paixão a casa de pilatos em Jerusalem a qual hee de pedra marmore. E em hum escalom estaa huma Rixa de ferro onde cahio o sangue de nosso senhor Jesu christo. E qualquer pessoa que deuotamente por ella sobe alcança por cada escalom ou degrao noue anos E noue coesmas de Indulgençia E mais Remissão da terça parte de todos seus pecados. esta JgreJa foi primeiramente chamada constantina por que foi edificada pollo emperador constantino nos seus propios paços lateranenses // onde habitaua. a qual ornou de Riquissimos ornamentos douro E de prata. E ao sumo pontifçe fez pera sempre doação de todo o Jmperio oçidental. dizse ser esta a primeira JgreJa, por que antes de ser vngido o primeiro emperador, os christãos çelebrauam ho culto diuino debaixo da terra onde se acolhiam em cauernas E luguares escondidos com temor dos tiranos paguãos que os perseguiam E martirizauão. E sendo esta santissima JgreJa edificada pollo dito constantino mui grande E ancha E Ricamente ornada A honrra do saluador do mundo E assi a capela que hee Junto della A honrra dos gloriosos são João bautista E são João evangelista, o papa são siluestre as consagrou o qual foi o primeiro que ordenou a maneira da consagração das JgreJas. E assi consagrou as outras JgreJas que edificou o dito emperador de que adiante farei menção. dos priuilegios desta JgreJa E de sua grandissima dinidade tratam çertos versos, os quaes em sentença concludem que per papal E Imperial autoridade hee madre de todas as JgreJas do mundo. foi despois queimada duas vezes pollos tiranos ereges. E na primeira vez o corpo de são pançraçio per tres dias botou grande abundança de sangue como dito hee. a qual JgreJa fez despois reedificar dos fundamentos nicolao papa quarto da ordem de são françisco como claramente se parece nas obras do mosaico sobre o sumo altar de são siluestre E de seus predeçessores sumos pontifçes, que dantes çelebrauam nas couas E cauernas como dito hee, com temor dos paguãos Jentios. da grandeza ou tamanho desta JgreJa E das outras que constantino fez falarei em seu lugar. E posto que pareça em alguma maneira sahir fora do proposito da Jstoria começada E alarguar-me com sobeja escritura nom deixarei de poer aqui o trelado de huma Jeral epistola que o dito emperador constantino escreueo a todos os bispos E prelados a qual põe santo Jsidro antre os decretos dos padres, na qual escreue o modo E forma de sua conversão.

fl. 187r

Carta do emperador constantino em fauor da fee¹⁰⁸.

Em nome da santa E Induidua trindade, o emperador çesar flauio constantino augusto, ao santissimo padre dos padres siluestre Romano pontifiçe, E a todos seus soçessores bispos da çidade de Roma, E a todolos catolicos bispos, graça E charidade, paz E alegria, aquelas

fl. 187v // cousas que nosso senhor Jesu christo filho de deus pollos seus santos apóstolos pedro E paulo E per meo do padre nosso siluestre milagrosamente obrar em noos lhe aprouve. deliberamos manifestar a notiçia de todo fiel christão. sendo minha carne de Incurael lepra validissimamente contaminada em modo que per arte de medico algum era Impossiuel ser della liurado, os saçerdotes de campidolio per vltimo Remedio me aconselharam que fizesse fazer huma fonte em campidolio E ha fizesse encher de sangue de lactantes meninos, E nelle me lauasse. a qual cousa per mjm ouvida me pos terror de tanta crueldade pollo qual mandei que os meninos a tall morte destinados fossem com dões Restituídos a suas mãis. E avendo Jsto feito, de noute em sonho me appareçeram os santos apóstolos de christo, pedro E paulo dizendome, por que te desaproue o deRamamento do sangue dos Jnoçentes somos mandados a ti do summo deus pera te ensinar como te possas da lepra alimpar. manda por siluestre bispo que no monte sorato estaa escondido, E este saçerdote te amostraraa a salutifera pisçina na qual lauado supitamente seras são. a qual cousa sendome annunciada mandei pollo nosso padre siluestre o qual meritamente sete dias me teue em penitência. E despois do outauo da agooa sacratissima me banhou onde em tanto que fui posto no bautismo com meus propios olhos vi huma mão do çeo mandada que da lepra ma limpaua. E portanto seJa notorio a cada hum que milagrosamente naquelle ponto sahi limpo E liure da santa fonte. polla qual cousa eu com todo o senado E com todolos príncepes Romanos. temos deliberado de enxalçar a santa sedia do beato pedro príncepe dos apóstolos. pollo qual deliberadamente ordenamos que a Romana JgreJa E cadeira sobre totalas que no mundo são tenha o príncipado. E todos aquelles que ao diante desta JgreJa forem pontifiçes, constituimos que deuem ser sempre mais exçelsos príncepes do mundo, E do culto diuino E estado da fee christãa queremos que a seu arbitrio possam dispoer. Justo çertamente hee que naquelle luguar a santa ley tenha ho príncipado onde o Jnstituidor da santa leJ Jesu christo mandou ao beatissimo pedro que tuesse a catadra do apóstolado E onde o mesmo

fl. 188r glorioso apóstolo guostou o caliz de seu // martirio. E por Jsto E naquelle luguar as Jentes pollo nome de christo, os collos Inclinam onde o beatissimo paulo doutor das Jentes, de martirio coroadado foi constringido a estender sua garguanta. seJa pois aguora a toda pessoa

¹⁰⁸ Trata-se da célebre e controversa *Doação de Constantino* (*Constitutum Donatio Constantini* ou *Constitutum domini Constantini imperatoris*). De autor desconhecido, a *Doação de Constantino* consiste num documento falsificado apresentado em meados do século VIII como se de um genuíno édito imperial romano se tratasse. Segundo tal documento, o imperador romano Constantino (272-337, proclamado imperador em 306) teria doado ao papa Silvestre I (285-335, eleito papa em 314), ou seja, à Igreja, bens patrimoniais do império (nomeadamente as igrejas de S. João de Latrão, de S. Pedro e de S. Paulo – fora de muros –, em Roma), bem como a autoridade sobre as diversas comunidades cristãs do Oriente. A intenção de tal logro documental visava naturalmente fortalecer o poder papal num período em que o cristianismo ocidental vivia uma crise profunda devido à crescente autoridade dos príncipes seculares sobre as igrejas sitas nos seus territórios de influência temporal. Foi Lorenzo Valla (1407-1457), o grande filólogo e humanista do *Quattrocento*, quem comprovou a falsidade desse documento “fundador”, facto que provocou escândalo na época.

manifesto nos aver edificado no nosso paço lateranense ao saluador nosso christo, huma JgreJa de ouro E prata E preçiosas pedras mui ornada. edificamos Jssso mesmo aos apóstolos pedro E paulo outras duas JgreJas onde os seus santissimos corpos por mãos do padre nosso siluestre com grande solenidade fizemos colocar. por tal que a alteza pontifical per pobreza nam seJa abiltada, mas por gloria E dinidade a Romana JgreJa sempre em beleza aumente [.] ao padre nosso siluestre E a todos seus soçessores sob Rezão da Romana JgreJa com mais efeito conçedemos E damos ho nosso paço lateranense. ha çidade de Roma, toda Jtalia, totalas prouinças oçidentaes, todas as Regiões, luguares, cidades, E Jnsolas que em torno de Jtalia são em christo Jesu da humana geração Redemtor. E noos ho nosso Jmperio em oriente transferimos na çidade chamada bizançio.

A segunda estação hee A segunda feira na JgreJa de são pedro ad vincula. E hee Jndulgençia plenaria. E alem disto dez mil anos. nesta JgreJa são çertos versos que dizem como este santo templo foi de prinçipio constructo (A honrra de sam pedro apóstolo) do papa sixto terceiro. mas despois sendo per discordia çiuil de Roma destruido, o papa pelagio ho Renouou E consagrou E pos hi os corpos dos santos machabeus E as cadeas de ferro com que o apóstolo sam pedro foi liguado E preso em tempo de nero, as quaes trouxe huma Jlustre molher de Jerusalem. a festa desta JgreJa se çelebra o primeiro dia daguosto no qual dia hee Jndulgençia plenaria. são hi Jssso mesmo outras muitas Reliquias. hee seede E titulo de cardeal, E habitaçãõ de frades de são saluador.

A terça feira hee estaçãõ na JgreJa de sancta anastazia. E hee Jndulgençia de vinte E oito mil anos E outras tantas coresmas, E tirasse huma alma do purgatorio. haa nella muitas Reliquias. hee titulo de cardeal.

A quarta feira hee estaçãõ na JgreJa de sancta maria a maior. hee Jndulgençia de vinte E oito mil anos, E outras // tantas coresmas. E hee Remissãõ da terça parte de todos los pecados. esta hee huma das sete JgreJas prinçipaes de Roma, na quall todos los dias são corenta E oito anos de Jndulgençia E outras tantas corentenas E Remissãõ da terça parte de todos los pecados. as Reliquias que haa nella são as seguintes. Jtem o corpo de são matia apóstolo que estaa debaixo do altar maior. E a cabeça se amostra hi, per sy. Jtem o corpo do gloriosissimo são Jeronimo Jaz em huma capela onde Jssso mesmo estaa o presepio de christo. Jtem os corpos de santa Rumula, E santa Redenta. Jtem o panozinho com que a gloriosa virgem nossa senhora envolueo ho bom Jesu no presepio. Jtem a estola de sam Jeronimo. Jtem hum braço de são mateo apóstolo E evangelista. Jtem hum braço de sam lucas evangelista [.] Jtem hum braço de sam tomas arçebispo canturiense. Jtem a cabeça com hum braço de santa bibiana virgem E martir. Jtem como hee dito o prepuçio de christo, trazido de belem onde naço E muitas Reliquias de santos E santas que se amostram dia de pascoa A ora de vespora. Jtem na vigilia da naçença de nosso senhor, na qual se çelebra a festa da tresladaçãõ do corpo de sam Jeronimo [.] na capella sua hee Remissãõ de todos los pecados conçedida do papa pio segundo. Jtem em totalas festas da gloriosa virgem maria sam mil anos de Jndulgençia. Jtem do dia da festa de nossa senhora da assumpçãõ atee o dia de sua natiuidade que hee a oito dias de setembro são doze mil anos de Jndulgençia alem das cotidianas que temos ditas. esta JgreJa hee seruida de coneguos E dinidades como

fl. 188v

see catedral. estaa no deserto de Roma no monte que se chama superagio. tem huma torre mui alta na qual estão sinos que de grandeza E de suaue soom, tem ventaJa a todolos de Roma. hee de tres naues E mui comprida E ancha. os piores são columnas de huma soo pedra mui altas E grossas. parte da parede que Rodea a naue maior hee de maçonaria ou artesões de madeira cuberta douro mui Rica E Real obra, a qual mandou fazer o papa alexandre sexto. as naues pequenas são dabobodas de ladrilho. tem ha capela mor contra o ponente E as portas prinçipaes pera o leuante sobre as quaes da parte de fora da JgreJa hee pintade de mui exçelente mosaico a estoria do milagre das neues, scilicet, como nossa senhora apareçeo ao papa liberio E a João patricio E a sua molher, E como neuou naquelle luguar a oito dias do mes daguosto onde aprouve A gloriosa virgem nossa senhora que os sobreditos edificassem aquella JgreJa em seu louvor [...] E Jsto aconteçeo no tempo do emperador constançio, o qual deixando a dita E verdadeira fee de seu pai // constantino, seguiu a secta de aRio, E desterrou ao dito papa liberio por nam querer com elle aprouar E seguir a dita secta. E sendo liberio desterrado foi criado pontifiçe felice homem Religioso E santo o qual por nam querer seguir a seita de aRio, o emperador ho priuou E desterrou avendo tido o pontificado hum ano E quatro dias. E o sobredito liberio foi Restituído por que consentio na seita aRiana, segundo escreue petrarça na sua coronica dos papas E emperadores. E teue a cadeira de são pedro quinze anos E sete meses E tres dias. Ó que desigual troca fez este liberio sendo primeiro tam dino E tam bem aventurado que mereçeo appareçerlhe a emperatriz dos çeos mãj do grande E Jmmortal Rei, o qual Renunçiou por comprazer ao mortal emperador, E seguindo sua Reprouada seita como herege acabou seus dias, assi que por guosar poucos anos da cadeira do pontificado da terra, perdeo a do summo pontificado çeleste. E o beato felice Retrahido a hum seu campozinho ou possissão foi de martirio coroad, E assi alcançou o eterno pontificado que liberio por seus pecados perdeo. no dito dia das neues hee na sobredita JgreJa Jndulgençia plenaria. E em memoria da neu se abrem no tecto da naue maior çertos buracos pollos quaes lançam lãa mui alua, E assi pilhaduras de pão mui branco que pareçem frocos de neu mui espessa que cahe sobre a multidão da Jente de que totalas oras naquelle dia a JgreJa estaa chea.

A quinta feira hee estação na JgreJa de são Lourenço em palisperna que hee no luguar onde foi assado. hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados. E alem disto se guanhão dez mil anos. E esta JgreJa estaa onde sohia ser o paço do emperador deçio. ali hee a sepultura da beata brigita que foi Rainha de sueçia. na dita JgreJa haa outras muitas Reliquias E huma parte da craticula em que são Lourenço foi assado, E hum seu braço. E estão metidos em hum cristal çertos caruões daquelles em que foi assado. E dous seus ossos. esta JgreJa hee moesteiro de frades.

A sexta feira hee estação na JgreJa dos santos apostolos onde habitam frades menores. hee Jndulgençia plenaria. E alem disto treze mil anos. estaa na Região de colonia. foi fundada fl. 189v pollo emperador constantino A honrra dos doze apostolos. // E sendo despois destrohida dos hereJes foi Restaurada no grado pristino pollos sumos pontifiçes pelagio E Joãne adornandoa de corpos de muitos santos, espeçialmente de são filipe E de santiagu menor os quaes são no altar maior A mão direita. E o corpo de santa eugenia virgem E outros corpos santos A mão esquerda. E estaa o corpo de são sabino martir E huma vestidura sem

manguas de sam tomas. Jtem nos sagrados altares estaa hum pee de são felipe E hum braço de santiaguo zebedeo, huma costa de são Lourenço, huma espadoa E hum braço de são bras. nesta JgreJa hee Jssso mesmo estação no primeiro dia de maio. E nas festas dos ditos santos são muitas Jndulgenças. hee sedia E titolo de cardeal. E nella são aquelles Reaes paços de que Jaa falei que o papa Jullio mandou fazer.

Ao sabado hee estação na JgreJa de são pedro em vaticano. E hee Jndulgença plenaria de todolos pecados. E alem disto xxbiiij mil anos de Jndulgença E xxbiiij coretenas. esta hee a segunda JgreJa principal na qual são todolos dias corenta E oito anos E outras tamtas coresmas de perdão E a Remissão da terça parte de todolos pecados. avia na dita JgreJa antes de ser deRibada çento E noue altares. E a maior parte são deRibados. em cada altar são conçedidos xbiiij anos de Jndulgença. antre aquelles erão sete prinçipaes os quaes sam priuilegiados. E em dia de natal E dia de pascoa E çenção, sancto espirito [,] dias de nossa senhora, de todolos santos E em totalas outras festas dobres, são dobradas totalas Jndulgenças sobreditas. Jtem na festa de nossa senhora da anunçiação são mil anos de Jndulgença. E da sobredita festa atee calendas daguosto são doze anos E doze coretenas de Jndulgença. E mais Remissão da terça parte de todolos pecados [,] Jtem são conçedidos pollo papa alexandre a qualquer que deuotamente sobyr os degraos de sam pedro por cada degrao sete anos de Jndulgença. debaixo do altar maior estão sepultados a metade dos corpos de são pedro E são paulo. E a outra metade estaa em são paulo. Jtem na dita JgreJa estão os corpos dos apostolos sam simão E Judas. Jtem o corpo de santa petronilla virgem filha do apostolo sam pedro. Jtem a cabeça de santo andre apostolo, a qual se amostra o dia de sua festa, E no dia que foy trazida a Roma. Jtem a cabeça de sam lucas evangelista [,] Jtem a cabeça do martir sam sebastião. Jtem a cabeça de // santiaguo. Jtem os corpos de sam proçesso E martiniano E muitos outros corpos E Reliquias de santos martires, confessores E virgens. Jtem na dita JgreJa estaa a veronica ou vulto santo de nosso senhor Jesu christo, a qual se amostra na somana santa algumas vezes E no dia daçenção do senhor, E o domingo mais cheguado A festa de sancto antonio abade, na qual demonstração a todolos Romanos que se achão presentes são conçedidos tres mil anos de verdadeira Jndulgença. E a todos aquelles que habitam em torno de Roma são conçedidos seis mil anos. E a todolos outros que vem de longuas terras lhes são conçedidos doze mil anos E outras tantas coretenas. E Remissão da terça parte de todos seus pecados. Jtem na dita JgreJa hee hum altar A parte direita do coro ornado de perfido no qual foram apartados os ossos dos santos apostolos pedro E paulo, E passados pollo beato siluestre no ano do senhor de trezentos E noue quando esta JgreJa foi feita. Jtem A parte sestra do coro hee hum tabernaculo no qual ataa o dia doge se guarda aquella sedia ou catadra, a qual foi feita a são pedro quando em antiochia tinha a cadeira episcopal. E cada ano o dia da catadra de são pedro ha põe fora no coro com solemnidade por tal que todolos homens por sua deuação a possam tocar. Jtem em torno do altar maior estão doze colunas fermosas de marmor, antre as quaes haa huma çerquada de huma Reixa de ferro de milagrossa virtude como testifica o escrito que se açerca della lee, scilicet, esta hee aquella coluna na qual nosso senhor Jesu christo se encostou quando preguaua ao pouo, E quando no templo fazia oração a deus padre a qual com as outras onze çircunstantes do templo de salamão no triunfo foi trazida E nesta basilica foi colocada. esta lança os demonios,

fl. 190r

E aquelles que são dos Jmmundos spritos molestados faz liures. muitos milagres faz cada dia. Jtem no caminho que vai pera a capella de nossa senhora das febres estaa a sepultura de são João crisostomo a qual antes era çercada de ferro, E aguora hee hum altar de marmor com sua Jmagem. o emperador constantino fez esta santissima JgreJa no monte vaticano como hee dito, onde era o templo de apoline, a qual ornou de Ricos ornamentos, çecendo [*sic*]¹⁰⁹ os gloriosos corpos de aRame de çinco pees de grossura. E pos sobre elles huma cruz douro que pezaua çento E çincoenta liuras. E elle tirou As costas dos aliçesses doze seiras de terra. foi despois Roma saqueada de alarico Rei dos guodos. morto alarico foi Rey // ataul seu parente, tornou a Roma E todo o que de alarico ficou elle o destrohio E Roubou E queimou. Jsto aconteçeo no tempo de onorio emperador, E de teodosio menor, no qual tempo ouve çisma antre o papa bonifaçio E eulalio Jssso mesmo eleito papa. em tempo do emperador ludouico [,] filho do emperador carlomagno [,] E do papa greguorio quarto pollas diuisoens que avia antre os christãos foi chamado dalguns ereticos christãos E metido em Jtalia o soldão de babilonia do qual foi Roma saqueada E a JgreJa de são pedro Roubada E feita della estrebaria de caualllos [,] despois o papa João outauo que veo ao pontificado na era de oitoçentos E setenta E dous com a aJuda do emperador carlo chamado caluo tornou de nouo Reparar os templos que eram destrohidos. E Jssso mesmo o papa formoso fez Renouar as pinturas que na dita JgreJa erão desfeitas. foi despois tornada a saquear per outros ereJes E tiranos com outras prinçipaes JgreJas de Roma no conto das quaes foi são João de latram E os seus paços em tempo do papa seuerino per mauriçio curculario E Jççio patriçio ou exarco de Reuena. no qual Roubo entraram os soldados E todo o pouo Romano. E despois em tempo do papa teodoro foi cortada a cabeça a mauriçio por ser autor deste sacrilegio. aguora direi do ponto E estado em que vi esta JgreJa de são pedro quando o papa Julio a mandou deRibar, ca por ser tantas vezes destrohida se nam pode detriminar de que grandeza E feição foi edificada pollo emperador constantino. a qual eu despois medi pera dar Rezão de sua grandeza. começou a ser deRibada na era de nosso senhor Jesu christo de mil b^e E doze despois da batalha de Reuena. E querendo o papa Jullio fazer esta JgreJa a mais sumptuosa E grande de totaldas do mundo a mandou deRibar E cortar quasi ataa o meo, scilicet, a capela prinçipal E toda a naue do cruzeiro com a capella de nossa senhora das febres E a sancristia E outras muitas capelas que têm a seruentia por dentro da JgreJa, E a naue maior E as outras foram cortadas ataa Juntos dos orguãos que estauão quasi no meo do corpo da JgreJa. E quando se deRubauão estes tam suntuosos edificios alguns cardeaes lhe disseram que nam deuia sua santidade fazer tamanha destrohição naquella JgreJa, senam hir deRibandoa como a outra obra fosse creçendo. E o papa Respondeo que elle // era Jaa mui velho E a obra mui grande, E que aviam de passar muitos anos em se acabar. que elle fazia aquella Ruina em são pedro pera que os pontifiçes que despois delle viessem ouvessem verguonha de a ver tal E de pura neçessidade trabalhassem polla acabar assi sumtuosa E grande como a elle deixaua começada. eu fui muitas vezes ver como se deRibaua. E assi fui presente como se fundauam os aliçeçes dos piores da Jgreja noua. E quando se assentaram as primeiras pedras era o papa presente E mandou meter debaixo dellas moedas douro E de prata com suas figuras E armas imprimidas na dita moeda. quando começaram de cauar acharamse

¹⁰⁹ Leia-se *cercando*.

muitas caxas com ossos E Reliquias de santos. E os fundamentos foram tam altos E anchos que pera cauar E trazer a terra açima avia multidão de trabalhadores. E abriam poços de agoas que manauam em tanta quantidade que a grande fadiga com enJenhos E baldas a podiam tirar pera dar lugar pera a pedra se assentar. no meo do cruzeiro estaa o altar moor E sobesse a elle per çertos degraos de perfido nos quaes se guanhão as sobreditas Indulgências. E as Reliquias dos santissimos apostolos estão debaixo d'elle E por nam chouer nelle E se poder çelebrar, o papa ho mandou cobrir de madeira A maneira de capella, em que sua santidade E os cardeaes E perlados bem podiam caber. mas as oras ordinarias dos coneguos se diziam na capella do papa sisto onde estaa huma Rica sepultura de bronzo ou metal no chão de marauilhosas figuras E lauores [,] a qual capella hee A mão esquerda entrando pollas portas da JgreJa. a capella moor velha na qual dantes era o corpo tinha de comprido çincoenta E huum palmos E meo, E de ancho dezoito palmos [,] per foora da qual o papa nicolao edificou a capella grande que o papa Jullio acabou de çerrar. era a capella velha pintada de moisaico antiguo bem assentado E Resplandeçente. a JgreJa teue çinco naues [,] as paredes dellas eram armadas sobre colunas de pedra de natura parda E dura como marmor. a naue do meo teue de cada Jlhargua xxij colunas de xxxjx palmos em comprido E xb de Roda. em cada huma das outras naues avia Jssso mesmo xxij colunas que tinhão de comprido xxiiij palmos E meo E de Roda xij. cada huma destas colunas hee de huma soo pedra. E entendesse este comprimento no corpo da coluna sem os capitees E sem as vasas. ca os capitees das colunas grandes tem seis palmos E meo dalto. E as vasas são de tres palmos E os capitees das menores são de quatro palmos. E as vasas // de dous. tem a naue maior dancho çento E sete palmos. E contando esta com as outras quatro tem toda a JgreJa dancho dozentos E sessenta E quatro palmos. E tem de longuo das portas prinçipaes ataa o altar moor quatroçentos E noventa E seis. E desta maneira com o comprimento da capella tem toda a JgreJa de comprido quinhentos E corenta E seis palmos. era esta santissima JgreJa tam alta que Respondia com o ancho E comprimento. non era daboboda, mas cuberta de madeira E de telha vã das mais fermosas traues E caibros que tenho visto, por que quando se deRibaua a naue grande E o cruzeiro as traues que deçiam eram mui grandes em comprimento E hermosas em cuadra. em lugar de telhas era esta prinçipal naue cuberta de pranchas de chumbo grossas E grandes. as outras quatro naues erão soamente cubertas de telha. na fronteira da JgreJa haa sete portas prinçipaes, scilicet, tres na naue maior, E quatro nas outras quatro naues. as tres portas da naue grande E do meo hee de metal na qual estaa esculpida a obediência que o preste João mandou ao papa. mas nam se afirma ser este o gram preste João [,] E o pinheiro de bronzo ou metal que estaa fixado no lugar onde aguora esta a JgreJa de nossa señora transpontina cuJa grandeza era tam maravilhosa que pendiam seus Ramos sobre a sepultura adriana que aguora hee castelo de santangelo E a sepultura de seu filho que o papa alexandre sexto fez quando fez a Rua alexandrina que aguora hee das mais fermosas Ruas que pode aver no mundo. E afirmasse que a pinha de metal que estaa no pateo diante das portas de sam pedro foi daquelle pinheiro, a qual pinha eu medi E tem dalto catorze palmos E de Roda xxxij E meo. E nam sem misterio, foi metida em huma charola cuberta de bronzo armado sobre oito colunas de profido cada huma daltura de xiiij palmos E de grosso seis. destas sete portas huma estaa sempre çerrada de pedra E cal [,] a qual se abre no ano do Jubileu. são todas de huma grandeza. tem em ancho no vão xb j palmos. são pouco mais

fl. 191v

- de trinta em alto E são quadradas que assi hee husança de totalas portas de Roma. E de
 fl. 192r marauilha se faz portal Redondo. E as molduras E folhas destas obras // de Roma satisfazem
 mais aos que as entendem que as de frandes nem doutra parte. as colunas que santa elena
 trouxe de Jerusalem do templo de salamão são xiiij. as xij estauam em torno do altar de
 sam pedro são de marmor branco Retorçadas A maneira de brandão de çera obradas de
 folhas E lauores antiguos de pouco primor [...] tem de comprido xxij palmos. E de Roda
 oito E meo. huma destas colunas hee A que nosso senhor Jesu christo se aRimaua quando
 preeguaua no templo E estaa çercada de huma Reixa de ferro. E tem tanta virtude que
 lança fora os demonios. as outras duas estão A de dentro da porta do Jubileu que hee
 A parte direita entrando polla JgreJa na derradeira naue. E ali estão as tribunas de veronia
 E da lança com que nosso senhor foi ferido. as quaes Reliquias se amostram em çertos
 dias do ano nos quaes dias hee esta naue dada aos vnguaros que quando se as Reliquias
 amostrão dão tam grandes brados E gemidos pedindo misericordia que hee cousa marauilhosa.
 E nam haa pessoa que nom prouoquem a deuação. da parte esquerda haa outra tribuna em
 que estaa a cabeça do apostolo sancto andre. os orguãos desta JgreJa são os melhores que
 vi. são postos na naue grande sobre quatro colunas grandes de profido. a caixa hee de
 lauores syngulares de obra Romana mui bem dourada E mui grande obra. as vozes dos
 orguãos nam se podiam mais esperar tanta era sua fineza que sendo quasi descubertos o
 frio nem a calma os pode desafinar. muitas cousas de notar assi de sepulturas como de
 ornamentos avia naquella sacratissima JgreJa que seria proluxidade escreuelas. quando
 escrever da JgreJa noua que se faz, direi mais larguo das capelas E edifições que são
 deRibados. diante das portas prinçipaes haa hum alpendere que atravessa toda a JgreJa
 onde estão homens que vendem veronicas pintadas em purguaminho E em lenço. E outras
 deuotas Jmagens E coroas despinhos que imitam A de christo, que os peregrinos comprão
 E leuão a diversas terras dos christãos. diante deste alpendere haa hum pateo no qual estaa
 a sobredita pinha. E hee Rodeado dos paços do papa E doutros singulares apousetamentos
 de cardeaes E palatinos. E na fronteira de hum destes paços estaa pintada a estoria a que
 vulgarmente chamam o moisaico da barca de sam pedro. este moisaico ocupa grande
 fl. 192v campo E sera maravilha acharensse outras figuras // de moisaico vanteJosas a estas. ca
 alem do debuxo das figuras ser mui perfeito, hee cousa de admiração ver tanta diuersidade
 de pedras. tam meudas, tam pouoadas, E Resplandeçentes. per tam sutil E natural arte
 assentadas que os cabelos, barbas, olhos [,] narizes E boca, E todolos outros sentimentos
 dos Rostros, mãos, pees, E Roupas vão escreçidos E acrarados como se com hum sotilissimo
 pinçel E diuersas tintas se fizera. ver aquella barca, o masto, vela, E enxarçia, E as
 continençias das figuras, E o mar, E a figura de nosso senhor Jesu christo nelle todo obrado
 de pedras em tanta perfeição, hee cousa duuidosa de creer aos que a nam viram E careçem
 do sentido da pintura. se neste moisaico me estendi mais a falar, que no de mom Real,
 E nos de Roma, a perfeição das figuras, E o aspeito das pedras o mereçem mas que
 aproueitou com tanta diligênçia fazerse huma perfeita obra. E ser vista per mjm tam pouco
 estimada, que sendo aquelle apousetamento dado ao cardeal çibo sobrinho do papa leão,
 os florentins seus criados deRibaram hum pedaço grande delle que cheguaua a huma
 Jenella dos ditos apousetamentos. E quanto mais cortesãos se delle doiam, elles o
 menosprezauam. saindo do pateo entram por baxo dos paços pera sahir ao terreiro que
 naquelle cuberto ou coRedor estão muitas tendas de homens que vendem contas de muitas

maneiras aos Romeiros, E outras muitas cousas. da parte de fora estaa hum tauoleiro que toma toda a face dos paços. no qual tauoleiro são as portas que vão pera a JgreJa, E duas partes da casa dos auditores da Rota. E aRematasse da parte do norte com a porta do sacro palácio onde estão os alemães da guarda do papa. tem este tauoleiro em ancho setenta E seis palmos E meo, E de comprido duzentos E corenta E cinco. do tauoleiro se deçe ao terreiro per xxxiiij escalões de furto em alto, E de ancho dous palmos [.]. E de sete em sete escalões haa hum espaço ou tauoleiro de onze palmos em ancho. E sobre este tauoleiro são as varandas donde o papa daa a benção ao pouo quinta feirra de laua pees, E dia de pascoa, E da asçenção de nosso senhor. E a Jente estaa no terreiro, o qual tem de comprido da Rua alexandrina atee as sobreditas escadas bij^c E xxiiij palmos. E de ancho, scilicet, das tauernas atee a porta de belueder b^c E noue palmos. no qual terreiro estaa huma singular fonte de pedra de maravilhosa grandeza E feição, A qual vem aguoa per canos E sobe mui alta E cahe nas pias ou fontes mui bem lauradas. E por que me detiue mais do que quisera contando dos edifícios velhos, deixo pera // outro capitulo a maneira E grandeza da JgreJa noua. nesta escada que deçe do tauoleiro nos escaolens de baixo estão duas Jmagens de são pedro E de são paulo de pedra mui grandes E naturaes, scilicet, huma em cada parte da dita escada.

fl. 193r

No segundo dominguo da coresma hee estação na JgreJa de santa miria in domini [.]. hee Indulgençia de xbiij mil anos E corenta E noue corentenas.

A segunda feira hee estação na JgreJa de são clemente onde se alcança Remissão da terça parte de todolos pecados. E alem disto dez mil anos. esta JgreJa hee convento de frades da ordem de sam ambrosio, onde debaixo do altar maior Repousa o corpo do santissimo clemente papa E martir, o qual foi tresladado da çidade de çeisona, que hee alem do mar chamado pontico, em Roma, pollo cristianissimo E clementissimo emperador Justiniano. nesta JgreJa haa muitas Reliquias E Jndulgençias, conçedidas de diuersos summos pontifizes. maximamente do santissimo gelasio papa o qual ali conçedeo cada dia corenta anos E outras tantas coresmas de Jndulgençia. E na coresma são dobradas. Jtem o papa alexandre terceiro A honrra de santo Jnação martir o qual corpo Repousa no altar maior per seu priuilegio ali conçedeo E deu Remissão da terça parte de todolos pecados. E hee estação E titulo de cardeal. achasse na estoria dos pontifizes Romanos que despois do papa leão veo ao pontificado Joane natural de Jnglaterra. E foi papa dous anos E cinco meses E quatro dias. o qual Joane se afirma ser molher a qual em habito de homem foi de hum seu namorado leuada a atenas onde em diuersas çiençias fez tanto fruto que finalmente veo a Roma E por tres anos pubricamente leo E ouve por disçipulos homens douttissimos nam achando homem que em doutrina lhe fosse par. E sendo assi em grande opinião de çiençia, de comum concordia foi elegida papa. E tendo assi o pontificado, veo a ser prenhe de hum seu cubiculario. E nom sabendo ella o dia çerto de seu parto hindo de são pedro a são João de latrão, lhe vieram as dores do parto de tal sorte que foi constangida de parir antre o coliseo E a dita JgreJa de são clemente, no qual luguar parindo moReo. E por memoria foi ali feita huma caseta A maneira de oratorio a qual eu muitas vezes vi toda cahida E com pinturas antiguas mal proporçionadas. E quando os papas escusam aquella via que hee a direita de sam pedro a são João de latrão, diz o vulguo que ho fazem por este defeito [.].

fl. 193v eJte [*sic*]¹¹⁰ Joane nam hee contado no calendairo ou cataloguo dos pontifiçes por ser de sexu femineo [,] a esta dinidade desforme. //

A terça feira hee estação a santa balbina. esta JgreJa se chama sam saluador. E são dez mil anos de Jndulgençia. E a Jmagem do saluador se amostra sobre o altar maior, no coro onde são sepultados sete corpos santos antre os quaes hee santa balbina, E sam quirição, E as duas virgens Aas quaes a sobredita Jmagem apareçoo [,] hee titulo de cardeal. esta JgreJa consagrou sam greguorio E conçeдео hi sete anos de perdão. hee titulo de cardeal.

A quarta feirra hee estação na JgreJa de sancta çezilia. E são dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee transtiberim, E Jaz nella o corpo de sam tiburçio E valeriano E luçio papa primo E de maximiano os quaes estão debaixo do altar maior. sam Jssso mesmo na dita JgreJa outras muitas Reliquias [,] esta era a propria casa E habitação de santa çezilia, a qual o papa pascoal consagrou A honrra do omnipotente deus E da sua genitriçe maria E dos santos apostolos pedro E paulo, E de sancta aguata, E sancta çezilia, no ano da encarnação de trezentos.

A quinta feira hee estação na JgreJa de santa maria transtiberim E são dez mil anos de Jndulgençia. neste lugar onde aguora hee esta JgreJa avia antiguamente huma habitação chamada taberna meritoria transtiberina, na qual os homens da guerra Romanos velhos que polla muita idade nam podiam hir A guerra, Reçebiam do senado Romano pubrico subsidio pera suas vidas. E chamauasse meritoria por que por seus bons mereçimentos lhe era conçeðida continua prouisam. na crasta do dito lugar erão escritos çertos versos latinos os quaes em vulgvar querem dizer, Ó Roma velha em quanto tu dos velhos Romanos foste governada nenhum homem boom avia que nam fosse Remunerado, nem nenhum mao deixaua de ser punido. mas aguora faltando aquelles padres boons, hee vinda huma maluada Juentude per cuJos maos conselhos de dia em dia te destrues. nesta taberna meritoria naquelle mesmo lugar onde estão duas Janelaszinhas fechadas com humas Reixas de ferro Junto do coro, no tempo que nosso senhor Jesu christo naçeo da gloriosa virgem maria sahio da terra milagrosamente huma abundantissima fonte dazeite. E per espaço de hum dia E de huma noite com grão Rio ataa o tibre coReo, sinificando a vnção de christo E o bautismo E a sua doutrina com a qual totalas Jentes a crer Jnsinou. o qual milagre depois de muito tempo sendo examinado do santissimo papa calisto de nação Romano, no mesmo lugar onde o oleo manou edificou huma pequena JgreJa. depois andando o tempo // çessando alguma cousa as persecuções feitas contra os fiees de christo, foi a JgreJa alarguada E acreçentada. E depois sendo destrohida o papa greguorio terceiro per gram Reuerençia de nossa seõnora E do beato calisto martir, quasi dos fundamentos com noua fabrica a Refez E toda a pintou. nesta JgreJa são sepultados muitos corpos santos, scilicet, do santo calisto papa, E o de Jnoçençio fundadores da dita JgreJa. Jtem o do papa Jullio, E o de são quirino bispo. hee Jssso mesmo na dita JgreJa estação E gram perdoança na oitaua de santa maria daguosto.

fl. 194r

¹¹⁰ Leia-se *este*.

A sexta feira hee estação na JgreJa de sam vidal. E são dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa foi Restaurada nouamente pollo papa sisto cuarto, no ano do Jubileu. E hee titolo de cardeal.

Ao sabado hee estação na JgreJa de sam marçalino E pedro [.] E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados, E mais dez mil anos de Jndulgençia. na era de 1266 anos de nosso senhor Jesu christo a dez dias dabrill consagrou o papa alexandre esta JgreJa E ambos os altares. E pos no altar moor das Reliquias dos sobreditos santos, E doutros muitos santos dos quaes se lem na escritura que estaa Junto da porta da JgreJa. concedeo na dita JgreJa no dia da consagração E polla outaua cada dia em cada hum ano, tres anos E tres coresmas. E depois mudou a dita Jndulgençia na segunda feira depois do segundo domingo da coresma. E acreçentou mais hum ano E huma coresma. hee titolo de cardeal.

No terceiro domingo da coresma hee estação a são Lourenço fora dos muros. hee Jndulgençia de dez mil E oitenta anos E corenta E oito coresmas E tirasse huma alma do purgatorio. esta JgreJa hee a quinta das sete prinçipaes de Roma a qual estaa na via tiburtina. E tem todolos dias corenta E oito anos E outras tantas coresmas de Jndulgençia E Remissão da terça parte de todolos pecados. nesta JgreJa hee a pedra sobre a qual o bem aventurado são Lourenço foi posto depois de ser assado. E o seu corpo E o de sam esteuam protomartir são hi enterrados em Rica sepultura ambos Juntos. na festa dos quaes E per todas as outauas, E nos dias das estações da dita JgreJa são çem anos E çem corentenas de Jndulgençia E Remissão da terça parte de todolos pecados concedidos antiguamente. o papa calixto terceiro concedeo a qualquer pessoa fiel de christo que devotamente visitar a dita JgreJa em totalas // festas E estações della Remissão plenaria de todolos pecados. Item se alguem entrar na dita JgreJa hum ano contino, totalas quartas feiras, tira huma alma do purgatorio. Item se alguem entrar na dita JgreJa polla porta que estaa contra o meo dia andando de huma cruz A outra sendo bem confessado E contrito alcança plenaria Remissão de todos seus pecados. esta JgreJa edificou o emperador constantino E honrradissimamente fez nella sepultar o santissimo martir sam Lourenço. E diante de seu corpo fez poer dez alampadas de puro ouro, mui grandes. E A JgreJa deu muitas herdades E Renda. aguora hee de frades. nom me lembro de que ordem. hee de tres naues, E a do meo hee do teito [sic]¹¹¹ do theor de sancta maria a maior de gentis lauores. E pintado douro E azul.

fl. 194v

A segunda feira hee estação na JgreJa de são marco. E são dez mil anos de Jndulgençia. sam marco hee da Região da pynha. nesta JgreJa haa muitas Reliquias as quaes nos dias das festas se poem sobre o altar maior em huma caixa onde são todas nomeadamente escritas pera todo deuoto christão as poder ler. esta JgreJa Renouou o papa paulo segundo dos fundamentos. E dotou de grandissimas Jndulgençias as quaes são as seguintes. Item que todolos christãos que devotamente a visitarem dando suas esmolas no dia da outaua do corpo de deus, E na epifania das primeiras vespas atee as segundas Inclusive, E da segunda feira da somana santa atee a terça feira das outauas da pascoa de Resurreição, a qualquer que hi for tres vezes huma vez ao dia concede plenaria Jndulgençia de todos

¹¹¹ Leia-se *tecto*.

seus pecados. este papa paulo foi natural venezeano, o qual considerando a breuidade da vida humana ordenou que cada xxb anos se fizesse o Jubileu, no qual se conçe de plenaria Indulgençia E Remissão dos pecados. sendo primeiramente ordenado por bonifacio papa octauo (que foi o primeiro Inventor do Jubileu) que de çento em çem anos se çelebrasse. E despois o papa clemente sexto o mudou de çincoenta em çincoenta anos. E o papa urbano de xxxiiij anos. E este papa paulo o mudou a xxb como dito hee E se aguora em nossos dias çelebra. fez os paços de sam marco que hee hum dos sumtuosos E Reaes edefiçios de Roma, nos quaes // fez hum Jardim bem grande sobre as abobodas, de muitas laranjeiras E aruores de singulares frutas. a JgreJa hee peguada com os paços ha qual adornou de Requiissimos ornamentos. Junto do altar moor desta JgreJa estaa pintado o naçimento de nosso Redemtor Jesu christo, a qual pintura hee a mais exçelente de Roma, tirando as de mical angelo, E de Rafael dorbino, donde Jssso mesmo era natural o que fez a dita pintura. desta JgreJa de sam marco sahe a proçissão pera hir a sam pedro no dia da ladainha maior, onde hee Junta toda a clerezia, scilicet, frades E cleriguos da çidade de Roma [.] Jssso mesmo Junto desta JgreJa estaa huma pia de huma soo pedra de maravilhosa grandeza.

fl. 195r

A terça feirra hee estação na JgreJa de santa potençiana. E sam dez mil anos de Indulgençia. sancta potençiana foi Jrmãa de santa praxedes. nesta JgreJa são mais de tres mil corpos de santos martires no çimiterio de prisçila. o papa simpliçio consagrou esta JgreJa E conçe deo a todolos deuotos que a visitassem, por cada corpo de martir hum ano E huma coresma de Indulgençia, E mais Remissão da terça parte de todos seus pecados. Item o papa çelestino, bonifacio, clemente, greguorio, vrbano, alexandre, cada hum per si conçe deo hi muitas Indulgençias que se lem E estão em huma tauoa. na primeira capella desta JgreJa detras do altar maior contra o meo dia hee o altar em que çelebrou são pedro a primeira missa. E na capella moor contra o meo dia haa hum poço em que estaa escondido o sangue de tres mil martires. E naquella capella chamada do santo pastor, çelebrando hum saçerdote missa, E sendo tentado do malino spirito, no sancto eleuamento do corpo de christo duvidou ser o verdadeiro corpo de christo hum nosso Redemtor, pollo qual supitamente a ostia cahio do altar em huma pedra de marmore. E o saçerdote vendo tam grande milagre com grande medo E Reuerençia tomou a ostia com a mão, a qual sobre aquella pedra deixou milagrosamente o sinal de sua grandeza o qual aJnda aguora se vee [.] E estaa naquelle lugar huma pequena grade de ferro. o saçerdote per este milagre creo perfeitamente aquillo que duvidaua. hee esta JgreJa titulo de cardeal.

A quarta feira hee estação na JgreJa de sam sisto. E hee Indulgençia de dez mil anos. esta JgreJa hee Junto da porta apia que se aguora chama de sam sebastião. hee mosteiro de frades de são dominguos E hee titulo de cardeal. //

fl. 195v

A quinta feira hee estação na JgreJa de sam cosmo E de são damião E são dez mil anos de Indulgençia. nesta JgreJa haa huma fermosissima tribuna de moisaico onde são escritos çertos versos latinos que dizem ser feita aquella obra pollo papa felice. hee esta JgreJa em campidolio. mostra ser Ricamente obrada de moisaico, E pranchas de profido E alabastro pollas paredes que polla antiguidade do tempo muitas estão cahidas. são conçe didos nella cada dia mil anos de Indulgençia conçe didos pollo papa greguorio primeiro o qual beato

gregorio consagrou o altar maior desta JgreJa E debaixo d'elle colocou os sanctos corpos cosmo E damiano E outros corpos santos que estão escritos em huma tauoa diante do altar.

A sexta feira hee estação na JgreJa de são Lourenço em luçina. E são dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee em o campo marçio E foi dedicada no ano de nosso senhor Jesu christo de mil E çento E noventa E seis o ano sexto do papa çelestino sobredito. muitos cardeaes E toda a corte de Roma sendo presentes, E sendo presidente desta JgreJa hum cardeal chamado çinthio, todo o pouo de Roma e de Redor foi Junto por honrrar a deus E ao martir são Lourenço. foi esta dedicação feita com tanta solenidade E gloria quanta Jamais atee aquelle tempo foi vista. as Reliquias que haa na dita JgreJa sam as seguintes. debaixo do altar maior são duas aRedomas da graixa E do sangue de são Lourenço, E hum vaso cheo de carne queimada do dito martir. Jtem as grelhas sobre que foi assado. Jtem hum pano com que o anJo alimpou seu corpo. são hi mais os corpos, scilicet, de são alexandre papa, E o corpo de euençio de teodoro, de seuerino, de potençiano, eusebio, vinçençio, peregrino, guordiano E outros corpos santos com outras muitas Reliquias. os nomes dos quaes são escritos na parte deestra do coro.

Ao sabado hee estação na JgreJa de santa susana. E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados, E mais tres mil anos [...] esta JgreJa hee Junto das termas diocleçianas E hee mosteira da ordem de sancto agustinho. são hi sepultados os corpos de santa susana E de seu pai. E hee titulo de cardeal.

No quarto domingo da coresma hee estação na JgreJa de santa cruz em Jherusalem. E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados. E se tira huma alma do purgatorio. esta hee a seitima JgreJa das prinçipaes na qual são todolos dias corenta E oito anos E outras tantas coresmas de perdão E Remissão da terça parte de todolos pecados. no altar moor sam sepultados os corpos de sam anastasio E de sam çesario. em todolos domingos // se alcanção trezentos anos de perdão E outras tantas coresmas E mais Remissão da terça parte de todolos pecados. haa nesta JgreJa grandes Reliquias antre as quaes são a esponJa com a qual os Judeus derão a nosso senhor estando na cruz, o fel E vinagre. Jtem dous espinhos da coroa. Jtem dous crauos com que foi fixado na cruz. Jtem do lenho da santissima cruz. Jtem do lenho da cruz do ladrão a que perdoou estando na cruz. Jtem o titulo que pilatos pos na cruz, o qual foi achado no tempo do papa alexandre sexto na parede da dita JgreJa mandandoa coreger o cardeal de castela dom pedro guonçalvez que tinha ho titulo de santa cruz, a qual ornou mui Rycamente assi do tecto como das paredes. este titulo estaua sobre o arco da entrada da capella maior. E antigamente de geração em geração as Romanas que vinhão a esta JgreJa se humilhauão E faziam grande Reuerençia aaquelle lugar sem as deste tempo saberem a Rezão por que, mas faziamno por serem assi ensinadas de suas majns. E assi ho fazem em outros muitos luguares E JgreJas. E quando este titulo foi achado viram a causa por que se humilhauão aaquelle lugar. Ca muitas Reliquias sam escondidas dos antigos com temor dos hereges como foi esta. estaa metido em huma caixa de vidro E hee comido o pao de huma parte. contudo a moor parte das letras se poode mui bem ler. tem tres Regras. huma de letras latinas, outra de letras ebraicas, outra de letras greguas. E cada Regra diz per sua linguaJem, Jesus nazareno Rei dos Judeus.

fl. 196r

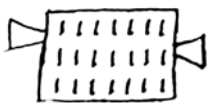
estão estas letras esculpidas pera baixo no pao que tem esta feição¹¹². na capella que se chama Jerusalem onde nam entram molhereres [*sic*]¹¹³ senão huma vez no ano, scilicet, no dia da dedicaçam da dita JgreJa que se celebra na vigilia de sam bento abade [,] hee Remissão plenaria de todolos pecados. nesta capella Jaz o corpo de sancta elena. E hee debaixo da terra E pollo tecto lhe entra a claridade. E o cardeal caruaJal sancta cruz de que atras tenho falado mandou pintar esta capela de moisaico. as Jmagens ou figuras tem gentil debuxo, mas as pedras nam vão assi assentadas como as do moisaico antigo as quaes pedras mandou tirar do moisaico das termas E doutros edificios velhos. ca se as ouvera de pulir E obrar de nouo caro lhe custara. esta JgreJa mandou fazer o emperador constantino a Roguo de sa majm sancta elena, ha qual dotou de muita Renda E possiões.

fl. 196v A segunda feira hee estação de santiquatro coroados. E hee Jndulgença de dez mil anos. nesta JgreJa debaixo do altar maior são leão papa terceiro colocou os corpos destes santos martires [,] de muitos outros santos haa muitas Reliquias nesta JgreJa os nomes dos quaes são esculpidos Junto do sobredito altar moor [,] no ano do nascimento de nosso senhor Jesu christo mil çento E onze, a dez // dias de maio, o papa pascoal no segundo ano de seu pontificado mandou cauar debaixo do dito altar moor o qual dos hereges avia sido queimado E feito em pedaços. E achou duas caixas. huma de profido, E a outra de michio, nas quaes estauão os sobreditos corpos santos. as quaes conchas ou caixas, mandou que fossem postas sobre o altar em memoria E honrra dos ditos santos. esta JgreJa hee titolo de cardeal, E ao presente hee bem desbaratada E desfeita. E parece ser antiguamente em seu edificio manifica JgreJa.

A terça feira hee estação na JgreJa de são Lourenço em damaso. hee Jndulgença de dez mil E sessemta E çinco anos, E perdão da terça parte de todolos pecados. esta JgreJa hee em pariom Junto de campo de frol, a qual foi fundada do beato damaso primeiro deste nome de nação portugues natural de guimarães segundo se acha na lenda dos breuiarios deuora. nesta JgreJa haa muitas Reliquias de santos que se amostram em çertas caixas de vidro guarneçadas de prata, nas festas prinçipaes [,] antre as quaes haa hum copo grande de vidro pollo qual bebem os homens por deuação no dia de sam damaso, polla virtude do qual sam liures das febres. esta JgreJa hee titolo E sedia de cardeal, sobre a qual o cardeal sam Jorge de que larguamente adiante falarei fez as melhores casas que se podem dizer na cristandade. E ao menos a façe dellas em grandeza E gentileza de Real edificio nom se podem dizer milhores.

A quarta feira hee estação de são paulo E hee Jndulgença de dez mil anos E Remissão E perdão da terça parte de todolos pecados. esta hee a terceira JgreJa das prinçipaes sete

¹¹² Neste ponto, o autor intercala o texto com a seguinte ilustração:



¹¹³ Leia-se *molheres*.

de Roma na qual, todolos dias haa Rbiiij anos de Jndulgençia E outras tantas corentenas, E Remissão da terça parte de todolos pecados. Item no dia da conversão de são paulo são çem anos E çem coresmas de Jndulgençia. Item no dia dos Jnoçentes dos quaes nella Repousam muitos corpos, são Rbiiij anos E R coresmas de Jndulgençia. Item na dedicação da dita JgreJa a qual vem na outaua de sam martinho são mil anos E mil coresmas de Jndulgençia E perdão da terça parte de todolos pecados. Item qualquer pessoa que entra na dita JgreJa todolos dominguos alcança tantas Jndulgençias quantas alcançaria se fosse ao santo sepulchro de nosso senhor Jesu Christo a Jerusalem ou a santiagu de gualiza. na mesma JgreJa haa hum braço de santa ana a majm da virgem // maria nossa senhora. fl. 197r

Item huma cadea com que são paulo foi preso. E outras Jnfindas Reliquias. debaixo do altar maior são a metade dos corpos de são pedro E são paulo apóstolos, E o corpo de sam timoteo discípulo de sam paulo E outras Reliquias de sanctos E samtas, as almas dos quaes guozam do paraíso. Item na gruta debaixo do altar grande Repousam os ossos do beato Juliano E basilisa. Item na parte direita do coro estaa huma Jmagem de christo crucificado muito deuota, a qual falou a santa brisida polla continua oração que diante daquella Jmagem fazia E tinha feita, E ao crucifixo Rezaua. esta JgreJa hee a maior de todas as de Roma. tem sete naues E sam postas sobre colunas grandes E de huma soo pedra como as de sam João de latram E as de sam pedro. estas tres JgreJas são as maiores de Roma. sam paulo hee maior que são João de latrão. E sam João de latram, [sic]¹¹⁴ E são João de latrão maior que são pedro. a quarta hee santa maria a maior que hee menor que as sobreditas. E hee sam paulo de telha vãa altissima, comprida E ancha, mais que outra que se saiba de Roma pera qua em nenhuma parte de alemanha frança E espanha. a fronteira do altar moor hee pintada de moisaico. E a capella moor que hee mui grande hee Jssso mesmo pintada E ornada de moisaico de mui antiguas figuras E de mao debuxo. mas o moisaico estaa mui bem assentado E Resplandçente. hee moesteiro de frades de sam bento obseruantes de congregação de santa Justina. antre as outras cousas notauées que haa nesta JgreJa me amostraram os frades a bliuia em latim que hee o original que são Jeronimo escreueo per sua mão quando a tresladou de ebraico em latim. E hee de letra mui singular. E nam hee de duvidar que quem tantas e tam santas obras E de tam grandes volumes compos, fosse bom E liberal escriuão. esta grande JgreJa hee fora dos muros da çidade huma bõa milha pollo tibre abaixo na via de ostia. a porta de sam paulo que assi se chama aguora, se chamaua antiguamente porta capena. E a sepultura piranide que estaa Junto della a que o vulguo fãlsamente chama sepultura de Remo, hee de çestio segundo alguns escreuem.

A quinta feira hee estação na JgreJa de são siluestre. E hee Jndulgençia de dez mil anos. esta JgreJa hee situada na Região de coluna na qual muitos santos corpos são enterrados, os nomes dos quaes se lem em huma tauoa escrita [...] // mostrasse Jssso mesmo na dita JgreJa a cabeça do bem aventurado são João bautista, E çertas Reliquias de sam Lourenço, E hum pedaço da capa de são françisco. muitas outras Reliquias se mostram o dia de são João bautista E de são siluestre. hee moesteiro de freiras. E nom são lembrado de que ordem.

fl. 197v

¹¹⁴ Leia-se *sam paulo hee maior que são João de latrão. E são João de latrão maior que são pedro.*

A sexta feira hee estação na JgreJa de são eusebio. E sam dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee moesteiro nom me lembra de qual ordem. E guanhase mais de sete mil oitoçentos E Riij anos E outras tantas coresmas conçedidos a todos que a visitarem, ofereçendo suas ofertas [...] os nomes de muitos corpos que Jazem nesta JgreJa se podem ler em huma tauoa. E hee titulo de cardeal.

Ao sabado hee estação na JgreJa de são nicolao Jncarçere E hee Jndulgençia plenaria. E Alem disto dez mil anos de perdão. esta JgreJa hee na Região da Ripa. haa nella huma costa de sam mateus apostolo E evangelista, da mama de são nicolao, E hum braço de sam aleixo.

Ao domingo quinto da coresma, scilicet, dominica Jn passione hee estação na JgreJa de são pedro. hee Jndulgençia de xxbij mil anos E outras tantas coresmas. Jtem Remissão da terça parte de todos los pecados.

A segunda feira hee estação na JgreJa de são grisoguono. E são dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee na Região de transtiberim. haa nella hum braço de santiaguo. E hum osso de sancto andre apostolo. E a cabeça de sam grisoguono. hee sedia E titulo de cardeal.

A terça feira hee estação na JgreJa de são çiriaco. E são dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee destrohida E detras das termas diocleçianas. alguns querem dizer que o papa quarto transferio esta estação E Jndulgençias aa JgreJa de são quiçiço que hee Junto da torre dos condes, no qual são quiçiço haa sobre a porta çertos versos que dão testemunho como do papa sixto foi Jnstaurada. debaixo do altar maior haa muitas Reliquias de muitos martires como aparece por huma tauoa escrita Junto do altar moor. //

fl. 198r

A quarta feira hee estação na JgreJa de são marçelo. E hee Jndulgençia de dez mil anos. esta JgreJa hee na Região de tergio E hee convento de frades da ordem dos seruos da beata virgen, onde hee huma sepultura de profido, na qual são postos os corpos das santas virgens E martires digna E merita, E hum braço de são mateo apostolo E evangelista. as quaes cousas no tempo do papa calisto terceiro foram vistas do pouo Romano. hee sedia E titulo de cardeal.

A quinta feira hee estação de são apolinario. E são dez mil anos de Jndulgençia. esta JgreJa hee de sedia de cardeal [...] debaixo do altar moor Repousam os corpos dos santos martires eustraçio, marderio [,] eugenio [,] oreste E auxençio.

A sexta feira hee estação na JgreJa de sancto esteuão. Jn çelio monte E hee Jndulgençia de tirar huma alma do purgatorio. esta JgreJa hee assi Redonda como santa maria Redonda E com quanto hee grande JgreJa. nom hee com muita parte da grandeza da outra. tem mui grandes colunas que sustentam ho telhado, o qual hee de telha vã. avendo muito tempo que era destroida o papa nicolao quinto a Restaurou E hee de frades vnguaros habitada da ordem de sam paulo primeiro hermitão cuJa vida E morte estaa escrita em çertos versos latinos da maneira seguinte. quem quiser saber ho tempo da vida E morte de paulo primeiro hermitão lea estes versos. no ano depois da encarnação de christo na virgem maria çento

E setenta E hum, nação em tebaida çidade de egipto o glorioso paulo primeiro hermitão o qual sendo de dezasseis anos deixando o mundo se foi a hum hermo mui solitario onde viueo xxxbij anos comendo da fruta da palma soamente E cobrindosse das suas folhas. E depois viueo sessenta anos de manaa, a qual lhe mandaua o senhor do çeo. E hum coruo lha trazia. despois disto no ano do senhor de ij^olxxxbj, E de sua Jdade çento E treze, paulo deixou o mundo E alegre se foi aos sete coros dos anJos E santos çidadões do çeleste Reino. o qual santissimo corpo no ano do senhor de mil iij^olxxxj foi leuado de veneza a vngria E esta hee a causa por que esta JgreJa hee habitada de frades vnguaros sem Reçeberem outros de outra nação ou provinçia. //

fl. 198v

Ao sabado hee estação na JgreJa de são João anteporta latina E hee Jndulgençia de tirar huma alma do purgatorio. E alem disto se guanham doze mil anos de perdão. Esta JgreJa hee Junto da porta latina. E Junto della hee o luguar onde sam João foi metido na tina de oleo feruendo. E chamasse porta latina por que naquella parte hee a terra latina donde foram os primeiros Reis de Italia.

No domingo de Ramos hee estação na JgreJa de são João de latram que são de Jndulgençia xxb mil anos E Rbiiij coresmas. E mais duas vezes plenaria Jndulgençia de todolos pecados.

A segunda feira hee estação na JgreJa de santa praxedes. E hee Jndulgençia plenaria E mais Remissão da terça parte de todolos pecados E xxb mil anos de perdão. em tempo do santissimo papa pascoal foram enterrados muitos corpos santos nesta sagrada basilica da beata virgem praxedes. E per mão do dito pascoal foram colocados debaixo do altar maior a xx dias de Julho, na Jndição deçima, na capela chamada libera nos a penis Jnferni e ortus paradisi. E tambem a coluna em que nosso senhor Jesu christo foi açoutado E liguado na sua paixão. esta coluna hee de diuersas cores E delguada, E tanto curta que parece ser partida em muitas partes. sobre a dita coluna estam os corpos dos santos martires valentino E çenno. E em meo da capela debaixo de huma pedra Redonda estão os corpos de corenta martires. E A parte esquerda estão sepultados corenta papas. E todolos dias são ali doze mil anos de Jndulgençia E outras tantas coresmas E mais Remissão da terça parte de todolos pecados. no meo da dita JgreJa onde hee huma pedra Redonda çercada de ferro se diz ser enterrado sangue de santos martires, o qual sangue a ben aventurada praxdes com huma espouJa o metia neste luguar. haa Jssso mesmo nesta JgreJa hum altar sobre o qual o papa pascoal sobredito çelebrou çinco missas por huma alma passada desta vida. E sendo acabadas de dizer, visiuelmente vio que nossa senhora madre de deus leuaua aquella alma no Reguaço ao omnipotente deus como se vee pintado na parte da dita capela sobre a Janella de ferro. E visto o dito papa o dito milagre com a apostolica autoridade permitio que se alguma deuota pessoa fizer çelebrar missa naquelle luguar, possa tirar huma alma do purgatorio. //

fl. 199r

A terça feira hee estação na JgreJa de santa priça. E hee Jndulgençia plenaria de todolos pecados. E alem disto xxxbiiij mil anos [...] esta JgreJa hee no monte aventino defronte de santa sabina, na qual haa çertos versos em latim que dizem assi (onde Ja de evandro foi o primeiro altar a ercule) o qual foi a primeira superstição da çidade de Roma. E onde foram tantos templos dedicados aos Jdolos vãos E falsos, aguora hee feita maior gloria do monte

aventino polla verdadeira Religião de hum soo deus. E espeçialmente por este nobre templo de santa priça, o qual meritamente per dinidade prisco, scilicet, antigo, chamar se pode por que o glorioso pedro neste luguar abitou quando em Roma preguaua aos pouos, E ao grão deus sacrificaua purificando E lauando os homens que primeiramente eram enganados do falso error. o qual templo muito tempo despois nam sendo nunca Repairado cahio. E o papa calisto terceiro ho Reedificou na mesma beleza de que dantes era. E por nam faltar em cousa nenhuma de sua aJuda, lhe conçeдео grandissimas perdoanças.

A quarta feira de treuas hee estação na JgreJa de santa maria maior. E hee Indulgençia de xxbiij mil anos E outras tantas coresmas. E alem disto hee Indulgençia plenaria de todolos pecados.

A quinta feira da çea hee estação na JgreJa de são João de latrão. E hee Indulgençia de doze mil anos, corenta E oito corentenas, E alem disto duas vezes Indulgençia plenaria de todolos pecados.

A sexta feira dendoenças hee estação na JgreJa de santa crus, em Jerusalem. E hee Indulgençia plenaria de todolos pecados E outras Jnfinitas Indulgençias.

Ao sabado vespora de pascoa hee estação na JgreJa de sam João de latrão. E hee Indulgençia de xij mil anos E Rbiij corentenas E mais Indulgençia plenaria de todolos pecados.

No dia de pascoa hee estação na JgreJa de santa maria maior E hee Indulgençia de xxbiij mil anos E outras tantas coresmas. E mais Indulgençia plenaria de todolos pecados.

fl. 199v A segunda feira das outauas hee estação na JgreJa de sam pedro. E sam xxbiij mil anos de Indulgençia E outras tantas coresmas. E mais Indulgençia plenaria de todolos pecados. //

A terça feira hee estação na JgreJa de são paulo. E hee Indulgençia de xb mil anos E xbiij corentenas E hee Indulgençia plenaria.

A quarta feira hee estação na JgreJa de são Lourenço fora dos muros E hee Indulgençia de xbiij mil anos, E outras tantas coresmas. Jtem se tira huma alma do purgatorio.

A quinta feira hee estação na JgreJa de santo apostolo. E hee Indulgençia de xb mil anos. E mais Indulgençia plenaria de todolos pecados.

A sexta feira hee estação na JgreJa de santa maria Redonda E são xb mil anos de Indulgençia. da grandeza desta JgreJa haa muito que dizer, da qual escreuerei quando falar nos notauees edificios de Roma.

Ao sabado hee estação na JgreJa de são João de latram. E hee Indulgençia de xb mil anos. Jtem Indulgençia E Remissão da terça parte de todolos pecados. Jtem duas vezes hee plenaria Indulgençia.

Ao domingo da outaua da pascoa que se diz do vulguo pascoella, hee estação na JgreJa de são pancraçio. E hee Indulgençia de xb mil anos. Jtem duas vezes plenaria Indulgençia de todolos pecados [...] esta JgreJa hee na Região de transtibre fora da porta aurea que se aguora commummente chama a porta de sam pancraçio que hee a via de çiuita velha a qual hee adornada dos mais Resplandeçentes E fermosos porfidos que haa em Roma. ca assi se vem nelles os que andão polla JgreJa, ou os que se acheguem a elles como em hum Respleçente arnes de milão. são nella muitos corpos santos. principalmente debaixo do altar moor Repousa o corpo de sam pancraçio bispo E martir. E debaixo do altar que hee na cabeça da JgreJa estaa o corpo de sam pancraçio caualeiro E martir. E da mão direita estaa o corpo de são vitor. E por este santissimo corpo se chamou Ja esta JgreJa de são vitor E pancraçio. debaixo do altar que hee no meo da JgreJa são os corpos dos santos martires malcho E madiano, E o corpo de santa guoteria virgem. debaixo desta JgreJa hee o nobre çimiterio de caleopodeo presbitero E martir no qual çimiterio hee o sepulcro de sam calisto papa E martir onde seu corpo esteue muitos anos. E depois foi tres // ladado a santa maria em transtibre, onde aJnda os coniguos todolos dias fazem commemoração delle. Junto desta JgreJa de santa maria, scilicet, contra a porta por tese hee a JgreJa de sam calisto. por quanto como tenho dito, a dita JgreJa de santa maria foi edificada do mesmo papa calisto. são Jssso mesmo na sobredita JgreJa de são pancraçio muitas outras Reliquias E corpos de santos martires, virgens E confessores. os quaes corpos ou çinza delles se podem ver E tocar mas em nenhuma maneira transportar, por que hee vedado sob pena de excomunhão papal, sem expressa liçença do sumo pontiçe. E o mesmo se entende em todolos outros corpos santos, E Reliquias como tenho dito de Roma. aqui se acabam as estações da coesma em que as Romanas como tenho dito tem liçença de sahir de suas casas. E nesta vltima estação se aJunta grande multidão de gentis molheres, E de homens onde Ja se achão danças E festas çelebrando a pascoa. aguora tornarei a minha estoria.

fl. 200r

Capitulo do tempo que tristão da cunha esteue em
Roma. E dos convites E honrras que lhe foram feitas.

Neste tempo da coesma esteue tristão da cunha em Roma E foi visitado do manifico Julião E do manifico lourenço, E doutros muitos senhores. E nesta coesma foi visitado do cardeal santa cruz, E dagustim nichi. E o banquete foi em hum Jardim que tem em transtibre a beira do Rio, em humas casas tam singulares que são bem mereçedoras da Ribeira de lixboa. o banquete foi dos comprimentos que nelles acostumam. E em cabo do Jantar se Representou huma comedia em louvor del Rey de portugual, de muitas gentilezas com todolos Reis que lhe são soJeitos E tributarios. sua estada foi em Roma tres meses, por que foi neçessario mandar a el Rei avisos dos negoçios a que viera, E esperar de sua alteza Reposta. no qual tempo lhe foi dada a Rosa pera el Rei. E foram conçedidas do papa a el Rei no habito de Jesu christo as terças de totalas JgreJas de portugual, E todolos mosteiros nom sendo consistoreaes, que os podesse dar a caualeiros com o dito abito de christo sendo solteiros E casados. em dia de pascoa disse o papa missa com os sobreditos ornamentos que lhe el Rei mandou e por que as almaticas erão mui grandes E pesadas foram diacono E subdiacono o cardeal de sena E o cardeal sam seuerino, // por serem ambos de grandes corpos. E o papa era Jssso mesmo de grande corpo mui bem desposto. E o Rostro

fl. 200v

era grande e guordo, o nariz grande E os olhos grandes E deitados pera fora. E tam curto de vista que trazia sempre na mão hum oculo cristalino composto per tal arte que pondo o diante de hum olho, via com elle todas as cousas perfeitamente assi nas caças que muito husaua como em todalas outras cousas. E por ser assi curto da vista era chamado çeguo. este oculo era grosso E de maior grandeza que os dos narizes. tendo tristão da cunha os neguócios acabados como compria a seruiço del Rei partiosse de Roma na fim de maio. E atee embarcar suas cousas foram prosperas.

Como o nunçio que el Rei pedio ao papa pera dar
execução a suas bulas, se partio pera
portugual, E de sua tornada.

fl. 201r
Conçedidas as sobreditas graças a el Rei, pedio sua alteza ao papa nunçio pera hir a portugual dar as bulas de sua santidade a execução. tinha o cardeal santiquatro¹¹⁵ hum sobrinho que fora frade da moderna Regra do beato françisco de paula. E deixara o abito, nom podendo sofrer a estreita vida da ordem, por que em todo ano nom comem carne. E por que as cousas del Rei prinçipalmente passauão polas mãos do quardeal santiquatro, quis dar a este seu sobrinho este arbitre de nunçio pollas merçes que esperaua que lhe el Rei fizesse. E tanto que tristão da cunha embarcou em çiuuita velha onde o esperou a nao em que viera, o nunçio se partio per terra, o qual despois de tornado nam abonaua as cousas de portugual segundo as merçes que lhe foram feitas E grandes honrras. E chegando a florença onde naquelle tempo era ido o papa, publicamente dizia aa mesa de sua santidade E dos cardeaes que antes queria ser escauro em Jtalia, que senhor em portugual. antes de sua partida alguns portugueses sisudos que erão praticos nas cousas de Roma E sabiam as de portugual, estranhavam muito a sua alteza quando se dizia que consentira hir de Roma homem estranJeiro a seu Reino com taes poderes a descobrir os segredos delle. naquelle tempo tinham em Jtalia pollo Reino mais Rico, E Rei mais pode // roso em diuersas partes do mundo, dizendo que abastara pera dar execução As bulas do papa hum dos portugueses estante em Roma, ou qualquer pobre Religioso de seu Reino que sua alteza teuera por bem [...] nom diziam sem causa os portugueses estas cousas E el Rei ter confiança de cada hum que o seruiriam mais fielmente que nenhum estranJeiro pois claramente se vee que outra nenhuma nação de Jentes hee tão fiel a seu Rei E A patria como nos. nem nação que com tanto amor sirua seus senhores. nem Rei, E senhores que tanto amem E fação por seus vassalos. E destas praticas avia muitas diante cardeaes E grandes senhores, sendo alguns castelhanos E portugueses presentes, altrecando porfias de Rexa antiga, aleguando os portugueses feitos passados E presentes de tantas vitorias E boas venturas a que os castelhanos nam têm Reposta. E que Jsto pareça a vossa senhoria fora de estilo, ho escreuo por que passaua assi em verdade. Isto se aleguaua dos feitos que os fidalguos E caualeiros faziam haa quatro dias, acustumando tomar por força darmas as mui grandes çidades aos mouros em africa com a lança no punho vestindo caçotes destopa E arneses em çima sem saber algarismo, sem mercadeJar, sem desonestas onzenas E deseJos de acquirir fazendas alcançadas per

¹¹⁵ Lorenzo Pucci (1458-1531), nobre florentino tornado cardeal em 1513 por Leão X, que o tomou como secretário pessoal. Assumiu o título de *Santi Quattro Coronati*.

husurarios E desonestos titolos, sem se chamarem fidalguos nam ho sendo, sem leuarem com vaidade cadeiras despaldas As JgreJas E A capela del Rei, sem aver quem acuda a tanta desordem, sem trazerem publico Rabões sem merçe, lançandosse dos escudeiros acostumados pollos velhos passados com que se faziam as sobreditas cousas, viuendo no presente tempo em suas casas com grossas Rendas E pobre despesa de familia de moços E com grande abastança de viços pera suas pessoas, E de suas molheres, de delicados manJares, de perfumes, E estrados vãos com presunções tam altuias que cuidão dum que tem huma dra[c]ma de peso de mereçimento mais que outro, se haa por desonrrado falarlhe em lugar publico. E o que menos val se tem por melhor husando das sobreditas sandiçes E desonestidades. E por que eu senhor vy todos estes costumes husarense nessa corte no presente tempo com pena grande as escreuo sendo forçado escreuelas. por que veJo totalas cousas boas que nella se acostumauam sendo eu moço seruindo vossa senhoria, tornadas tam ao Reues que pera serem tam manifestas lhes hee neçessario publico coRegimento E emmenda se lha dar quiserem. //

fl. 201v

Como el Rei luis de frança moReo.

Neste tempo moReo el Rei luis de frança emfeliçe, segundo muitos diziam de noJo E paixão grande por suas cousas nam socçederem prosperas, antes muito ao contrario de seu deseJo. por que avia perdido napole E milão E todo quanto tinha em Jtalia com grandes mortes E perdas de suas Jentes. E por que nam tinha filho Reinou despois delle françisco anglim dalfim de frança, o qual no começo de seu Reinado passou em Jtalia com grande exercito E Requestou o ducado de milão como ao diante se diraa.

Como o papa se foi a florença.

DeseJando o papa mostrarse A patria, Jaa summo pontifiçe, se foi aquelle verão vindoiro a florença, onde foy grandemente Reçebido. E por elle ser o primeiro pontifico florentim, pera Jmmortal memoria lhe começaram fazer hum arco triunfal, Jmitando aos de Roma, mas a despesa muita E o desassesseguo das guerras que se seguiram nam deram lugar a se acabar ataa o tempo que eu parti de Roma que foi dahi a quatro anos [.]. E nam fez sua santidade muita demora em florença, por que os negoçios que sobreuieram ho fizeram loguo hir pera Roma.

Como os perlados E clerizia de portugal,
mandaram seus procuradores a Roma sobre
as terças das JgreJas E moesteiros que o papa
conçedera a el Rei pera comendadores.

Tanto que tristão da cunha foi em portugal, E se manifestaram as grandes graças que o papa conçedera a el Rei, os perlados E toda a clerizia se congreguaram, cada huns em sua dioçesi. E avendo todolos do Reino conselho do que deuiam fazer, acordaram maandar procuradores a Roma pera se anularem embarguando a execução dellas. E prinçipalmente foram de quatro perlazias descubertos procuradores. diguo descubertos por que alguns ouve

que por comprazer a el Rei, fingiram nam entender nisso, scilicet, de bragua foi o coniguo françisco fernandez, E de lixboa o protonotairo João fernandez, E o coniguo João amado, E de coimbra os coniguos mannel de figueiredo, E João baixo, E de lameguo o coniguo pedro lopez. E todos estes aviam estado muito tempo em Roma, E sabiam bem a pratica da corte. E alguns erão criados do cardeal de portugal, os quaes tanto que chegaram a Roma, tomaram por valedor ao cardeal de bolonha chamado archilis, E por sobrenome grasis, o qual fora capelão do cardeal de portugal que ho fez // auditor da Rota. E o papa Jullio por seus mereçimentos E letras ho fez cardeal, em bolonha como Ja dito hee. E Recordandosse da criação E honrra que Reçebera do cardeal de portugal (que ho fez auditor da Rota) tinha naturalmente grande amor aos portugueses principalmente aos parentes E familiares do dito cardeal os quaes aguasalhaua em sua casa E os fauoreçia muito. E a esta causa os procuradores se encomendaram a elle. E tomando caReguo delles prinçipalmente por lho pedir assi dom martinho arçebispo de lixboa Jrmão do cardeal, os quaes apresentou ao papa E fez que sua santidade os ouvio E assi os cardeaes. E posto em tal fio o negoçio que as Rezões dos procuradores eram ouvidas em totalas partes. E antre muitas cousas que aleguauam, diziam que era forte cousa conçeder Sua Santidade a el Rei a terça parte da Renda dos benefiços de todo portugal que os cleriguos tinham E possuiam em suas vidas, de que Sua Santidade E seus antecessores tinhão leuado de composições, confirmações, E bulas, grandissima soma de cruzados. E que aguora de nouo dessem as terças das ditas JgreJas a cavaleiros E homens leiguos que estiuesses com elles A Repartição dos dizimos. dauão o papa E cardeaes em Reposta que estas terças nam foram conçedidas por mais tempo que em quanto el Rei tomasse ho Reino de feez. Respondiam os procuradores que aJnda que toda a espanha se aJuntasse, nom eram todolos moradores della poderosos pera conquistar ho Reino de feez em muitos anos. E que sendo caso que ho tomassem, muito menos poderosos eram pera o pouoar E sustentar sendo os cristãos Repartidos em diversas pouoações, a tanta multidão de alarues que habitam pollos campos E desertos. assi que era forçado ficarem as terças pera sempre. era contra elles o doutor João de faria, que ficou com titulo de embaixador despois de partido tristão da cunha. mas o cardeal graxis os fauoreçia E punha adiante quanto podia. E nam hee duuida que despois que estes procuradores enformaram aos cardeaes E outros senhores, que muito çessaram as praticas do louuor das cousas de portugal, que dantes tam açesas E sublimadas E continuas erão. a lide era antre elles mui trauada. o embaixador trabalhaua por conseruar ho alcançado, E os cleriguos pollo anular. E nam faleçiam dambalas partes agudas E honestas Rezões E conselhos de exçelentissimos letrados E quando mais se estas perfias afinauam, el Rei atalhou a Jssso avendo por seu seruiço alargar as terças das JgreJas, E tambem os mosteiros que lhe eram conçedidos pera em comendas. E Jsto feito Sua Santidade lhe tornou a conçeder tantas JgreJas pera comendadores que montassem vinte mil cruzados de Renda, vaguando per obito dos que as possuiam. das quaes JgreJas el Rei mandou tomar posse per todo o Reino, scilicet, das que mais Rendiam, contando segundo valor de seus aRendamentos, dando a cada hum viguairo ou // Reitor çerta Renda apartada com que a curasse. E vaguando ficasse pera sempre comenda da ordem de christus, E el Rei a desse a seus comendadores. os perlados E clerezia tiueram por bem de fazer seruiço a sua alteza de çento E çincoenta E tres mil cruzados paguos em tres annos de suas Rendas pera aJuda dos guastos que tinha feitos.

E Alem disto conçeдео Sua Santidade a sua alteza cruzada contra mouros de grandissimas Indulgências E priuilegios.

Da embaixada E obediência que el Rei
de polonia mandou ao papa.

Neste tempo chegaram a Roma embaixadores del Rei de polonia, a dar obediência ao papa. os príncipaes eram hum nobre de seu Reino, E huum bispo mui honrrado E de grande grauidade. traziam vinte de caualo vestidos ao seu costume de estreitas Roupas. dous príncipaes traziam grossas cadeas douro de fuzijs sem nenhum primor que deçiam do ombro por debaixo do braço, E tornauam dar volta sobre os peitos. E se nam erão contrafeitos como as mais vezes se acostumam em semelhantes tempos, nom deçião cada hum delles de mil E b^o cruzados. os escudeiros eram vestidos tam onestos que esta embaixada foi sumida da de portugual como pequeno Reguato em grão Rio. dada sua obediência os leiguos se foram pera polonia, E o bispo ficou Residente em curia, o qual vendo que o papa conçedera as JgreJas de portugual a el Rei no abito de christus pera os caualeiros fazerem guerra aos mouros em africa [,] posto que era perlado, por fazer o que a seu ofiçio E carguo tocava, escreueo a el Rei dandolhe conta disso, E que deuia pedir as de seu Reino pera os seus caualeiros, pois a elle conuinha com mais Justa causa pedir a dita graça pois tinha os Jmiguos As portas demarcando E confinando com elles, E el Rei de portugual os hia buscar Alem do mar. Respondeolhe el Rei que hum Rei dos seus antepassados hindo com grande oste contra os tartaros fora delles vençido E desbaratado, morrendo de seu exerçito mais de trinta mill guerreiros. E que elle escapara E viera a seu Reino çingido de cordas desparto, E que cria que toda esta maa ventura lhe viera por que metera as mãos nos tesouros da JgreJa de que de seus ornamentos leuara muita prata E ouro. E em satisfação destes tesouros mandara fazer as mais príncipaes JgreJas que aguora avia em seu Reino. E que dahi em diante, sempre a guerra se mantiuera contra os Jnfiees avendo contra elles muitas vitorias sem outro algum Rei seu antecessor meter mais a mão nas cousas da JgreJa. E que assi esperaua elle que nosso senhor o aJudaria sempre E aos que despois d'elle viessem. foi esta Reposta sabida per toda a corte E mui louvada de todos. //

fl. 203r

Como o cardeal destriguonia se partio pera
vngria. E como os vnguaros se aleuantaram
contra seu Rey.

O cardeal destriguonia se partio neste tempo pera vngria com poderes de leguado alatere, E bula de cruzada contra turcos, a qual se preeguou. E el Rei despois de ter o dinheiro que se della ouve em sua mão, fez paz com os turcos por çertos anos. E escandalizado o pouo de çessar a guerra contra os Jnfiees, E Reter el Rei o dinheiro da cruzada, se aleuantaram contra elle, dizendo que fizesse loguo a guerra, ou posesse ho dinheiro em mãos de quem elles ordenassem. foi esta contenda tanto avante que a guerra se começou antre elles tam braua que o pouo ençaRou el Rei em huma çidade. E diziasse que empalaram hum grande perlado enviado a elles pollo leguado pera os apaçificar com el Rei. E que traziam capitão geral, a que obedeçiam como a Rei. E estando assi el Rei em tam extrema neçessidade

escreueo ao papa dandolhe conta de sua fortuna pedindolhe que mandasse por Remedio nisto E sua santidade mandou nunçios que os poseram em paz.

Da morte de madona milia
esposa do senhor de pombrino.

Neste verão se finou madona milia sobrinha do papa filha da senhora condesinha sua Jrmãa, a qual era per seus embaixadores esposada com o senhor de pombrino o qual hee gram senhor de Renda E mui gentil homem de sua pessoa E desposição de corpo. E a esposa tambem fermosa E gentil dama, com a qual eu tinha muita familiaridade, E com a senhora sua mãj. E per suas mortes perdi muitas esperanças de merçes que me tinham prometidas, as quaes nam ouve por menos perda que as que esperaua do cardeal, se nosso senhor lhe dera vida, por que o mesmo amor tinha de sua Reuerendissima senhoria visto per promessas E merçes que delle Reçebi. a morte desta senhora se causou da vinda de seu esposo a Roma, por que o papa os quis Reçeber E dar o anel, segundo husança de Jtalia. E çearam ambos A mesa com Sua Santidade comendo Juntos o manifico Julião com totalas outras Jrmãas E parentes que foi cousa nom acostumada dos papas por ser a çea publica E de tantos festeJada E de Jograes como voda. ãs Jguarias muitas, as muitas maneiras de musicas causaram muita detença. E a esposada era de desposição E Jdade delicada, os vestidos de borcado de pelo, E as muitas Joias eram pezadas. o tempo era de grandissima calma, assi que a tam Jentil E tam honrrada E festeJada noiua contra todo ordem de çerimonia apostolica se partio dali com febre pequeno daquelles que nam dão vida em Roma. E peJorando cada dia nam lhe valeram os grandes Remedios per sua saude buscados com tanta diligência que segundo ella mesma me disse lhe dauão perlas E pedras preçiosas // com outras semsaborias E vaidades pera lhe dar vida. E em cabo de corenta dias, que a nosso senhor aproue de a leuar lhe deu sua alma. E nos vestidos das vodas coroadas de loureiro em sinal de virgindade com o Rosto descuberto segundo a husança de Roma foi leuada de belueder a Roma ao mosteiro de sancto agustinho. E foi posta em hum deposito, scilicet, sepultura de ladrilho sobre a terra segundo o costume dos Romanos, pera dali seus ossos serem leuados E postos em suas acostumadas sepulturas na capella de sancta monica, onde Jaz o seu santissimo corpo, em huma solene sepultura de marmor x sobre o qual deposito pintaram, hum menino nuu, com a cabeça sobre a mão que mostraua parecer morto. E per çima delle hum Rotulo que dizia sicut fumus et vmbra.

fl. 203v

Como casou o manifico Juliam,
com a Jrmãa do duque de saboya.

Tratauasse do manifico Julião com a Jrmãa do duque de saboya. E muito se afirmava que o papa dera ao duque em partido duzentos mil cruzados pera desempenhar hum estado que por aquelle dinheiro tinha apenhado. E em quanto os tratos andauam no terceiro ano de seu pontificado em dia de são pedro que foi na era de 1515 foi dado na JgreJa de sam pedro o bastão de capitão da JgreJa ao dito manifico Juliam dizendosse missa papal, a qual foi cometida ao cardeal sam Jorge. E elle em presença de todos os cardeaes lhe deu ho bastão. o papa nam foi presente por que a senhora condesinha estaua em passo de morte, E por

que estas bem aventuras do mundo alcançadas per sorte em tam breue tempo como as destes mediçis foram, nom se guostassem sem amargura. na mesma ora que se esta tam grande honrra daua ao manifico, o papa E elle tinhão os coraçõs affligidos com grande desconsolação, por que naquelle mesmo ponto que se o ofiçio acabou, a senhora condessinha deu sua alma a deus sendo de Jdade de corenta anos. acabado o ofiçio sahio o manifico da JgreJa acompanhado de todos os senhores E grandes homens que se então acharam em Roma, assi de coluneses como orsinos E muita outra Jente Ricamente vestida. diante delle hiam duas bandeiras, scilicet, a bandeira da JgreJa que leuaua o senhor de pombrino em suas proprias mãos, E a das armas dos mediçis que leuaua hum grande senhor lombardo parente do duque de ferrara. E assi misturada tristura com alegria se foram pera Roma aas casas que sohiam ser do papa, sendo cardeal. este triste prinçipio de Juliam foi adeuinho do pouco tempo que logrou suas honrras. depois disto acabados os casamentos da Jrmã do duque de saboya, foi trazida a Roma sem ser Reçebida nem festejada com pompa alguma. vinha // com ella pouca companhia de françeses, onestamente ataiuada. trazia oito donzelas françesas fermosas moças, vestidas de seda com toucados A husança de frança. E ella Jssso mesmo era gentil molher, onesta em seus traços E graue em seu aspeito. nom esteue em Roma ano comprido, por que o manifico ha leuou pera florença, onde adoeço dahi a poucos dias de tal Jnfirmidade que se tolheo da çinta pera baixo. E assi sem se poder mouer de huma cama acabou seus dias. dizem que foi causa deste seu mal, tomar cousas da botica pera melhor contentar sua molher. era homem que a todos dizia si, nam o comprindo de maneira que nelle se compria o comum Rifão Jtaliano, bona parolla E triste facto. sua molher se foi de florença pera sua terra sem aver filho, pouco contente do papa E dos Jrmãos E parentes do marido segundo a voz do pouo. E taes são as mudanças deste siglo que aquelles que tam pobres E miserauees erão subiram a estado que poderam menosprezar huma Jlustrissima senhoria.

fl. 204r

Como gurgensis tornou a Roma em abito de cardeal.

Neste tempo tornou gurgensis a Roma em abito de cardeal, E deu obediência ao papa pollo emperador. veo bem acompanhado, E os seus chãamente vestidos nam muito finos. esteue em Roma alguns meses, E tornou-se pera alemanha.

Dos que deram a obediência ao papa.

Os que neste tempo deram obediência ao papa foi o primeiro portugual, E florença, sena, saboia, o emperador, el Rei de polonia E o deRadeiro el Rei de frança per si mesmo em bolonha depois de tomar milão E o duque.

Das Riquezas que as cortezãs de Roma alcançam
E de suas artes E maneiras pera as aver.

Nam hee pera deixar descreuer ante as outras grandezas de Roma das Riquezas que alcançam as cortezãs, prinçipalmente com as nouas criações dos papas pollo grande aJuntamento dos grandes senhores que de totalas partes ocoRem. as que se atreuem tomar assento em

fl. 204v

Roma confiam de sua fermosura, E de feito são muito fermosas em demasia, E estudam Alem disto serem mui graçiosas E bem ensinadas, manhosas e arteiras pera contentar aos semelhantes E tirarlhes seus dinheiros das bolsas. E sem duuida sua pratica E saber hee tanto que onde convem amostrar alegria ou tristeza, a sabem fingir em tal modo que aos mais avisados E sabios enguanam E lhe leuam quanto tem [...] aos que claramente vem que as amam menosprezão E fazem mil // esquiuanças E se vendem por caro preço. E aos que as desamam fazem grandes fauores, amostrandosse por elles fingidamente mui perdidas. E depois de saberem certo que os tem enlaçados em seus amores, husam de seu ofiço, E acaba[n]do de os desbulhar de quanto tem fazem mostrança que nunca os viram. E assi os avoReçem como a homens torpes E engeitados. E Jsto acontece aos mais avisados. E desta dança se nam escusam tam altas dinidades que por honestidade as nam diguo. E aJnda embaixadores de Reis que pollas contentar dobram suas despesas, E outros muitos cortezãos pollas aprazer, sustentando seus estados E triunfos vendem seus ofiços apostolicos ou os apenhão pera nunca em suas vidas sahir de catiueiro. bem poderia dar exemplo em muito que vi muito honrrados E abastados, E a esta causa cahirem a ser de todo perdidos E quasi mendicantes. E avendoos assi Roubados E deitados a perder, lançam mão doutro, ou outros com o mesmo proposito. E Jsto lhes dura em quanto são moças ataa Jdade de vinte anos. E passado aquelle termo começando sua fermosura desfalecer, as mais empobreçem E dão consiguio nos espritaes. ca por sustentar Reputação, tem casas de L^{ia} cruzados E di pera Riba ataa çem ducados daluguer em cada hum ano guarneçadas de tapeçarias, estrados, E camas de Rico aparato. E pera suas pessoas vestidos de muitas maneiras de borcados E todas maneiras de sedas segundo os tempos, scilicet, no verão damascos çatins, E tafetas, E no Jverno borcados E veludos E forros de muitas E desvairadas maneiras de pelles. E seruidores pouco neçessarios. as que confiando de si tendo perdida a frol da moçidade com que dantes apraziam E namorauam, vanse sostendo naquelles guastos atee guastarem em poucos anos o que em poucos guanharam, mas as que são praticas E sisudas compram casas E vinhas E metem seu dinheiro em tratos com que depois sustentam abastadamente suas velhiçes. direi a vossa senhoria ho que vi o ano que a Jrmã do duque de saboia esteue em Roma. em dia de corpo de deus a proçissão se faz muito çedo por Respeito das calmas serem mui grandes E periguosas em Roma naquelle tempo. o papa sahe de são pedro com o corpo de nosso senhor nas mãos, E vão pollo terreiro A Rua alexandrina, E chegando A praça que hee defronte das casas que tenho dito em que pousaua o cardeal daraguão faz a volta polla Rua dos martires E tornasse pera sam pedro onde çelebra missa solene. estas

fl. 205r

Ruas sam Repartidas antre os cardeaes // pera as mandarem apartamentar de suas tapeçarias. E hee cousa fermosa de ver tanta avondança de Ricos E diuersas estorias de panos. primeiramente sahem diante quantos frades haa em Roma, que sam de muitas ordens, E muitos em demasia, E depois as parrochias que sam muitas e de muitos cleriguos, E atras os coniguos das JgreJas prinçipaes, scilicet, são João de latram, sam pedro, santa maria maior, sancta maria transtiberina, sancta maria Redonda, que são por todos grande numero de cleriguos. depois sahe o papa. E primeiramente vão diante de Sua Santidade todolos ofiçiaes apostolicos com tochas de çera branca nas mãos. E se alguns tem dous, tres, quatro, ou mais ofiços apostolicos como muitos tem, leua tantas tochas como tem ofiços, E huma soo açesa, E as outras no braço esquerdo. Esta çera daa a camara apostolica naquelle dia, E de nossa senhora das candeas, E em outras semelhantes festas. atras vem os patriarchas,

arçebispos E bispos. E depois os cardeaes os quaes trazem suas tochas guarneçadas de maçenaria de sutil madeira dourada das envenções que a cada hum mais apraz. E atras do papa todolos embaixadores dos Reis, E os grandes senhores seglares que sam presentes em curia. E como Ja tenho dito todos vão em seus ordenados luguares pollo mestre das çerimonias. naquelle dia grande multidão de Romanas vem A proçissão pera ganhar os perdões. E assentanse de hum E da outra parte das Ruas que são anchas, principalmente a Rua alexandrina que tem quinze passos de larguo. E a proçissão passa com tanta ordenança que nenhum empacho lhes dão. as genelas das casas se alugam pera as cortesãs por moor preço do que custaram a fazer, ca muitas vem ali aquelle dia por serem vistas mui ornadas dos mais Ricos vestidos E Joias que tem [...] era guovernador de Roma hum bispo saboiano muito honrrada pessoa, o qual hia guovernando a proçissão pondo grandes penas As cortesãs que estauão nas Janellas cubertas de borcado E sedas, que se Recolhessem As casas quando o papa passasse. acabada a proçissão sahio a manifica com suas donzelas em gentis facas da casa do cardeal daraguão vestidas de borcado ao huso françes, E suas damas de damasco pardilho E os toucados de veludo negro guarneçidos douro. os gentis homens que estauão nas Ruas oulhando os que passauam louuaram muito a senhora E as donzelas. E falando nisto sahiram de hum casa duas cortesãs vestidas de borcado de pello com colares E Joias douro E // toucados, E todalas cousas que Respondiam humas com as outras, E ambas tam fermosas que ficamos espantados de tal cousa, por que nam erão estas das mais estimadas. E a manifica çertamente nam hia tam Rica. soubemos depois que dous seus namorados lhe deram aquilo, E posto que erão homens de Renda, nam erão de qualidade pera serem tam liberaes a molheres assi geraes. com as de grande Reputação se fazem de contino grandes guastos, mormente no tempo das mascaras como Ja tenho dito. E muitos por estas despesas tam mal empreguadas são deitados em pobreza. afirmauasse naquelle tempo aver em Roma mais de çinco mil cortesãs muitas dellas erão festeJadas coRendo diante de suas portas touros. E coRendo Jssso mesmo a arguola. E ellas estão em suas Janelas com Joias que dão aos que melhor sorte fazem, que lhes dão seus namorados. tanta hee esta sobegidão destas vaidades E guastos tam sem fruto que se nam podem escrever por que Roma hee pouoada de Requissima Jente que podem a tudo suprir. E contudo contarei dalgumas que foram fauorecidas E estimadas no tempo que estiue em Roma. hum chamada albina tanto Jentil E graçiosa que dom Rodrigo Jrmão do duque dalua grandemente ha festeJou guastando com ella muitos ducados quando foi por embaixador da obediência que el Rei dom fernando de castela mandou ao papa Jullio. E tambem meteo assaz mão nas Rendas do arçebispo de napole E doutros grandes senhores. tinha tres Jrmãos homens donrra, os quaes nam na podendo trazer a Regra de honesto viuer, hum delles determinando de a matar lhe deu peçonha da qual se Remediu em continente. E depois por aprazer aos Jrmãos se casou duas vezes. E o primeiro marido matou com peçonha na çidade de ferrara por tornar a seus acostumados deleites. E o segundo a Roubou dandolhe hum fea cutilada pollo Rosto. E nisto pararam seus triunfos. foi Jmperia, de muito maior Reputação que deitou a perder muitos Ricos homens com sua fermosura. E em fim hum bispo lhe mandou fazer hum sepultura mereçedora de hum nobre pessoa em sangue E gloria, onde se mandou enterrar ao tempo de sua morte. esta atee fim teue vida abastada E foi muito estimada. foi Jssso mesmo luisa, a qual aRependida de seus pecados se foi a Jerusalem, E leuou dous escudeiros E hum capelão E duas molheres pera a seruirem E acompanharem.

fl. 205v

fl. 206r E segundo depois ouvi dizer tornando de sua Romaria moReo em Rodas como santa molher. Roguando em Jerusalem a nosso senhor diante de seu santo sepulcro, que se ella avia // de tornar a pecar como atee li fizera, tiuesse por bem de a leuar pera si em quanto estaua em estado de graça. E a nosso senhor aprouve de a ouvir. E tornando pera Roma como dito hee, moReo em Rodas. outra chamada dina esbulhou hum Jrmão desteuão vaz que fora feitor del Rei de portugual na Jndia, E depois em frandes. E nam dando de si bom Recado se foi de frandes a Roma com boa copia de cruzados. E em ginetes E banquetes E dadiuas mui grossas a esta namorada em espaço de seis meses despendeo quanto tinha, a qual o engeitou desque ho vio assi parado. E elle se foi ao cairo, onde no princípio foi do grão soldão mui estimado E honrrado. E foi feito seu capitão moor de suas armadas pera passar A Jndia contra el Rei de portugual, por que como ladrão de casa ho achaua o soldão em quanto lhe dizia mui çerto. mas deus nam consentindo seu mao proposito hir avante foi mexericado de tal maneira que perdido o credito E graça do grão soldão aRenegou a fee de nosso senhor Jesu christo, E moReo no cairo mal aventuradamente de boubas. de muitas se podia escreuer que deRibaram E empobreçeram muitos honrrados homens, as quaes neste tempo eram triunfantes E mui Ricas. E se afirmaua ser as que luçio luculo fez leuar a Roma com tam sobeJos guastos por aquelles mui grandes E altissimos canos que se aJnda oJe amostram dentro, E fora da çidade contra aquella parte.

aqui falta¹¹⁶

A çea foi loguo prestes. aquelles senhores nos seruiyam A mesa com os prazeres que elles procuram E acostumam tomar. E nom perdem por Jssso seu valor E credito, como os de portugual fanteziam que fazem o que elles melhor E com mais grauidade E autoridade sabem Representar (nos tempos neçessarios) que nenhuma outra nação de Jentes. a ospeda foi aguasalhada sem companhia em huma camara E cama de campo, nom segundo o lugar mas como em Roma. o dia seguinte caualguou com todos aquelles senhores em habito domem com vestidos de seda a caçar estarnotes. E esta vida passaram alguns dias sendo sempre mui festejada. nam hee pera esquecer madalena por sobrenome vincula, francesa natural davinhão. esta era molher casada, E seu patrimonio valia em cada hum ano mais de quinhentos ducados. tinha o papa Jullio hum sobrinho cardeal homem manço E viço chanceler cuJo titulo era sam pedro avincula, ho qual mandou por leguado avinhão. sendo esta madalena molher de mui Jentil parecer Rica E palençiana, o cardeal se namorou della em tal maneira que a tomou ao marido, E a leuou a Roma E a teue tam honrrada E tam estimada que nam sahia de seu querer E conselho. o papa tinha tanto amor a este sobrinho

fl. 206v que se guovernaua // por elle, assi que a voz comum era que o cardeal guovernaua ao papa. E guovernando madalena ao cardeal guovernaua Roma. quando caualguaua se tinha por muito avantaJado o que ella fauoreçia sendo delle acompanhada. E moRendo o cardeal ficoulhe o sobrenome de vincula, E muita Riqueza, assi de dinheiro como tapeçarias E ornamentos Ricos, de camas E cousas de casa. tanto se deleitaua em Jugar que muitos mo afirmaram E ella mo disse depois, que perdera em huma noite aos dados seteçentos ducados. E continuamente avia em sua casa mesa de Jogos de diuersos estados de homens

¹¹⁶ Texto truncado (segunda falha no relato).

que ali hiam, huns pera a namorar, outros pera a Roubar. E veo depois esta tam estimada molher a ser cortesam de maior estima de totalas outras em totalas maneiras de gustos. E em fim cobrou em penitência de seus pecados boubas. E com as curas anteçipadas ficou dos azougues tal que a cabeça lhe tremia E as mãos em tal maneira que nam era poderosa de beber huma taça de vinho sem se entornar, E tam magra que era cousa despanto. E com tudo Jsto tam soberba que estando assi comprou hum leito de cortinas de bocardelo de que se bem podia honrrar hum grande senhor. E nam ouso dizer a soma dos cruzados que me afirmaram que custara. sua [sic]¹¹⁷ fim era andar buscando polas casas alheas com quem Juguasse. velha, fea, doente, pobre E mui desestimada. E o marido em posse de toda a fazenda davinhão, E ella perdida toda sua direita parte. muito me encolho polla onestidade da Religião christã. ca muito poderia dizer segundo os mui grandes desmandos de todolos estados. destes aqueçimentos haa muitos, E todos os mais A custa do patrimonio de cristo. a elle aprouvesse que estes males escusassem outros nefandos E pestelençiaes que de toda Jtalia hee iscada E mui coRuta. pera Repairo das almas prinçipalmente despois das pessoas se ordenou neste tempo hum moesteiro chamados das convertidas em que totalas cortesãs que se quisessem nelle meter pera seruir a deus fossem Reçebidas – danlhe totalas cousas neçessarias. E ellas per autoridade do papa entrauam naquella ordem perdoadas E absoltas per Sua Santidade de todolos seus pecados. E quantos vestidos, Joyas E dinheiro tinhão leuauão consiguio E ho dauão ao moesteiro pera comum despesa de todas. E estas cousas dauão E ficauão ao moesteiro depois de fazerem profissão. E as que se antes da profissão aRependião lhes tornauão todo o seu, E as mandauam em paz. muitas deixando o mundo se meteram neste mosteiro. E nam hee de duuidar fazerem santa vida, pois aviam trilhado o mundo E tinhão de suas maldades E trabalhos tanta esperiência. E serem ao menos semelhantes a eluira nossa natural portuguesa que eu conheçi sendo moço em lixboa, mui fermosa e gentil molher que // habitaua no luguar publico com as publicas pecadoras. fl. 207r

E despois ha vi em Roma descalça, vestida de burel E çilição, E com a penitência a mais disforme cousa do mundo. E perseuerando neste santo ofiço, se foi a assiz E se empardeou fazendo tam estreita vida que de todo o pouo era tida por santissima molher. pera Vossa Senhoria ver alguma parte dos grandes aconteçimentos que nos casos damor aconteçem em Roma ponho este seguinte enxerido neste capitulo por ser todo de huma calidade em seus fins, como o de valdes, como atras tenho escrito. quando o papa Jullio teue a guerra primeira de bolonha de que hei contado aconteço em Roma que sendo huum manço Romano de geração nobre namorado de huma veua Romana de menos calidade que elle, a viuua deseJando avelo por marido, leuou com elle a maneira das cortesãs, husando de totalas artes E deleites apraziuees ao manço. E em tal maneira ho enlaçou que o pobre manço era obediente, E subJeito a todo seu mandado E querer. E sendo mui manifesto a seu pai E parentes temendo que a tomasse por molher ho casaram mui contra sua vontade com huma mui fermosa moça filha doutro Romano seu Jgual em linhaJem, com grande dote de casamento. E pollo tirar do amor da viuua, lhe deram liberdade de aver loguo a esposa a seu prazer mas elle antes de ser esposado foi dar disso conta a sua amigua dizendolhe que seu pai E parentes ho queriam casar, se ho averia por bem. a qual menosprezando a elle E a sua pergunta lhe Respondeo com desdanho que fizesse ho que por bem tiuesse.

¹¹⁷ Leia-se *seu*.

E conversando o Romano com sua esposa, E tendo Ja posto nella o verdadeiro amor de marido, passaramse muitos dias que nam foi ver a namorada, a qual neste tempo Reinou pessima E nam husa da malícia E crueldade E mandou dizer ao manço que lhe fosse falar. perguntoulhe em ho vendo se era casado. Respondeolhe que si, por que ella lhe dera licença, a qual sem tardança ho ferio com huma adagua que tinha metida na mangua com aquella detriminação pollo coração que loguo cahio morto. E a cruel E desamorauel molher avendo cometido com ousadia diabolica tal crime, nam tardou muito em dar a ssi mesma, horriuel E cruel fim. ca acudindo algumas pessoas que a seruiam (que depois contaram ho desastrado caso) ficando pasmada de aver morto aquelle nobre manço, em presença delles se matou com a mesma adagua cahindo morta sobre o corpo morto. sabido Jsto do pai E dos parentes do manço os enterraram ambos em huma sepultura // sobre a qual foram postos os ditados em nome della:

fl. 207v

Si fra mortali amor a gran valore
 chi la prouato, il sa [?] ioloso bene
 liguato fuda lui daspre catene
 in obscura pregio min grande errere
 posçia continuando impare, ardore
 mera dolee il dolor li imense pene
 manu, stato el çiel nom sim atreue
 che piaçer fuil priçipio el fim dolore
 vendendo quel damor esset Rebelo
 per cui si ardeba, vendica inopo il uj,
 tonde, sequi velbina em um sa çello
 ille endi don soçidero ambe due
 vna cunlaçio el altra col coltelo
 si gram potença a amor sopra de nui. /

(B)

Ó gelosia da manti orribil freno
 che num punto mir volgi etien si forti
 Ó sore Radel impia, e cruda morte
 che com tua vista turbi il çiel serem
 Ó serpente nas costo in vnbel, seno
 deliti fiori che nue Jperança i morte
 tua prosperi soçessi adversa sorte
 trasoane biuande aspro veneno
 da qual vale Jnferral nel mondo uxiſt

Ó cruel monſtruo o peste di mortali
 che fay li Jorni si obſtruri s[?] tristi
 tornate in non aumentar tu ia male
 Jnfeliçe paura a que veniste
 or nomm bastaua amor con li soi astrali.

Como depois de morto o manifico Julião,
 fez o papa capitão da JgreJa o manifico
 lourenço seu sobrinho.

Tanto que o manifico Julião moReo, o papa fez confaloneiro da JgreJa ao manifico Lourenço seu sobrinho filho de hum seu Jrmão que moReo na guerra do gram capitão sendo da parte dos françeses, polla qual Rezão estes mediçis buscaram sempre todo mal dos espanhoes, nam se acordando que todos os estados E boas venturas a que erão subditos, lhes viera por el Rei de castela E seus gueReiros. E nom contente este Lourenço de ser de mui pobre escudeiro sendo somente aguasalhado do cardeal de sena, sobido a tam alto estado, tomou grandes empresas de prosperos começos a que deu sahida triste pera si, E pera os seus, por que moReram naquellas guerras mais de corenta mil homens da sua parte, E em fim o papa E elle perdidos guastando muitos milhares de cruzados.

Como a marquezia de mantua¹¹⁸ veio a Roma
E das festas E honrras que lhe foram feitas.

Jaa disse como o papa sendo cardeal, leguado do papa Jullio em bolonha E no exercito E preso na batalha de Reuena pellos franceses, E como lhes fugira, E assi desbaratado se acolheo a casa do marquez de mantua. E como o marquez vestio a elle E aos seus, E lhe deu dinheiro, E companhia descudeiros E clerigos que ho poseram em bolonha que Ja estaua pollo papa. depois // trazendo o deus ao summo pontificado, a marquezia molher do dito marquez veio a Roma pera negociar E assentar os feitos do marido, acompanhada de senhoras de titulos E outras Jentis donzelas. o papa ha Reçeebo E festejou grandemente todo o tempo que esteue em Roma. E por sua estada ser no tempo das mascaras se despenderam muitas sedas E bordados por seu seruiço E daquellas senhoras que com ella vinham, ca todas tinhão grandes senhores por seruidores que faziam grandes despesas Reçebendo onestos fauores. alguns, scilicet, çertos cardeaes mançebos E com elles dom antonio de çunhigua Irmão do duque de beJar que trazia demanda na Rota sobre o priolado de sam João de castela com o filho do duque dalua que era mai açeito ao papa [,] cardeaes E aos outros senhores E prinçipaes cortezãos de Roma [,] ordenaram hum Joguo de canas nas quaes os menos guastos foram as sedas de que todos hiam vestidos. E postos no terreiro diante da marquesa E de suas damas começaram seu Joguo o qual se pode dizer ser bem Joguo pera ver E amostrar naquelles o amor que vence todas cousas. ca vençidos dellas nam estranhauam as toucas E as mascaras hir tudo Junto ao chão com os encontros que se dauão. E elles humas vezes nos pescoços, outras nas ancas dos cavalos, as adarguas dauam mais causa a ser feridos das canas que se huns aos outros atirauam, que de os emparar dellas. E no cabo de sua festa nom se amostraram os melhores caualguadores da gineta de feez, mas di a poucos dias as faltas desta festa foram emmendadas em huma Real caça que o papa E estes cardeaes E muitos senhores fizeram em campo salino que hee duas leguas de Roma pollo tibre abaixo. este hee hum grande campo que de huma parte toca no Rio do tibre, E da outra hee çercado de monte em que haa muitos çeruos E corços por que aquello tem o papa coutado, sem nenhuma pessoa hir ali caçar, da qual caça os cardeaes E senhores de Roma nom tem neçessidade por que a todas partes da çidade se achão todos generos de munçias, de porcos, çeruos, corços, Raposos, E lebres. E coelhos monteses nam nos haa em toda a terra de Roma. E haa muitos mansos de muitas cores que se criam nas casas que se nam vendem pollo preço de villa viçosa. estas mundiçes tanto que vem o Inverno, E os pães sam crecidos deçem das serras asperas E frias ao chão a buscar de comer nos pães. E acolhense em matas espesas que haa polla campina donde os vão tyrar com baraços ou podenguos daquella Raça ou natura. os caçadores estão pollas aradas com seus gualguos a que chamam librees em grande multidão com que os correm E tomão. E tem Jssso mesmo outra maneira de caçar çeruos E porcos, çercando com Redes aquellas matas E os porcos E çeruos enxotados de // caens, vem dar nellas. E os de caualo como os vem enlaçados nas Redes os matam As lançadas. tornando ao proposito, o papa foi aquelle dia ao sobredito campo, E na sua estança pos a marquesa no lugar em que

fl. 208r

fl. 208v

¹¹⁸ Isabel d' Este (1464-1539) foi marquesa de Mântua e ficou conhecida por ser uma notável mecenas da artes.

avia dir ferir toda a caça. E os cardeaes E os outros senhores Romanos tomaram cada hum os luguares que lhes melhor pareceram. E depois de todo mui bem ordenado parecia cousa fermosa ver o papa com aquelles senhores E com a Jente armada de sua guarda de que sempre hee acompanhado em hum mui grande esquadrão. E os cardeaes E senhores cada hum per si em outros maguotes com lanças E em som de guerra mais que de caça. ali era o senhor fabriçio, o senhor marco antonio, o senhor João Jordão, E muitos outros prinçipaes Romanos. E batendo os caçadores ho monte se começou huma fermossa escaramuça, por que sahiram das matas çincoenta çeruos mui grandes Juntos em huma fiada todos a par, sem outros muitos que sahiam espalhados per diuersos luguares. E aquelles L^{ta} vinhão da parte de Roma correndo contra o lugar onde o papa estaua com a marquesa Junto de huma alaguoia no cabo do campo. E assi como os çeruos passauão pollas outras paradas, sahiam a elles dandolhe cuiteladas E lançadas, assi que os çeruos fugindo E os caualeiros ferindo os Juntos cheguauam E se acolhiam a alaguoia onde o papa estaua, E os de caualo entrauão tras elles alcançandoos. E nesta emvolta muitos cahiam com os encontros que se dauam com os caualos correndo sem tento E ordenança. muitos çeruos passaram o tibre da banda dalem, E estes liuraram mui bem por que o Rio nam daua vao, E os caçadores nam curauam delles. E dos gentis homens que se meteram na laguoia por melhor serem vistos das damas muitos molharam as costas, E nam aviam por ma a caça poderem se sahir dalaguoia E cobrar seus caualos que deixando os na aguoa se hiam Retouçar pollo campo. acabada a caça foranse a suas estanças, onde os banquetes estauão aparelhados mui grandemente abastados. mas a mjm senhor caro me custou aquella Jornada por que ali adoeçi com o sereno da manham de corrimentos que me pararam tal que quando parti de Roma nam ouve homem que tuesse esperança que sahisse viuo do mar. esta marquesa hee Jrmãa do duque de ferrara, E ffrançaço maria duque dorbino hee casado com sua filha como tenho dito, dos quaes o manifico Julião foi Recolhido em seu desterro Reçebendo delles muita honrra E merçes. diziasse abertamente que tanto que foi capitão da JgreJa, foi cometido que fizesse guerra ao duque E lhe tomasse o ducado, E que o nam quis fazer em toda sua vida nem consentio que outrem lhe fizesse guerra avendo Respeito que fora o duque seu senhor E o seruia Reçebendo delle em seu desterro amparo fauor E merçe. //

fl. 209r

Como o manifico Lourenço foi contra o duque dorbino, E lhe tomou ho ducado.

Perdida a lembrança dos sobreditos benefiços que o manifico Julião Reçebio do duque dorbino, E o papa deitando de tras das costas o socorro E honrras que lhe dera o marquez de mantua vençido de cobiça E de mores estados, deu liçença fauor E aJuda ao manifico Lourenço que ficou em lugar de Julião, que fizesse guerra ao duque E aJuntando grande exercito entrou pollas terras do duque dorbino. E em breue tempo o lançou de todo seu estado. ca deixando o duque dorbino totalas outras vilas E castelos nas mãos dos Jmiguos se Retraheo com sua molher E filhos E com toda a mais Roupa que pode levar a pesar que hee çidade forte E das prinçipaes de seu senhorio. E hee porto de mar. E vendo que nam estaua ali seguro se foi em gualees pera mantua onde seu sogro estaua com a marquezia sua molher que tam festeJada fora em Roma [.]. E sendo o manifico Lourenço apoderado de toda a terra do duque, se tornou pera Roma chamandosse duque dorbino, E tanto ensoberueçido

desta vitoria, E cheo de vã esperança doutros estados que disse hum dia em publico ao seu comprador que despendesse larguamente que antes de oito meses passarem, esperaua ter oitoçentos mil ducados de Renda. diziasse que a vontade do papa era fazelo Rei de florença, pisa, sena, orbino, perosa, luca, mantua, ferrara, nom perdendo esperança de napole. E o que mais çertificaua esta sospeita de napole, que em vida do manifico Julião, elle E o cardeal daraguão tinham ordenado de hir folguar a napole E leuauão consiguio senhores de titolo, E outros Romanos, orsinos. E mosem geronimo bique embaixador del Rei de castela lhes Requereo da parte del Rei que nam fizessem tal Jornada. E senam que fossem a seu Risco. E a esta causa çessou sua Jda. presumesse dizendo publicamente que sua Jda era pera em secreto falarem aos prinçipaes barões do Reino E avelos A sua parte E de frança pera se leuantarem contra castela por que o papa com toda sua valia E parentes erão em secreto franceses, mostrando de fora ser espanhoes. E o cardeal daraguão Jssos mesmo frances por ser parente mui cheguado do duque fernando de calabria¹¹⁹ que anda preso em castela, ao qual elles dizem que o Reino de napole pertence.

Como veo noua a Roma que el Rei de frança
vinha sobre milão, E da prisão do prospero
coluna, E doutros muitos nobres Romanos.

Naquelle tempo tinham feita ligua, scilicet, de huma parte o papa E el Rei de castela E o de Inglaterra, o duque de milão E a senhoria de sena. E da outra parte era el Rei de frança, venezeanos, E o duque de ferrara. E desta maneira estauão postos em armas huns contra os outros. E todo o feito era sobre o ducado // de milão que el Rei de frança queria pera si. E el Rei de castela ho contradizia aJudando ao duque. E estando assi todos suspensos veo noua a Roma que el Rei françisco¹²⁰ nouo Rei de frança vinha sobre milão com mui grande poder.

fl. 209v

¹¹⁹ Trata-se de Fernando de Aragão (1488-1550), duque de Calábria, que foi preso em 1501 por Gonzalo Fernández de Córdoba y Aguilar durante as guerras de Nápoles. Permaneceu preso em Castela até 13 de Dezembro de 1521, data em que foi libertado por Carlos V de Habsburgo. Tornou-se a partir de então uma figura proeminente em Espanha, como o confirma, por exemplo, o facto de ter integrado a delegação que foi receber a Badajoz a imperatriz Isabel de Portugal (1503-1539) para casar com Carlos V, e a circunstância de ter sido padrinho deste casamento. Por sua vez, o casal imperial foi padrinho do seu próprio matrimónio, em 1526, com Germaine de Foix (1488-1538), a viúva do rei Fernando II de Aragão.

¹²⁰ Luís XII morre a 1 de Janeiro de 1515, subindo ao trono francês Francisco I (1494-1547). Ao contrário do que se passou com os seus predecessores Carlos VIII (1470-1498, rei desde 1483) e Luís XII e apesar da sua juventude e do desejo ardente de conquistar o respeito militar na Europa, Francisco I busca algo que vai para além da glória na guerra. Com efeito, interessava sobretudo eliminar as pretensões imperiais e espanholas em solo itálico. Daí que este se transformasse no palco central do que era agora abertamente o conflito Habsburgo-Valois. Por outras palavras, se ao nível interno a política do jovem monarca aponta para a salvaguarda e alargamento da autoridade régia, já no quadro externo a sua política assenta sobretudo numa política de poder, ou seja, na necessidade de impedir que qualquer potência ou grupo de potências dominasse a Europa cristã. Para tal necessitava de controlar a Itália. O que só seria possível tendo o papado do seu lado. Daí retomar em novas bases, pouco depois de aceder ao trono, os projectos falhados pelos seus dois antecessores em relação à presença francesa em Itália, nomeadamente no que respeita à obtenção do ducado de Milão, de cuja posse se considerava herdeiro por direito. Desta feita, o monarca francês não avança sozinho, antes como parte integrante de

E o prospero coluna que sempre foi do seruiço del Rey de castela se partio de Roma pera lombardia acompanhado de muitos Romanos fidalguos seus parentes E amigos E doutra muita Jente de guerra era grande fama. defendiam os passos dos alpes aos franceses. E quando se esta noua tinha em Roma por mais çerta se vio na çidade pranto E doo, por que estando o senhor prospero sem sospeita dos franceses em hum luguar que se chama vila noua, no marquezado de monferrat, foi el Rei de frança avisado o qual mandou çertos capitães que deçeram dos alpes sem ser sentidos E passaram por monferrat, E chegaram a ora de noa a vila noua gritando frança frança, E prenderam o prospero coluna assentandosse A mesa, E a seu sobrinho pedro marguano com outros corenta Romanos fidalguos. diziasse que a marquesa de monferrat os enguarara [sic]¹²¹ E dera aviso aos Jmiguos. foram loguo leuados a frança, E despois se Resguataram, scilicet, o senhor prospero por trinta mil cruzados, E pedro marguano por dez mil. hee lei antre os Romanos que as molheres nam herdaram nas fazendas dos maridos. E por que a molher de pedro marguano era de parentes Ricos aJudaram com este dinheiro pera Resguatar o marido com tanto que moRendo primeiro pero marguano ella herdasse sua fazenda. E foi assi assentado o partido, mas nam com esperança de tam çedo viuar. ca o marido era manço, mas di a poucos tempos o mataram como se contaraa. E os outros Jssso mesmo foram Resguatados segundo a valia de cada hum.

Como el Rei de frança passou os alpes, E da
cruel batalha¹²² que ouve com o duque de milão E

uma liga – da qual também fazem parte a República de Veneza e o ducado de Ferrara –, directamente herdeira da *Liga Santa* promovida pelo anterior papa, Júlio II. A vitória na batalha de Marignan (1515), contra a até então invencível infantaria suíça, associada à subsequente *Concordata de Bolonha* (1516) fazem a sua fama em Itália. O resto do seu reinado será pautado pela disputa fêrrea com o imperador Carlos V, contra quem concorreu para a coroa imperial, e a Casa de Habsburgo.

¹²¹ Leia-se *enguanara*.

¹²² Jovem e ambicioso, Francisco I faz os exércitos franceses voltarem ao Norte da península itálica com o propósito de conquistar o ducado de Milão. Este avanço culmina na batalha de Marignan, que teve lugar a 13 e 14 de Setembro de 1515 num local a sudeste de Milão hoje denominado Melegnano. Francisco I comanda em pessoa as forças francesas, que contam já com a presença nas suas fileiras do célebre Pedro Navarro, contra os mercenários suíços comandados pelo cardeal Matthäeus Schiner e as forças milaneses lideradas por Massimiliano Sforza. No final do primeiro dia a batalha pende para o lado dos suíços. Todavia, no segundo dia, devido à intervenção decisiva da cavalaria ligeira veneziana comandada por Bartolomeo d'Alviano, o partido francês alcança a vitória final. Apesar da derrota, os suíços conseguem retirar em boa ordem sem ser perseguidos pelos franceses, que se encontram enfraquecidos pela perda de milhares de homens na sangrenta batalha. Tal como em Ravena, o protagonismo vai para a artilharia, a infantaria e a cavalaria ligeira – no primeiro quartel do século XVI e no quadro das profundas transformações na arte da guerra então experienciadas, a cavalaria ligeira torna-se um dispositivo militar proeminente, fazendo assim transferir para si um protagonismo que tradicionalmente, a nível da cavalaria, pertencia aos corpos da cavalaria pesada. Esta vitória permitiu aos franceses a anexação do milanês – colocado no trono ducal pelos suíços, em 1512, Massimiliano Sforza é deposto pelos franceses na sequência da vitória na batalha de Marignan e enviado para França onde ficará até à data da sua morte – e levou Leão X a assinar a *Concordata de Bolonha*, em 1516. Fez também com que os suíços perdessem a sua reputação de invencibilidade e, ainda no mesmo ano, concluíssem uma “paz perpétua” com a França. Os venezianos, por sua vez, recuperaram grande parte do território perdido com o desenrolar das *Guerras da Liga de Cambrai*.

com os soíços. E como el Rei foi vencedor. E
o duque preso, E mandado a frança.

Passou el Rei de frança os alpes com grandissimo trabalho per lugares desviados E asperos nom pensados, leuando diante seis mil guastadores talhando os montes, fazendo ocultas E nouas estradas per onde a artelharia E o grande exerçito podesse passar. diziasse em Roma que os soíços o forão esperar aos passos estreitos E lhe tinham ho caminho. mas se assi fora, nam passara preso o prospero coluna sem primeiro ser avisado. a passada del Rei foi tam secreta que sem contradição alguma chegou com todo seu exerçito a dez milhas de milão a hum lugar chamado marinha no que estaa antre lody, E milão. E ali assentou seu exerçito // E mandou dizer aos soíços E ao seu cardeal, que fossem contentes de nam entrar contra elle em batalha E se tornassem em paz pera sua terra por se escusar tam grande matança de nobres caualeiros E esforçados soldados de huma E da outra parte. E o cardeal dos soíços nom quis nisso consentir exortando E animando os seus a dar batalha, dizendo que elle conheçia que averiam victoria. E que ficariam todos Ricos, E alcançariam a onrra de toda frança. E sendo deliberados de hir A batalha se poseram em ordenança E sahiram de milão a huma quinta feira xbij dias andados do mes de setembro da era de mil b^o xb, duas oras antes da noite. E começada a batalha como el Rei soube que a sua avanguarda peleJaua chamou pedro nauarro E encomendoulhe que fizesse com a Infanteria de que tinha carguo ho que deuia. E assi ao senhor Jacobo de triulçi E a monsenhor dela paliça, E a monsenhor de borbom, E a monsenhor de borbina E ao senhor gualeaço E ao gram mestre de frança os quaes todos se foram afrontar com os soíços com tanto Jmpeto que muitos perderam dambas as partes as vidas. durou esta peleJa ataa o trasmontar da luna. E vindo noite escura se Retraheram a suas estanças. nesta primeira batalha os soíços ouveram o milhor, E tomaram a artelharia a pedro navarro que a trazia na sua companhia. hum milanes me disse despois em Roma que pousauam em sua casa xbj soíços E que foram todos a esta batalha, E nam tornaram senam dous, ficando os xiiij no campo. E aquelles dous fazendo mui grande pranto polos companheiros se foram o outro dia A batalha, E nam tornaram mais.

fl. 210r

Como se deu a segunda batalha na qual
o duque E os soíços foram vençidos.

Ao dia seguinte mui de madrugada os soíços sahiram ao campo com o seu cardeal que os esforçaua E capitaneaua. E Jssso mesmo sahio com elles o duque com quinhentos de caualo por que nam tinha mais consiguu. diziasse que el Rei de frança se nam deçera de seu caualo toda a noite passada. E quando os soíços appareçeram elle estaua a ponto pera dar batalha a qual se trauou aspera E cruel. E A ora de noa os françeses se começaram de Retraher a mal seu grado. E estando os françeses em tempo de ser perdidos chegou de novo ao aRaial de frança bertolameu daluiano capitão dos venezeanos com seu exerçito ao qual el Rei esperaua. E dando de Refresco nos soíços E tornando os françeses sobre elles nom poderam os soíços Resistir A força de tanta Jente. E na melhor ordenança que poderam o duque E elles se tornaram atras. diziasse que os que morreram dambas partes passaram de quinze mil homens. E que os soíços erão xxb mil E o duque tinha quinhentos

de caualo E pouca Jente de pee. E que el Rei de frança trazia mais de corenta mil homens de peleJa. E contudo se os venezeanos nam lhe acodiram forão desbaratados daquella vez. o cardeal com todolos que da batalha escaparam se foi a lody, onde curaram dos feridos fl. 210v // E ali estiueram alguns dias. E sendo sem esperança de socorro se foram pera sua terra sem ninguem fazer noJo algum. o duque se Recolheo A fortaleza de milão onde se cuidou defender ataa ser socorrido. mas nam lhe aconteçeo assi, ca o socorro que esperaua del Rei de castela E do papa foi baldio. el Rei de frança seguindo sua vitoria entrou em milão, E prantada sua artelharia mandou bater o castelo per muitos dias fazendo portaes nos muros E torres. en fim vendosse o duque sem Remedio se deu a el Rei. E assi preso foi loguo mandado a frança onde Juntamente cahio de seu estado, acabou seus dias E seus trabalhos. a maneira de sua morte nam na sei çertificar, por que os que nisso falauam erão de muitas opiniões. alguns apontauão que morrera de peçonha. afirmauasse que entrara no partido quando se deu. que el Rei lhe deesse pera seu guoverno em cada hum ano trinta mil ducados. outros diziam que se dera a merçe, E que el Rei lhos dera E assentara de seu propio moto.

Como bertolameu daluiano morreo.

Nestes dias morreo bertolameu daluiano o qual com a fadigua E trabalho que na batalha leuou despois de aver suado E se Resfriar, ouve hum mal tamanho de que nam pode ser Remediado E em breues dias moReo, cuJa morte sentiram muito os venezeanos por que nam esperauão cobrar outro semelhante capitão assi esforçado E sabedor de guerra E ornado de todolos outros bons costumes.

Da causa por que o duque E soiços nam foram
aJudados dos exerçitos do papa E del Rey
de castella.

Aguora direi a Vossa Ilustrissima Senhoria a Rezão por que o duque nam foi aJudado E socorrido dos exerçitos do papa E del Rei dom fernando. tinha o duque feito ligua com o papa, el Rei de castela E com os soiços. E tanto que a noua foi çerta que el Rei de frança passaua a Jtalia, os soiços moueram de sua terra como hee dito em aJuda do duque, E o viso Rei se partio de napole, E o manifico Lourenço capitão da JgreJa com a Jente do papa que era muita. E estes exerçitos que assi hião em aJuda do duque de milão eram acordados de se aJuntarem com elle a çerto dia, E Juntos dar batalha a el Rei de frança. mas Jndo o viso Rei a via de milão, E Jssso mesmo a Jente do papa, a poucas milhas huns dos outros, desque entraram em lombardia tendo os espanhoes feita huma ponte de madeira E barcas no Rio do poo, foy tomado hum correo que hia pera el Rei de frança com cartas do manifico Lourenço capitão da JgreJa dandolhe aviso do dia em que os espanhoes aviam de passar fl. 211r o dito Rio, que entonçes seria tempo pera vir dar nelles. E que elle // faria ho mesmo. E que tendo os espanhoes mortos E desbaratados, hiriam fazer ho mesmo aos soiços, E tomariam ho duque As mãos. o viso Rei vendo estas cartas, temeo E nam quis passar o Rio, E mandou cortar a ponte. E em quanto se Jsto passaua se deu a batalha. E por esta maldade se nam acharam nella os dous exerçitos E o duque foi perdido. E assi sem fazer

nada se tornaram atras. o viso Rei pera napole E o manifico Lourenço pera Roma. E disto ser assi, E o papa ser françes, o vimos nas cousas que se loguo seguiram. em quanto o exercito do viso Rei hia pera napole polla marca dancona, foi o viso Rei a Roma com poucos companheiros. E viosse com o papa em secreto. sua estada em Roma foram tres dias andando vendo a çidade Rebuçado em ancas doutro, mui tachado dos seus por nam castiguar a traição cometida contra elle [...] ca seus capitães lhe diziam que deesse na Jente do papa, E fizesse delles o que delles tinham ordenado por que ho poderiam fazer mui a sua honrra. E despois hir a Judar ao duque [...] E disto vi eu queixar muito a gonçalo barreto que veo com elle a Roma, E se achara presente a todo o sobredito. neste tempo deu o papa ho estoque ao doutor João de faria pera el Rei de portugal. E elle se veo mandando sua alteza dom miguel¹²³ a Roma por seu embaixador.

Como o papa se vio em bolonha com el Rei
de França E dos manifestos menosprezos
que fez ao cardeal de sena E a seu Jrmão.

Avendo el Rei de França em seu poder paçifico o ducado de milão conçertaram elle E o papa de se verem ambos em bolonha. E por que o caminho direito pera hir de Roma a bolonha hee por sena, o cardeal E o manifico burges seu Jrmão pediram a sua santidade que fosse seu ospede em quanto passasse a terra de sena, a qual graça Sua Santidade lhes conçedeo. E tendo feitos mui grandes guastos em bolsena E em todos los lugares da senhoria per onde avia de passar, E aparelhados mui custosos banquetes, o papa fez seu caminho per outra parte sem aproueitar Roguos nem supplicações que lhe o cardeal E seu Jrmão fizeram pedindolhe que lhes nam fizesse tam grande desfauor E JnJuria. E no que o papa contra elles obrou, amostrou que Ja neste tempo sua vontade era acabar de os destrohir E matar [...] que a desordenada cobiça dos florentins nam deu lugar que fosse dissimulada huma tam gram treição cometida assi descuberta contra o cardeal que fora a principal vooz pera elle sobir ao summo pontificado. com tudo Jsto o cardeal acompanhou Sua Santidade atee bolonha sem fazer nenhuma mostrança dagrauo. E verdadeiramente o amor que tinha ao papa, o fazia ser sem sospeita do que se contra elle ordia. E cheguados a bolonha, el Rei de França foi loguo hi, E pousou nos paços do papa pera falarem a seu prazer. o papa disse missa pontifical, E el Rei lhe deu em pessoa a obediência. E despois de assentar seus feitos E liguas¹²⁴, passados tres dias el Rei se tornou pera milão, onde

¹²³ D. Miguel da Silva (1480-1556) pertencia, por nascimento, a uma família da mais alta aristocracia do reino. Foi o segundo representante permanente do rei de Portugal junto do papado, tendo substituído no cargo, em 1514, o Doutor João de Faria. Nomeado bispo de Viseu, em 1526, e cardeal, em 1539, D. Miguel da Silva foi uma das mais emblemáticas vozes do diálogo luso-italiano no século XVI, devendo-se à sua acção grande parte da introdução em Portugal da cultura italiana do Renascimento. Foi uma das figuras mais notáveis da corte de D. Manuel.

¹²⁴ Trata-se da *Concordata de Bolonha*, um tratado assinado em 1516 entre Francisco I e o papa Leão X, que fez aumentar o poder da coroa sobre a Igreja de França ao conceder ao monarca o direito de indicar os bispos e outras autoridades eclesiásticas. Desta forma, a *Concordata* confirma a tendência separatista da igreja católica da França em relação a Roma e ao Papa, ao mesmo tempo que reforça a ideia de que a Igreja francesa tinha, de alguma forma, uma posição privilegiada em relação à cúria romana. Pode dizer-se que a assinatura deste tratado reforçou o galicanismo, ou seja, a subordinação

fl. 211v dizem // que esteue alguns dias festeJando as damas da çidade. dizem que se desonestaua muito com ellas, E que em hum dia tinhão os cidadões ordenado de ho matar. E sendo avisado cortar [*sic*]¹²⁵ as cabeças a trinta dos príncipaes. pollas cousas presentes E passadas E quando se por mais çerta tinha sua estada [,] deixando todo seu exerçito na çidade, se foi pollas postas com corenta companheiros pera frança E chegou a marselha a tempo que vio a nao del Rei de portugual em que mandaua ao papa o Roinaçerom com outras Ricas Joias, o qual Ja a Rainha sua molher fora ver. diziasse que esta fora a causa por que se a nao perdeo esperando mais do que convinha pera segura naueguação, por que se meteo muito o Inverno E navegando pera Roma perdeosse com tempestade atraves das Jlhas deRadeiras. da Riqueza que leuaua se fala muito em Roma. E muitos foram desta perda tristes polla parte dos presentes que esperauam.

Como o papa se tornou a florença onde lhe
foi dada noua da morte del Rei de castela
E se foi a Roma E mandou o bispo petruche
a sena com muita Jente darmas.

O papa se tornou a florença onde mandara hir toda a corte Romana E os ofiçiaes della. somente os auditores da Rota que ficaram em Roma. E despois destar ali alguns dias mui festeJado de seus parentes E amigos, E tambem de seus Jmiguos, detriminaua hir visitar as terras da JgreJa, Rodeando polla marca dancona E nossa senhora de loreto, E fazer a volta pera Roma. E estando os cardeaes E cortesãos aperçebidos pera esta Jornada, veo noua ao papa que el Rei dom fernando era faleçido. muito se afirmaua que quando Sua Santidade a ouvira, aleuantando as mãos ao çeo disse, aguora hee morto o maior amigo que tinha. E sem mais fazer detença mudando o primeiro proposito se partio de florença, E a grandes Jornadas se veo a Roma. E loguo pos em obra a detriminação que tinha da destrohição do cardeal de sena E de seu Jrmão, mandando seus capitães com toda a Jente de guerra que se podesse fazer, deitar fora de sena ho cardeal E seus Jrmãos E todolos de seu bando, E meter e apoderar da çidade ao bispo petruche. este bispo era primo com Jrmão do cardeal, E pandolfo o fez bispo, E por lhe dar mais honrra ho mandou com o cardeal seu filho a Roma por seu mestre de casa, E guovernador de todo seu estado. E elle me deu de sua mão a chauce da camara que me foi dada nos paços do cardeal, quando me sua Reverendissima senhoria Reçeebo. elle guovernaua a pessoa do cardeal, totalas cousas de casa eram feitas a seu querer E mandado. era homem soberbo de maas // Repostas E maos Respeitos, malquisto de todolos de casa. tinha mui grande odio aos espanhoes, a qual cousa era bem desuiada da condição do cardeal, por que abertamente mostraua ternos boa vontade, fazendonos merçes E muita honrra. andou assi este bispo em casa do cardeal atee que o cardeal mediçis tornou a bolonha liure da prisão dos françeses, o qual estando nos em sena

fl. 212r

da Igreja francesa ao rei (a definição galicana é, do ponto de vista político, clara desde os Estados Gerais de 1302, contando o rei de França com o apoio do próprio clero), e em muito contribuiu para transformar a França num dos símbolos das novas relações dos poderes europeus relativamente ao Papado. Considerada como o primeiro instrumento concordatário dos tempos modernos, a *Concordata de Bolonha* serviu também de modelo para acordos de outros países com a Santa Sé.

¹²⁵ Leia-se *cortou*.

se foi pera elle contra vontade do cardeal. E sempre o acompanhou atee o fazerem papa. por que hee custume que no castelo de santangelo sempre põe no castelo hum bispo por guarda da fortaleza E do tesouro, o papa ho pos ali. E çerto elle nam era mereçedor de se delle tal confiar ca pois foi tredor a seu natural senhor E a seu proprio sangue. nom diuera o papa ter delle confiança, que a sua santidade nem a outra pessoa do mundo fosse fiel. Jndo assi o bispo com esta Jente seguindo suas Jornadas pera sena, foi dada esta noua ao cardeal o qual em florença pedira liçença ao papa, E se vinha por Junto do mar visitando suas vilas E castelos, E caçando como tinha em custume [.] E aJuntando mil homens de pee E duzentos de caualo, se veo a montarchino que hee huma çidade da senhoria de sena que estaa em huma montanha que vem sobre o caminho de Roma. E dali escreueo ao manifico petruche seu Jrmão E aos prinçipaes de seu conselho se queriam que se fosse a sena com a Jente que tinha, E que sahirião a Resistir a seus contrairos. o Jrmão E os do conselho lhe escreveram que seria melhor hirse a Roma E meterse nas mãos do papa E procurasse de curar estas cousas o melhor que podesse [.] E cuidando que o Jrmão E os da çidade se fariam fortes Resistindo aos Jmiguos em quanto elle hia descobrir a vontade do papa, deu liçença aos soldados E foisse com seus criados a Roma sendo do papa Reçebido com tanto guasalhado E doçes palauras que alguma cousa foi consolado dando fee a seus prometimentos por lhe nam ter o contrairo mereçido. mas todos seus prometimentos foram falsos, por que a verdade hee mui maa dachar neste tempo por andar mui escondida.

Como o manifico burges se sahio de sena,
E o bispo entrou na çidade E se apoderou della¹²⁶.

O manifico burges nam esperando ver as bandeiras dos Jmiguos sabendo que çercauão a çidade se sahio acompanhado de muitos de caualo E de pee, E leuou consiguio todos seus tesouros E a fábio seu Jrmão menor, deixando sua molher E filhos na çidade [(] Ó trabalhosa vida dos tiranos) [.] Jsto fez assi temendo que os mesmos seus naturaes çidadões ho dessem nas mãos dos Jmiguos por que o bispo tinha muitos de sua parte na çidade. E o

¹²⁶ Esta referência reporta à anexação da República de Siena pelo papa Leão X, em Março de 1516. Devido à sua situação geográfica, Siena funcionava quase como um enclave entre a República de Florença e os Estados Pontifícios. Pelo que, sob o pontificado do papa Médici e na sequência de uma longa tradição bélica entre as duas Repúblicas, a cúria romana encetou uma política de guerra e conquista contra Siena e a região toscana circundante que ambicionava incorporar nos territórios da Igreja. No final da segunda década de Quinhentos, poucas hipóteses de independência restavam, pois, a esta República, que rapidamente assistiu à intensificação da pressão política e armada por parte de Leão X, materializada na tentativa de estabelecimento de uma aliança com o ducado de Urbino e os Baglioni de Perugia, bem como na busca de apoio junto dos espanhóis. Siena e Florença serem desde há muito competidoras directas entre si, lutando pela expansão territorial e predomínio económico nos territórios circundantes, daí em grande parte a vontade férrea de Leão X em juntar a República de Siena ao cada vez mais poderoso círculo territorial que estava lentamente a construir para a família Médici (e cuja cabeça política seria o seu sobrinho Lourenço II de Médici, o homem a quem, nunca é demais recordar por tudo o que implica e reflecte da política italiana do início de Quinhentos, Maquiavel dedica *O Príncipe*), de quem era agora o mais destacado arauto. Muito à semelhança, saliente-se, do que se passou com o papa Alexandre VI, que tudo fez no sentido de construir um Estado “Bórgia” na Itália Central, cujo príncipe seria o seu filho César.

- fl. 212v // costume do pouo ditalia hee fauoreçer a quem vence, sem aver Respeito senam saluar as vidas E fazendas, defendendo suas terras com Jente forasteira assoldadada [*sic*]¹²⁷ por dinheiro, guardando de meter a Risco suas pessoas. o bispo cheguou com seu exercito a sena, ao qual abriram as portas da çidade. E entrando sem contradição alguma, se apoderou da casa de senhoria, E pos capitão de sua mão hum seu filho de pequena Jdade. E deitou a molher E os filhos do manifico burgues fora das suas proprias casas por serem fortes E paços E fortaleza, as quaes o manifico pandolfo fez a seu modo. E apoderado da çidade lançando fora todolos da parte do cardeal E do manifico burgues, ficou absolutamente senhor. E começando husar das crueldades acostumadas dos tiranos tendo dado seguro a dous nobres çidadãos ambos Jrmãos chamados dalcunha valentes, que andauão desterrados com temor do manifico pandolfo E de seus filhos, ca erão seus Jmiguos E parte contraira. em sua mesma casa os fez matar nesta maneira, crendo estes que lhes era o bispo verdadeiro amigo por ser Jmiguu do manifico burgues, E o aver lançado da çidade. sendo delle chamados com grandes profertas [*sic*]¹²⁸, se vieram meter em suas mãos ofereçendosse ao bispo, E o bispo a eles [...] depois de passados alguns dias o bispo mandou ao capitão de sua guarda que quando lhe por algum destes dous Jrmãos mandasse dizer que fizesse ho que lhe tinha mandado, sem detença o matasse. aconteceu que os dous Jrmãos estauam huma seesta com o bispo, E elle chamou hum delles com grandes cortesias que deçesse abaixo ao capitão da guarda E lhe dissesse que fizesse ho que lhe tinha dito. E o desaventurado cuidando que fazia seruiço E prazer ao bispo, com muita presteza, se deçeo ao portal da casa onde o capitão estaua com todolos soldados da guarda. E aJnda nam avia bem acabado seu Recado quando o capitão E os soiços ho feriram com as alabardas E espetos dando com elle morto no chão. E Jsto feito sobiram a grã pressa aRiba ao sobrado pera matar ao outro Jrmão que ficara com o bispo, mas o bispo tanto que ouvio o Rumor em baixo, se Retraheo a huma camara. E quando o outro Jrmão sentio a treição E vio que os soldados ho queriam matar foisse atras o bispo pedindolhe emparo E saude de sua vida abraçandosse com elle E o cruel consentio que lhe dessem mortaes feridas E suas vestiduras ficaram tingidas de seu sangue em testemunho de maior treição E crueldade. estas E outras cousas
- fl. 213r muitas passaram que seriam longuas de contar. //

Como o manifico burgues se veo
a Roma, E se foi pera napole.

O manifico burgues depois de espedir os nobres E a outra Jente de caualo que ho acompanharam na sahida de sena, veosse a Roma pollas postas com dous companheiros, E secretamente esteue em casa do cardeal dous dias, Jndosse o cardeal de dia falar com o papa, E de noite com seu Jrmão. E vendo abertamente que as esperanças que o papa daua ao cardeal eram fingidas, E suas obras nam Respondiam com suas palauras, temendo de ser preso, se partio o mais encubertamente que pode pera napole, onde foi Reçebido do viso Rei como convinha a pessoa de tam grande estado. sahido fora da çidade acompanhado de muitos príncipaes barões E senhores E outra muita Jente de caualo, prometendolhe o viso

¹²⁷ Leia-se *assoldada*.

¹²⁸ Leia-se *promessas*.

Rei de fazer com el Rei carlo que ho Restituisse a seu estado como el Rei dom fernando fizera aos mediçis em florença, E ho mantiuesse nelle segundo as capitulações de seu pai com el Rei dom fernando, as quaes eram que pandolfo E seus filhos E herdeiros do estado fossem sempre da parte despanha, E que em qualquer tempo que exercito del Rei de castela passasse por terra de sena lhe desse mantimentos pollo preço da terra sem os aleuantar mais do que estauão, E que em tempo de guerra em quanto durasse o manifico E seus soçessores mandassem sem seruiço del Rei de castela çento E çincoenta homens darmas paguos A custa da senhoria de sena, contra todos aquelles com que os espanhoes tiuessem guerra. E esta ligua foi Jurada per seus embaixadores em presença do papa Jullio que nesta mesma ligua era, em Roma em nossa senhora do populo como Ja he dito. mas todo se Rompeo E quebrou como adiante direi.

Como o emperador maximiliano veo a Jtalia
pera Recobrar milão, E se tornou sem fazer nada.

Neste tempo veo o emperador maximiliano a Jtalia com grandissimo exercito pera Recobrar milão, E deitar os françeses fora de toda Jtalia. o estrondo com que veo era grande. E segundo se afirma em Roma os françeses se punhão em fugir. E fora assi se o emperador sem parar seguira suas Jornadas atee chegar a milão. mas tanto que deçeo a Jtalia se assentou em verona que estaua por elle, E per seu mandado ha guardauão quatro mil espanhoes. E nesta detença os françeses cobraram conselho E animo, E se meteram todos na çidade de milão onde se fizeram fortes, E Reuoltaram com cartas E falsas promessas E tratos como tem de costume aos capitães alemães, de maneira que nam quiseram passar adiante sem lhes o emperador primeiro pagar ho soldo que lhes deuiam // E pediam, o que elle nam pode fl. 213v
fazer por falta de dinheiro E forçado de extrema neçessidade se tornou pera alemanha sem aver efeito sua empresa.

Como o cardeal de sena se foi de Roma com temor
do papa, E se foi ver a napole seu Jrmão E ho
viso Rei, E do que se antre elles passou.

Estando assi o manifico burgues em napole desterrado E o cardeal em Roma, vendo sua Reuerendissima senhoria que seus negoçios nom conçertauam com as esperanças que lhe o papa daua, acordou de se sahir de Roma pera Janaçano que hee huma forte vila do senhor prospero decabe colunes. por que em luguar de negoçiar a Restituição de seu estado achaua cada dia nouidades de grandes E descubertas ofensas no papa E em seus parentes, os quaes ante de poer na praça o crime, ho tocauam nas cousas çiuís. E buscando achaque pera lhe aterrar o corpo, o feriam pollas faldras. antes da partida do papa pera bolonha aviam prouado tirar bolsena ao cardeal com maneiras tiranicas que pera Jssu ordiam como fizeram ao Jardim da via de populo E A camara do sacro palácio. E por que depois todavia lhe tomou o papa de poder absoluto a dita villa, escreveu as maas maneiras que dantes aviam tido. madoma madalena Jrmãa do papa E mãj do cardeal çibo nom podendo dissimular por ser freontina, ha sede de acquirir Riquezas A custa alhea, o qual apetito sobeJa nos freontins mais que em totalas outras nações Jtalianas E a esta

causa se diz delles o comum Rifão, que os frorentins tiraram o sutil do sutil, por nunca serem contentes do onesto nem do mais que onesto [,] deseJando a villa de bolsena pera o cardeal seu filho, E por mais çerto se tinha ser o papa com todos seus conJuntos nesta trama, ordenaram hum aRoido feitiço que os prinçipaes da vila se fossem queixar ao papa, dizendo que o alcaide que o cardeal tinha na fortaleza os tiranzaua. E sendo assi posto em obra, o papa os mandou ao cardeal. E despois destar vista a verdade per prooua Judicial, que absoluia ao alcaide, vendo que per Justiça nam podiam levar sua maa empresa ao cabo de seus maos deseJos, ordenaram outra noua maneira de aver todauia a villa pera si, fazendo com os moradores que tomassem a fortaleza ao alcaide do cardeal, E o deitassem foora, apelidando liberdade, liberdade, papa, papa [,] E assi ho fizeram ficando senhores da vila dizendo que pois sendo o papa cardeal eram seus, que de Justiça o deuiam ser

fl. 214r aguora. o // cardeal se foi queixar ao papa, E ouve Reposta que nam sabia que Remedio lhe deesse pois se o pouo leuantaua contra elle, que fizesse por tornar a cobrar sua villa, E que elle o ajudaria com todo seu poder pois lha dera. E nesta vã esperança de socorro trouxe o papa ao cardeal com palauras muitos dias. mas ao cardeal nam eram escondidas suas manhas. E dissimulando seu proposito E de seus parentes, por que tinha pessoas seus seruidores dentro na villa que o avisauam de todo o que antre elles passaua. E no tempo que mais apertados Requerimentos trazia com sua santidade, ordenou que a vila se tomasse aos moradores. huma Jrmã do cardeal era casada com hum filho de João paulo valbom senhor de perosa. E fazendolhe o cardeal Relação do que passaua, mandou malatesta seu filho primogenito singular E esprementado caualeiro com Jente de caualo E de pee sobre bolsena E cheguaram antes do dia tam Incubertos, que quando amanheçia tinham entrado a villa E tomada a fortaleza E presos os prinçipaes deste trato. E sabido pollo cardeal foi dar conta dello ao papa que mostrou aprazerlhe muito com Jssso, mas mui pouco dura que se nam amostre na praça aquillo que fingido se faz. neste tempo sobreueo a Jda do papa a bolonha, E as outras sobreditas nouidades E por Jssso sobre estiueram estes debates atee este Infante que andando o cardeal atribulado nos Requerimentos, acodiolhe o papa com estoutra graçada, dizendolhe abertamente que os de bolsena nam eram contentes de seu guouerno, que a deixasse E tomasse outras duas vilas em satisfação. E o cardeal que Ja tinha sabido que tudo aquillo vinha de suas Jrmãs E parentes, E que nem o seu proprio patrimonio esperaua que lhe ficasse, nam avendo ajuda do emperador, Respondeo que Sua Santidade lhe dera bolsena de seu propio moto, que pois polla mesma maneira lha tiraua com cor E som de a mal guouernar, que escusado era tomar outras pera dahi a tres dias lhe serem tiradas com o mesmo achaque. E em todas estas Roinas E desaventuras era conselheiro E prinçipal acusador o bispo petruche que nam daua folguança aos coReos de sena pera Roma. E assi o afligido cardeal que por seu mal, com tanta alegria deu sua voz a mediçis pera ser summo pontifçe E tanta honrra fez a este tredor criado. vendo estes sinaes tam Jmiguos de sua honrra E vida, polla saluar se carteo com o senhor prospero de caue, o qual lhe deu a sua villa de Janaçano que hee ao pee da serra tosculana quatro leguoas de Roma onde estiuesse todo o tempo que lhe fosse mester. tanto que o cardeal foi em Janaçano fingindo que hia a caçar E a solazarse como muitas vezes fazia, deixando a maior parte dos seus em Roma com a ordenança de casa como se fosse presente [,]

fl. 214v dahi a mui poucos dias se foi a napole falar com o viso Rei E com seu Jrmão. E conçer //

tadas suas cousas mandaram messageiros a el Rei carlo¹²⁹ que entonçes estaua em frandes. E nouamente era aleuantado por Rei de castela E daraguão per morte del Rei dom fernando seu avoo, contandolhe os agrauos E forças que lhes o papa tinha feito, E assy a obrigação em que sua magestade era de os emparar E defender contra todos os que lhe mal quisessem fazer conseruandoos em seu estado assi E na maneira que ho dantes tinham. E como fizera ao mesmo papa em froença por mandado del Rei dom fernando. mas sua desauentura E mau conselho o desviou por culpa do manifico burgues que tendo desordenada cobiça de senhorear sem companheiro, Requereo de nouo que elle soo fosse metido em sena, E o cardeal abastasse ser cardeal. E com este errado deseJo deitou a perder assi. E matou ao cardeal no qual estaua toda a Remissão de seu estado, por que delle nom se fazia conta como do manifico Julião no tempo de seu desterro. E por que o papa sendo cardeal, deu ordem a cobrar seu estado temendo que o de sena fizesse o mesmo, detriminou polla via que se adiante dira, tirallo do mundo, detendo o manifico o viso Rei por esperar Reposta do emperador pera elle soo aver o senhorio por que todo este feito Redundaua na pessoa do cardeal, o papa E seus conselheiros quiseram leuar avante esta triste empresa. em quanto se estas cousas negociuauam aconteceram em Roma outras grandes E muito pera escrever. E em seu tempo tornarei ao cardeal.

De como se armou hum grande aRoido antre
os Romanos E os criados do cardeal santa cruz.

Cualquando hum manço per Roma em hum grande E fermoso caualo a que chamam cursicres por serem grandes saltadores, o qual ferindo o caualo das esporas ho fazia deitar pernadas a huma parte E a outra contorneando fermosamente como elles o sabem mui bem fazer por ser tam grandes caualgadores da brida que todolos saltos voltas E corconos que aquelles caualos fazem posto que são mui grandes E poderosos, andam tam direitos E bem postos na sella que cousa nenhuma se mouem. E passando polla Rua que vai da porta de santo angelo pera populo na qual erão os paços do cardeal santa cruz que estão sobre o tibre, aconteceu ser o cardeal com o papa, E hum seu criado homem fidalguo estando A porta coReo Risco de ser ferido dos couços do dito cursicree E Reprendeo ao Romano das sandiças que hia fazendo polla // Rua. E voltando o Romano a elle chamandolhe marrano ho quisera ferir. E o castelhano se acolheo a casa Indo o Romano atras elle ataa o pateo das casas. E logo os de casa acodiram ao aRoido com armas, E o Romano saindosse da casa foi seu caminho. quando o cardeal veo do paço E lhe contaram ho que passara ouveo a grande InJuria E descortesia, por que são mui guardadas E Reuerenciadas as casas dos cardeaes que nenhuma Justiça nem outra pessoa nom entra dentro com mão armada pera fazer ofensa a nenhuma pessoa que se a ella acolhe. E se a Justiça ou outra alguma pessoa que nas Ruas querem prender ou maltratar a algum, açertando de ser Junto de casa de cardeal, E gritando o apelido do cardeal, todos os familiares sahem com armas a lhe acudir

fl. 215r

¹²⁹ Carlos de Habsburgo (1500-1558), rei de Espanha (como Carlos I, após a morte do avô Fernando II de Aragão) e de Nápoles e da Sicília (como Carlos IV) desde 14 de Março de 1516 e futuro imperador do Sacro-Império a partir de 1519 (como Carlos V, após a morte do seu avô Maximiliano I e o triunfo na eleição imperial, nomeadamente contra um dos mais fortes candidatos, Francisco I de França).

fl. 215v

E saluar como se fosse Jrmão de todos. E este priuilegio tem as JgreJas de Roma ca nom valem a nenhuma pessoa que se a ellas acolha. ao outro dia seguinte o cardeal foi fazer disto queixume ao papa. E estando com Sua Santidade aconteeço que o mesmo Romano com outro seu parente ambos armados em senhos caualos cursicres grandes E fermosos com quatro moços desporas Jssso mesmo armados chegaram ao terreiro de sam pedro. E andando passeando o mestre de casa do cardeal, que era portugues, no dito terreiro esperando ao cardeal como hee custume dos criados dos cardeaes que estão no paço, se aJuntou per sorte com os Romanos. E Respondendo o que fizera a descortezia sobredita, Respondeolhe desonestamente com muita soberba chamando marranos. os moços destribeira do cardeal que estauam com a mula no pateo do paço Reconheçendo os Romanos, se foram de dous em dous pera o mestre de casa. E foram per todos oito. E vendo que os Romanos se soltauam mais do que deuiam em suas palauras com descortesias E soberba demasiada armaram com elles aRoido E os acutilaram de sorte que hum delles moReo di a poucos dias. E Jsto feito o mestre de casa se acolheo com os moços destribeira a casa do cardeal. E não tardou nada que muitos Romanos çidadãos prinçipaes parentes dos que foram feridos vieram sobre elles pera tomar vinguança, mas elles com outros criados do cardeal que erão dentro de casa sahiram aos Romanos E leuaramnos As lançadas atee a ponte de santangelo. E neste aRoido foi ferido hum Jrmão do que era ferido A morte. E sendo Ja os espanhoes Recolhidos, os Romanos se foram encontrar com o cardeal na ponte de santangelo, o qual vinha do paço sabendo Ja o que era aconteeçido. E trazia consigo muita Jente da guarda E familiares do papa que Sua Santidade mandara com elle. E sendo Ja no meo da ponte, os Romanos o afrontaram de tal // maneira que lhe foi forçado Retraherse ao castelo. E dahi se foi ao paço do papa pollo muro secreto onde esteue alguns dias. E os seus se fizeram fortes em sua casa, porem poseram loguo em saluo os que aviam ferido aos Romanos. E o mestre de casa pareçendolhe que era sem culpa se deixou ficar cuidando que as cousas nam viessem a tamanho extremo, mas hum dos Romanos moReo das feridas cuJa morte foi tam sentida dos parentes que caro ouvera de custar aos espanhoes que em Roma avia.

Como os Romanos acordauão de poer
A espada os espanhoes de Roma.

Estes sobreditos dous Romanos erão parentes de todolos prinçipaes da casa Vrsina que hee a casa prinçipal dos Romanos, depois dos coluneses. E estes sam dous bandos que sempre tem Reixa huns com os outros. E os coluneses seruem a el Rei de castela, E os orsinos a el Rei de frança. tomando os parentes do mançebo grande sentimento por sua morte, avendo a grande JnJuria, E abatimento armarem os espanhoes com elles aRoido, leuando o melhor E sahando com suas honrras. E aJuntandosse em capitolio, E com elles o manifico Lourenço capitão da JgreJa, do acordo que ouveram o manifico se foi ao papa, E lhe pedio que mandasse prender ao mestre da casa do cardeal, E lho fizesse entregar pera lhe mandar cortar a cabeça. o papa ho mandou prender E levar ao castelo de santo angelo onde o teue pairando [*sic*]¹³⁰ com os Romanos que RiJamente Requeriam que se fizesse delle Justiça. terçando polla parte do cardeal, atee se estas tempestades abaterem,

¹³⁰ Talvez *palrando*.

este mestre de casa era portugues E se chamaua Jacome monteiro. os Romanos entraram em conselho tres dias a Reo. E os votos dos mais erão que metessem A espada todos os espanhoes de Roma sem perdoar a nenhum estado, dizendo que nam era de comportar serem mandados E guovernados por elles E tam maltratados que em sua propia terra E çidade os feriam E matauão. E os que prinçipalmente este conselho dauão era o arçebispo vrsino de monte Jordam, E o senhor Renço, E o manifico Lourenço com outras cabeças E capitães. E nam se ordenauam estas cousas antre elles tam secretas que os espanhoes nom fossem de todo avisados, que Jsso mesmo tinham seus conselhos huns com os outros. E estando sobre aviso se faziam fortes em suas casas E com detriminação de se defender, E Resistir ao poder dos Romanos. E nam soamente erão em Resistir aos Romanos, mas tres mil foram em hum acordo de dar sobre elles E poer fogo ao capitolio E queimalos todos dentro. E os homens sisudos assi dos espanhoes como dos Romanos trabalharam por evitar tam grande // escandalo. Era na companhia E conselho dos Romanos o duque de tracto manço de xxxb anos de mui bõa despozição E parecer que andaua desterrado do Reino de napole onde tinha seu estado, por que el Rei dom fernando de castela lho tomara, E o dera ao senhor prospero de coluna. este duque vendo que os Romanos tomauam por derradeiro conselho hir sobre os espanhoes E matalos A espada, lhes falou na maneira seguinte.

fl. 216r

fala que o duque de tracto fez aos Romanos.

Eu sam aqui vindo com vos outros pera dizer aquillo que me parecer melhor conselho do que se deue fazer nisto pera que nos aqui aJuntamos [,] E assi pera poer minha pessoa a todo Risco E periguo pera vir a efeito aquillo que ordenardes. mas antes que nada se detrimine por obra, quero saber de voos que Romanos se poderão aJuntar que peleJem contra os espanhoes, E quantos espanhoes avera em Roma pera tomar armas. foilhe Respondido que se aJuntarião vinte mil Romanos E que os espanhoes poderiam ser seis mil. o duque Respondeo, bem me parece que temos Jente pera cumprir nosso proposito, porem nam tanto a nosso saluo que os mais E mais prinçipaes de noos, primeiro nom percam as vidas, por que noos avemos de capitanzar, mandar E guovernar aos nossos. E lhes avemos densinar E amostrar com as obras de nossas mãos como elles hão de cometer aos Jmiguos E fazendo Jsto, os espanhoes são de tanto animo, sabedores E esprementados na guerra, que caramente hão de vender suas vidas, dando morte cruel aos que primeiro diante se acharem. assi que nos comvem perdermos primeiro as vidas que os nossos seJam tocados de suas espadas como sabeis que cada dia ho poem por obra nesta nossa Jtalia nas batalhas E afrontas em que se achão. E nam tenho duuida que sendo cometidos de vossos fortes braços E animos nam vençidos, posto que muitos percamos as vidas em breue tempo pereçerão todos. mas tenho grande Reço que os alemães, françeses, Jngreses, vnguaros, E os das outras nações, vendo que poemos a matar os espanhoes, temendo que outro dia faremos o mesmo a cada nação delles, se aJuntarão com os espanhoes. E Juntos façam a noos o que noos a elles queremos fazer. E quando Jsto assi nam aconteçesse, E de todo nosso proposito fosse cumprido nam creio que os Reis E prinçepes christãos çerrassem a Jsto as orelhas, antes pondo diante sy tal crueldade se congreguarão E com grandes exçerçitos entrarão em Roma, E dando a noos E a nossas mulheres E filhos crudelissima morte deRibarão E arasarão nossas casas E possissões E extinguirão ho nome E geração dos Romanos pera sempre. E a gloriosa fama que nossos

fl. 216v antecessores alcançaram // senhoreando ho mundo, se apagaraa, E perderaa em noos, por tam feo caso como este seraa. como o duque ouue acabado, alguns ançãos louuaram seu conselho. posto que o senhor Renço E o arçebispo, E o senhor troilhos sabelo eram de cantraira [sic]¹³¹ opinião, E estas Rezões do duque foram causa que dilatou poerse por obra naquelles dias o que detriminauam. ca os mançebos dando mais luguar a seus apetitos mal avisados nam dauam credito ao conselho dos sisudos. E sendo neste conto o manifico Lourenço como dito hee, estando Juntos no capitolio lhe chegou ali noua como françisco maria duque dorbino hia com grande oste despanhoes, alemães, Jtalianos, a Recobrar seu ducado, a qual noua pos tanta toruação no manifico Lourenço, E naquelles senhores seus parentes E amiguos que os espargeo de sorte que ficou tudo em paz E taes ouvi ahi que esperauam ofender aos espanhoes de Roma, E ouveram o castigo que mereçiam, dos que vinhão com o duque dorbino.

Como o manifico Lourenço se foi A segunda guerra dorbino¹³², E do que lhe aconteeço.

Loguo o manifico Lourenço se partio de Roma pollas postas leuando consigo o senhor Renço E o senhor troilhos sabelo com outros capitães prinçipaes Romanos. E foisse a florença onde em breue tempo aJuntou grande exercito E se foi a via dorbino, a Rezão por que françisco maria dorbim pode aJuntar Jente, por Reçeço da vinda do emperador em Italia. ca estauão em verona quatro mil espanhoes que ha guardauão dos françeses E venezeanos por mandado do emperador, os quaes eram tam sabedores da guerra que totalas vezes que se pedro nauarro capitão da Jente françesa afrontou com elles, o maltrataram. E em hum combate que lhes deu ho escalauraram, E correram com elle, pollo qual elle disse que avia dentro muitos pedros navarros. E conçertandosse o emperador com venezeanos lhes deu liçença por nam aver mester guarnição em verona. E sabendo françisco maria que aquelles soldados ficauam sem soldo se foi a elles E os leou consigo dandolhes escala franca em todolos luguares de seu ducado que se nam quisessem dar. E com este apetito de Roubarem E saquearem aquellas terras se foram com o duque. E tambem muitos alemães E Jtalianos, de sorte que criou em breues dias mais de doze mil guerreiros com que entrou no ducado. E Jndo as cousas A largua, aJuntou mais de trinta mil homens em seu exercito. sendo assi ambos os duques entrados na[s] terras dorbino, ouveram muitos Recontros nos quaes morreo muita Jente, E a maior parte do exercito do manifico Lourenço [.]. // E sempre seus feitos foram de mal em pior, E nam da maneira que sohia dizer em Roma que nunca françisco

fl. 217r

¹³¹ Leia-se *contraira*.

¹³² Sexto grande momento das *Guerras de Itália* – as *Guerras da Liga Santa* (1510-1514) e a *Primeira Guerra Italiana de Francisco I* (1515-1516) constituem, respectivamente, o quarto e quinto momentos –, a *Guerra de Urbino* (1516-1517) tem como principais protagonistas Lourenço II de Médici e Francisco Maria I della Rovere. O Fidalgo de Chaves refere-se sobretudo à segunda fase deste conflito (que designa precisamente de *segunda guerra dorbino*), ocorrida em 1517: Francisco Maria aproveita a situação de grande instabilidade política vivida em Itália, bem como de claro enfraquecimento militar por parte das forças papais e francesas, no caso destas devido à sangrenta batalha de Marignan, para formar um exército e recuperar o ducado de Urbino pela força das armas. Todavia, mantém-se no poder apenas durante um breve período (entre Fevereiro e Setembro deste mesmo ano).

maria tiuera animo de se amostrar com elle cara a cara E desemparara E se sahira de seu senhorio como homem de pouco esforço E ousadia. andando o manifico Lourenço prouendo em assentar a artelharia sobre huma vila que tinha çercada que estaua em guarda despanhoes lhe atiraram E deram sobre o capaçete com hum pilouro despinguarda E lho falsou. E foi tam mal ferido que todo o tempo que a guerra durou, esteue em florença onde secretamente foi leuado. E da ferida ficou com o pescoço torto, E quasi trazia ho Rosto sobre hum ombro. E por que neste tempo tambem se ordia de querer tomar ferrara, E em Roma nam se sabia a que parte se Recolhera – ca huns diziam que se fora a ancona, outros a florença, outros tinham que fora trazido a Roma – foram postos muitos epitafes por Roma, E hum dizia A maneira de preguão, chisape se – chi avese torbato al manifico lourenzo – vada al sacristano dela paçe ele sera donato lo nom bebragio [.]. E por que suas cousas eram mui cahidas, se pos outro que dizia, vide voy che senara manifico lourençino che per pigliar ferrara, avete preso vrbino. E por que a todo homem parecia esta guerra JnJusta, a todos apraziam estes motes que se achauam preguados pollos pubricos das prinçipaes Ruas de Roma como hee husança. tanto erão Ja os frorentins malquistos do ducado dorbino polla sobegidão de sua tirania que sem muita contenda sentregarão ao seu propio duque as mais das vilas E fortalezas, E soo a çidade de pesaro Reseruoou pera a derradeira. por ser o manifico Lourenço ferido mandou o papa por leguado E seu capitão geral em seu luguar ao cardeal sancta maria Jnportiguo. E posto que este guovernaua seu exerçito com mais saber E tento, os de françisco maria lhe mataram muita Jente. era lastima ver os esquadrões dos soldados que o papa mandaua de Roma a esta guerra de muitos milhares de homens. E nam tardaua nada em vir nouas que todos eram desbaratados E mortos. E aquelles capitães Romanos que erão em conselho de matar os espanhoes de Roma vinham pera suas casas feridos E destroçados da mão dos espanhoes que eram com françisco maria. os mais neste tempo segundo se afirmaua passauam Ja de sete mil. E onde elles punham o Rosto nam se podia soportar seu Jmpeto, que assi as vilas E çidades çercadas de fortes muros, como as ostes do campo tudo leuauam nas mãos. era naquelle tempo barachelo ou alcaide de Roma hum castelhano chamado santa cruz que fora capitão de Jente de pee nas guerras passadas. E por ser homem esforçado E sabedor na guerra // , o papa o mandou por capitão de muita Jente pera engrossar seu campo. E depois de se aver apresentado ao leguado, passados alguns dias se afrontou com os espanhoes Junto de pesaro. de tal maneira ho trataram que elle E os que escaparam vieram a Roma destroçados E perdidos, o qual disse ao papa que em quanto os espanhoes andassem em companhia de françisco maria, sua santidade seria sempre perdido. soo por que trazia consigo çinco mil capitães, por que cada hum daquelles era tanto pratico na guerra que abastaua pera guovernar grandes exerçitos. tanta Jente perdeu o papa E em tal extremo se vio o leguado que foi forçado as forcas [*sic*]¹³³ da guerra mudarense em partidos E manhas nom liçitas, os quaes tratos se começaram a fazer com o embaixador de castela Jeronimo bique prometendolhe o papa que lhe faria hum Jrmão cardeal com tanto que elle fizesse que os espanhoes que erão com françisco maria ho deixassem. açoitando o embaixador este partido pera mais breue espedição de seus neguócios contrataua com alguns dos capitães espanhoes que dessem françisco maria nas mãos do papa, o qual tomou cartas de çertos capitães que escreuiam a

fl. 217v

¹³³ Leia-se *as forças*.

Roma, nas quaes vio a traição que se contrataua contra elle. E huma destas cartas era de hum capitão chamado maldonado que estaua acima de todos os outros em estima E saber da guerra a quem o duque daua grande credito, o qual trazia com sua fardage desasseis azemalas de Reposteiros E muitos caualos E facas. como o duque ouve as cartas A mão, chamou os capitães E príncipaes guerreiros de sua oste, principalmente aos espanhoes nos quaes era toda sua saude, E lhes disse como elle se posera em suas mãos tomando os por companheiros fazendosse Jgual de cada hum delles. E que por elles E por suas bondades E fortaleza de seus animos, era Restituído a sua honrra E estado, E que aguora elles mesmos o aviam aleuantado E tramado E contratauão com seus Jmiguos de o deRibar E o darem em suas mãos. o que delles se nam esperaua por nam caber na Jente espanhol nome de tredores E de tanta Infâmia E que Jsto poderiam bem ver por aquellas cartas que aviam sido tomadas, preguntando, se se conheçeria antre elles as letras E sinaes dellas. nam se pode entender com que confiança E ousadia o capitão maldonado confessou ser huma das cartas sua E de sua mão, pollo qual foi loguo tomado dos espanhoes E passado pollas picas dandolhe morte desonrrada E de tedor. E a Roma fugiram outros tres capitães que com elle em conserua eram. este foi hum dos começos de Jeronimo bique que se declarou vender a fieldade de seu ofiço E cargo, E sua mesma honrra, E aos seus naturaes E aos

fl. 218r // que eram liguados com seu Rei E seguiam seu seruiço. tudo por cobiças desordenadas de dadiuas E promessa de lhe o papa fazer seu Jrmão cardeal, nas quaes obras alcançou nome de Infâmia que durara pera sempre.

Como se o papa sentia affligido por
suas cousas nom serem prosperas.

Estando os feitos da guerra em tal estado, o papa era mui affligido polla muita Jente que se perdera de seu exercito E polla grande soma de dinheiro que guastaua. E sobretudo ser françisco maria senhor do campo o qual nam se tendo por contente de aver cobrado de nouo seu estado se foi fazer guerra a perosa E As terras da JgreJa. E çercou a çidade de perosa, E destrohio seus campos E as quintãs E herdades de toda a terra. E lhe deram os perosinos por conçoerto quinze mil ducados [...] de perosa se foi a ancona. E entrou na çidade, a qual hee da JgreJa. E Roubou della E de seus termos o que lhe aprouue. despois se veo cheguando tanto a Roma que mil E duzentos albaneses ou estradiotes cavalos ligeiros que consigo trazia correram os campos de viterbo, E a çidade de orbieto com outras çidades E vilas da JgreJa.

Como o papa fez hir o cardeal de sena
a Roma. E como se tornou a sahir
com temor de ser preso.

O cardeal de sena e seu Jrmão que estauão em desterro negoçearam tanto com el Rei carlo que mandaua ao viso Rei dom Reimão de cardona que os fosse meter em sena, E paçificamente os deixasse apoderados E entregues de seu estado. E vindo Jsto a notiçia do papa, mandou dizer ao cardeal, que se viesse pera Roma que elle ho queria Restituir a suas terras, Rendas E estado. Roguandolhe que de sua mão, E nam doutrem Reçebesse este

benefício. dando o cardeal credito a estes prometimentos por atalhar a estes males aceitou Jsto com segurança dos embaixadores del Rei carlos E de todo o sacro collegio [,] a que o papa Rogou que ho fizessem tornar a Roma. E mandoulhe breues de grandes seguranças. E assi o fizeram os cardeaes, E embaixadores. estas perfias E seguranças ho fizeram vir. E foi grandemente Reçebido de toda a corte Romana. E Jsto ordio o papa por ver que as cousas da guerra hiam contra elle de mal em pior, E que sem seu grado mandaua el Rei que se fossem pera o seu E pera ho guoverno de sena. esteue o cardeal em Roma todo o mes de feureiro da era de 1516 no qual tempo as mascaras tem maior primor. E nos paleos do entruido os caualos do cardeal vençeram tres, scilicet, o de brocado, o de veludo cremesim, E o de damasco verde. // E por causa das guerras nam se coReram em campo trastacho. E mandou o papa que se coRessem em Roma de campo de frol atee sam pedro [.] era cousa de marauilha a alegria que todo o pouo fazia, quando a vooz vinha que os caualos do cardeal de sena vençeram, o[s] quaes aJnda nam eram bem cheguados ao lugar do paleo quando de huns em outros se sabia em campo de frol. verdadeiramente bem parecia ser aquelle o derradeiro triunfo seu por prazer tanto comum. amostrauam pesar E tristeza geral como despois vimos (em sua prisão e morte) per toda Roma. era mui quisto E amado de todos em geral por ser a todos liberal, apraziuel E graçioso. vendo elle que os prometimentos do papa erão tudo palauras, E que soçedendo suas cousas prosperamente na guerra peJorauam suas esperanças. E finalmente sendo avisado que se ordia de o prenderem tomou por Remedio sahirse outra vez de Roma. sua Reuerendissima senhoria me tinha avido do papa dispensação pera ter em comenda no abito de cristos çem mil Reis de Renda digreJas, E o breue era cometido a sua senhoria. E por que seu costume era honrrar E acreçentar seus criados, tanto que detriminou sua partida me disse o dia pera que me aperçebesse pera me fazer caualeiro E deitar ho abito. E o dia assinado de sua partida foi o em que me fez a sobredita merçe com muita solenidade E honrra. E tanto que acabou de comer mandou que caualguassemos dizendo que hia A caça. E assi Juntos com nossos carnetos, trellas E toda a outra maneira de caçadores sahimos per Roma contra a porta de sam sebastião que sera pouco menos de huma legua com o despouoado por dentro da çidade. E sahidos fora dos muros vimos gente de caualo armada. E loguo o cardeal se voltou a noos, E nos mandou tornar pera casa dizendo que Ja achara a caça que buscaua. aquelle era o senhor prospero de cabe que vinha pera acompanhar sua Reuerendissima senhoria, E o tornar outra vez a Janaçano. E a casa do cardeal era assi abastadamente provida como era sendo sua Reuerendissima senhoria presente.

fl. 218v

Das Reuoltas dos orsinos E coluneses, E da
morte de bernardo mocar, E de pedro marguano.

Os orsinos E coluneses teueram sempre bandos antre sy E desavenças, as quaes Renouaram nestes dias. E tanto foram creçendo que os coluneses meteram a saco huma grossa vila da JgreJa pouoada dos orsinos, na qual foi feito grande estraguo de Roubos E mortes domens. E nam tardou muito que os que eram em Roma começaram de tomar vinguança. foi morto na çidade per mãos dos orsinos bernardo mocar colunes mui grande letrado E homem de muita valia antre os Romanos, o qual avia poucos dias que fizera humas casas mui bem edificadas, E de // pinturas mui naturaes. E atras este mataram pedro marguano em huma

fl. 219r

sua vila que comprara avia poucos dias noue milhas de Roma. este Romano hee de que Ja tenho falado atras, o qual se fora follgar aaquella sua villa. E estando sem sospeita apousentado em huma fraca casa chegaram seus Jmiguos a çertas oras andadas da noite, E çercaranlhe a casa E entraram com elle foi todo huma cousa. dizse que o trahio hum seu criado que consiguo tinha, que abrio as portas da casa aos contrairos, o qual com outro Romano seu parente Jaziam na cama. E quando se sentiram entrados, cuidando de se saluar deitandosse por huma Janella cahiram nas lanças dos Jmiguos que estauam de fora onde foram mortos atrauessados de muitas feridas. E tal foi a fim de pedro marguano, manço sobre todos Romanos manços. estimado dos de seu tempo foi sua morte mui sentida por toda Roma onde sua molher o fez trazer. E com mui solennes obsequias E honrras foi depois de mui pranteado, enterrado no moesteiro de ara çeli em campidolio.

Das maneiras que o papa tinha
pera aver dinheiro pera a guerra.

Estando o papa mui sem dinheiro, nom tendo com que pagar ho soldo aos guerreiros, lhe foi aconselhado hum albitre frorentim pollo cardeal de mediçis¹³⁴ que o guovernaua, scilicet, que publicasse Jnquisição contra os christãos nouos de Roma, ou confessos. E que poderia aver delles grande soma de dinheiro, os quaes são Ricos em demasia, principalmente os que fugiram de castella que compraram E alcançaram muitos ofiços apostolicos, E benefiços em grande quantidade. çertamente muitas vezes ouvi dizer que tinha gibrleom mais de sessenta JgreJas curadas humas aneJas As outras, sendo sua estatua queimada em castela. E tinha muitos ofiços apostolicos. muitos destes avia em grande maneira Ricos de ofiços E benefiços. quando elles viram a Jnquisição sobre si, a partido de dinheiro, E sendo terceiro antre elles o cardeal daraguão, affirmauasse que lhe fizeram por seu trabalho çincoenta mil cruzados nas mãos. E o papa ouve mui grande soma de dinheiro. tambem os Judeus ouveram seu Repelão, ca nam se deixaua de dar senam a quem nam tinha pello. muito se falou que se ordenaua de deitar dizima a toda a clerizia. E embaixadores dos Reis erão conuidados E Requeridos com doçes palauras E promessas pera escreuerem aos Reis fauorecendo o deseJo do papa. E a mostra disto era querer armar contra os turcos, assi que fl. 219v totalas maneiras de aquirir Riquezas se prouaua. E assi como os de fora viam // ser feitas estas cousas mui descubertas, descubertamente as praticauam nas praças.

Como os Romanos se ençerraram
com o pão, E mediçis mandou vir
triguo de çezilia que bastou Roma.

¹³⁴ Giulio di Giuliano Médici (1478-1534), futuro papa Clemente VII (eleito em 1523). Trata-se do filho ilegítimo de Giuliano Médici, tio do papa Leão X (o qual, em 1513, no sentido de favorecer a Casa Médici, declarou legítima a sua filiação paterna). Primo de Leão X e neto de Lourenço, o *Magnífico*, Giulio não chegou a conhecer o pai, assassinado um mês antes do seu nascimento na *Conspiração dos Pazzi* (1478).

Entrando a primeira vera no ano de 1517 nom fazendo o tempo mostra de bõas nouidades os Romanos se ençerraram com suas tulhas E vendo o cardeal mediçis que nam aproueitaua mandados nem penas pera se dar, deu ordem como em breues dias veo de çezilia a Roma grande soma de trigo E çeuada, E mandou apreguoar que nenhum forneiro cozesse trigo Romanesco sob pena de morte em quanto durasse o de çezilia. E nisto se aproueitaram os cruzados que os Romanos perderam em ençerrar seu pão, por que as nouidades acodiram bem. E o pão de Roma nam se tem passado o primeiro ano. E a esta causa se perdeu muito. tudo Jsto nam abastaua E muito mais pera sustentar a guerra. E por esta Rezão se começou de entender em criar tantos cardeaes Juntos como se adiante diraa.

Como tiraram de casa do cardeal de sena hum
mercador que hi estaua acolhido por omezios.

Estando como hei dito o cardeal de sena em sanaçano veo a Roma hum honrrado E Rico mercador de constantinopla de nação Jtaliano. E por ser omeziado por Respeito dalguns seus parentes mandou o cardeal que estiuesses em sua casa. Ja tenho dito que as casas dos cardeaes valem ao que nom valem as JgreJas em Roma E tam Reuerençadas são que nenhuma Justiça entra nellas a prender nenhum omeziado, de qualquer crime que seJa. mas nestes tempos nam se guardou a tal honrra A casa do cardeal. ca tendo o barachelo espia quando seus criados eram hidos polla çidade a seus negoçios entrou em casa com muita Jente E leuou ho a prisão de torre de nona, do qual desacatamento o cardeal E os seus teueram muito sentimento. E nam hee de duuidar que se as cousas do cardeal nam soçederam com tantas adversidades E desaventuras, que o barachelo fora bem castigado. Jsto aconteceu no começo do verão. E esta E outras taes cousas amostrauão bem claro que a destroição do cardeal se deseJaua E tramaua.

Da prisão de marco antonio mestre de casa
do cardeal de sena, E do doutor miçer sçipião
E de miçer paulo seu secretario E de Lourenço soares
seu soliçitador, E de João bautista grão çulurgião.

Ja o cardeal tinha seus negoçios tam avante que el Rei carlo // ho mandaua Restituir a seu estado com quanto tinha por seu secreto aduersario o embaixador mosembique. E nam saberei dizer por que Rezão el Rei mandara avia poucos dias dom pedro durea bispo de Regio seu embaixador a Roma. mas com tudo nam se tirou o carguo a mosem Jeronimo, E ambos se chamauam embaixadores. E estando os feitos do cardeal em tal estado, E o pouo espantado da descortezia feita a sua casa na tirada do mercador, o mesmo barachelo per mandado espeçial do papa, foi outra vez a casa do cardeal E prendeo marco antonio seu mestre de casa E ao doutor miçer sçipião primo de sua Reuerendissima senhoria, E a miçer paulo seu secretario, E a Lourenço soares seu soliçitador. E Juntos foram leuados A torre de nona onde os ospedaram com cruees tratos de corda, E outros asperos tormentos. E no mesmo tempo que estes foram em Roma presos prenderam em fforença hum çulurgião dos grandes ditalia chamado João bautista de virçely E foi trazido a Roma A mesma prisão de torre de nona, E agusalhado com as mesmas Jguarias de tormentos que foram dados aos

fl. 220r

fl. 220v

outros. este çulurgiam era grande seruidor do cardeal, acompanhauo como seu proprio familiar. por ser tam exçelente em seu ofiço E muito Rico E aventaJado de sua pessoa o cardeal o fauoreçia E honrraua muito. aJnda que pareça sahir fora do proposito direi duas notauées cousas que lhe vi fazer. estando em pratica A mesa do cardeal, disse que sabia compoer hum vinho de tal maneira que faria dormir com huma taça delle çertas oras a qualquer homem que o bebesse. foi Jsto esprementado em hum moço da estrebaria E a vista dos que eramos presentes lhe deu o vinho. E despois de o beber esteue o moço mui pouco espaço sem sahir de seu sentido. E duroulhe o sono as oras que o mestre dissera. a outra estando huma tarde de verão assentados em hum poyal A porta do cardeal, chegou hum moço muito doente a pedirnos esmola. perguntoulhe João bautista que doença era a sua. Respondeo que de dor de pedra. o mestre olhando pera mjm disse, miçer Jacobo, queres que faça huma gualantaria neste moço em guareçer em continente. eu lhe Respondi que faria seruiço a deus. E fello loguo tomar E leuar a huma das camaras do apousentamento das casas debaixo, E mandou o atar a hum leito. E bem aRematado dos que hi estauão ho abrio por antre as pernas E lhe tirou a pedra do tamanho de huma noz, a qual nos veo amostrar aos que estauamos de fora. E foi Jsto feito contra vontade do moço a que nam aproueitou brados nem choros. fez loguo hum escrito pera os mordomos de hum espirital que ho Recolhessem // E dous familias ho leuaram assentado em huma cadeira. di a poucos dias o moço lhe tornou a Render graças pollo bem que lhe fizera são. E sem paixão alguma, tornando ao proposito, este mestre E os outros foram mui mal tratados na prisão, sendo per continos dias mui atormentados. verdadeiramente as cousas que do çeo são ordenadas nam se podem desuiar. sabendo o cardeal que seus criados erão metidos em prisões, nam sei que Juizo foi o seu E dos que o aconselharam que deram credito a seguranças E profertas do papa pera se vir outra vez meter em Roma.

Como o cardeal de sena veo
a segunda vez a Roma.

DeseJando o papa aver per qualquer via o cardeal As mãos lhe mandou breues de Real segurança com totalas clausolas que se dar podiam, posto que fosse conspiração contra o sumo pontifeç, dando o sacro collegio por fiador, E os embaixadores de castela. quando se mais diligencia punha nestes tratos, os dauam mui ameude de corda aos sobreditos presos segundo despois contauam aquelles a quem deram as vidas. sendo o cardeal Jnoçente das culpas que por lhe tirar o estado E a vida lhe despois dauão. elle E todos seus amigos que o aconselhauam enganados destas seguridades, principalmente como hei dito que sua Jnoçencia ho asseguraua. sem olhar que os criados erão aJnda nas prisões Reteudos, sem poer diante si os mui grandes agrauos E desonrras que tinha Reçebido çeguado das amorosas palauras do papa de que Ja tam escramentado deuera de ser pola esperiencia das cousas passadas. conçedeo em todo o que lhe foi Requerido. E a xbiij dias de maio da era de 1517 no ano quinto do pontificado do papa a huma segunda feira, o cardeal se veo a Roma E sahirãno a Reçeber muitos perlados E grandes senhores E muitos priuados E parentes do papa E Romanos. E os criados de sua Reuerendissima senhoria que naquelle tempo aconteçeo estarmos em Roma o fomos Jsso mesmo Reçeber, estando fora da porta maior por onde avia dentrar, Ja que toda a Jente cheguaua A porta. huma manada de bufalos

sahia da cidade pera fora. E de tal maneira embaraçaram a entrada que nam avia Remedio pera os tirar da porta nem fazelos Retirar atras nem hir adiante. assi que poserom por bom espaço embaraço A entrada do cardeal, hum Romano que era grande seu seruidor grande letrado E prinçipal cidadão me disse naquelle Instante // çertamente sua Reuerendissima senhoria deuia ter por mao sinal E triste aguoiro achar estes bufalos A entrada de Roma de tal maneira embaraçandolhe o caminho. eu me Ry daquillo por que são homens que crem muito nestes aguoiros tendo aJnda Reliquias dos Jentios. entrando o cardeal na cidade passados os desertos chegando ao pouoado erão totalas Ruas cheas de homens E de mulheres que ho sahião a ver como a homem que vinha de sua propria vontade padeçer morte. E de todos nam avia pessoa que nam amostrasse tristeza com sua vinda por que de todos era bem quisto, E a todos pesaua com sua perdição, mas o cardeal amostraua a huns E a outros mui alegre sembrante saudando os com doçes palauras. E chegando a seus paços hindo eu adiante delle per huma sala me pos a mão no ombro E me perguntou que se dizia de sua vinda a Roma. eu lhe Respondi que o parecer de todos os que deseJauão seu seruiço, era que sua Reuerendissima senhoria avia feito grande erro em vir a Roma. Respondeo que os que aquillo diziam nom sabiam as cousas como passauam. E entrando na camara, o Romano que hei dito o apartou, E lhe disse que nam fosse ao sacro palácio E que se deuia loguo tornar, por que seria preso, que se posesse em saluo. destes avisos lhe foram muitos dados antes que abalasse de Janaçano, mas as grandes seguridades do papa E ser Jnoçente da culpa que lhe punhão o fizeram vir a Reçeber morte. a bastar deuera pera se nam fiar de nenhuns prometimentos o Jardim que lhe tomou, E as pousadas do sacro palácio, depois neguarlhe a Jda de sena onde tantos guastos erão feitos pera seu Reçebimento, depois tomarlhe bolsena, E a mesma cidade de sena lançando a elle E aos Jrmãos fora.

Como o cardeal saule E o cardeal de sena foram presos E leuados aos castelo de santoangelo.

No dia seguinte que foi terça feira querendosse o cardeal assentar a comer pera se loguo hir pera o papa, huma mulher entrou na antecâmara do cardeal a grão pressa E disse ao veador que queria dizer a sua senhoria çertas cousas que lhe Releuauam muito. o veador lho foi dizer, E o cardeal a mandou entrar em sua camara. a molher lhe disse que estando ella em sua casa, hum homem da guarda do papa foi pedir armas emprestadas a seu namorado que tambem era da guarda. E que o amigo della lhe perguntara pera que queria as armas, E o outro lhe Respondeo como nam sabes tu que avemos oJe de prender o cardeal de sena, E que então lhe contara como ho mandaua // prender o papa. E que ella estaua em parte onde ouvira tudo. E por ser senesa E da criação de seu pai, lhe vinha dar aviso que em nenhuma maneira fosse ao paço do papa, atee ser bem enformado do que passaua. nam ficou o cardeal pouco toruado com estas nouas E posto que com elle comiam grandes senhores nam pode tanto dissymular sua dor que claramente todos ho nam entendessem E assentandosse A mesa, nam esteue muito que se nam aleuantasse deixando os ospedes comendo, E entraua na camara E tornaua os a visitar sem se assentar pedindolhes perdão que tinha que fazer. E bem amostraua andar como homem mui acupado de paixão. E Ja tinha mandado o veador ao paço do papa por que era parente de miçer siluio datairo que fosse ver E espreitar se avia laa alguma mudança ou aluoroço. em quanto o veador hia, o

cardeal se deteue falando com aquelles senhores que com elle estauam, mas o messageiro tardou tanto que passaua a ora de caualgar. cheguandosse a fim do cardeal, E por que nam trazia consigo naquelle Instante os seus bispos familiares nem tantos capelães que o acompanhassem na voda, o cardeal adriano que era seu vezinho E grande amigo mandou todolos seus que o fossem acompanhar. E poendosse a caualo diante da porta por que assi hee husança antes que os cardeaes sayam com os moços destribeira dos quaes quatro leuam varas pintadas nas mãos com as armas dos cardeaes, quando o cardeal vio os bispos E tantos honrrados homens que o estauam esperando mandou que todos caualguassemos E sua senhoria fez ho mesmo por que era cheo de toda cortezia, avendo que a nam fazia em deixalos assi estar esperando. E com quanto avia muito tempo que o messageiro era ido. nam vinha com Recado nem apareção em quanto fomos por Roma. E passada a ponte de santo angelo Jndo Ja polla Rua alexandrina, heis o mal aventurado veador a gram pressa. E cheguandosse ao cardeal disselhe que era preso se se nam tornaua. com esta noua o cardeal se deteue E olhou pera tras E vio a ponte chea toda de Jente armada. E totalas portas do burguo eram Jsso mesmo guardadas. E forçado da neçessidade seguiu seu caminho ata o sacro paço onde o estauam esperando os cardeaes saule E cornaro que foram os fiadores prinçipaes que o papa deu pera o fazerem tornar a Roma. entrado o cardeal na camara do papa onde achou os sobreditos cardeaes nam tardou muito que da camara onde o papa estaua Recolhido sahio a elles o conde anibal capitão da sua guarda da Jente // de caualo. fl. 222r E disse ao cardeal de sena que sua santidade mandaua que fosse ao castelo de santo angelo. E loguo disse ao cardeal saule outro tanto. veJa vossa Jlustrissima senhoria que aluiçaras mereçia o portador de tal noua, a qual o cardeal de sena soffreo com alguma paçiençia mas o cardeal saule salteado de cousa que nam cuidaua se aluoraçou muito E Repricando ao capitão que visse se se enguanaua, ou nam entendera bem sua santidade. vendo que todavia se afirmaua no que dissera fez hir dentro ao papa o cardeal cornaro pedindolhe por merçe que fosse saber de Sua Santidade se dera tal comissão ao conde E cornaro entrou pera dentro mostrando espanto no que via sendo elle hum dos que ho venderam. E loguo tornou fora E disse que Sua Santidade queria que ambos se fossem ao castelo. E aleuantandosse os dous cardeaes se foram pollo muro secreto que vai do paço ao castelo em companhia do conde E doutra Jente armada. E entraram no castelo onde lhes tinhamo Ja aparelhadas pousadas. huma apartada da outra de maneira que se nam podessem mais ver nem falar. E assi foi que aquella foi a derradeira em que se ambos viram. ouvi afirmar que quando o cardeal de sena cheguou A porta de sua prisão que miçer dominico sota castelão que fora seu mestre de casa, E cabdetario, querendosse o cardeal deter pera dizer algumas cousas ao conde E aos de sua companhia que dissessem ao papa, lhe dissera com sanha que entrasse na prisão, quasi pondolhe as mãos, que nam era tempo destar em palauras. E que o cardeal olhou como fez christo a malco Reçebendo delle tam grande ofensa. E Respondeolhe deuiate lembrar que foste meu mestre de casa E condatario, E que tens Reçebido de mjm muitas honrras E merçes. E entrando o cardeal na prisão, o cruel criado çerrou a porta com grande Jmpeto sem mais Responder. nam se aRependeo este como sam pedro antes foi obstinado atee fim como Judas. este ouve o bispado de soana quando se fez a Repartição dos benefiços do cardeal depois de sua morte pollos ofiçiaes da Justiça que condenaram a elle E aos outros. E ficou castelão despois que o bispo petruche foi cardeal E tirano de sena. Este foi o que a todos teue em prisão E que os pior trataua por comprar ao bispo

por que fora primeiro seu criado E elle o dera ao cardeal. E em quanto o bispo foi mestre de casa de sua Reuerendissima senhoria, este era sotamestre. E depois ficou no ofício em seu lugar.

Como foi preso E morto o capitão pouco entesta,
E as fazendas dos cardeaes presos tomadas.

Em quanto leuauam os cardeaes presos pollo muro ao castello sahio Jente armada As camaras de fora onde estauam aguar // dando como hee custume os criados dos cardeaes. E vinhão com elles criados do bispo petruche que amostrauão os que se aviam de prender E posto que ali estauão criados do cardeal saule, nam prenderam senam os de sena. E o principal foi o capitão pouco entesta pessoa singular E que avia sido capitão da senhoria de sena xxb anos E a mandara A sua vontade com o fauor de pandolfo, tendo sempre o capitão sua parte fielmente. este viera tambem sobre seguro do papa. era pera marauilhar o derramar das ovelhas, ferido o pastor. cada hum nam era seguro no lugar onde se achaua por que todolos dias prendiam os que cuidauam ser esqueçidos E se achauam sem nenhuma culpa E nam entendiam nos outros senam nos criados do cardeal de sena por que estas cousas se tratauam todas per conselho E ordenança do bispo petruche pera apagar o bando do cardeal, pera elle ficar tirano mais sem contraste. leuados A torre de nona foranlhe dados muitos tormentos. E aos xbj dias do mes de Julho da dita era de xbij, o capitão pouco entesta amanheço enforcado de huma amea da prisão. pendendo sobre a Rua pubrica onde esteue atee a tarde vestido hum gibão de çetim negro E calças de grãa, capatos de veludo negro E na cabeça huma guorra de veludo, E hum escato nos pees que dizia que Sua Santidade o mandara enforçar, por que conspirara com outros pera o matar. foi tirado A tarde E leuado ao campo santo. como os cardeaes foram presos, no mesmo dia mandou o papa a casa de sena, E toda a prata, Joias, tapeçaria, alfaias, E ornamentos de casa, E todolos estormentos, scilicet, violas darco, alaudes, cravicordios E orguãos de pao, E outros estormentos que sua Reuerendissima senhoria tinha, muitos E mui perfeitos, lhe mandou tomar E Repartir por seus parentes. E todolos caualos prezados que vençiam os paleos, cursicres E ginetes se tomaram. E o cardeal çibo sobrinho do papa ouve os barbaros. acharanlhe soamente noueçentas liuras de prata laurada que são mil iij^c L^{ta} marcos [.] de çertas cousas destas desposaram loguo as casas. E as outras entreguaram per escrito a çertos seruidores do cardeal que deram dellas conta quando lhe foi pedida que nam tardou muito tempo dando lugar que todauia dessem de comer aos criados. as mesmas diligências fizeram na casa do cardeal saule. no dia da prisão dos cardeaes os embaixadores de castela E muitos outros cardeaes se foram pera o papa. E o bispo dom pedro durea vendo preso o cardeal sobre seguro E sendo da ligua despanha, disse ao papa tão asperas palauras E Reprensões que todos estauam espantados, dizendo que nom era de summo pontifiçe quebrar sua fee E palaura com outras Reprensões mui grandes E ousadamente ditas E a brados que se ouuiam de foora. a todas estas cousas o papa Respondia palauras brandas E mansas, E o // cardeal mediçis disse, bispo como falaes assi ousado a Sua Santidade nam sabeis que sois seu subdito. Respondeo o bispo que falaua o que deuia, E que o mal que lhe o papa podia fazer, era tirarlhe o capelo. que o tomasse que nenhuma cousa estimaua a Respeito do seruiço del Rei seu senhor. em todos estes debates nunca mosembique falou huma soo palaura nem o senhor decarpe embaixador

fl. 222v

fl. 223r

do emperador. Idos pera suas casas, mosembique se tornou loguo pera o papa E estiueram ambos grande parte do dia E da noite falando em secreto. o que falaram nam se sabe, mas presumesse que o trato era dar a morte a estes cardeaes por lhe fazer o papa seu Irmão cardeal. Ó mal aventurado conselho. os cardeaes todos Juntos foram muitas vezes suplicar pollos presos E nom çessaua cada dia de se aJuntar huns com os outros buscando maneira pera os tirar da prisão, mas pouco aproueitou, ca o dano era cada dia maior.

Como o cardeal são Jorge¹³⁵ foi preso E leuado ao castelo.

Andando os cardeaes nestes neguoçios, A sexta feira vespera da vespera de santo sprito entrando em consistorio, o papa se apartou com o cardeal são Jorge E com mediçis em huma camara secreta, E trauou com elles pratica em que passaram algum espaço E fingindo o papa que sahia fora a outra cousa. disse a são Jorge que ficasse falando com mediçis que loguo tornaua. E fuisse pera os cardeaes que estauam Juntos a fazer seu consistorio. E posto que se os cardeaes foram nam curou de tornar pera o cardeal. tardou o papa tanto que era Ja mui tarde de maneira que são Jorge começou dentender o caso, E afrigindosse da estada. mediçis lhe notificou sua prisão confortando o muito. loguo foi metido na camara de sarapita camareiro secreto do papa. E deixaram com elle pera o seruir hum soo camareiro muito seu priuado chamado Julião. a voz E espanto que foi em Roma de sua prisão nam hee cousa de crer. ca este era a segunda pessoa depois do papa. ca era camaralenguo da see apostolica que hee o moor ofiço de todos. trazia mui grande casa, E Jente mui Rica E luzida. acompanhanãno xbij patriarchas, arçebispos, E bispos, E outros muitos abades bentos geraes, E protonotairos, abreuiaadores do paço maior E menor, escritores apostolicos, E outros muitos ofiçiaes de curia Romana que o depois aJudaram a Redemir, emprestandolhe grande soma de cruzados. tanto que foi preso mandou o papa a sua casa fazer a mesma diligença de sua fazenda que fez nas dos outros presos. acharanlhe quatro mil liuras de prata laurada que são seis mil marcos os outros conçertos de casa nam tinham estima por que era homem de grande Renda E avia Riiij anos que era cardeal. E fora padrinho do papa de bautismo achandosse em frouença // em vida de Lourenço de mediçis seu pai. das suas Reaes casas direi em outra parte. esteue assi sam Jorge nos paços na sobredita camara sendo Resguatado com esperanças que paguando çerto numero de ducados o soltariam. naquelles oito dias pagouo alem da prata que lhe tomaram xbiiij mil ducados, mas tam pouco lhe aproueitaram por que em fim foi leuado ao castelo. E quando lhe foi dito que o papa o

fl. 223v

¹³⁵ Raffaele Sansoni Galeoti Riario della Rovere (1460-1521), sobrinho-neto do papa Sisto IV (1414-1484, eleito papa em 1471). Diplomata e importante mecenas, foi chamado cardeal de S. Jorge. Ascendeu ao cardinalato ainda adolescente, em 1477. Viu-se envolvido na *Conspiração dos Pazzi*, em 1478, que visava eliminar Lourenço, o *Magnifico*, mas foi considerado inocente. Mais tarde, foi igualmente acusado de participar na conspiração para assassinar o papa Leão X, supostamente promovida pelos cardeais Bandinello Sauli e Alfonso Petrucci. Foi aprisionado no Castelo de Santo Ângelo. Tal como ambos estes cardeais foi julgado pelo Sacro Colégio e considerado culpado. Foi degredado e privado da dignidade cardinalícia. Foram-lhe igualmente retirados todos os benefícios, encargos e bens que possuía. Apelou então para o papa, a quem pediu perdão e prometeu pagar a avultada quantia de 300.000 *ducati*. Leão X concedeu-lhe o perdão e restabeleceu todas as suas dignidades, com excepção do título de *S. Lorenzo in Damaso*. Foi igualmente privado de voz activa e passiva. A reconciliação foi celebrada por toda a cidade de Roma.

mandava a prisão, cahio amortecido sobre a cadeira em que estaua assentado. E daquella maneira o leuaram em colos domens A prisão.

Como o papa mandou proçeder contra os
cardeaes. E como foram condenados E priuados
das dinidades, E de quanto tinhão.

Loguo o papa mandou a hum bispo que então era guovernador de Roma de nação piamontes E mui prudente que fosse examinar os cardeaes presos. este bispo avia poucos dias que fizera Jmprimir hum tratado que composera de amiçicia E Justiça. E pareçendolhe contrairo o que lhe Sua Santidade mandava fazer ao que tinha escrito, Renunçou o ofiço, E espediosse do papa, E partiosse pera sua terra sem mais esperar dizendo que elle nam açertara o ofiço pera nam fazer Justiça que bem sabia que os cardeaes erão presos contra Rezão. ficou em seu lugar hum Jtaliano que era seu ouvidor E loguo tenente. homem Interessal, cruel, E de maos Respeitos. a este foi dado carguo do exame dos Reuerendissimos cardeaes o qual os ameaçou com tormentos cheguando com elles a estremo de lhe atar as mãos atras pera lhes dar tratos de corda. E dissesse que cada hum delles vendo sua pessoa posta em tal estremo, prinçipalmente o cardeal de sena disseram aos que os queriam atormentar que nom curassem de lhes dar tormento que escreuessem o que quisessem que elles assinariam todo por que nam erão homens a que se desse tormento que Jnda que nam confessassem ouvessem de soltar. erão presentes com o loguo tenente do guovernador neste exame o fiscal E dous notairos E outros. tanto que os proçessos foram feitos, E assinados mandou o papa Jntimar consistorio pubrico huma segunda feira vespera da vespera de sam João bautista no qual foram sentençados despostos E priuados dos capelos E dinidades de cardeaes E de todos seus benefícios E perlazias, ficando leiguos absolutamente condenados a pena capital, dizendo que aviam conspirado conta o summo pontifiçe. no dia de são João forão // leuados fl. 224r
As gualees pera sempre scipião primo do cardeal de sena, E miçer bernardo seu camareiro E outros dous seus criados tendo padeçido Ja muitos tormentos de tratos de pollee.

Como o papa criou Juntos xxxj cardeaes
E do que se dizia E fazia per Roma.

A sexta feira seguinte que foram xxbj dias do dito mes de Junho criou o papa xxxj cardeaes, antre os quaes foi criado cardeal o Jfante dom afonso¹³⁶ filho legitimo del Rei dom manuel primeiro deste nome Rei de portugal. antre os outros nomearei alguns. delles conheçi Ricos, E delles tam pobres que quando alcançauam Reção de tinello que os satisfizessem se aviam

¹³⁶ Trata-se do cardeal-infante D. Afonso de Portugal ou D. Afonso de Avis e Trastâmara (1509-1540). Foi o quarto filho varão do rei D. Manuel I de Portugal e da sua segunda esposa, Maria de Aragão, sendo por esse motivo desde cedo destinado à vida religiosa. Na sequência da embaixada enviada a Roma, em 1514, o rei português voltou a propor o filho para o cardinalato. O papa acede ao pedido do monarca português, nomeando, em 1517, D. Afonso cardeal, com o título de cardeal-diácono de Santa Lúcia *in septisolio*. Todavia, o título foi-lhe concedido com a condição de o barrete cardinalício não lhe ser entregue até atingir os dezoito anos de idade – o que não impediu que em Portugal fosse sempre tratado e reverenciado como cardeal, mesmo antes de o título ter sido oficializado.

por bem contentes. E estes erão os parentes do papa que eu conheçi sendo elle cardeal E tam pobre como Ja disse. deixo santiquatro, aJnda que este era algum tanto mais Rico por ser Ja datario do papa Jullio. deixo bernardo de bibiano [.]. deixo çibo. deixo mediçis, os quaes eram tam pobres como Ja tenho dito. mas nesta enleição foi luis de Roxas com outros seus parentes, tam pobres de Renda, letras, Jdade, E autoridade que se nam podia mais dizer. tres frades geraes. o de sancto agustinho, o de são dominguos, ambos mui grandes teologuos. E dos obseruantes françiscos – Jacobaes Romão, E campeJo auditores da Rota [.]. o senhor franchote Vrsino. dos coluneses o bispo Jrmão do prospero coluna, E o bispo de lauala sobrinho, o sobrinho do senhor sam Jorge çesarino alferez de Roma. os mais destes E dos outros cardeaes que nam nomeo compraram os capelos por grande numero de cruzados que se despenderam em breues dias na guerra dorbino. no dia que os cardeaes nouos ouveram os barretes comeram com Sua Santidade, E os velhos pollos honrrar. era Ja quasi noite quando sahiram do paço era cousa fermosa de ver tantos cardeaes E tanta Jente tam Rica E luzida que os acompanhauam. o castelo de santo angelo E totalas torres E casas prinçipaes da çidade pareciam arder com a multidão das luminarias E fogos que se faziam. ca todos honrrauão E festeJauão aos que seruiam E deseJauam seruir. foi cousa marauilhosa que sahidos assi Juntos do sacro paço começou de troar tam grandemente E RelampadeJar que parecia de dia, E que o çeo se partia [.]. cahiram dentro na çidade tres Raios em luguares que fizeram dano, prinçipalmente em santa maria traspontina que hee no prinçipio da Rua alexandrina da parte do castelo de santo angelo [.]. deu hum Raio em huma Jmagem de nossa senhora que estaa sobre a porta da JgreJa metida na parede // de mui Resprandeçente marmor. E fendeo o Raio a parede, E o capitel – leuou o menino acarão do colo da Jmagem, o qual se dizia nam ser mais visto nem achado. E Jsto aconteçeo sendo Ja os cardeaes sahidos do sacro paço entrando polla mesma Rua. o qual Rayo causou que o pouo murmurasse. nom faltou quem sobre estes trouões E Rayos fizesse muitos versos E epitafios que fixaram per muitos cantos de Roma. E por que o menino Jesu nam foi achado, antre os outros que por escusar proluxidade nam escreuo, se fez hum nesta forma – scariote vendidit me, alexander vendidit me, leo Jnstat, vale Roma quiavado ad celum. estando eu olhando estas nouas festas de tantas mudanças pompas E vaidades deste transitorio siglo com tanto prazer E tristeza que mais nam podia ser por nam ver naquella companhia o Reuerendissimo cardeal de sena, dixee a hum velho muito honrrado, que vos parece senhor – os çeos se alegram com as festas que oJe se fazem na terra. E elle com grande sanha me Respondeo – filho mas antes me parece que deus estaa Jndinado pollo que qua se faz, E por Jssso o çeo mostra estes sinaes de querer aRuinar a terra.

fl. 224v

Como foram Justiçados marco
antonio, E João bautista.

O sabado seguinte foram metidos em huma carreta leuados E Justiçados per toda Roma marco antonio mestre de casa do cardeal de sena E o çulurgião João bautista de vergeli, sendo cruelmente tanazados despois enforcados E esquartizados a ponte de santo angelo. E tambem foi trazido na carreta com elles miçer paulo secretario do cardeal. mas este foi mandado As gualees. estas Justiças foram feitas em luguar onde as bem podia ver o cardeal

da prisão. bem se deue presumir quam affrigido estaria seu espirito vendo seus criados padeçer tam cruees tormentos.

Como o cardeal de sena foi ençerrado onde
nunca mais foi visto. E de como ao seu mestre
de casa foi defeso que lhe nam leuassem mais de comer.

Quando estes mal afortunados cardeaes foram metidos nas prisoens deram a cada hum delles hum soo seruidor que os seruisse E acompanhasse. E algumas poucas vezes se consentia que alguns seus criados lhes fossem falar. neste dia a ora de terça antes que fossem Justiçados os sobreditos, marçelo camareiro do cardeal de sena esteue com sua Reuerendissima senhoria. E per elle nos mandou encomendas nomeando cada hum per seu nome confortandonos que nos alegrassemos E tuessemos bom animo que çedo seria liure das prisões, mandando ao mestre de casa que fizesse de sorte que nam faleçesse a abastança no comer E guoverno de sua casa E pera Jsso se vendesse todo o que comprisse mas nam foi assi como elle cuidaua, ca loguo ao domingo ho meteram em tal lugar onde nunca mais foi visto. E foi dito // a seu mestre de casa que lhe nam leuassem mais de comer. E o paJe foi despedido, E o cardeal ficou soo. assi feneçeo seus ternos dias o Reuerendissimo alfonso petruche cardeal de sena – titulo santo teodoro. de que maneira lhe deram a morte nam se afirmaua. ca huns diziam que o afogaram, outros que o mataram a ferro, outros que lhe tiraram ho comer, E que disso E da humidade da casa morrera, outros que de peçonha. mas os de mais opinião erão que lhe deram guarrote E que naquella mesma noite foi visto leuar hum homem por çertos homens da guarda do castelo a campo santo que hee loguo Junto de sam pedro. E que leuaua calças de grãa, çapatos de veludo, gibão de çetim negro. presumesse ser este o cardeal. moReo de Jdade de xxb anos E meo. fora criado cardeal sendo de idade de dezanoue anos. E de grão corpo E mui fermoso E de bom Juizo E saber. E de Reaes Respeitos, cuJa morte E triste fim deu muito sentimento em Roma.

fl. 225r

Como o papa pedia L^{ta} mil cruzados
pollo cardeal saule. E de sua morte.

Em quanto as sobreditas cousas passauam, avia tratos antre os Jrmãos do cardeal saule, E o papa. pedia Sua Santidade pollo soltar E o Restituir ao capello E Rendas çincoenta mil cruzados. elles lhe dauam no prinçipio destes conçertos xxb mil. E que quando o cardeal de sena foi ençerrado, saule adoeçeo de febres. tiueram os Jrmãos por çerto que fora peçonha, E disseram que o nam aviam de Resguatar pois lho dauam morto. E desta maneira se desacordaram. contudo mandou o papa que dessem lugar pera sahir da prisão E passeasse pollo castelo. ao tempo de minha partida que foi aos xj dias do mes de setembro da dita era de 1517, as cousas do cardeal ficauam em tal estado. tanto que fui em portugal me screueram que moRera daquella Infirmidade çertificando ser peçonha.

Do grande Resguate do cardeal
são Jorge, E de sua morte.

Por ser o cardeal são Jorge grande senhor E mui Rico foi depositada E conseruada sua vida naquelles dias, por que se esperaua aver delle mui grande Resguate. alguns diziam que todauia moRera se nam fora a diuisão que a desordenada cobiça de lhe averem as casas E o ofiço de camaralenguo causara antre mediçis, E madoma madalena mãj de çibo E Jrmã do papa. E que o cardeal mediçis Requereo por elle, por que sendo morto esperaua aver as suas casas que são das boas que se sabem aver na cristandade E tambem o ofiço de camaralenguo ho estoruaua [...] madoma madalena que tinha o mesmo Requerimento pera seu filho o cardeal çibo E sendo mediçis descontente disto vendo que lhe nam era concedido, por que çibo ficasse valdio [...] Requereo ao papa a Restituição de são Jorge a seu pristino estado. E Sua Santidade ho fez assi, com tanto que // paguasse çento E çincoenta mil cruzados, os quaes lhe foram emprestados. E pagou loguo. E que desse fiança de duzentos mil cruzados a nom sahir da çidade ou villa que lhe dessem por prisão. E que nam tuesse voz em consistorio autiua nem passiuu. E com estas condições foi Restituído ao capelo E a sua Renda. E da prata E do que lhe tomaram de sua casa nunca mais ouve nada. tomaramlhe as tres frontanas que são Junto de Roma, E Rendem tres mil cruzados. E com esta abadia lhe tomaram outras de mui bõa Renda. assi que nos benefiços E na fazenda nam lhe deram nenhum perdão. ao tempo de minha partida ficaua Ja em sua casa, mas nam hia a consistorio. E todavia nam perdia a autoridade de seu grande estado. sendo eu curioso de saber a fim destes males, ao tempo de minha partida de Roma Roguei a alguns cortesãos meus amiguos que me escreuessem o que adiante passasse. E antre outras cousas me screueram que sam Jorge morrera em napoles onde fora fugido de Roma com presunção que lhe deram peçonha em napolles. E per sua morte ouve todavia mediçis suas casas E o ofiço de camaralenguo que hee o maior de todolos de curia Romana.

Como deram os barretes E capellos
aos cardeaes nous.

A quarta feira seguinte que foi o primeiro dia do mes de Julho publicaram por cardeaes os que nouamente erão feitos. E lhes deram os barretes. E loguo A sexta feira que foram tres dias do dito mes, lhes deram os capellos. neste dia assi os nous como os velhos foram comer com mediçis que avia pouco que era viçe chançaler. E foi o convite nas casas da chancelaria. quem estas cousas vio E as bem considerar, veraa aos olhos abertos quam bulrrosas são as pompas E estado deste mundo. que maiores exemplos se podem dar aos grandes príncepes que estas cousas que aqui escreuo. os faoures que fortuna daa nam sam destimar. vi os criados dos cardeaes presos sahirem cardeaes, E os senhores despostos. os criados alegres honrrados E aleuantados a grandes estados, E os senhores tristes E desonrrados atormentados E de todo cahidos [...] quem entenderaa estas danças. quem teraa confiança E seguridade de cousa que veJa nesta trabalhosa peregrinação. quatro bispos criados de são Jorge foram ali cardeaes, E de sena o bispo petruche, de saule dous familiares bispos. E elles estauam ençerrados como dito hee. assi que as dinidades E estados dos senhores se converteram nos criados E familiares. hee cousa de maravilhar acontecer tudo Jsto em hum Instante. gram sandiçe hee a nossa deseJar nesta vida o que os seruidores podem alcançar ou o que nos Reis nam tem achado fim. //

Do que se dizia per Roma açerqua
da priuação E destroição dos tres cardeaes.

A Rezão que se dizia por que o papa destrohio estes tres cardeaes Jaa tenho dito, porem outra vez diguo que quanto ao de sena foi com desordenada cobiça de aver pera sy, ou pera algum seu parente, principalmente o manifico Lourenço o estado da senhoria de sena, E vinguar a antigua Jmizade que antre os frorentinos E os seneses avia. o que se nam podia fazer assi leuemente sem matar primeiro ao cardeal, sobre o qual pendia toda a Restituição contra o papa pera vir a efeito seu proposito. grandes murmurações avia em Roma dizendo que era de espantar como prenderam os criados do cardeal de sena, E nam prenderam nenhum criado dos outros cardeaes, polla qual Rezão condenauam ao bispo petruche que fora tredor a seu senhor, sendo por sua Industria preso E condenado com seus criados A morte. por que nam era de presumir que se os criados de sena erão sabedores desta conJuração, nam fossem tambem participantes alguns criados dos outros cardeaes em que se elles fiassem como diziam que sena fazia dos seus. outra culpa manifesta que os bispados [,] abadias, E ofiços do cardeal de sena deram ao sobredito loguo tenente de guovernador, ao enqueredor, ao fiscal, aos notairos, ao sota castelão miçer menico, E o mesmo bispo petruche que Ja era cardeal. estas cousas dauam materia que o pouo murmurasse larguamente, por serem feitas mui descubertas. diziasse que a pe[r]dição do cardeal saule se aleuantara por que seus parentes E Jrmãos socorreram com muito dinheiro a françisco maria duque dorbino nas guerras que entam tinha com o papa. a Rezão do cardeal sam Jorge era Ja muito velha. do tempo que françisco saluiati arçebispo de pisa o leuou a frorença sendo Ja cardeal E muito moço. E estando o cardeal na JgreJa maior com grande aparato E honrra que lhe fora feita ouvindo missa com Lourenço E Julião de mediçis tiranos daquella çidade, o bispo se foi ao paço dos senhores frorentins, deixando ordenado que hum françisco de paçy em querendo o saçerdote consumir o corpo de nosso senhor Jesu christo matasse Lourenço E Juliano. a qual treição foi posta por obra. ca deu ao Julião taes feridas que loguo morreo E o Lourenço foi mui mal ferido, mas viueo. Este Lourenço foi pai do papa lião. o bispo se ouve tam mal que foi tomado com dioguo de paçis – outro caualeiro que leuara pera matar os do senado. E foram loguo enforcados das Janelas dos paços da senhoria. E françisco de paçis que matara E ferira Lourenço E Juliano foi Jsso mesmo tomado E enforcado com outros muitos seus secazes. E o cardeal foi preso correndo grande Risco de ser enforcado. E achandoo que nam era culpado despois destar Retendo na camara do confoloneiro da Justiça no paço pubrico per espaço de hum mes, o deixaram hir em paz. despois o papa sisto tio de sam Jorge proçedeo contra Lourenço de mediçis, E pos antredito em frança, E moueolhe guerra // cruel¹³⁷, em que os frorentins padeçeram grandes perdas, Roubos, forças, E desonrras de molheres. o qual foguo assi aleuantado durou ataa

fl. 226v

¹³⁷ Trata-se da sangrenta guerra movida pelo papa Sisto IV, inimigo dos Médici, a Lourenço, o *Magnifico*, pela forma violenta como este reagiu ao atentado de que foi alvo, em 26 de abril em 1478, na célebre *Conspiração dos Pazzi*. Na sequência do atentado que ocorreu no interior da catedral de Florença durante a celebração da missa pascal, Giuliano de Médici (1453-1478), o irmão do mecenas de Florença, foi assassinado, tendo o próprio Lourenço escapado por pouco. Um dos seus actos de represália foi aprisionar o sobrinho-neto do pontífice, o cardeal Raffaele Sansoni Riario (1460-1521), por suspeita de cumplicidade no crime.

estes tempos que se pode tomar tam fea vingança, avendo mais de corenta anos que estas cousas passaram, E que sam Jorge era cardeal. E por que estas cousas se diziam por Roma tam soltas as escreuo aqui. ca se tinham por mais çertas que a conspiração por cuJa cor foram mal tratados E mortos. atras Jsto se enxeria o Rifão das velhas – cria o coruo, etc. os que o criaram E sobiram ao pontificado, esses destrohio E matou mal. Ja neste tempo o cardeal daraguão era ido a alemanha fingindo hir ver el Rey carlo. o cardeal de ferrara, o dos soiços, E o de mantua se aviam ido de Roma muitos dias avia. E despois da prisão dos cardeaes fugiram de Roma os cardeaes adriano, E vlteria, assi que de tal maneira andaua concertado o sacro collegio com as calamidades E tribulações Jaa ditas.

Do que o papa fazia neste tempo. E do que
aconteçeo nos paços de monte Jordam.

O papa assi polla guerra dorbino na qual tinha perdido muita Jente E guastados muitos milhares de cruzados, como polla prisão E priuação dos cardeaes, estaua Recolhido a seu paço sem sahir fora A caça, E a solazarse como dantes tinha por costume, nem curaua de Jograes, nem de Risos, nem de musicas. por çerto nam sei quem possa Julguar taes extremos. ca sendo cardeal, E mais pobre que todolos do collegio, suas musicas, caças E folguares erão continuo em sua casa, soportando sua vida com assaz miseria E trabalho. E sobido ao sumo pontificado nam se assegurar na sua grandissima çidade de Roma, E apenas se achar seguro ençerrado nos seus sacros paços. E o tam altissimo estado E tam grandes Riquezas lhe tiraram o descanso, Repouso E prazer que tinha no tempo de sua pobreza. assi que nesta miseravel vida quanto mais E maiores estados E honrras alcançamos, mores trabalhos temos. estando o papa assi afrigido, dous castelhanos fidalguos E de boa Renda familiares do cardeal são Jorge, hum chamado alonso carrilho, E outro João de Robres, ouveram Rezões. E João de Robres sentindosse das palauras dalonso carrilho, lhe mandou dar pancadas Jndo em mula com companhia desapereçbida. E por ser feito publico temendo João de Robres o Retorno se foi pera o cardeal vrsino que pousaua nos paços de monte Jordam, que são mui grandes E de muitos apousentamentos. E o cardeal por elle ser pessoa mui honrrada o Reçebeo em sua guarda E lhe deu camara // dentro nos paços. E em parte que lhe parecia estar bem seguro de seus Jmiguos, mas nam lhe aconteçeo assi, que os Jmiguos quiseram mais poer em aventura suas vidas, que soportar longuo tempo desonrra. E huma manhã em se abrindo as portas, hum mançebo bem desposto chamado alarcão sobrinho dalonso caRilho com outros dous castelhanos, entraram pollos paços em traJos dissimulados a tempo que se aleuantauam os officiaes de casa E chegaram A porta da camara de João de Robres, E hum moço que leuauam consiguio chamou dizendo que trazia çertas camisas que lhes mandaua a lauandeira. tinha João de Robres consiguio na camara quatro homens seus criados que dormiam Junto da sua cama, E hum se aleuantou, E abrindo a porta pera tomar a Roupa, alarcão com seus companheiros forçando a porta entraram dento na camara, E os criados de João de Robres querendo defender seu senhor, foram tres delles mortos E o quarto saltou no pateo per huma Janella depois de ser bem ferido. E os outros mortos com seu senhor. ca nelles nam ouve muita Resistencia por estarem em camisa. este João de Robres era homem velho E alarcão tanto que entrou na camara se foi A cama onde Jazia E ho matou com huma adagua. E acodio aos companheiros que andauam As cutiladas

com os criados, mas foi tam em breue a partida que alarcão E os companheiros se sahiram da camara sem ferida alguma, passando por outras camaras E salas com as espadas nuas nas mãos, chamando vrso, vrso, que hee o apelido dos vrsinos. E achauam os de casa, huns em camisa que acodiam ao Rumor, outros mal vestidos E calçandosse que ouvindo chamar vrso, os deixauam passar, assi que se poderam sahir fora a seu saluo. foi tido Jsto por grande façanha por ser dentro dos paços nos quaes pousaua o cardeal com toda sua familia E o arçebispo vrsino E outros dous senhores vrsinos com todolos seus. por que os paços são de quatro quartos. E em cada quarto haa grandes apousentamentos. E mormente por que em todo o bairro de monte Jordão que hee do mais pouoado de Roma, se algum ofende a cousa vrsina nom poode escapar E por esta causa se teue a grande ousadia o que estes cometeram, E a gram ventura poderem escapar. contei aqui esta estoria, por que sendo o papa sabedor de como este caso passaua, aleuantando as mãos ao çeo disse, deus me guarde despanhoes.

Como françisco maria seguindo sua ventura foi
assentar seu exercito nos confins de sena E fforença.
E da maneira que o papa teue pera se os espanhoes
apartar delle.

Era tam avante françisco maria com suas vitorias que depois // de cobrado seu estado se veo assentar nos confins de sena E de fforença com entenção de meter huma destas çidades a saco por que ambas estauam da mão do papa com senhos cardeaes leguados dentro. ca mediçis se foi a fforença, E petruche estaua em sena. E ambas estas çidades estauão com grande temor de ser saqueadas. E vendosse o papa em tal extremo, sendo mosembique medianeiro, acabou com el Rei carlo que mandasse sob grandes penas aos espanhoes que erão com o duque que se fossem pera o Reino de napole. ca ao tempo de minha partida ficauão em Roma dous capitães espanhoes que vieram per mandado do embaixador sob cor de tratar pazes antre o papa E o duque. E foy a fim destes negoçios que os espanhoes per espeçial mandado del Rei carlo se foram pera o Reino de napole. E por estas cousas mal E deslealmente feitas alcançou mosembique que seu Jrmão fosse cardeal. ficando as cousas neste estado eu me parti de Roma a onze dias do mes de setembro da dita era de 1517 anos. E embarquei em çiuitta velha, E querendo tomar porto em valença nos ouveramos de perder por huma grande tormenta que naquella noite foi no mar E na terra que deRibou na çidade muitas casas, prinçipalmente nel graao. tomamos porto em alicante, depois em malegua, depois em calix, onde estiu alguns dias esperando passagem pera lixboa. E sendo outra vez metido no mar, nom podendo dobrar o cabo de sam viçente me sahi em sagres E vim por terra a lixboa onde Jachei a nao. E dali me vim a almeirim onde vossa Ilustrissima senhoria estaua com el Rei dom manuel seu tio, beiJar suas Reaes mãos.

Deo gratias

Fontes e bibliografia¹

1. Fontes Manuscritas

“Tratado que hum criado do duque de bragança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauees cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Indulgencias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue.” in *Colección de Don Luis de Salazar y Castro*, N-76 / Varios Portugueses, Signatura 9/I.081, hojas 136 a 227v, Madrid, Real Academia de la Historia.

2. Fontes Impressas

AGOSTINHO, Santi Frá Cónego de Stº, *Stationi delle chiese di Roma, per tutte la Quaresima*, Roma, Guglielmo Facciotto, 1595.

BIANCHINI, Giuseppe, *Delle magnificenze Roma antica e moderna*, 10 tomos em 5 vols., Roma, Nella Stamperia del Chracas, 1747.

Carta Del Rei D. Manuel ao Papa Leão X, José Pedro da Costa (ed.), Lisboa, s.n., 1905.

Corpo Diplomatico Portuguez: Contendo os Actos e Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as Diversas Potencias do Mundo Desde o Século XVI Até os Nossos Dias, vol. I, Luís Augusto Rebelo da Silva (ed.), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1862.

CORTESI, Paolo, *Pauli Cortesii Protonotarii Apostolici in libros de Cardinalatu ad Iulium Secundum Pont[ifex] Max[imus]*, Castro Cortesio: Symeon Nicolai Nardi Senensis, alias Rufus Calchographus imprimebat, 1510.

FEI, Andrea, *Descrittione di Roma antica e moderna*, Roma, s.n., 1643.

FELINI, Pietro Martire, *Trattato nuouo delle cose marauigliose dell'alma città di Roma, ornato de molte figure, nel quale si discorre de 300 & più chiese. Composto da F. Pietro Martire Felini da Cremona... et de tutte le antichità figurate d'essa città, già da Prospero Parisio*

¹ A apresentação da bibliografia surge por ordem temática e, no seio desta, por ordem alfabética.

- umentate, et hora dal sopradetto F. Pietro Martire con diligenza corrette*, per Bartolomeo Zannetti, Roma, Antonio Franzini & Heredi di Girolamo Franzini, 1610.
- FULVIO, Andrea, *Opera di Andrea Fulvio delle antichità della città di Roma, e dell'edificij memorabili di quella. Tradotta nuouamente di latino in lingua toscana, per Paulo del Rosso cittadino fiorentino*, Vinegia, Michele Tramezzino, 1543.
- GIOVIO, Paolo, *Elogios o vidas breues de los cavalleros antiguos y modernos*, [Elogia virorum bellica virtute illustrium veris imaginibus supposita, quae apud Musaeum spectantur, Florence, Officina Laurentii Torrentini Ducalis Typographi, 1551], Granada, Casa de Hugo de Mena, 1568.
- GÓIS, Damião de, *Crónica do felicissimo rei D. Manuel*, Joaquim de Carvalho e David Lopes (ed.), 4 vols., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926.
- GRASSI, Paride, *Il Diario di Leone X di Paride De Grassi, Maestro delle ceremonie pontificie*. Dal volumi manoscritti degli Archivi Vaticani della S. Sede, Mariano Armellini (a cura di), Roma, s. n., 1884.
- GUICCIARDINI, Francesco, *Storia d'Italia*, 3 vols., Edizione originale 1540, Milano, Garzanti Editore, 2006.
- Le cose marauigliose della città di Roma. Con il nome delle reliquie, & stationi, con le indulgentie, che di giorno in giorno in tutte le chiese di essa sono. Aggiuntoui di nuouo il nome delli sommi pontefici, delli imperatori, delli re di Francia, delli re de Napoli, delli dogi di Venetia & delli duchi di Milano. Tradotti da latina in volgar lengua*, Stampato in Roma per Valerio Dorico & Luigi fratelli, 1550.
- Mirabilia Romae. Historia et descriptio urbis Romae*, 62 fls., Roma, Johann Besicken, 1503-1512.
- Mirabilia Urbis Romae*, Maria Accame e Emy Dell'Oro (a cura di), Roma, Tored, 2004.
- Mirabilia Urbis Romae – The Marvels of Rome or a Picture of the Golden City*, Francis Morgan Nichols, (ed.), London, Ellis and Elvey, 1889.
- PALLADIO, Andrea, *Le cose marauigliose dell'alma citta di Roma.... L' antichita di Roma di M. Andrea Palladio raccolta breuemente da gli autori antichi & moderni...*, 64 fls., Roma, Giovanni Osmarino Gigliotto, 1582.
- Relações de Pero de Alcáçova Carneiro Conde da Idanha do Tempo Que Ele e Seu Pai, António Carneiro Serviram de Secretários: 1515 a 1568*, Ernesto de Campos de Andrada (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional, 1937.
- SANTARÉM, Visconde de, *Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as Diversas Potências do Mundo Desde o Princípio da Monarchia Portugueza Até aos Nossos Dias*, 3 vols., Lisboa, Academia Real das Ciências, 1842-1860.
- SOUSA, António Caetano de, *História genealógica da casa real portuguesa*, tomo 5, Coimbra, Atlântida, 1946-55.

3. Dicionários

- BLUTEAU, Raphael, *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...*, 8 volumes, Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728.
- COCHOPEL, João José, *Grande dicionário da literatura portuguesa e de teoria literária*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1979.

- COELHO, Jacinto do Prado (dir.), *Dicionário de Literatura*, 5 vols., 3ª edição, Porto, Livraria Figueirinhas, 1983
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 6 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.
- MACHADO, José Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 Volumes, Lisboa, Livros Horizonte.
- PINTO, Luiz Maria da Silva, *Diccionario da Lingua Brasileira*, Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832.
- REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina M., *Dicionário de Narratologia*, 7ª edição, Coimbra, Almedina, 2000.
- SILVA, Antonio de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza*, Lisboa, Typographia Lacerdina, 1813.
- VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, 2 vols., Porto, Livraria Civilização Editora, 1983/4.

4. Estudos

- ALVES, Manuel dos Santos, *O texto literário: linguística, poética, estilística, géneros literários, textos*, Lisboa, Livraria Francisco Franco, 1978.
- AMADO, Teresa, “Os géneros e o trabalho textual” in *O Género do Texto Medieval. Actas do 1.º Colóquio Organizado pela Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval (1996)*, Cristina Almeida Ribeiro e Margarida Madureira (coord.), Lisboa, Cosmos, 1997, pp. 9-28.
- ASENSIO, Eugenio, “Memórias de Um Fidalgo de Chaves (1510-1517), Descripción de la Roma de Julio II y León X” in *Memórias da Academia das Ciências*, Classe Letras, tomo XIII, Lisboa, Academia das Ciências, 1970, pp. 7-28.
- CARRIZO RUEDA, Sofia M., “Morfología y variantes del Relato de Viajes” in *Libros de viaje: Actas de las Jornadas sobre los Libros de Viaje en el Mundo Románico, celebradas en Murcia del 27 al 30 de noviembre de 1995*, Fernando Carmona Fernández y Antonia Martínez Pérez (ed.), Murcia, Universidad de Murcia, 1996, pp. 119-126.
- CASTRO, Aníbal Pinto de, “Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano na Época de Quinhentos, a do ‘Fidalgo de Chaves’” in *Mare Liberum*, nº 2, Lisboa, CNCDP, 1991, pp. 7-16.
- COSTA, Pe. Avelino de Jesus da, *Álbum de Paleografia e Diplomática Portuguesa*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1976.
- _____, *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, 3ª edição, Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.
- CRUZ, António, “Observações Sobre o Estudo da Paleografia em Portugal” in *Cale: Revista da Faculdade de Letras do Porto*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1966, pp. 173-232.
- CUARTERO Y HUERTA, Baltasar, y MONTERO DE ESPINOSA, Antonio de Vargas-Zúñiga y (ed.), *Índice de la colección de Don Luis de Salazar y Castro*, Tomo XL, Madrid, Real Academia de la Historia, 1968, pp. 188-197.

- KAYSER, Wolfgang, *O problema dos géneros literários*, Coimbra, Instituto Alemão da Universidade, 1944.
- LE GOFF, Jacques, *História e Memória*, 2 vols., Lisboa, Edições 70, 2000.
- LOPES, Paulo Catarino, *Um agente português na Roma do Renascimento*, Lisboa, Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2013.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, “Diplomática” in *Dicionário de História de Portugal*, Joel Serrão (dir.), vol. II, Porto, Livraria Figueirinhas, 1984, pp. 309-314.
- _____, “Paleografia” in *Dicionário de História de Portugal*, Joel Serrão (dir.), vol. IV, Porto, Livraria Figueirinhas, 1984, pp. 528-534.
- _____, “Prefácio” in *Crónica do Conde D. Duarte de Menezes*, Larry King (edição diplomática), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1978, pp. 17-19.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, DIAS, João José Alves, RODRIGUES, Teresa F., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Editorial Estampa, 1987.
- MATOS, Luís de, *A corte literária dos Duques de Bragança no Renascimento*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1956.
- NOBRE, José Barros de Lima, *Breve estudo da evolução dos géneros literários*, Chaves, Papelaria Mesquita, 1905.
- NUNES, Eduardo Borges, *Abreviaturas Paleográficas Portuguesas*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1981.
- RIBEIRO, Cristina Almeida, MADUREIRA, Margarida (ed.), *O Género do Texto Medieval, Actas do Colóquio*, Lisboa, 1996, Lisboa, Cosmos, 1997.
- ROSA, Maria de Lurdes, “D. Jaime, Duque de Bragança: Entre a Cortina e a Vidraça” in *O Tempo de Vasco da Gama*, Diogo Ramada Curto (dir.), Lisboa, CNCDP e Difel, 1998, pp. 319-332.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, 2005.

